

A BIBLIOTECA VAI À ESCOLA -
A integração das linguagens plástica, musical e teatral em
atividades de animação da leitura

Relatório de Projeto

Guida Ribeiro Tomé Henriques

Trabalho realizado sob a orientação de

Professora Doutora Lúcia Grave Magueta

Professora Ana Margarida Carreira

Leiria, setembro de 2019

Mestrado em Intervenção e Animação Artísticas

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS

INSTITUTO POLITÉCNICO DE LEIRIA

AGRADECIMENTOS

- Aos meus pais e irmã, que sempre me incentivaram a voltar a estudar e me apoiam incondicionalmente nas decisões que tomo.
- Às orientadoras Professora Doutora Lúcia Magueta e professora Ana Carreira e restantes professores, pelos ensinamentos e pela forma como sempre me impulsionaram a fazer mais e melhor, crescendo pessoal e profissionalmente.
- Às colegas de turma, pela entreaajuda partilhada ao longo de todo este processo. Levo-vos para sempre no meu coração.
- À Biblioteca Municipal de Alcobaça que me orientou na fase inicial deste projeto.
- Às professoras e alunos da escola envolvida, que acolheram o projeto de intervenção e investigação com tamanha disponibilidade.
- À escritora Vanda Furtado Marques, que sempre se disponibilizou para ajudar no que fosse necessário ao longo do projeto. Obrigada por ter estado lá naquele dia tão importante para mim e para as crianças.
- Ao Sr. João, que sempre me deixou sair mais cedo do trabalho para ir para as aulas.
- À minha Martinha, amiga e colega de trabalho, que sempre me acompanhou nesta aventura desde o início. Obrigada por tantas trocas de folgas e por estares sempre cá.
- Aos restantes amigos e colegas de trabalho, que sempre me acompanharam e apoiaram.

RESUMO

O presente relatório apresenta um projeto de intervenção realizado numa escola do 1.º Ciclo do Ensino Básico, cuja investigação, realizada paralelamente à intervenção, pretendeu compreender em que medida é que as linguagens artísticas experimentadas pelas crianças, no âmbito da animação da leitura, contribuíram para as suas aprendizagens, bem como para o desenvolvimento da sua criatividade.

As experiências realizaram-se num ambiente de educação formal, onde as crianças puderam demonstrar as suas capacidades criativas em produções que integravam as linguagens plástica, musical e teatral aliadas à escrita criativa. O projeto, inicialmente acolhido nas iniciativas de uma biblioteca municipal, procurou também realçar a importância desta instituição enquanto recurso pedagógico existente na comunidade.

A intervenção realizada seguiu uma metodologia de investigação-ação, de carácter qualitativo. Assim sendo, o processo estruturou-se nas fases de diagnóstico, planificação da ação, implementação e apresentação e discussão de resultados. Como técnicas de recolha de dados foram utilizadas a observação participante, a entrevista e o registo fotográfico, tendo sido construídos um diário de bordo, grelhas de observação e guiões de entrevista, tendo em conta os objetivos da intervenção e investigação desenvolvidas. As principais conclusões indicam que os alunos envolvidos ganharam uma maior familiaridade com as linguagens artísticas, sobretudo a plástica e a teatral, notando-se menos receosos ao arriscar experiências novas. Indicam, ainda, que a oportunidade de conhecerem momentos da História de Portugal através dos contos da escritora local Vanda Furtado Marques fez despoletar uma nova relação com a biblioteca escolar, tendo havido

posteriormente à realização do projeto um maior interesse dos alunos pela leitura destes livros e por este espaço escolar.

Palavras chave

Animação da leitura, educação artística, linguagens artísticas, modalidades educativas, valorização da história local

ABSTRACT

This report presents an intervention project carried out in a primary school, whose research, carried out in parallel with the intervention, aimed to understand to what extent the artistic languages experienced by children in the field of reading animation contributed for your learning as well as for developing your creativity.

The experiments took place in a formal education environment, where the children were able to demonstrate their creative abilities in productions that integrated the plastic, musical and theatrical languages combined with creative writing. Initially embraced by the initiatives of a municipal library, the project also sought to highlight the importance of this institution as a pedagogical resource in the community.

The intervention carried out followed a qualitative action research methodology. Thus, the process was structured in the stages of diagnosis, action planning, implementation and presentation and discussion of results. Participant observation, interview and photographic record were used as data collection techniques. A logbook, observation grids and interview guides were constructed, taking into account the objectives of the intervention and research developed. The main findings indicate that the students involved have gained a greater familiarity with artistic languages, especially plastic and theatrical, and are less afraid to risk new experiences. They also indicate that the opportunity to learn about the history of Portugal through the tales of local writer Vanda Furtado Marques triggered a new relationship with the school library for this school space.

Keywords

Reading animation, artistic education, artistic languages, educational modalities, appreciation of local history

ÍNDICE GERAL

Agradecimentos	ii
Resumo	iii
Abstract.....	v
Índice Geral	vii
Índice de Figuras	ix
Índice de Gráficos.....	x
Índice de Tabelas	xi
Abreviaturas.....	xii
Introdução.....	1
Capítulo 1 - Enquadramento Teórico	3
1.1. Modalidades Educativas (educação formal, não formal e informal)	3
1.2. A Educação Artística	5
1.3. A Animação da Leitura.....	8
1.4. A importância das Linguagens Artísticas para o desenvolvimento do indivíduo	10
1.4.1. Teatro	11
1.4.1.1. Escrita Criativa	13
1.4.2. Linguagem Plástica	14
1.4.3 Música.....	17
1.5. Criatividade.....	18
1.6. A valorização da História Local no ensino e em projetos de animação	21
Capítulo 2 - Metodologia.....	24
2.1. O problema e a relevância da intervenção e investigação realizadas	24
2.2. Questão de investigação e objetivos	26
2.3. Caracterização do contexto e do público-alvo.....	27

2.4. Metodologia de investigação	27
2.5. Técnicas e instrumentos de recolha de dados	28
Capítulo 3 - Desenvolvimento do Projeto e do Processo de Investigação-ação.....	31
3.1. Diagnóstico	31
3.2. Planificação da ação	32
3.3. Implementação.....	39
3.4. Apresentação e discussão de resultados	43
3.4.1. Participação / Cooperação	43
3.4.2. Aprendizagens	48
3.4.3. Criatividade.....	53
Capítulo 4 - Considerações Finais	57
Conclusão	62
Referências Bibliográficas.....	64
Anexos.....	1
Anexo 1 – Entrevistas / Conversas informais	1
Anexo 2 – Ficha de Planificação das sessões	4
Anexo 3 - Grelha de atividades	22
Anexo 4 – Grelhas de observação sistemática	23
Anexo 5 – Diário de bordo	28
Anexo 6 – Entrevistas aos intervenientes do projeto	75
Anexo 7 – Requisição de livros	100

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - Apresentação	39
Figura 2 – Jogo “Quem é quem e onde está?”	39
Figura 3 – Reinvenção da história	39
Figura 4 – Construção dos fantoches (turma 2)	40
Figura 5 – Relembavam-se as histórias e as suas personagens (turma 1)	40
Figura 6 – Construção dos fantoches (turma 3)	40
Figura 7 – Construção dos fantoches (turma 4)	41
Figura 8 – Construção dos cenários	41
Figura 9 – Criação da sonoplastia	42
Figura 10 – Ensaios	42
Figura 11 – Representação final na sala polivalente	42

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Participação das turmas ao longo das sessões	45
Gráfico 2 - Motivação / Interesse nas sessões	45
Gráfico 3 - Demonstram à vontade com as linguagens artísticas e com a animação da leitura	48
Gráfico 4 – Criatividade	54

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 - Planificação geral das sessões	34
Tabela 2 – Evidências relativas à participação e cooperação	47
Tabela 3 – Evidências relativas às aprendizagens no âmbito das linguagens artísticas .	51
Tabela 4 – Evidências relativas às aprendizagens no âmbito das outras áreas curriculares do 1.º Ciclo	52
Tabela 5 – Evidências relativas à criatividade	55

ABREVIATURAS

CATL – Centro de Atividades de Tempos Livres

INTRODUÇÃO

Este relatório da UC de Projeto, enquadrada no plano de estudos do curso de Mestrado em Intervenção e Animação Artísticas, apresenta um projeto de intervenção realizado numa escola do 1.º Ciclo do Ensino Básico, cuja investigação, realizada paralelamente à intervenção, pretendeu compreender em que medida é que as linguagens artísticas experimentadas pelas crianças, no âmbito da animação da leitura, contribuem para as suas aprendizagens, bem como para o desenvolvimento da sua criatividade.

O projeto mencionado anteriormente, que inicialmente seria realizado na Biblioteca Municipal de Alcobaça, um precioso recurso pedagógico que está à disposição das comunidades, em particular das comunidades escolares, envolveu alunos do 1.º Ciclo do Ensino Básico e foi realizado na biblioteca escolar. Os alunos participaram num projeto de animação da leitura que incluía propostas práticas com as linguagens plástica, musical e teatral. Através destas atividades, eles puderam conhecer alguns momentos da História Local e de Portugal de uma forma mais lúdica e perceber que uma história pode ser interpretada de diferentes formas.

No primeiro capítulo apresenta-se o enquadramento teórico, que aborda seis temáticas: as modalidades educativas (educação formal, não formal e informal); a educação artística; a animação leitora; a importância das linguagens artísticas para o desenvolvimento do indivíduo; a criatividade; e a valorização da História Local no ensino e em projetos de animação.

No segundo capítulo descreve-se a metodologia seguida na intervenção e no processo de investigação-ação. Inicialmente é apresentado o problema e a relevância da intervenção e investigação realizadas; em seguida, indica-se a questão de investigação, enumeram-se os objetivos formulados e caracteriza-se o contexto e o público envolvidos. É apresentada ainda a fundamentação da metodologia de investigação – a investigação-ação – e descrevem-se as técnicas e instrumentos de recolha de dados utilizados.

No terceiro capítulo descreve-se a intervenção e a investigação realizadas, focando os seus momentos principais: o diagnóstico; a planificação da ação; a implementação; e, por último, a apresentação e discussão dos resultados.

O quarto capítulo apresenta a resposta à questão de investigação e o que se alcançou relativamente aos objetivos inicialmente estabelecidos. Apresentam-se ainda as limitações do estudo realizado e recomendações para futuros projetos de intervenção que possam focar a animação da leitura e as experiências com as linguagens plástica, musical e teatral.

São ainda apresentados alguns documentos em anexo, importantes no decorrer de todo o processo, que complementam e ajudam a ter uma melhor perceção da informação apresentada no corpo do trabalho.

CAPÍTULO 1 - ENQUADRAMENTO TEÓRICO

O projeto desenvolvido assenta no conhecimento teórico de diferentes temas, como a educação, as artes e as artes na educação. De modo contextualizar este trabalho nos conceitos específicos em que se baseou, abordar-se-á neste capítulo a diferença e a ligação entre a educação formal, não formal e informal. Em seguida, explanam-se os temas: a educação artística; a animação da leitura; a importância das linguagens artísticas para o desenvolvimento do indivíduo; a criatividade; e a valorização da História Local no ensino e em projetos de animação.

1.1. MODALIDADES EDUCATIVAS (EDUCAÇÃO FORMAL, NÃO FORMAL E INFORMAL)

A educação está presente ao longo de toda a vida em diversos contextos. Como refere Fonseca (2018), ela faz parte do nosso desenvolvimento e cria oportunidades durante a nossa existência.

A «educação» desdobra-se em diversos tipos e áreas, como referem diferentes autores – Lopes (2008), Chagas (2012), Quadra & D'Ávila (2016) e Fonseca (2018) – nos seus artigos e obras. No entanto, dado o âmbito deste projeto, importa aqui abordar as modalidades - a educação formal, a educação não formal e a educação informal.

Segundo Bruno (2014), a divisão destas modalidades educativas, como lhe chama, ocorreu no período pós a 2.^a Guerra Mundial com as práticas emergentes da educação de adultos. É nessa época que há a necessidade de se distinguir a educação formal da educação não formal.

Como a educação foi evoluindo, considerou-se importante definirem-se as três modalidades educativas, conhecidas atualmente.

Para mais facilmente serem distinguidas, Gohn (2006) pensou em diversas questões que iriam ajudar a caracterizar essas modalidades.

Resumidamente, esta autora, pergunta: quem é o educador?; em que local é que acontece a aprendizagem?; que meios se utilizam para o processo de aprendizagem?; quais os objetivos / finalidades de cada modalidade educativa?, quais são as condições que têm de existir em cada modalidade educativa? (tempo, local, educador, organização / estruturação da aprendizagem); e que resultados devemos esperar das aprendizagens conseguidas com cada modalidade educativa?

De acordo com Lopes (2008),

A educação formal é regida por um sistema formal de administração competente e é levada a cabo na instituição/escola. É uma educação dirigida para a obtenção de títulos académicos e é concebida para alcançar objectivos previamente definidos por instâncias superiores competentes. (p.406)

Fonseca (2018) acrescenta que esta educação é obrigatória, não estando relacionada com a motivação dos alunos. Aqui a aprendizagem é estruturada, começando dos ensinamentos mais simples para os mais complexos. Chagas (2012) reforça estas ideias referindo que a educação formal é “altamente estruturada” e onde todos os alunos da mesma instituição seguem o mesmo programa estabelecido por esta, que é lecionado por professores certificados.

Os instrumentos ou meios utilizados na educação não formal já não são tão rígidos, mas é importante referir que esta modalidade, por norma, é concretizada, como defende Fonseca (2018) em “ambientes estruturados” onde “apresente uma dinâmica diferente de aulas expositivas, não priorize a memorização e utilize ferramentas didáticas diversificadas e atrativas”, como acrescenta Quadra & D’Ávila (2016, p.22), e onde a aprendizagem não é avaliada. Nesta vertente da educação pretende-se, mais do que ensinar, estabelecer relações interpessoais onde o trabalho de equipa suscite a procura da criatividade e a obtenção de aprendizagens espontâneas. Chagas (2012) defende ainda que esta aprendizagem é promovida consoante os desejos do indivíduo, de modo a que se provoquem momentos agradáveis para este.

Lopes (2008, p.406) afirma que a educação não formal incita, motiva, potencia e enquadra a educação formal “através de actividades que conferem sentido, partilha, interacção e envolvimento ao acto de educar”. Então, pode-se afirmar que ela “não

aparece para substituir a educação formal, e sim, para complementá-la.” (Quadra & D’Ávila, 2016, p.22)

Esta modalidade educativa é, por norma, dinamizada por um professor ou animador, profissional ou amador. Em Portugal é realizada em espaços públicos, acessíveis a todos, como bibliotecas, museus ou monumentos, teatros, parques, jardins, e praias, com um espaço próprio para este tipo de aprendizagens (ex: ateliês ou um espaço de leitura e troca de livros), clubes escolares (por exemplo associações de estudantes, clube da matemática, clube das ciências, clube da informática, clube das línguas...); grupos desportivos ou religiosos; escuteiros; grupos de jovens, entre outros.

A educação informal, como refere Lopes (2008, p.407), é considerada a “prática educativa mais antiga”, pois ocorre espontaneamente no seio familiar e da comunidade envolvente. Chagas (2012) acrescenta que ela acontece de forma natural no nosso dia a dia e ressalva que chega até nós através de conversas e experiências ocasionais realizadas com amigos, colegas ou familiares. Fonseca (2018) afirma que esta vertente da educação é o oposto da educação formal, pois não se tem de cumprir objetivos ou metas, uma vez que a aprendizagem não pressupõe um seguimento, acontece naquele momento com algo que a despoletou, como conversas com pessoas próximas, jogos, festas, convívios ou tarefas familiares. Mais do que ensinar, a educação informal pretende formar o carácter pessoal do indivíduo e a sua forma de ver o mundo. Esta é, provavelmente, a primeira modalidade educativa a que o ser humano tem acesso, pois acontece desde o primeiro dia de vida. Será complementada pelos outros tipos de educação à medida que o indivíduo for crescendo.

1.2. A EDUCAÇÃO ARTÍSTICA

A educação artística promove o desenvolvimento da personalidade da criança através de várias dimensões, que, como defende Sousa (2017a, p.61), são as “dimensões biológicas, afetivas, cognitivas, sociais e motoras” e favorece a sua autoestima e o respeito mútuo. Fróis, Marques & Gonçalves (2000, p. 201) acrescentam ainda outra dimensão – a expressiva – e acreditam que uma das finalidades da arte e da educação artística “é contribuir para o apuramento da sensibilidade e desenvolver a criatividade

dos indivíduos”. Para estes autores a criatividade está intimamente ligada a esta temática. Valqueresma & Coimbra (2013, p.142) reforçam esta ideia, afirmando mesmo que “educação e criatividade partilham uma relação profunda e complexa que não pode ser olvidada.”

Sousa (2017a) refere que a educação artística está associada a várias disciplinas, como a educação visual, a música, a dança, o teatro e a história de arte, mas não se pode centrar apenas nelas e nos seus conceitos. Deve estar presente em todas as áreas disciplinares do currículo de modo a haver uma integração interdisciplinar que proporcione uma aprendizagem mais facilitada com o recurso à arte e criatividade. Observando a educação artística neste sentido, estamos perante a modalidade educativa formal, em que a sua estrutura é regida por um currículo, a ser desenvolvido pelos professores. Mas, para que a educação artística se envolva com as disciplinas científicas do currículo, Fróis, Marques & Gonçalves (2000, p.204) alertam que “não basta colocar à disposição das crianças materiais e um clima favorável ao desenvolvimento artístico nesta área. São necessárias acções educativas intencionais, estruturadas de acordo com objectivos concretos”. Oliveira (2017) dá alguns exemplos de dinâmicas que podem ser utilizadas nas diversas disciplinas, como a reflexão sobre imagens, obras de arte ou objetos artísticos. Para além disso, Reis (2012) refere que a criança deve ter a oportunidade de participar em experiências intelectuais, culturais e artísticas, que podem ser experienciadas dentro ou fora do ambiente escolar. Este último autor defende uma educação artística no campo da educação não formal, acreditando que, se a criança tiver várias experiências, tanto dentro como fora do meio escolar, aumentará a sua criatividade perante as várias componentes da educação artística.

O que se presenciou, até há poucos anos, nas escolas é que, em muitos casos, não existe uma abordagem interdisciplinar, uma vez que os professores expõem os conteúdos das disciplinas científicas de uma forma muito prática e formal, não os aliando à vertente mais criativa e artística. Caldas & Vasques (2014) compartilham desta ideia quando afirmam que

As artes, ao contrário do que infortunadamente tem acontecido, têm um relevante papel a desempenhar na formação integral dos indivíduos, contrariando a tão generalizada separação entre as artes e o resto do currículo educativo, usando-as nas nossas escolas, tantas vezes de forma explícita, como uma mera

indulgência do prazer, sem o reconhecimento efetivo da sua importância formativa, e tratando-as, neste registo, de forma estreita e dispersa sem captar a importância da unidade das suas diversas expressões. (p.9)

Para Valqueresma & Coimbra (2013, pág. 144) esta situação torna a educação mais empobrecida. Estes dois autores acrescentam que a educação artística é um caminho a seguir, “pois pode promover aspetos tão cruciais no desenvolvimento humano como a compreensão estética, a imaginação e, principalmente, a criatividade” e defende que esta educação é crucial no desenvolvimento da criatividade das crianças.

“Mais importante do que «aprender», «conhecer» e «saber»; é o vivenciar, descobrir, criar e sentir”, diz Sousa (2017a, p.63). Isto é, mais do que experimentar uma aprendizagem baseada em exposições orais desprovidas de criatividade, a criança deve experimentar uma aprendizagem onde a descoberta, a criação e a sensação sejam os objetivos principais. Deste modo, está a desenvolver a criatividade que, como Valqueresma & Coimbra (2013) defendem, é uma ferramenta essencial para o indivíduo moderno. Estes autores acreditam que a criatividade atingirá o seu desenvolvimento máximo entre a juventude e a idade adulta, mas que estará sempre em contínua transformação.

Assim sendo, a educação artística prepara a criança para uma visão do mundo e da arte tendo em conta várias experiências que, como Reis (2012) sugere, se prendem com momentos onde exprima a criatividade através da imaginação e da reflexão crítica.

Caldas & Vasques (2014) acreditam que as artes têm um papel fundamental na formação de cada indivíduo porque:

a) são uma parte central da experiência humana e são, por isso, tão básicas para garantir e reforçar como o trabalho com os números e as palavras ou a aprendizagem da História;

b) Promovem oportunidades de autoexpressão, trazendo um mundo interior de cada um para o mundo exterior da realidade concreta. Os alunos que praticam regularmente atividades artísticas desenvolvem a autoestima e a autoconfiança porque se veem capazes de realizar trabalho que é pessoalmente gratificante e publicamente reconhecido;

- c) Ajudam a desenvolver capacidades e atitudes essenciais para a aprendizagem e para a vida. Como se sabe, as actividades artísticas desenvolvem a imaginação que há quem considere ser a faculdade de ver as coisas como se pudessem ser diferentes e esta é uma capacidade indispensável para aqueles que procuram analisar prospetivamente o futuro, como acontece em diversos domínios científicos;*
- d) São uma oportunidade para experimentar processos do princípio até ao fim e desenvolvem tanto a independência como a colaboração;*
- e) Apuram a sensibilidade e a afetividade e fornecem meios para a vivência artística e cultural;*
- f) Tornam possível utilizar as capacidades pessoais de forma significativa e de tornar compreensíveis, através destas capacidades, algumas abstrações mais complexas;*
- g) Misturam o conteúdo e o processo de aprendizagem;*
- h) Exercitam e desenvolvem as aptidões intelectuais mais elevadas incluindo a análise, a síntese, a avaliação e a resolução de problemas. (p.10)*

Oliveira (2017) acrescenta que ao entender e interpretar várias formas de expressão a criança vai ser capaz de comunicar e de compreender o que a rodeia com um olhar diferente, mais crítico e criativo, preparando-a para pensar e desafiar o mundo de forma inovadora.

1.3. A ANIMAÇÃO DA LEITURA

A animação da leitura acontece maioritariamente nas bibliotecas ou é dinamizada por alguém que pertence a este espaço noutra local. Segundo Taquelim (s.d.) as sessões de animação da leitura desenvolvem-se, por norma, nas “salas de contos” que existem nos espaços já referidos, com grupos escolares ou informais. Estas salas estão orientadas segundo a modalidade educativa não formal, proporcionando uma aprendizagem despercebida ao público que as frequenta. Sousa (2019) apresenta várias ideias de como o livro pode ser animado como, por exemplo, criando um ambiente em

que se realize a encenação da história, com recurso a música de fundo e a imagens sugestivas; ou, na hora do conto, dramatizando um texto, de modo a que se potenciem momentos de descontração; ou até, após o texto lido, havendo um jogo ou brincadeira com as personagens, tendo o público de se colocar no papel delas.

Abelha (2013, p.29) acredita que estas sessões de animação da leitura desenvolvem cognitivamente as crianças, porque “ao ouvirem uma história, podem ultrapassar alguns medos e perceber que a leitura é mais do que os livros de estudo da escola”.

Para David (2010), a animação leitora contempla recursos como a narração, a leitura em voz alta, os meios informáticos e tecnológicos e outras formas de expressão artística como a escrita criativa, a poesia, a música, o teatro e as artes plásticas. Estas estratégias servem para cativar e sensibilizar o grupo para a leitura e promoção do livro.

Prole (s.d.) acredita que o cruzamento entre a leitura e as outras linguagens artísticas é útil e benéfico desde que esta não seja trocada pelas demais. Pode-se recorrer a elas, contudo, a intervenção tem de começar e terminar sempre com a história ou texto dinamizado.

Considera-se importante referir as diferenças entre um mediador e um animador da leitura. Após várias leituras percebeu-se que não existe uma definição clara e consistente sobre o perfil funcional de cada um destes profissionais, daí, como refere Correia (2010), haver uma confusão no uso dos dois termos.

Confrontando os diversos pontos de vista pode concluir-se que:

- Um mediador da leitura é alguém que, como evidencia Santos (2010), atrai o leitor para o texto, facilitando a relação entre ambos. Quem desempenha este papel são sobretudo os pais, os educadores, os animadores ou os bibliotecários, mas qualquer pessoa pode fazê-lo, desde que promova o gosto pela leitura nas crianças, como afirma Abelha (2013, p.19). Diz ainda que um bom mediador da leitura tem de ser “um leitor ativo e habitual”. David (2010) acrescenta e enfatiza que o mediador é um profissional que trabalha numa biblioteca. Deve apenas promover o livro, a leitura e a escrita, e dinamizar e organizar o seu local de trabalho e os seus recursos, bem como divulgar os projetos e dinâmicas.

- O animador da leitura é alguém que, para David (2010, p. 10), além de possuir conhecimentos da literatura e das novidades, “deve dispor e desenvolver uma série de práticas de dinamização de literatura de entre as quais possa escolher qual ou quais se adequam mais no trabalho de uma obra.” Para que essas práticas sejam positivas deve sentir-se à vontade nas áreas da dramaturgia, das artes plásticas e do reconto. Só assim poderá transmitir o gosto pela leitura e estimular hábitos de leitura no grupo, com o intuito de que os seus membros se tornem leitores ativos. Abelha (2013, p.28) concorda com a sua ideia e acrescenta que o animador tem de promover a ludicidade “através do contacto regular estabelecido entre os livros e as crianças”.

Taquelim (s.d., p.3) vê o mediador como sendo um animador, ou seja, como “alguém que dá voz, corpo e expressão às palavras de um autor, alguém que relewa uma imagem, alguém que ilumina o livro”, discordando dos outros autores.

Prole (s.d.) acrescenta que as dinâmicas promovidas por estes profissionais devem criar hábitos de leitura duradouros e desenvolver leitores competentes, que saibam criticar e refletir sobre o texto, ao invés de o descodificarem. Veloso & Riscado (2002, p. 29), a propósito desta última ideia defendida por Prole, creem que a “Literatura Infantil, bebida desde o nascimento em doses sabiamente ministradas, gera uma saudável dependência que dá à criança e ao adolescente a força e o engenho necessários para realizarem a leitura do mundo”.

Neste projeto considera-se que a investigadora esteve a desempenhar um papel de animadora da leitura, uma vez que promoveu a animação das histórias aliada ao reconto, ao drama, à música e às artes plásticas, numa perspetiva de integração.

1.4. A IMPORTÂNCIA DAS LINGUAGENS ARTÍSTICAS PARA O DESENVOLVIMENTO DO INDIVÍDUO

As linguagens artísticas promovem o desenvolvimento no indivíduo através das aprendizagens e experiências diversas que ele obtém ao longo da sua vida, em diferentes

contextos. Anteriormente, quando se abordou o tema «educação artística», Caldas & Vasques (2014) enumeravam diversas razões que justificavam como as artes são fundamentais na formação de cada indivíduo, sendo uma dessas razões a imaginação e criatividade.

A criatividade é uma capacidade que está associada às várias linguagens artísticas. Ela permite projetar o que vai acontecer quando se coloca a imaginação, a invenção e a previsão em funcionamento, segundo o que Sousa (2019) expressa.

Por forma a compreendermos quais podem ser os contributos de cada linguagem, apresentamos em seguida o que caracteriza, especificamente, o teatro, a linguagem plástica e a música.

1.4.1. TEATRO

A capacidade de criar aparece desde tenra idade quando, por exemplo, a criança em idade pré-escolar desenha ou participa, sem se aperceber, em jogos teatrais. Vygotsky (2012) faz referência ao desenho como uma forma de ela se expressar, e expressar sobretudo o que a preocupa. Nos jogos teatrais ela fantasia, brincando ao faz de conta. Como enumera Sousa (2017b) pode transformar-se noutra pessoa, num animal ou num objeto inanimado. Pode num dia ser a mãe, que cuida dos filhos e da casa, e noutro ser um índio. E com estas dinâmicas que ela inventa, espontaneamente, desenvolve-se tendo em conta a brincadeira, a expressividade, a imaginação e a criação. E, tão importante quanto isto, é o facto de ela sentir prazer e necessidade de o fazer, sem que para isso tenha de existir alguém a assistir, porque naquele momento ela está consigo própria dentro do seu mundo de fantasia.

Observa-se então que esta pequena pessoa já está a contactar com a linguagem plástica e com o teatro, sem que disso dê conta, porque naquele momento, para ela aquilo é uma brincadeira e não um desenho ou um jogo teatral.

Assim sendo, o teatro é visto como uma atividade lúdica que dá à criança a possibilidade de expressar os seus sentimentos, dar largas à sua imaginação, desenvolver o seu raciocínio e, como mencionado acima, experimentar os variados

papéis sociais através do faz de conta. Com estas possibilidades, e segundo Sousa (2017b) a criança desenvolve a sua personalidade, tendo em conta os fatores afetivos, cognitivos, sociais e motores. Nesta linguagem ela autoeduca-se e satisfaz algumas das suas necessidades, como a criatividade, o ludismo e a sublimação.

Caldas & Vasques (2014) acreditam que a expressão dramática leva o indivíduo à descoberta de si, tendo em conta a interação consigo, com os outros e com o meio que o rodeia. Através desta linguagem pretende-se que o indivíduo cresça e expanda o seu à vontade com pequenos jogos iniciais, continuando com dinâmicas mais complexas, de modo a que haja uma progressão contínua. Assim sendo, esta irá aumentar a auto-estima e a confiança no indivíduo.

Uma das formas de dinamizar o teatro nas escolas ou em espaços públicos, e aqui fazemos referência à modalidade educativa não formal como a estratégia mais adequada a este tipo de interações, é recorrendo aos fantoches e aos teatros realizados com estes.

Segundo Pereira (2012) os fantoches são bonecos utilizados desde os nossos antepassados. Na Idade Média eram usados para animar as representações litúrgicas, e em Portugal, na Era Medieval, os fantoches em chamados de Bonifrates. Estes bonecos, desde essa altura, foram utilizados em feiras e romarias para entreterem e alegrarem não apenas o público infantil, como também o público adulto, que ficava encantado com as histórias em movimentos destes objetos. As histórias versavam, sobretudo, as temáticas do amor, do ciúme e do drama, onde as agressões entre personagens não podiam faltar, sendo até uma característica destes espetáculos.

Em Portugal, no século XIX, surgem os fantoches “Dom Roberto”, carinhosamente apelidados de Robertos e que ainda hoje são vistos em representações.

Numa perspetiva educativa, os fantoches

possuem uma enorme força comunicativa, que chega a qualquer espectador, com a mesma capacidade que o actor o faz. Mesmo com as limitações físicas que não lhe permitem obter, com a mesma rapidez, algumas expressões humanas, os fantoches têm outras capacidades, que vão para além das do actor: o fantoche voa, o fantoche luta e não se magoa; o fantoche chora sem lágrimas;

o fantoche aparece e desaparece, como se de uma magia se tratasse; o fantoche diz o que lhe apetece sem autocensura. (Pereira, 2012, p.130)

Este contributo de Pereira (2012) diz-nos que apesar de ser o indivíduo a dar vida ao boneco, através das falas, atitudes e movimentos que executa, é o último que está a falar. Deste modo o primeiro está mais tranquilo para falar e fazer o que lhe apetece sem medo de represálias.

Tal como nos teatros em que as personagens são os indivíduos, os fantoches também são caracterizados consoante as personagens que vão representar.

Em muitos casos as histórias são inventadas ou reinventadas para serem utilizadas num espetáculo de teatro. Para isso, os animadores, recorrem, por norma, a algumas técnicas da escrita criativa, que tornem a história diferente da original.

1.4.1.1. Escrita Criativa

Para Mancelos (2011) a escrita criativa promove a dinamização de várias técnicas utilizadas para a elaboração de textos, como contos, novelas, poemas ou guiões, entre outros. Uma das técnicas usadas é a criação do início de uma história. O mesmo autor acrescenta que com a escrita criativa aprende-se a desenvolver a imaginação e o talento pela escrita, a utilizar mais vocabulário variado e a ler mais criticamente.

Na mesma linha de pensamento Vieira (2001) acrescenta que a escrita criativa, intimamente ligada ao reconto de histórias, é um espaço onde a criança se descobre e se afirma. Com estes exercícios estimula-se a sua imaginação para poder comunicar de uma forma lúdica. Para Balça (2007, p.136) é através da escrita que a criança “pode fruir, expor e partilhar olhares, sentimentos, sensações” e ideias acerca da história, podendo fazer outras leituras desta.

Rodari (2017) aborda a questão das histórias “abertas”, já mencionadas por Mancelos, e aconselha o escritor a decidir quais são os dados que se querem aproveitar da história com a qual se está a inspirar. Após esta decisão, entra a imaginação e o fantástico, que poderão desfigurar de tal forma o texto que já não terá a nada a ver com

a história inicial. Diz ainda “ Na minha opinião, é preciso que, então, nos sintamos livres para abandonar a história ao seu destino e para aceitar as sugestões do acaso.” (p.205)

Santos & Serra (2011) concordam com esta perspectiva e acrescentam que se o escritor for confrontado com obstáculos que o obriguem a criar outros rumos para a história acaba por se esquecer que está a escrever, porque começam a ver esta dinâmica como um jogo ou uma brincadeira.

1.4.2. LINGUAGEM PLÁSTICA

Assim como Vygotsky, Sousa (2019, p.160) entende que a expressão plástica é “uma actividade natural, livre e espontânea da criança”. Através dela expressam-se emoções e sentimentos e com a criação artística estimula-se a imaginação e desenvolve-se o raciocínio. Santos Sousa (2014) acrescenta que ela não se deve centrar apenas no resultado final, mas ter em conta o desenvolvimento das capacidades e necessidades das crianças. Uma dessas capacidades é a expressão, ou por outro lado, a representação ou comunicação de algo que nem sempre é de fácil compreensão oral. Como enumera Oliveira (2007), com esta linguagem consegue-se representar ideias, sentimentos e emoções difíceis de serem expressas com outra forma, quer seja a verbal ou a escrita. Esta autora vê a linguagem plástica como sendo autónoma, ou seja, dissociável de outras áreas. Acredita ainda que através dela as crianças conseguem apreciar e criticar construtivamente a arte no geral.

As técnicas e materiais a utilizar não devem ser descurados pois têm um papel importante no “desenvolvimento emocional, sentimental e cognitivo da criança” (Sousa, 2019, p.183), isto porque com o avançar do tempo, esta tem a necessidade de experimentar novas técnicas e novos materiais e de poder variá-los de modo a manifestar-se positivamente e de uma forma prazerosa.

Seguindo esta ideia, a criança precisa de experimentar e explorar as potencialidades dos diversos materiais plásticos para que possa expandir a sua liberdade e criatividade, assim como, desenvolver “um conjunto de destrezas manuais capazes de a orientar no processo artístico.” (Oliveira, 2007, p.68)

Para que os materiais e técnicas sejam experimentados tem de existir um espaço adequado à realização destas experiências. Santos Sousa (2014) refere ainda que os materiais devem ser de boa qualidade para que as crianças se sintam mais livres, seguras, e conseqüentemente mais criativas, ao expressarem-se nos seus trabalhos plásticos.

É através de várias técnicas que as crianças podem explorar e criar trabalhos diversos, como o desenho, a pintura, a modelagem ou construção, os recortes e colagens, a gravura, ou até os meios digitais como o computador, a fotografia ou o vídeo, como enumera Sousa (2019).

Focam-se agora, especificamente, algumas das técnicas utilizadas no projeto. No que diz respeito à **pintura** existem diversas técnicas a serem exploradas com o público infantil. Segundo Sousa (2019, p.225) “A pintura é uma forma de arte em que o artista concebe a decoração de uma superfície com pigmentos coloridos e com o auxílio de processos técnicos diversos.” Refere ainda que o que interessa neste trabalho é que a criança exprima os seus sentimentos e se sinta satisfeita no ato de criar a sua pintura, como já foi abordado anteriormente. De salientar que as cores selecionadas e utilizadas por ela nos fazem perceber quais são os seus sentimentos e emoções naquele momento, sendo até objeto de estudo de alguns investigadores.

Sousa (2019) fala ainda nas condições do local onde é feita a atividade. Menciona que o local deve ser bem arejado, e ter, se for possível, as portas e janelas abertas e estar sempre organizado, limpo e arrumado.

Para haver um resultado final são necessários diversos materiais. Sousa (2019) explica que para o suporte ou base do trabalho podem usar-se diversos tipos de papel, sendo o branco e liso o mais adequado; os pincéis e as tintas (guaches, aguarelas, entre outras), podem-se ir alterando consoante o que se pretende. Dependendo da técnica de pintura a usar, vão-se introduzindo outros materiais, como objetos reciclados, os fios e berlindes, que criam linhas, as escovas de dentes, palhinhas e paus de gelado, que formam pequenas bolinhas de tinta que poderão ser sopradas formando ramificações. Pode ainda ser usada a areia e trocados os pincéis por outros instrumentos como as penas, os dedos, as ervas e folhas de árvores, o algodão, a esponja, entre outras opções

que servem também como recurso à técnica de carimbagem, ou seja, o ato de reproduzir no papel o material que se vai colocar em contacto com este.

O mesmo autor fala da técnica de **recorte e colagem** e esclarece que o que se experimenta é a realização de dobragens, recortes, colagens e, em trabalhos mais complexos, a adoção de mosaicos construídos com as técnicas anteriores. Estas técnicas servem, em muitas situações, de apoio a outras técnicas mais complexas. Para as podermos realizar precisamos de um material para transformar, como por exemplo o papel, a cartolina, o tecido ou a goma eva e as tesouras e colas.

A **costura** é outra técnica que pode ser explorada com as crianças, tendo para isso de haver regras e bastante disciplina, para que decorra em segurança. Para Sousa (2019, p.316) a costura é compreendida como “a arte de coser, compreendendo os trabalhos efetuados com agulha que têm por finalidade fazer, consertar ou adornar tecidos.” O mesmo autor enumera diversos pontos como o ponto simples, o ponto adiante, o ponto de lado, o ponto de bainha, o ponto atrás, o pesponto, o ponto de luva, o ponto cruz, o ponto de casa, o ponto de passagem entre outros, que devem ser usados com crianças de diferentes idades, dependendo da sua dificuldade. Fala ainda de outros exemplos, apelidando-os de “alta costura” que tem que ver com o facto de produzir roupa para fantoches ou bonecos utilizando moldes e realizando as provas nos “manequins”, por assim dizer.

O mesmo autor elucida que para que esta técnica seja colocada em prática são necessários tecidos, tesouras, linhas de cores diversas e agulhas. Podem existir ainda aplicações tais como botões, missangas, rendas e fitas de cetim ou gorgurão e até emblemas. Os tecidos mais adequados para trabalhar com as crianças são os tecidos de algodão ou com uma percentagem elevada de algodão.

Por último, **a modelação e construção** de algo, é segundo Sousa (2019, p.255) “o ato de dar forma a qualquer matéria plástica, isto é, que mantenha a forma que se lhe dá.” Acrescenta que a criança desenvolve a sua paciência e persistência quando está a criar ou construir alguma coisa levando-a a ficar calma e segura do que está a realizar. Assim sendo esta satisfaz as suas necessidades expressivas de forma criativa, utilizando diversas experiências e algumas descobertas.

Para serem realizadas estas técnicas podem ser utilizados materiais moldáveis, como a plasticina, o *biscuit*, a pasta de papel ou a massa de moldar ou materiais como cartolinas, cartões, tecidos, madeiras ou plásticos para construir algo rico e desafiador, como por exemplo, os fantoches, referidos no subcapítulo relativo ao teatro.

1.4.3 MÚSICA

A música, assim como a linguagem plástica ou o teatro, também aparece muito precocemente na vida das crianças. Acredita-se até que é a primeira linguagem com que estas contactam, isto porque realizam “comportamentos musicais” com poucos dias de existência e “ao fim de algumas semanas usam a música nas suas brincadeiras e comunicações” (Sousa, 2019, p.17). Ao utilizarem a música desta forma estão a “satisfazer as suas necessidades desenvolvimentais”, nomeadamente aquelas que exploram e integram o mundo sonoro (Sousa, 2019, p.23). O mesmo autor associa ainda as necessidades instintivas, a perceção, a atenção, a memória, a cognição e a criação. Estas capacidades moldam a personalidade da criança.

Poder-se-á acrescentar que as emoções, os sentimentos e a socialização são fatores a que a música está intimamente ligada. E é neste sentido que Sousa (2019, p.15) afirma que “poder-se-á dizer que a música dá prazer, que modifica os estados emocionais, que permite a expressão dos sentimentos”.

Para Lima (2014) a música é composta pela melodia, pela harmonia e pelo ritmo e é vista como um “produto cultural” uma vez que revela alguns aspetos culturais do indivíduo. Oliveira, Saldanha das Neves & Negrão de Freitas (2014) enfatizam o facto desta arte ser dividida entre vários métodos que utilizam parâmetros sonoros e musicais idênticos. Quanto aos parâmetros sonoros fala-se da altura, do timbre, da intensidade e da duração. Relativamente aos parâmetros musicais refere-se a melodia, a harmonia e o ritmo, como Lima (2014) já tinha afirmado.

Quando a música é ensinada no âmbito escolar explicam-se métodos que abordem a questão já mencionada, nomeadamente, a perceção de parâmetros sonoros, a grafia musical, alguma técnica instrumental e a história da música como mencionam Oliveira, Saldanha das Neves & Negrão de Freitas (2014). Estes métodos podem ser

ensinados de diversas formas, quer recorrendo a um instrumento musical, quer ensinando “através de jogos, audição e discussão, e até sob outras manifestações artísticas como a dança e o teatro.” (Oliveira, Saldanha das Neves & Negrão de Freitas, 2014, p.1229). Caspurro (s.d., p.2) acredita que “a forma como se aprende a assimilar música é um factor decisivo para o desenvolvimento não apenas de diferentes maneiras ou qualidades de audição, como de diferentes atitudes ou necessidades perante a música.” Acrescenta que “mais do que fazer música importa *como* é de facto apreendida ou assimilada” pela criança, devendo-se dar preferência “ao canto, ao movimento corporal, a actividades de escuta sonora, à improvisação – antes da aprendizagem da teoria, da leitura e escrita musical”. (Caspurro, s.d., p. 4)

Falando especificamente na percepção auditiva ou nas atividades de escuta sonora, como refere Caspurro, é importante ter em consideração a questão de se estimular a audição atenta nas crianças, de modo a que estas ouçam sons frequentes do dia a dia e lhe possam dar um significado, treinando, deste modo, o ouvido. Oliveira, Saldanha das Neves & Negrão de Freitas (2014) referem que ouvir paisagens sonoras ajuda as crianças a tomarem consciência dos sons ambientes.

Caspurro (s.d.) vem trazer um outro termo da área musical, a «audiação», que é compreendida como o ato de ouvir e perceber aquilo que se ouviu, também chamada como literacia musical. Quando isso acontece e se consegue pensar musicalmente pode-se criar música, quer através de ritmos vocais, corporais ou recorrendo a objetos e instrumentos musicais, quer através de algo mais complexo como criar uma música, tendo em conta a letra e a melodia.

1.5. CRIATIVIDADE

A criatividade é uma capacidade que se pode demonstrar através das linguagens artísticas.

Segundo Sousa (2017a), este termo advém das palavras “criar” e “criação” e é considerada uma capacidade ou aptidão que deve conduzir sempre à criação de algo. Acrescenta que “não basta ter talento criador, é necessário aplicá-lo na ação criadora.” (p.188), ou seja, se o indivíduo não criar algo nunca vai exprimir a sua criatividade,

mesmo que a tenha através de ideias. Este autor defende ainda que esta aptidão visa produzir ações novas e desconhecidas, de forma a criar conhecimentos novos. De acordo com esta ideia, Bahia & Nogueira (2005) afirmam que a criatividade é algo impossível de ser copiado. Enfatizam que esta capacidade é um processo criativo, em que constará o pensamento criativo e o produto ou expressão final.

Mozzer & Borges (2008) acreditam que a criatividade seja

um processo psíquico que se constrói na criança desde muito cedo e que se desenvolve em conjunto com outras funções superiores como a imaginação, o pensamento, a memória e a brincadeira. A possibilidade de criar está ligada ao contexto histórico, familiar, escolar e à riqueza de experiências vivenciadas pela criança. (p.10)

Na verdade, a criança começa a explorar a sua criatividade logo desde muito cedo, uma vez que, como referem Mozzer & Borges (2008), é na primeira infância que se cria o momento apropriado para cultivar esta aptidão, através dos jogos e brincadeiras a que as crianças têm acesso. Dependendo das condições ambientais e sociais de cada criança, a criatividade irá desenvolver-se mais ou menos. Mozzer & Borges (2008) creem que com a criatividade se produz sempre algo novo.

Sousa (2017a) enumera vários tipos de criatividade – a expressiva, a produtiva, a inventiva, a inovadora e a emergente –, sendo que a que importa destacar neste trabalho é a criatividade *expressiva* em que, segundo o autor, “a pessoa tem inteira liberdade de expressar os seus sentimentos, de modo criativo” (p. 190). Com a criatividade *expressiva* pretende-se que haja “uma expressão imediata e espontânea, interessando apenas que se tenha expressado o estado emocional e não a obra que se criou”. (p.190) Atividades como a improvisação dramática, a expressão verbal ou o desenho livre estimulam este tipo de criatividade.

Sousa (2017a) refere que a capacidade criativa sofre um decréscimo nos primeiros quatro anos da escolaridade básica, porque nesta etapa “a criança está mais preocupada em aprender a utilização de instrumentos (...) do que em empreender tarefas criadoras (...) É por este motivo que ela inibe a sua originalidade inventiva”. (p.193) A criatividade só volta a «subir» quando a escolaridade básica está quase concluída, portanto, no 9º ano.

Este autor refere que as crianças dos 6 aos 8 anos têm dificuldade em imaginar e fantasiar, focando mais a realidade nos seus trabalhos, mas ainda assim continuam a desenvolver a sua imaginação e curiosidade “através de lições, histórias ou discussões, dramatizações com personagens que personifiquem valores morais”. Entre os 8 e os 10 anos já conseguem dedicar-se a atividades e projetos mais longos, mas sempre com o apoio incentivador de um adulto, para que não desistam com facilidade.

Para Bahia & Nogueira (2005, p.358), “quem pretende estimular a criatividade tem de ser multifacetado e procurar abordar a sua tarefa de forma criativa”. Deste modo, estas autoras referem alguns princípios básicos que os educadores/ animadores devem ter em consideração quando fomentam o ensino da criatividade como a promoção do sentido livre, “lúdico e inovador do pensamento e imaginação, comunicação e decisão criativas” (p.357), fazendo perceber que não existem respostas certas ou erradas; a utilização da expressão criativa interdisciplinarmente, de modo a recorrer a conhecimentos de várias áreas; a criação como uma repetição variada, sob forma de criar algo original; a estimulação do “pensamento alternativo, imaginativo e inventivo” (p.357) tendo em conta várias técnicas; e a combinação de vários métodos e linguagens criativas para trabalhar a temática ou assunto a desenvolver. O projeto que se apresenta neste relatório teve em atenção estes aspetos.

Sousa (2017a) explica que, ao estimular-se a criatividade na criança, está a confiar-se nela e nas suas capacidades relativas à construção e criação e, assim sendo, ela vai descobrir que criar é mais divertido do que apenas copiar algo que já foi inventado por outra pessoa.

Como elucida Sousa (2017a) ao educar-se para a criatividade está a estimular-se algumas capacidades, como a invenção, a imaginação e a criação. Com estas capacidades a criança será capaz “de se ultrapassar a si mesma e de ir além do conhecido, a capacidade de fazer descobertas e criar coisas novas.” (p.198)

1.6. A VALORIZAÇÃO DA HISTÓRIA LOCAL NO ENSINO E EM PROJETOS DE ANIMAÇÃO

Para Barros (s.d.) a História Local faz parte das várias temáticas abordadas pela História de Portugal e “contribuiu para a construção dos processos interpretativos sobre as formas como os atores sociais se constituem historicamente em seus modos de viver” (p.15). É vista como sendo a História que aborda várias questões relativas a uma determinada localidade ou região e serve como “ponto de partida para a formação de uma identidade regional” (p.15).

Este autor defende que a criança / aluno constrói a sua identidade através do local em que habita e, se conhecer a sua História, vai tornar-se um membro mais ativo na localidade, no sentido em que vai querer ter mais acesso a “bens culturais”, materiais ou imateriais.

Assis, Bellé & Bosco (2013) dão enfoque no professor, defendendo que este deve envolver os alunos na História Local através de aulas dinâmicas. Como os manuais escolares não estão preparados com a História Local, o professor deve dinamizar aulas em que as pesquisas e saídas sejam uma realidade. Podem ir até à biblioteca e pesquisar documentos, publicações de jornais e revistas, literatura e letras de músicas compostas por músicos e escritores locais ou podem ir aos museus e monumentos da sua localidade para saber mais sobre eles ou até contactar com artesãos ou cozinheiros e pasteleiros, de modo a compreenderem quais são os artigos, comidas e doces provenientes da sua região.

Estas autoras afirmam que

Para se ensinar História Local é necessário dar voz aos sujeitos que estiveram outrora excluídos dos conteúdos ensinados. Necessita-se trazer as memórias e lembranças mais profundas daquela sociedade para a transformação de tais relatos em uma verdadeira identidade cultural. (p.7)

Leitão & Lopes (2013) concordam com esta ideia, mas defendem que o animador tem um papel crucial para a Animação e Educação Patrimonial, no que diz respeito à História Local. Segundo estas autoras a Educação Patrimonial é considerada “como a

aprendizagem e o desenvolvimento do indivíduo através do património cultural existente”. (p.35)

Leitão & Lopes (2013) acreditam que se a comunidade estiver

envolvida num projeto em torno do seu Património está sensibilizada para a importância da sua preservação e valorização, pois identifica esta herança que lhe foi legada pelos seus antepassados como um bem que lhe pertence e com o qual se identifica. (p.37)

Mas o animador também tem de estar bem preparado para dinamizar um projeto desta envergadura. É referido pelas autoras que o animador tem de se sentir à vontade e enquadrado na região que vai dinamizar. Se este conseguir integrar a população local no decorrer do projeto é um grande passo para que este seja bem sucedido.

Estes projetos podem ser de natureza diversa, tais como

(...) a recriação de lendas ou de factos históricos em determinados espaços, a reinvenção de outras formas de convívio entre a população, a recriação de artes tradicionais, a reatualização de certas tradições, a proposição de rotas temáticas, a criação de novos espaços para as artes, em que cada um possa ser simultaneamente espetador e autor. ((Leitão & Lopes, 2013, p.37)

Estas são estratégias para levar as crianças a conhecerem o seu passado, colocando-as a vivenciá-lo no presente e, desta forma, a compreendê-lo ludicamente.

A animação cultural e do património está relacionada com a modalidade educativa não formal, que promove todos os tipos de projetos referenciados acima e algumas atividades do âmbito da animação artística, tais como os ateliês de artes plásticas, a reconstrução de episódios históricos, tendo em conta o teatro humano ou de fantoches, as danças daquela época, entre outras. Deste modo, estamos a promover a Intervenção e Animação Artísticas.

Em jeito de conclusão, sublinha-se ainda que

Investir na valorização e dinamização do Património Cultural e Natural de um território, através da Animação e Educação Artísticas, é essencial para o desenvolvimento cultural e estruturação identitária dos indivíduos, ao mesmo tempo

que, a nível do coletivo e tendo em consideração a sustentabilidade ecológica do território, gera riqueza cultural, social e económica, a médio e a longo prazo. (Leitão & Lopes, 2013, p.38)

É importante referir que todos os temas desenvolvidos neste capítulo se encontram interligados, pelo facto de se cruzarem num projeto de animação e intervenção artísticas. Consideramos ainda que não se podem dissociar as modalidades educativas da educação artística ou da temática de valorização da História Local, bem como não se pode dissociar a animação da leitura das diversas linguagens artísticas abordadas. A conceção de um projeto e a sua implementação devem partir de uma análise do contexto, ou seja, o conhecimento do local e do público-alvo, para o qual é dirigido, de modo a perceber quais os problemas e/ou temas mais pertinentes a trabalhar com este grupo. Desta forma será perceptível qual a modalidade educativa adequada a este projeto. Se o queremos tornar lúdico teremos de recorrer necessariamente a algumas metodologias ou estratégias, como a animação da leitura, e planear algo que seja diferente, interessante e motivador para esse público. Para que isto seja uma realidade, empregam-se algumas técnicas das linguagens artísticas, referidas anteriormente, que promoverão atividades enriquecedoras a nível cognitivo e relacional e também de desenvolvimento artístico.

CAPÍTULO 2 - METODOLOGIA

Neste capítulo apresenta-se o processo que envolveu o projeto de intervenção e investigação. Inicialmente, é apresentado o problema e a relevância da intervenção e investigação realizadas e em seguida, a questão de investigação e os objetivos. Apresenta-se ainda uma breve caracterização do contexto e do público-alvo, a fundamentação sobre a metodologia seguida – a investigação-ação – e descrevem-se as técnicas e instrumentos de recolha de dados utilizados.

2.1. O PROBLEMA E A RELEVÂNCIA DA INTERVENÇÃO E INVESTIGAÇÃO REALIZADAS

Ao ponderar como iria desenrolar-se o seu projeto, a investigadora e dinamizadora estabeleceu um contacto com a Biblioteca Municipal de Alcobaça – uma das instituições envolvidas – onde houve a oportunidade de realizar uma conversa informal com o coordenador desta instituição. Nesta conversa identificaram-se algumas necessidades em termos da oferta cultural que este espaço podia oferecer. Apesar de existirem atividades pontuais para o público infantil, não existe uma prática consistente de convidar as escolas a participar em iniciativas da Biblioteca. Com esta informação, tivemos a perceção de que a ligação entre a biblioteca e as escolas é muito pontual e escassa, não existindo uma relação de proximidade entre estes dois contextos educativos, de forma contínua e aprofundada. Sendo uma biblioteca municipal um pólo de difusão da cultura nos seus diversos âmbitos e, assim sendo, um importantíssimo recurso pedagógico existente na comunidade, considerámos que tinha sentido haver uma intervenção que “provocasse” esta relação. Então surgiu a ideia da conceção e implementação de um projeto de intervenção e animação artísticas que envolvesse os alunos do 1º Ciclo do Ensino Básico de uma escola do concelho de Alcobaça.

Tendo em vista o desenho do projeto, foi necessário despoletar a comunicação entre estes dois contextos. Assim, a escola foi contactada no sentido de participar neste projeto e, após a confirmação, foi realizada uma conversa informal com as professoras coordenadoras da escola e da biblioteca escolar com o objetivo de compreender quais

são as linguagens artísticas utilizadas em sala de aula, e quais os tipos de experiências que os alunos têm no currículo real. Nesta conversa, decidiu-se que poderiam ser envolvidas quatro turmas e perspetivaram-se as várias experiências que os alunos poderiam ter no âmbito do projeto e que seriam complementares às abordagens curriculares. As professoras coordenadoras responderam a algumas questões, embora para outras não tivessem a informação e sugerissem que as mesmas fossem colocadas às professoras titulares de turma. Existiu assim a necessidade de reunir com as quatro professoras das turmas a envolver, para aprofundar esta recolha de dados, necessária a um diagnóstico.

Em pesquisas realizadas, a investigadora constatou que nenhum dos projetos e estudos sobre animação da leitura que encontrou se ligava com a integração das três linguagens selecionadas para o projeto – o teatro, a linguagem plástica e a música. Existem, como é natural, projetos de animação da leitura em que uma destas linguagens artísticas é integrada, como é o caso do projeto de Sampaio (2013) que interveio nas áreas da animação da leitura e teatro e foi realizado com uma turma do 3.º ano de escolaridade; ou o projeto de Pedrosa (2016) desenvolvido num CATL que interligou a animação da leitura e a música. Verificou-se que já existem alguns projetos que interligam dois ou mais contextos educativos, como acontece nos “Livros Andarilhos” de Cristina Taquelim. Este último projeto passou por três contextos, uma biblioteca municipal, a escola e as casas dos alunos. Seguiu uma metodologia em que o animador se deslocou à escola para deixar um saco com livros que foram trabalhados pelo professor, pelos alunos e pelos seus pais, quando eram levados para casa. Contudo, não se encontram registos de projetos que incluíssem a integração das três linguagens artísticas acima referidas, e centrando-se apenas nas obras de um escritor local. Deste modo, a investigadora decidiu seguir por esse caminho, pois considerou importante e com sentido, a interligação entre estas linguagens com um grupo que, em contexto de sala de aula não as integrava com tanta regularidade. Cremos que este trabalho pode ser útil a profissionais que intervêm em bibliotecas (municipais ou escolares), a professores, a animadores, entre outros, que se interessem pela promoção da leitura, pelas experiências com linguagens artísticas e pela valorização da História Local. Este trabalho poderá ser uma referência em termos da metodologia seguida, que apesar de ser circunstancial, poderá ter aplicabilidade total ou parcial a outros contextos similares.

2.2. QUESTÃO DE INVESTIGAÇÃO E OBJETIVOS

Decorrido o processo inicial atrás descrito, a investigadora formulou uma questão que orientou o desenvolvimento da intervenção e investigação realizadas: **“Quais os contributos das experiências com as linguagens artísticas vivenciadas numa biblioteca e num espaço escolar para as aprendizagens dos alunos?”**

Após refletir sobre a metodologia a seguir – a investigação-ação – a investigadora definiu o objetivo geral e quatro objetivos específicos, enunciados em seguida, sendo que cada um dos quatro corresponde a uma fase do processo.

Objetivo geral

- Compreender quais os contributos das experiências com as linguagens artísticas vivenciadas numa biblioteca e num espaço escolar para as aprendizagens dos alunos.

Objetivos específicos

1. Identificar e fazer sobressair a potencialidades educativas de uma biblioteca na sua relação com um meio escolar.
2. Planificar experiências com as linguagens artísticas, a realizar numa escola, em torno de livros de literatura infantil sobre a História de Portugal.
3. Implementar / intervir possibilitando a criação com elementos das linguagens plástica, musical e teatral, de forma integrada, e aplicados à recriação de histórias.
4. Avaliar e verificar os efeitos das experiências nas aprendizagens, tanto no plano curricular como no plano de uma educação cultural e de cidadania.

2.3. CARATERIZAÇÃO DO CONTEXTO E DO PÚBLICO ALVO

Considera-se importante neste ponto caracterizar o contexto e o grupo com o qual se trabalhou. De forma a proteger a identidade da escola e do grupo, refere-se apenas que a escola está situada num ambiente urbano do concelho de Alcobaça. É uma escola com instalações novas, que contém uma biblioteca escolar e que abrange crianças do pré-escolar e do 1.º Ciclo, com idades compreendidas eram os 3 e os 10 anos. A Biblioteca Municipal de Alcobaça, também envolvida na fase inicial do projeto, é constituída por dois edifícios e fica situada no centro histórico da cidade, junto à confluência dos rios Alcoa e Baça. O grupo era constituído por quatro turmas do 1.º Ciclo do Ensino Básico, tendo cada turma entre 20 e 25 alunos. Ou seja, o projeto abrangeu quatro grupos distintos, um de cada ano de escolaridade, com idades diferentes, compreendidas entre os 6 e os 10 anos. No total estiveram envolvidos cerca de 80 alunos e 4 professores, diretamente, e 3 professores, indiretamente.

2.4. METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO

Este estudo foi realizado tendo por base a investigação qualitativa e o paradigma interpretativo que, segundo Fortin, Côte & Vissandjée (2000), pretende compreender e desenvolver o conhecimento do que está a ser investigado, através da observação, da descrição, da interpretação e da apreciação do meio. O seu objetivo é interpretar, mais do que avaliar.

Aires (2015) acrescenta que o processo de investigação qualitativa não tem uma sequência lógica, ou seja, durante toda a investigação o investigador tem de alterar ou melhorar algumas temáticas desenvolvidas nesta, através de pesquisas, reflexões e experiências com que contacta e acredita que “o processo de investigação qualitativa parte, assim, de um conjunto de postulados teóricos e gera formas de fazer investigação diferentes dos modelos de investigação educativa clássica.” (p.17)

Coutinho (2006) está de acordo com as ideias de Fortin, Côte & Vissandjée e Aires e defende que o paradigma interpretativo abrange

todas as situações em que as preocupações do investigador se orientam para a busca de significados pessoais, para o estudo das interações entre as pessoas e contextos, assim como formas de pensar, atitudes e percepções dos participantes no processo de ensino e aprendizagem. (p.5)

A investigação-ação é a metodologia que se considerou mais pertinente para este projeto, pois como Serrano (1998, p.111) argumenta, ela é “orientada para o aperfeiçoamento da prática”. Esta metodologia visa a constante análise, avaliação e, em algumas situações, mudança daquilo que se planeou anteriormente, de modo a melhorar os resultados obtidos e a aperfeiçoar o método de trabalho que se está a utilizar com as pessoas ou grupos, e assim gerar novas aprendizagens. O investigador deve definir os problemas a serem investigados e pensar em soluções que vai colocar em prática ainda no processo investigativo. Serrano (1998) defende que esta metodologia é realizada tendo em conta várias fases – o diagnóstico, a planificação da ação, a dinamização e observação e a reflexão e interpretação de resultados. O projeto seguiu a metodologia indicada por esta autora e estruturou-se nestas quatro fases.

2.5. TÉCNICAS E INSTRUMENTOS DE RECOLHA DE DADOS

As **entrevistas** são uma das técnicas mais utilizadas num estudo qualitativo e, como refere Lopes (2008),

a sua importância é relevante no que concerne à promoção e aproveitamento das suas qualidades e possibilidades relacionais, comunicativas, motivacionais, para entrar em contacto e conhecer a população alvo e, ainda, para aprofundar o conhecimento de determinado estudo. (p.85)

Dias (2009) acrescenta que esta técnica permite “uma maior aproximação da situação real, o entrevistador mantém um controlo muito grande que garante a obtenção dos dados com muito mais eficácia e validade do que com outras técnicas.” (p.208)

A recolha de dados realizada recorreu às entrevistas semiestruturadas (ver Anexo 1) pelo facto de neste tipo de entrevista se poder falar de todos os temas necessários sem estar condicionado a uma estrutura rígida de perguntas, como defende

Lopes (2008), referindo também este autor que estas “devem ser colocadas de modo flexível, adaptável ao ritmo dos entrevistados.” (p.87).

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas a seis professoras participantes no projeto, sendo, para tal sido construídos três guiões (ver Anexo 6). A construção destes instrumentos teve como referência os objetivos do projeto anteriormente apresentados.

Ao longo do projeto foi utilizada outra técnica importante num estudo qualitativo, a **observação direta** e, por conseguinte, contruiu-se o diário de bordo (ver anexo 5) e as grelhas de observação sistemática (ver Anexo 4).

A observação direta pressupõe um olhar atento a todos os passos do projeto e, como enumera Dias (2009, p.197), “deve ser completa, exaustiva, proporcional dando uma visão do conjunto do objeto e das suas próprias dimensões tendo em conta a escolha e a finalidade da investigação”.

A mesma autora sugere que devem ser tomadas notas enquanto se está a fazer esta observação, e não ao final do dia, para que não haja o esquecimento de alguns pontos importantes à investigação.

No decorrer do projeto, existiu a necessidade de utilizar o diário de bordo para escrever o que aconteceu ao longo das várias atividades, quais os avanços e recuos e quais as ideias, suposições e hipóteses que surgiram ao longo de todo o processo, como sugere Santos (2018). O mesmo autor defende que o diário de investigação permite compreender a estrutura de pensamento do investigador, bem como as reinvenções por que ele passa. A este respeito, este autor refere que

a ciência é um conhecimento que necessita de revisionismo e, portanto, é uma forma de saber que exige a capacidade de se auto-analisar para encontrar os seus próprios erros e assim errar menos na posteridade. (p.68)

Portanto, torna-se necessária a análise, e, em alguns casos, a reinvenção do que está programado. Acrescenta ainda que a escrita é um método que promove o auto-esclarecimento e a auto-revelação.

Foram usadas ainda as grelhas de observação sistemática que permitem que a informação das sessões fique de forma mais organizada, facilitando assim a leitura e o

acesso à mesma. Segundo Amado de Oliveira (2009) a observação sistemática requer uma planificação que utilize instrumentos para o registo dos acontecimentos observados. Esses instrumentos são sobretudo documentos, como as grelhas, previamente preparados, estruturados, e que contenham tópicos essenciais para o que vai ser observado ou até mesmo registos audiovisuais, quer sejam vídeos ou fotografias, que retratam as emoções e ações realizadas naquele exato momento. Neves (1994) acrescenta que as grelhas de observação devem conter escalas numéricas, gráficas, ou gráficas descritivas para que a informação seja lida de forma rápida, clara e concisa. Nas grelhas construídas pela investigadora, optou-se por aplicar uma escala que avaliava de 1 a 10 as diferentes dimensões em observação.

Para complementar esta observação foram fotografados alguns momentos das sessões, de modo a existir um **registo fotográfico** que documentasse o que aconteceu. Este registo, como explica Carrola (2019), abrange a componente científica. Assim sendo a fotografia torna-se importante numa investigação pelo seu carácter objetivo, explicativo e confirmativo dos resultados obtidos.

Pode concluir-se que, para se interpretarem os resultados recolhidos, foi feita uma análise de conteúdo, seguindo procedimentos sugeridos por Bardin (2009) relativamente aos registos do diário de bordo e à transcrição das entrevistas e foi realizada uma apresentação quantitativa, no que diz respeito às grelhas de observação sistemática.

CAPÍTULO 3 - DESENVOLVIMENTO DO PROJETO E DO PROCESSO DE INVESTIGAÇÃO-AÇÃO

Este capítulo apresenta o desenvolvimento do projeto e do processo de investigação-ação. Esta descrição estaria também enquadrada no capítulo anterior, pois explica a metodologia seguida, no entanto, dada a complexidade da sua estruturação, optou-se por formar um capítulo autónomo.

Inicialmente é explicada a fase de diagnóstico, em seguida a fase da planificação da ação, depois a implementação e por fim a apresentação e interpretação dos resultados.

3.1. DIAGNÓSTICO

Na fase de diagnóstico procurou-se conhecer o espaço e o público-alvo com quem se iria contactar durante os cerca de 3 meses de duração do projeto.

Inicialmente, a investigadora contactou com a Biblioteca Municipal de Alcobaça, para perceber quais seriam as necessidades que o projeto poderia colmatar. Concluiu que existiam atividades pontuais para o público infantil, mas não existia a iniciativa de convidarem as escolas a vir à biblioteca participar em projetos com alguma frequência, até porque isso acabava por acarretar um custo de transporte e a presença constante de um animador sociocultural.

Após compreender que este espaço público e as escolas do concelho tinham uma ligação muito pontual e escassa, não existindo uma relação de proximidade entre estes dois contextos educativos, de forma contínua e aprofundada, surgiu a ideia de implementar um projeto de intervenção e animação artísticas que envolvesse os alunos do 1º Ciclo do Ensino Básico de uma escola do concelho de Alcobaça e esta biblioteca.

Para poder começar a delinear o projeto foi necessário chegar ao contacto com a escola escolhida. Assim, a escola foi contactada no sentido de participar neste projeto e,

após a confirmação, foi realizada uma conversa informal com as professoras coordenadoras da escola e da biblioteca com o objetivo de compreender quais eram as linguagens artísticas utilizadas em sala de aula, e quais os tipos de experiências que os alunos tinham neste âmbito, em ligação com a animação da leitura. Procurou-se ainda entender quais seriam as experiências com as quais os alunos ainda não tinham contactado, ou que estivessem pouco exploradas pelas professoras. Houve algumas questões para as quais estas professoras não sabiam a resposta, e, assim sendo, marcou-se nova reunião com as professoras titulares das turmas selecionadas para que essas questões lhes fossem colocadas. Durante as reuniões, as professoras foram muito acessíveis e as questões foram esclarecidas com a clareza necessária. Percebeu-se que havia algumas técnicas e materiais que eram desconhecidos ou pouco utilizados em sala de aula, que a escola dispunha de alguns desses materiais (ex: instrumentos musicais, objetos musicais não convencionais, guaches, entre outros). Houve ainda a preocupação em saberem quais eram os materiais necessários, para poderem disponibilizar e foram referidos os espaços mais apropriados para a realização das atividades, os quais foram mostrados à investigadora nesse dia.

Através dos contactos realizados, verificou-se então que seria pertinente que o projeto incluísse: experiências com integração das linguagens artísticas, pois seriam experiências novas para a maior parte dos alunos; experiências que promovessem os hábitos de leitura; a abordagem a acontecimentos da História Local e de Portugal, decorridos em Alcobaça; e a exploração das obras de literatura infantil de uma escritora local, até então desconhecida ou pouco explorada pelos alunos.

Com os dados recolhidos nesta fase, e conhecido o conjunto de alunos e professoras a envolver, a investigadora conseguiu definir o caminho a seguir para a fase de planificação do projeto de intervenção e animação artísticas.

3.2. PLANIFICAÇÃO DA AÇÃO

O projeto foi realizado numa escola do concelho de Alcobaça, no espaço da biblioteca e da sala multiusos. A última sessão foi dinamizada na sala polivalente, por ter mais condições para a concretização da atividade final.

Tendo em conta os dados recolhidos na fase de diagnóstico, com o projeto de intervenção e investigação, a investigadora / animadora pretendeu recriar histórias através da experiência integradora de três linguagens artísticas – o teatro, a música e as artes plásticas.

Estas histórias são contos de literatura para a infância que representam, de maneira muito simples e clara, alguns momentos e figuras marcantes da História de Portugal, proporcionando ao leitor e seus ouvintes o conhecimento da mesma de forma lúdica e divertida.

Para a escolha das histórias utilizaram-se dois critérios. Em primeiro lugar, o autor das histórias teria de ser uma pessoa da localidade, portanto, um escritor local e as histórias teriam de contar algo que estivesse relacionado com o meio onde o grupo vive, de modo a que se promovessem experiências tendo em conta a História Local deste concelho e distrito. Em segundo lugar, as histórias teriam de ter pertinência para o momento de escolaridade em que os alunos se encontravam, tendo em conta o currículo.

Tendo em conta o primeiro critério, considerou-se oportuno selecionar as obras da escritora alcobacense Vanda Furtado Marques. As histórias utilizadas foram “A Padeira de Aljubarrota”, “Pedro e Inês, uma história de amor”, “A Herança de D. Filipa e D. João I” e “D. Dinis, o rei que fez tudo quanto quis”. (as referências completas relativas a estas publicações são apresentadas na página 70). Cada turma, de cada ano de escolaridade, trabalharia uma destas obras.

Para melhor preparar o plano de ação, a investigadora reuniu-se com a escritora Vanda Furtado Marques para que esta aconselhasse quais seriam as histórias mais adequadas para cada faixa etária. Julgou-se importante esta conversa, uma vez que a escritora seria a pessoa mais indicada para elucidar sobre qual era o público para quem escreveu cada história.

O projeto desenvolveu-se em 4 sessões para cada grupo / turma que tinham a duração de cerca de 2 horas cada uma. Existiu ainda uma 5.^a sessão onde o grande grupo se juntou para realizar a última atividade. No total, este projeto foi composto por 17 sessões. A investigadora esteve com cada turma quinzenalmente, às quartas ou quintas-feiras, no período da tarde, entre as 13:30h e as 15:30h.

Apresentamos na Tabela 1 um plano geral das atividades previstas para cada sessão.

Grupo	Turma 1 <i>(1.º ano)</i>	Turma 2 <i>(2.º ano)</i>	Turma 3 <i>(3.º ano)</i>	Turma 4 <i>(4.º ano)</i>
Datas das sessões	31 de janeiro 14 e 28 de fevereiro 21 e 29 de março	30 de janeiro 13 e 27 de fevereiro 20 e 29 de março	24 de janeiro 07 e 21 de fevereiro 14 e 29 de março	23 de janeiro 06 e 20 de fevereiro 13 e 29 de março
Livro de literatura infantil a dinamizar	<i>A Padeira de Aljubarrota</i>	<i>Pedro e Inês, uma história de amor</i>	<i>A herança de D. Filipa e D. João I</i>	<i>D. Dinis, o Rei que fez tudo quanto quis</i>
Sessão 1	- Apresentação da história - Jogo de identificação de personagens/ contextos - reinvenção da história – introdução de uma personagem nova	- Apresentação da história - Jogo de identificação de personagens/ contextos - reinvenção da história – mudança de atitude de uma personagem da história	- Apresentação da história - Jogo de identificação de personagens/ contextos - reinvenção da história – Alteração do final da história	- Apresentação da história - Jogo de identificação de personagens/ contextos - reinvenção da história – Alteração do contexto da história
Sessão 2	- construção dos fantoches de <i>stick/</i> pau e dos fantoches de dedo - início da construção do cenário	- construção dos fantoches de cartucho e sombras chinesas - início da construção do cenário	- construção dos fantoches de rolo de papel de cozinha e caixas do leite - início da construção do cenário	- construção dos fantoches de meia - início da construção do cenário

Sessão 3	- Conclusão da construção do cenário - criação da sonoplastia da história - ritmos criados com recurso à voz e ao corpo	- Conclusão da construção do cenário - criação da sonoplastia da história - ritmos criados com recurso à voz, ao corpo e à utilização de objetos / embalagens reaproveitados	- Conclusão da construção do cenário - criação da sonoplastia da história - melodias compostas com recurso a escalas pentatónicas	- Conclusão da construção do cenário - criação da sonoplastia da história - melodias feitas com recurso a escalas pentatónicas e ritmos feitos com a voz e o corpo
Sessão 4	- ensaios para a apresentação conjunta, integrando todos os elementos construídos	- ensaios para a apresentação conjunta, integrando todos os elementos construídos	- ensaios para a apresentação conjunta, integrando todos os elementos construídos	- ensaios para a apresentação conjunta, integrando todos os elementos construídos
Sessão 5	Representação das histórias recriadas pelas turmas			

Tabela 1 - Planificação geral das sessões

Os grupos foram definidos mediante as turmas que já estavam formadas, de modo a que os elementos de cada grupo pertencessem à mesma faixa etária e ao mesmo ano escolar. Apresenta-se em seguida, em detalhe, o que foi planificado para cada sessão.

Ao **grupo 1**, à turma do 1.º ano coube recriar a história “A Padeira de Aljubarrota”, realizando a seguinte sequência:

- Na 1.ª sessão são apresentadas várias histórias da autora e lida, de uma forma animada, a história “A Padeira de Aljubarrota”. Anima-se a história com recurso ao fantoche “Maria Historieta”, a sons e objetos e à utilização de vozes diferentes para as falas de cada personagem. Segue-se um pequeno jogo de identificação das personagens e contextos (ano/locais onde se passa a história) e uma conversa que determina a recriação da história. Nesta sessão o grupo introduz uma personagem nova à história. Nas seguintes recria as personagens através dos fantoches, os espaços, os sons e as

ações da história, que se integram na representação da história reinventada. Tudo isto é proposto na primeira sessão.

- Na 2.^a sessão são construídas as personagens, que são transformadas em fantoches. Os fantoches propostos para este grupo são os fantoches de *stick* / pau e os fantoches de dedo. São ainda lembrados os locais da história e iniciada a construção do cenário com recurso à técnica da pintura com lápis de cor.

- Na 3.^a sessão é concluída a construção do cenário, com recurso a técnicas como o recorte e a colagem, e realizada a sonoplastia da história. De seguida, é feito um jogo de sons, que resulta na realização dos sons a utilizar na recriação da história. Estes sons são ritmos criados com recurso à voz e ao corpo.

- Na 4.^a sessão é feito o ensaio da apresentação da história construída, tendo em conta a integração dos elementos construídos até então.

Ao **grupo 2**, à turma do 2.º ano coube recriar a história “Pedro e Inês, uma história de amor”, realizando a seguinte sequência:

- Na 1.^a sessão são apresentadas várias histórias da autora e lida, de uma forma animada, a história “Pedro e Inês, uma história de amor”. Anima-se a história com recurso ao fantoche “Maria Historieta”, a sons e objetos e à utilização de vozes diferentes para as falas de cada personagem. Segue-se um pequeno jogo de identificação das personagens e contextos (ano/locais onde se passa a história) e uma conversa que determina a recriação da história. Nesta sessão o grupo altera as atitudes de uma personagem da história. Nas seguintes recria as personagens através dos fantoches, os espaços, os sons e as ações da história, que se integram na representação da história reinventada. Tudo isto é proposto na primeira sessão.

- Na 2.^a sessão são construídas as personagens, que são transformadas em fantoches. Os fantoches propostos para este grupo são os fantoches de cartucho e as sombras chinesas. São ainda lembrados os locais da história e iniciada a construção do cenário com recurso à técnica da pintura com lápis de cor.

- Na 3.^a sessão é concluída a construção do cenário, com recurso a técnicas como o recorte e a colagem, e realizada a sonoplastia da história. De seguida, é feito um jogo

de sons, que resulta na realização dos sons a utilizar na recriação da história. Estes sons são ritmos criados com recurso à voz, ao corpo e à utilização de objetos / embalagens reaproveitados.

- Na 4.^a sessão é feito o ensaio da apresentação da história construída, tendo em conta a integração dos elementos construídos até então.

Ao **grupo 3**, à turma do 3.^o ano coube dinamizar a história “A Herança de D. Filipa e D. João I”, realizando a seguinte sequência:

- Na 1.^a sessão são apresentadas várias histórias da autora e lida, de uma forma animada, a história “A Herança de D. Filipa e D. João I”. Anima-se a história com recurso ao fantoche “Maria Historieta”, a sons e objetos e à utilização de vozes diferentes para as falas de cada personagem. Segue-se um pequeno jogo de identificação das personagens e contextos (ano/locais onde se passa a história) e uma conversa que determina a recriação da história. Nesta sessão o grupo altera o final da história. Nas seguintes recria as personagens através dos fantoches, os espaços, os sons e as ações da história, que se integram na representação da história reinventada. Tudo isto é proposto na primeira sessão.

- Na 2.^a sessão são construídas as personagens, que são transformadas em fantoches. Os fantoches propostos para este grupo são os fantoches de rolo de papel de cozinha / caixa do leite. São ainda lembrados os locais da história e iniciada a construção do cenário com recurso à técnica da pintura com guaches.

- Na 3.^a sessão é concluída a construção do cenário, com recurso a técnicas como o recorte e a colagem, e realizada a sonoplastia da história. De seguida são compostas pequenas melodias feitas com recurso a escalas pentatónicas (escalas compostas por 5 tons), a utilizar na recriação da história.

- Na 4.^a sessão é feito o ensaio da apresentação da história construída, tendo em conta a integração dos elementos construídos até então.

Ao **grupo 4**, à turma no 4.^o ano coube recriar a história “D. Dinis, o rei que fez tudo quanto quis”, realizando a seguinte sequência:

- Na 1.ª sessão são apresentadas várias histórias da autora e lida, de uma forma animada, a história “D. Dinis, o rei que fez tudo quanto quis”. Anima-se a história com recurso ao fantoche “Maria Historieta”, a sons e objetos e à utilização de vozes diferentes para as falas de cada personagem. Segue-se um pequeno jogo de identificação das personagens e contextos (ano/locais onde se passa a história) e uma conversa que determina a recriação da história. Nesta sessão o grupo altera o contexto da história. Nas seguintes recria as personagens através dos fantoches, os espaços, os sons e as ações da história, que se integram na representação da história reinventada. Tudo isto é proposto na primeira sessão.

- Na 2.ª sessão são construídas as personagens, que são transformadas em fantoches. Os fantoches propostos para este grupo são os fantoches de meia. São ainda lembrados os locais da história e iniciada a construção do cenário com recurso à técnica da pintura com guaches.

- Na 3.ª sessão é concluída a construção do cenário, com recurso a técnicas como o recorte e a colagem, e realizada a sonoplastia da história. De seguida são compostas pequenas melodias feitas com recurso a escalas pentatónicas (escalas compostas por 5 tons) e ritmos feitos com a voz e o corpo, a utilizar na recriação da história.

- Na 4.ª sessão é feito o ensaio da apresentação da história construída, tendo em conta a integração dos elementos construídos até então.

A 5.ª sessão é realizada com **todos os grupos** envolvidos no projeto e conta com a representação das histórias recriadas pelos grupos. Este trabalho será apresentado às turmas e professores envolvidos, aos coordenadores da escola e biblioteca escolar e municipal e à escritora Vanda Furtado Marques.

Para planificar todas as atividades foram utilizadas grelhas de planificação das sessões (ver Anexo 2), que continham, a data, hora, número de crianças, local e duração da sessão, a lista e duração das atividades, quais eram as linguagens artísticas utilizadas, a descrição ou desenvolvimento da sessão, os seus objetivos, quais os recursos materiais a utilizar e quais eram as técnicas e instrumentos de recolha de dados a adotar na sessão.

3.3. IMPLEMENTAÇÃO

O projeto de investigação foi implementado entre o dia 23 de janeiro e o dia 29 de março de 2019, contando, por norma, com 2 sessões por semana.

Pretende-se neste ponto falar acerca das atividades que foram efetivamente concretizadas.

A 1.^a sessão decorreu tal como estava planeada com todas as turmas. Houve a apresentação de toda a turma e animadora, existiu uma breve exposição sobre a escritora e sobre os seus livros, sobretudo os que foram explorados ao longo do projeto, foi realizada a leitura animada da história, o jogo “Quem é e onde está?” (jogo de identificação de personagens e contextos) e a reinvenção da história, sendo que o 1.º ano teve de introduzir uma personagem, o 2.º ano mudou a atitude de uma personagem, o 3.º ano alterou do final da história e o 4.º ano modificou todos os locais da história. Durante todas as primeiras sessões esteve presente um fantoche de meia, apelidado de “Maria Historieta” que interagiu com as crianças.



Figura 1 - Apresentação

reinvencção da história, sendo que o 1.º ano teve de introduzir uma personagem, o 2.º ano mudou a atitude de uma personagem, o 3.º ano alterou do final da história e o 4.º ano modificou todos os locais da história. Durante todas as primeiras sessões esteve presente um fantoche de meia, apelidado de “Maria Historieta” que interagiu com as crianças.



Figura 2 - Jogo "Quem é quem e onde está?"

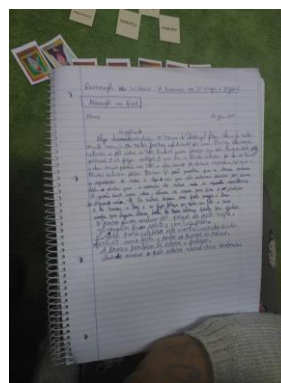


Figura 3 – Reinvenção da história

A 2.^a sessão já não decorreu tal como planeado. Apenas a turma do 2.^o ano



Figura 4 - Construção dos fantoches (turma 2)

(turma 2) conseguiu terminar os fantoches, todas as outras tiveram de terminá-los na 3.^a sessão. Ainda assim a turma em questão não realizou as sombras chinesas, uma vez que não havia material adequado para se conseguir ensaiar e representar. Assim sendo, a

investigadora optou por não dinamizar a construção das sombras chinesas.

Apesar de a maior parte dos grupos não terem terminado os fantoches, tudo o que estava planeado até esse ponto foi realizado, isto é, foram lembradas a história e as suas personagens, em seguida houve um sorteio em que cada criança tinha de escolher uma carta que lhe desvendava qual a personagem da história que ia interpretar e, no final, foram construídos (ou começados) os fantoches.



Figura 5 – Relembrou-se as histórias e as suas personagens (turma 1)



Figura 6 - Construção dos fantoches (turma 3)

Na 3.^a sessão aconteceu a mesma coisa, ou seja, o que estava inicialmente planeado não foi completamente realizado, no que diz respeito à turma do 4.^o ano, que precisou de mais 1 hora para que a turma conseguisse construir os cenários da sua história. O que se pensava realizar era a construção do cenário e a sonorização da história, mas apenas se conseguiram terminar os fantoches, conversar acerca dos locais e contextos existentes na história, encolhendo os mais importantes para retratar nos cenários e proceder à sua construção, tendo em conta as técnicas de pintura com guaches, recorte e colagem. Ficaram apenas por colar as aplicações nos cenários, dado

que estes tinham ainda a tinta em fase de secagem. Todas as turmas conseguiram terminar os cenários, à exceção do 4.º ano, que tinha uns fantoches mais elaborados e por isso não ter conseguido avançar com o cenário nas primeiras duas horas da sessão.



Figura 7 - Construção dos fantoches (turma 4)

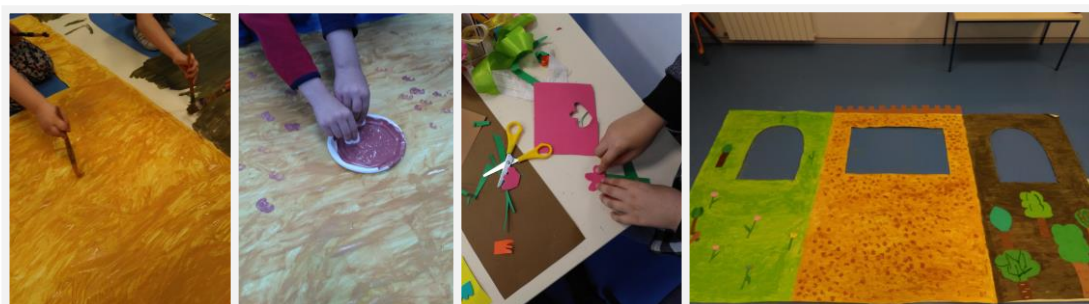


Figura 8 - Construção dos cenários

Na 4.ª sessão era previsto fazer-se apenas o ensaio, mas, pelo facto de, em quase todas as sessões, se ter deixado algo por fazer, houve a criação da sonoplastia da história e em seguida o ensaio. Relativamente à questão da sonoplastia, houve algumas alterações quanto às atividades programadas. As turmas dos 1.º e 2.º anos criaram os sons como estava estipulado, no caso do 1.º ano com ritmos feitos através da voz e do corpo, e no caso do 2.º ano com ritmos realizados através da voz, do corpo e da utilização de objetos reciclados. Em relação às turmas dos 3.º e 4.º anos houve alterações relativamente ao que foi previsto na planificação. Para as duas turmas estava pensado fazerem-se pequenas melodias criadas com recurso a escalas pentatónicas, mas, ao longo das sessões, a investigadora foi-se apercebendo que as crianças não estavam preparadas para utilizar estas escalas e, além disso, o tempo era escasso para se poder ensaiar algo deste género. Assim sendo, pensou-se num segundo plano adequado às crianças e ao tempo. O 3.º ano criou a sonoplastia da mesma forma que o 2.º, ou seja, com ritmos realizados através da voz, do corpo e da utilização de objetos / embalagens

reaproveitadas e o 4.º ano gerou-a através de ritmos realizados com instrumentos musicais e com a criação de 2 compassos quaternários.



Figura 9 - Criação da sonoplastia

Após a sonoplastia criada pudemos então ensaiar a representação das histórias, recorrendo a todas as linguagens e materiais artísticos produzidos ao longo do projeto, tal como estava planificado. Para quase todas as turmas este ensaio não foi o suficiente, pelo que foi combinada mais 1 hora de ensaios para as turmas dos 1.º, 3.º e 4.º anos.



Figura 10 - Ensaios

Na 5.ª sessão, além da representação final, houve o ensaio geral com todas as turmas, da parte da manhã, já no local onde esta ia acontecer – a sala polivalente.

Na altura da representação estiveram presentes as turmas e professoras envolvidas, as Coordenadoras da Escola e Biblioteca escolar, as restantes professoras da biblioteca, a escritora Vanda Furtado Marques e uma das orientadoras do projeto.



Figura 11 - Representação final na sala polivalente

3.4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Com o desenrolar do projeto foram várias as atividades realizadas e as experiências e aprendizagens que resultaram das sessões dinamizadas.

Para mais facilmente serem apresentados e discutidos os resultados foram analisados os dados registados através do diário de bordo, das transcrições das entrevistas, das grelhas de observação sistemática e dos registos fotográficos. Tomaram-se como categorias de análise as dimensões contempladas nas grelhas de observação sistemática, nomeadamente a **participação / cooperação**, as **aprendizagens no âmbito das linguagens artísticas**, as **aprendizagens no âmbito das outras áreas curriculares do 1.º Ciclo**, e a **criatividade**. Nesta análise são referidos os alunos com necessidades educativas especiais que foram incluídos nas experiências propostas sempre que podiam estar presentes.

Apresentam-se em seguida as evidências mais significativas que representam o que se alcançou em relação às dimensões contempladas nas categorias.

3.4.1. PARTICIPAÇÃO / COOPERAÇÃO

A participação ativa, isto é o interesse, a motivação e o entusiasmo foram atitudes notadas logo desde a 1.ª sessão com todas as turmas. Todas elas participaram com motivação e entusiasmo nas atividades propostas.

Sempre se notou que, quando chegavam à sala, os alunos vinham entusiasmados e curiosos para saber o que iriam realizar e, quando voltavam para a sua sala, nesse ou no dia seguinte, falavam do projeto, do que tinha sido feito e perspetivavam o que se iria fazer em seguida, como nos confidenciou e confirmou na entrevista a Professora D: *“eles não se esqueciam nunca (...) do projeto nem do calendário que tinha sido estipulado, portanto eles estavam à espera, à espera mesmo com uma certa ansiedade e vontade (...)*

(Depois das sessões) Eles vinham (...) calmos e muitas vezes davam dicas para, durante a semana, o que é que poderíamos avançar, por exemplo “professora já temos flores suficientes? Poderemos fazer mais?”, (...) não se esqueciam daquilo que tínhamos ainda a fazer. Na parte em que eles tinham (...) de decorar os textos, quando acabavam as tarefas do dia a dia, pediam-me se podiam ir buscar as folhinhas para ir estudar as falas, estudar o texto, portanto isso demonstra que realmente estavam com bastante interesse.”

A esse respeito, a professora B acrescentou ainda que *“sentia-os (...) já com ideias para o que iriam fazer a seguir e hipóteses, portanto, continuavam naquele registo. Depois era um bocado difícil captá-los para outro tipo de atividades porque, não pela negativa, mas pela vontade de querer continuar”*.

Para todos eles não havia problema se a sessão se prolongava mais um pouco, pois como a Professora B afirmou, *“Eles achavam sempre pouco e não ficavam sequer aborrecidos por, muitas vezes, ter-lhes sido roubado um bocadinho do intervalo, muito pelo contrário, eles ficavam sempre, eles queriam era acabar, e arrumar e organizar”*.

Pelo que se apurou nas entrevistas, praticamente todos os alunos e professores expressaram o desejo de continuar o projeto para o próximo ano, como se pode observar nos seguintes excertos: *“pode voltar para o ano. Se eu cá estiver terei muito gosto em trabalhar consigo”* (Professora A); *“estavam sempre ansiosos pela parte seguinte e acharam até que deveria continuar, tanto que teve há pouco um exemplo disso. Para o ano querem outra vez que venha fazer o projeto”* (Professora B).

Todos os gráficos apresentados em seguida foram realizados com os dados retirados das grelhas de observação sistemática (Anexo 4). Para estes gráficos foi estabelecida uma escala numérica de 1 a 10 que serviu para avaliar os comportamentos dos alunos.

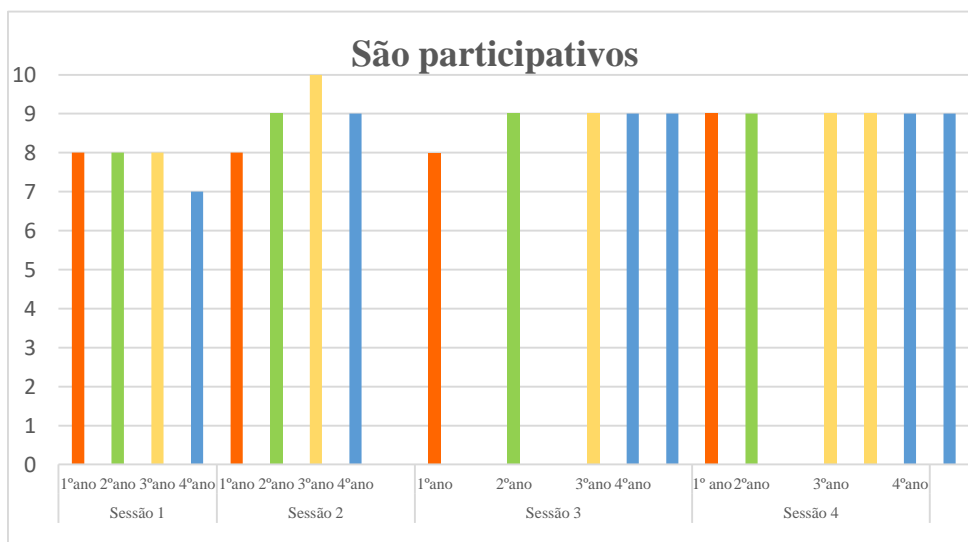


Gráfico 1 - Participação das turmas ao longo das sessões

Neste gráfico pode observar-se que a nível de participação as turmas mantiveram-se equilibradas ao longo de todas as sessões, sendo que é a partir da 2.^a sessão que os resultados se mantêm, por já terem conseguido construir uma relação de confiança com a investigadora /animadora.

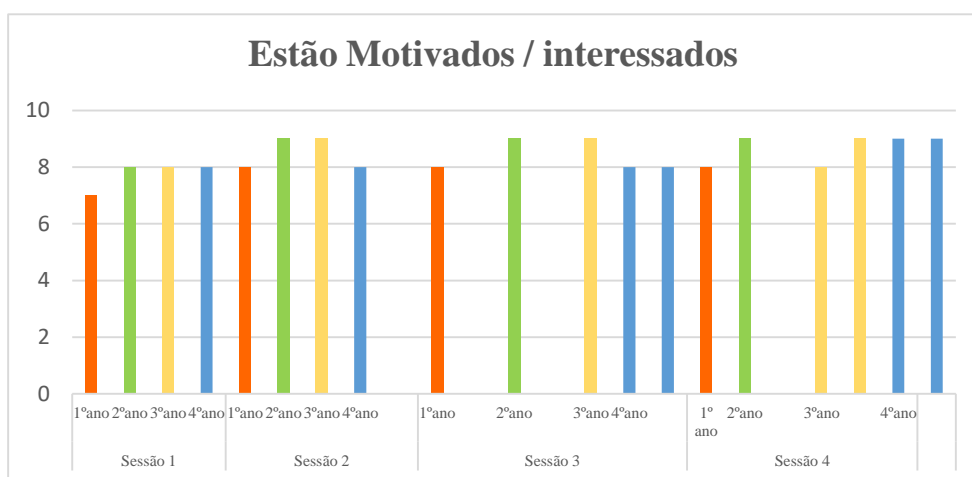


Gráfico 2 - Motivação / Interesse nas sessões

Já neste gráfico, relativo à motivação e interesse, pode perceber-se que apenas a turma do 1.º ano não demonstrou tanta motivação, uma vez que não conseguiu distinguir os momentos de brincadeira e os momentos que exigiam maior concentração porque, como justifica a professora desta turma, “*como era um projeto que apelava à*

criatividade, a que eles fossem expansivos, tudo isso levou a que eles percebessem “ah, se calhar estamos aqui para brincar e não estamos aqui para levar isto muito a sério” (...). Tiveram a dificuldade em fazer a diferenciação entre o que é trabalhar e o que era o projeto e o que é a brincadeira.” (Professora A).

Relativamente às outras turmas, todas demonstraram interesse no projeto como se pode perceber nos excertos das entrevistas transcritos em seguida.

“Elas falavam muitas vezes das histórias que andavam a ouvir e que depois andavam a dramatizar. E também gostavam muito da expressão plástica, dos materiais que faziam para depois fazerem a apresentação e o teatrinho. Muito, muito envolvidos e muito contentes e felizes” (Coordenadora da Escola).

“As crianças pediam muito para requisitar o livro que estavam a ler, entusiasmaram-se muito com isso e por acaso eles diziam porquê, “ah, porque estamos a trabalhar”, até os próprios colegas gostavam de levar o livro, colegas de outras turmas” (Professora Bibliotecária).

Neste último excerto percebe-se que os alunos estavam tão motivados que partilharam com colegas de outras turmas o que estavam a fazer no projeto. Estes, por sua vez, ficaram curiosos e quiseram conhecer também as histórias, requisitando-as.

Desenvolveram ainda algumas competências como o espírito de equipa e de ajuda. A questão de se sentirem mais à vontade perante os outros também foi sentida, até mesmo para o aluno com Perturbação do Espectro do Autismo, que conseguiu realizar mais positivamente algumas atividades artísticas que em momentos anteriores ao projeto. Em relação a este assunto, a Professora B refere que *“É engraçado que esse menino, que raramente participava ou participava muito pouco, dos 3, (...) os outros eram muito caladinhos, mas ele foi o único que falou, portanto os outros faziam gestos, eles também fazia, nós alertámos para que tinham de falar e ele foi o único que falou portanto (...) houve uma evolução em termos de maior à vontade de estar perante os outros, por fazer coisas, por inventar”.*

Na Tabela 2 apresentam-se ainda outras evidências que se consideram representativas das atitudes de participação e cooperação que os alunos demonstraram.

Tipo de registo	Evidências
Entrevista às professoras	<p>“Dentro da sala de aula, de vez em quando, falava-se do projeto. Eles lembravam-se. “Olha, hoje vamos fazer os fantoches” ou assim, eles de vez em quando falavam do assunto”</p> <p>“Sentia-os entusiasmados e percebeu isso, quando agora chegou à sala e eles foram ter consigo como se, pronto, foi também uma professora, foi alguém que trouxe algo de diferente para a turma e daí eles estarem sempre ansiosos, mesmo na semana em que não havia o projeto, eles naquele dia perguntavam “hoje não é o dia de irmos para o projeto? Hoje não é o dia de irmos para aquela sala? Não filhos, é só para a próxima semana,” portanto a ansiedade foi sempre uma ansiedade positiva, portanto uma ansiedade de excitação, de alegria, de vontade”</p> <p>“eu penso que a postura deles foi sempre de excitação e ao mesmo tempo satisfação por ir fazer, o que é que se segue? e o que é que vem agora?, não é? Surpresa (...) estavam sempre ansiosos pela parte seguinte e acharam até que deveria continuar, tanto que teve há pouco um exemplo disso. Para o ano querem outra vez, que venha fazer o projeto por isso é lógico que a postura deles foi sempre de alegria, de satisfação, de vontade de participar e pronto também aprenderam coisas”</p> <p>“muitas vezes até já se terminou depois das 17:00h, não é, embora eles verbalizassem sempre no dia a seguir que tinham gostado, pronto e que tinham gostado da atividade”</p> <p>“eu acho que aquelas atividades em que eles estiveram mais entusiasmados, foi na parte da construção dos fantoches ... porque a sessão terminava às 17:00h e eles continuavam até às 17:15h ou mais ... E continuariam, sem a menor dúvida ...”</p> <p>“Gostam muito da parte dramática, teatral, (...) portanto essa parte foi muito motivadora, a parte dos fantoches”</p> <p>“uma das figuras principais adoeceu e depois veio ainda com febre para poder representar e para não deixar o grupo. E veio só à tarde com medicação para poder representar, exato, a mãe telefonou-me e falou-me “esteja descansada que ela vai estar, embora esteja cheia de febre e a vomitar”, portanto daí vê-se também o interesse por parte dos pais e encarregados de educação”</p> <p>“Elas falavam muitas vezes das histórias que andavam a ouvir e que depois andavam a dramatizar. E também gostavam muito da expressão plástica, dos materiais que faziam para depois fazerem a apresentação e o teatrinho. Muito, muito envolvidos e muito contentes e felizes”</p>
Diário de bordo	<p>“As crianças estavam bastante empenhadas e com vontade de aprender e realizar as atividades”</p> <p>“As crianças adoraram esse jogo e não tiveram dificuldade alguma em identificar as personagens.” (Jogo “Quem é quem e onde está?”)</p> <p>“As crianças estavam motivadas e alegres ao fazerem e criarem o seu fantoche.”</p> <p>“A campanha tocou às 17:00h, mas a maior parte das crianças quis ficar a continuar a realizar o fantoche. Só às 17:15h é que consegui que todas as crianças parassem os seus trabalhos”</p> <p>“Algumas crianças, depois de o construírem (o fantoche), foram experimentá-lo e divertiram-se a manipulá-lo.”</p> <p>“As crianças conseguiram concluir os fantoches e pintar a base do cenário. Gostaram especialmente desta última parte, pois estavam a trabalhar com um material que, usualmente, não contactam, e percebia-se que estavam contentes a pintar o cenário”</p> <p>“As crianças demonstravam-se interessadas e motivadas em aprender e querer fazer melhor. Todas queriam fazer sons ou ajudar quando era necessário. Ficaram muito entusiasmadas com os compassos quaternários”</p> <p>“As crianças estavam empenhadas em fazer o melhor que podiam para que o ensaio fosse bem aproveitado, ficando assim bem preparadas para apresentar a representação da história que tinham reinventado”</p> <p>“As crianças estavam atentas, participativas e queriam ensaiar os sons, experimentando várias formas de os fazer”</p> <p>“Respeitaram as características das personagens que iriam representar”</p> <p>“As crianças tinham conseguido decorar as mudanças de cenário”</p> <p>- Expressões ditas pelas crianças: “Prometo ser um bom narrador;” “Gosto muito das atividades que fazes connosco”</p>

Tabela 2 – Evidências relativas à participação e cooperação

Em síntese, constatou-se que ao longo do projeto foram muitas as formas em que os alunos evidenciaram o seu envolvimento, pois falavam das suas experiências noutros contextos (durante as aulas, em casa com a família, na escola com outros colegas), revelando o seu sentido de pertença àquilo que estava a ser construído, fazendo referências positivas à sua participação e à dos seus pares. Podemos considerar que, no que respeita à *participação e cooperação*, se concretiza em pleno o que refere Sousa (2017a) quando defende que “Mais importante do que «aprender», «conhecer» e «saber»; é o vivenciar, descobrir, criar e sentir”. (p.63).

3.4.2. APRENDIZAGENS

Os dados recolhidos indicam que os alunos adquiriram diversas aprendizagens ao longo do projeto. Na análise considerou-se que estas se dividiam em duas vertentes: no âmbito das linguagens artísticas e no âmbito das outras áreas curriculares do 1.º Ciclo, para além das que contemplam as expressões artísticas.

Aprendizagens no âmbito das linguagens artísticas

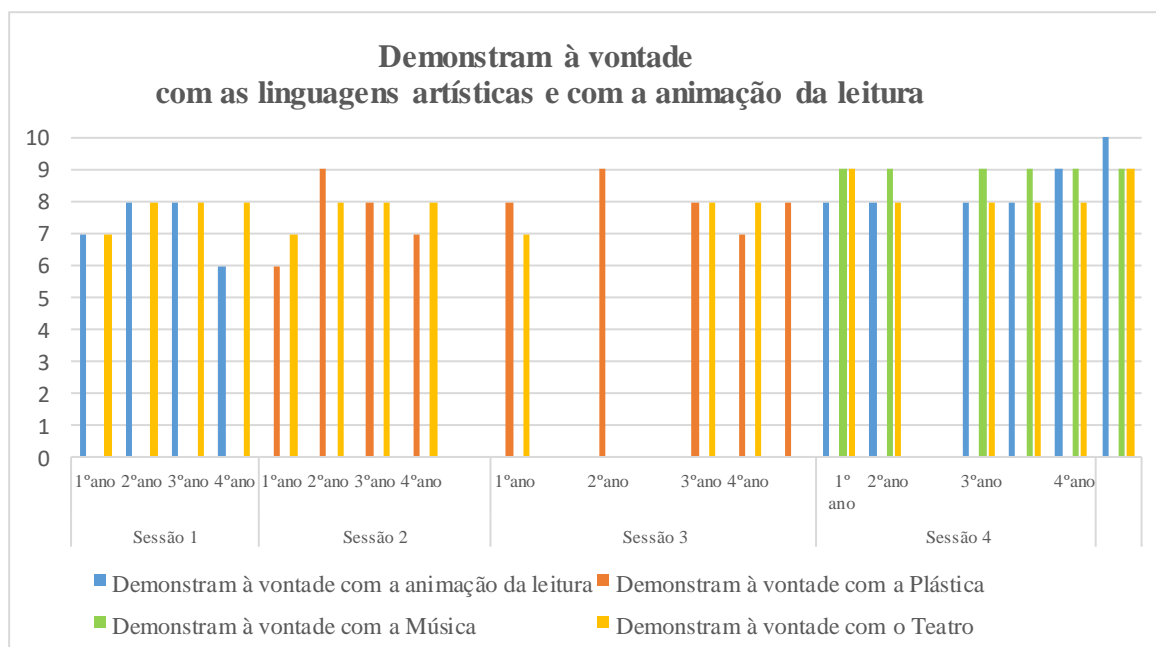


Gráfico 3 – Demonstram à vontade com as linguagens artísticas e com a animação da leitura

Ao analisar-se este gráfico, que representa a avaliação que a investigadora fez aquando a realização das sessões, compreende-se que as linguagens artísticas em que as turmas se sentiram mais capacitadas foram a plástica e a música e, com o decorrer do projeto notou-se a evolução de algumas turmas relativamente ao teatro. Relativamente ao modo como se envolveram na parte da animação da leitura, também vimos evolução nos resultados.

Os dados recolhidos evidenciam que o projeto trouxe aos alunos a oportunidade de usarem os elementos que caracterizam cada uma das linguagens artísticas em novas experiências. Para alguns, foi a primeira vez que construíram e manipularam um fantoche; outros contactaram com novos materiais e formas de os utilizar; para todos, a oportunidade de construir algo integrador de tantos elementos diferentes (fantoche, cenário, voz, corpo em movimento, som), que requeria o envolvimento individual para uma construção coletiva, foi a aprendizagem mais relevante.

As entrevistas realizadas às professoras trouxeram uma perceção mais fidedigna das aprendizagens construídas pelos alunos. Todas referiram que as suas turmas aprenderam ou foram alertadas para algo novo e sublinharam que os alunos estão mais à vontade para trabalhar algumas linguagens artísticas, principalmente a expressão plástica e o teatro.

A professora do 4.º ano explicou que os alunos trabalharam técnicas novas das várias linguagens artísticas; a do 1.º ano sublinhou que os alunos experimentaram uma dinâmica diferente da utilizada em aula; e a professora do 2.º ano acrescentou que os seus alunos aprenderam diversas técnicas relacionadas com a plástica e o teatro e, também, que aprenderam a ser mais autónomos e criativos. Diz-nos: *“Não trabalho muito com tintas, com colas muito complicadas, com materiais muito complicados para eles, pronto. E nesse aspeto eu acho que foi extremamente positivo e eles agora já se habituaram a pegar. Pegam no material e colam, de vez em quando despejam a cola mas pronto, a cola tudo. Alguns já se habituaram a dosear, a perceber que tem que se meter ali naquele sítio e depois é que se põe o material e não no material dependendo, portanto a diferenciar os materiais”*(Professora B).

Tanto para o grupo como para as professoras, o projeto trouxe novas experiências, uma vez que ficaram a saber utilizar algumas técnicas e práticas que não

tinham sido abordadas. A este respeito, as Professoras B e D contam que *“para mim foi espetacular porque foi recordar, não é que eu não soubesse que se podia fazer assim também, mas muitas vezes nós caímos numa rotina e isto veio aqui voltar a reavivar aquilo que eu já cheguei a fazer em tempos”* (Professora B); *“o projeto veio-me mostrar que afinal é bastante fácil, pegarmos num livrinho...(risos)...ainda que não seja modificar os locais da cena, podemos modificar outra coisa qualquer”* (Professora D).

O envolvimento das professoras em todo o processo permitiu-lhes reconhecer como efetivamente se pode colocar em prática um projeto que pode estimular os alunos para a leitura e exploração de obras de uma forma um pouco diferente do que é habitual. Uma das professoras referiu que o projeto a fez mudar de atitudes perante a maneira como dinamizava a expressão plástica em aula e todas elas referiram que pensam vir a promover atividades idênticas às do projeto no próximo ano letivo. As entrevistadas apontaram também alguns dos impedimentos que têm no quotidiano e que não lhes permitem proporcionar aos alunos atividades de expressão artística de uma forma mais regular – o tempo é escasso e o currículo muito extenso; as atividades precisam de um espaço adequado para a sua realização, que nem sempre é possível ter; a alteração significativa dos espaços que alguns tipos de atividades exigem.

Em seguida apresentam-se mais algumas evidências que destacam aprendizagens relativas ao uso das linguagens artísticas (ver Tabela 3).

Tipo de registo	Evidências
Entrevista às professoras	<p>“eu acho que eles aprenderam um bocadinho de tudo”</p> <p>“Depois desenvolveu também e espírito de equipa, o espírito de entreatajuda, portanto desenvolveu muitos competências nos alunos”</p> <p>“houve uma evolução em termos de maior à vontade de estar perante os outros, por fazer coisas, por inventar e não se rir, e não ficar ali, pronto, quando têm de fazer coisas às vezes um bocadinho...”</p> <p>“Aprenderam a recriar no fundo histórias, que as histórias podem ter outros finais (...) aprenderam também a nível da plástica, eu acho que foi, a plástica e também no drama porque alguns estavam muito retidos”</p> <p>“eles agora começaram a perceber que a dramatização ou dramatizar uma cena é uma coisa normal, que faz parte e que ninguém se vai rir, ou eles não têm de ter vergonha. Se não sair muito bem têm de treinar até sair. E também que quando não conseguem de uma forma que não é preciso ser textual, que podem também improvisar, dar também um bocadinho de liberdade à improvisação que foi o que aconteceu muitas vezes”</p> <p>“o tentar encontrar o som apropriado também foi muito importante”</p> <p>“talvez um bocadinho mais autónomos (...) talvez na parte da expressão plástica eu note assim uma melhoria”</p> <p>“A parte dos fantoches, essa parte eu ainda não tinha trabalhado com eles, embora no 1.º ano tivéssemos feito uma atividade assim ligeira com a representação de uma personagem com um fantoche, só. Agora assim uma história com todas as personagens serem representadas por fantoches ainda não tinha feito. Pintar cenários também não, não tínhamos feito”</p>
Diário de bordo	<p>“Compasso quaternário – “As duas crianças que iriam tocar este compasso tocaram-no 3 vezes para que ficasse ensaiado. As outras crianças tiveram de ensaiar 5 vezes pois, inicialmente estavam com dificuldades no tempo. Eu sugeri contarem até 4 e depois voltarem a tocar, e a partir daí começou a correr melhor”</p>

Tabela 3 – Evidências relativas às aprendizagens no âmbito das linguagens artísticas

Aprendizagens no âmbito das outras áreas curriculares do 1.º Ciclo

Relativamente às aprendizagens construídas no âmbito das outras áreas curriculares do 1.º Ciclo, os alunos em diversas situações mobilizaram conhecimentos da Matemática, do Estudo do Meio, do Português e da área transversal de Cidadania e Desenvolvimento. Um dos conteúdos mais evidentes, que os alunos ficaram a conhecer ou que relembrou, foram os momentos e figuras da História de Portugal. Como afirma a Professora C, *“ficaram com alguma noção da história, da (...) História de Portugal (...) Penso que ficaram um bocadinho mais sensibilizados se calhar para a parte da História de Portugal”*.

A leitura dos alunos melhorou pois a Professora B refere que se nota *“na leitura deles uma maior competência, no grande grupo”* e *“ficaram com uma ideia de que um livro e de que ler pode ser uma coisa divertida, e nós podemos dar várias*

interpretações àquele livro”. A Professora Bibliotecária acrescenta *“Eu acho que é um projeto que tem sucesso para a leitura e a compreensão das obras”*.

Ao longo do projeto, os alunos mobilizaram conhecimentos da área da Matemática sempre que era necessário, no contexto da realização das experiências, fazer contagens, fazer medições, identificar relações de grandeza, identificar e nomear figuras geométricas, organizar elementos, entre outros aspetos que surgiam integrados nas próprias experiências.

Além disso, como fez lembrar a Professora Coordenadora da Escola, este projeto deu-lhes a oportunidade de serem atores, ao invés de habituais espetadores, pois *“eles estão habituados a ir ver um teatro, não a ser eles os atores, e então ao estarem no papel de ator, eu acho que foi muito bom e fez sentido”*.

No que diz respeito ao trabalho individual e em pequeno ou grande grupo todos os alunos das turmas, à exceção da turma do 1.º ano, souberam respeitá-lo. A este respeito, a professora B refere que lhes desenvolveu *“muitas competências a nível social, a nível de autonomia, a nível de partilha, de respeito pelo outro, muitos valores importantes”* e acrescenta que o projeto *“ajudou ao seu auto-controlo, ao respeito pelo outro, ao respeito pela pessoa que estava, uma pessoa vinda de fora, também é sempre uma novidade”*.

Tipo de registo	Evidências
Entrevista às professoras	<p>“Foi um projeto que...acabou por cativar e dar uma certa dinâmica à turma que eles desconheciam”</p> <p>“começam a perceber que quanto mais eles lêem mais importante é”</p> <p>“E aprendiam muito mais tudo porque sendo temas históricos, da nossa história era uma forma lúdica de eles aprenderem coisas que às vezes não é muito fácil serem ensinadas e aprendidas por eles. De certa forma os do 4.º ano já deram, mas os do 1.º, 2.º e 3.º ainda não e ficaram um pouco mais sensibilizados já para esta questão da História de Portugal”</p> <p>“eu acho que isto é fundamental nas crianças, para compreender uma obra eles perceberem que não é só a ler e a escrever, há outra vertente também.”</p> <p>“há outras formas de explorar as histórias além da leitura”</p> <p>“sim até porque eles foram atores mas foram espetadores porque eles viam o que os outros faziam, o que as outras turmas estavam a fazer”</p>

Tabela 4 – Evidências relativas às aprendizagens no âmbito das outras áreas curriculares do 1.º Ciclo

Terminando esta análise, no que diz respeito às aprendizagens, os dados recolhidos através das entrevistas às professoras, indicam que estas reconhecem o seu interesse e importância, pela sua conceção, facilitadora da articulação de vários saberes, pela sua organização e estrutura, sendo assim uma mais valia para o trabalho dos alunos e dos docentes. O desenvolvimento de experiências com as várias linguagens artísticas em articulação com a leitura de histórias infantis, com uma visão de unidade, permitiu aos alunos viver uma experiência integradora, dinâmica, onde puderam desenvolver competências e conhecimentos de cidadania – pelas oportunidades de desenvolverem atitudes de desenvolvimento pessoal e social e por conhecerem mais sobre a História do seu país e do meio onde vivem.

3.4.3. CRIATIVIDADE

Os dados recolhidos evidenciam, de diversos modos, como os alunos vivenciaram o processo criativo.

As propostas apresentadas eram, em geral, facilitadoras do desenvolvimento do pensamento divergente, ou seja, eram múltiplas e infinitas as formas de dar solução aos diferentes desafios, quer fosse a criar com a linguagem plástica, com os sons, com a voz, com o movimento, através de novos desenvolvimentos para as histórias, entre outros aspetos. A reinvenção de partes das histórias (introdução de uma personagem, alteração da atitude de uma personagem, alteração do final da história e alteração dos contextos da história) constituiu-se como um forte estímulo para a criatividade. Alguns registos do diário de bordo testemunham especificidades do processo de criar neste momento do projeto, por exemplo: *“Aos poucos fomos reinventando a história, sempre com muitas ideias, entusiasmo e criatividade por parte das crianças.”* e *“Por vezes tínhamos de parar para perceber qual seria a ideia que iria dar uma continuação mais interessante à história.”*

Também na construção dos fantoches e na criação da sonoplastia das histórias esse estímulo criativo existiu, como se pode observar em alguns excertos do diário de bordo, como por exemplo: *“A partir daí começaram a criar por eles. Utilizaram maioritariamente os tecidos, por ser um material pouco utilizado na escola, e fitas de*

cetim, botões, missangas, furinhos... criaram e usaram a criatividade livremente e sem restrições” e “A criatividade foi o mote para fantoches muito originais”.

“As crianças estavam fascinadas e todas queriam experimentar a inventar sons” e “Senti-os bastante interessados em querer participar, sobretudo nas atividades de música, pois todos queriam experimentar os objetos e inventar sons”.

As professoras referiram que as linguagens artísticas em que estas os notaram mais disponíveis e imaginativos foram a linguagem plástica e o teatro. A Professora A nota-os *“mais criativos, no sentido em que alguns já se notam mais autónomos para desenvolver determinadas atividades, nomeadamente no campo da plástica, do teatro e dramatização”.* A Professora C também refere que *“na plástica eu noto um bocadinho mais à vontade, mais sugestões da parte deles.”* A Professora B acrescenta que *“quando vem uma tarefa deste género ou para fazer eles já começam a ser mais criativos, a perceber que não é tudo real, a poderem criar, a poderem inventar outras coisas. Mas irem mais além já”.*

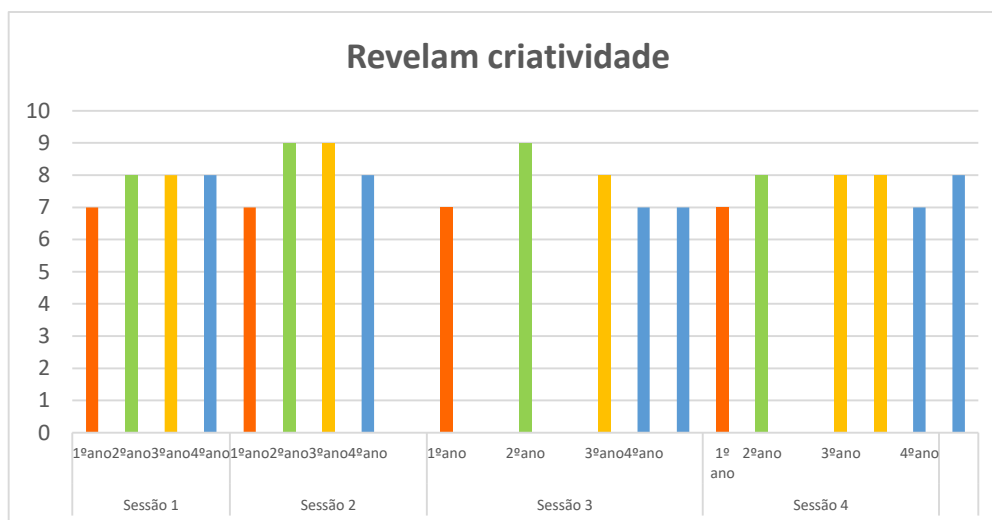


Gráfico 4 - Criatividade

Considera-se importante referir que os alunos tiveram total liberdade para realizar as atividades e trabalharem da forma que quisessem, desde que não prejudicassem os outros. Numa das sessões, relativa à construção dos fantoches, podiam observar-se alunos a trabalharem em cima das mesas, outros em cima das cadeiras e havia ainda uma grande parte deles sentados no chão, com os materiais de que necessitavam por perto. Eles é que se começaram a sentar espontaneamente no chão

para trabalhar, conseguindo “quebrar as regras da escola” e colocar-se como se sentiam mais à vontade.

Tipo de registo	Evidências
Entrevista às professoras	<p>“foi bom para podermos desenvolver outra parte da criatividade deles” (o projeto)</p> <p>“Sim, tenho aqui alguns elementos que sim. Estão mais disponíveis e mais criativos”</p> <p>“eu acho que mudaram a sua atitude perante, a nível de, por exemplo, quando nós pedimos para recontar histórias, quando se pede até para dramatizar pequeninas situações dentro da sala de aula. Muitos estão mais participativos e querem participar e mesmo a nível do desenho também noto que alguns já são mais cuidadosos a completar desenhos”</p> <p>“acho que o nosso tigre até foi assim um elemento, engraçado da história (...) eles foram bastante criativos, acabou por dar assim uma certa originalidade à história”</p> <p>“este projeto foi também para mim e para a turma, foi uma escapatória um bocadinho, foi bom para podermos desenvolver outra parte da criatividade deles”</p> <p>“para além da parte plástica, da parte do português, da organização de ideias, etc. Portanto, tudo isso da criatividade e da imaginação”</p> <p>“houve uma evolução em termos de maior à vontade de estar perante os outros, por fazer coisas, por inventar e não se rir, e não ficar ali, pronto, quando têm de fazer coisas às vezes um bocadinho...”</p> <p>“acho que eles ficam muito entusiasmados e, de facto, aquilo apela à parte da criatividade deles”</p> <p>“mais criativas ainda. Ou seja, o projeto contribuiu e melhorou. melhorou a criatividade, sim, sim, sim. Agora os frutos também se veem a longo prazo e espero, e estou convencida que vamos realmente notar essa diferença, notar melhoria”</p> <p>“Eles já estão mais aptos para desenvolver determinadas tarefas”</p> <p>“dado que eu tinha sempre muitos materiais e diversos materiais para eles poderem criar à vontade e não lhe dava restrição nenhuma, portanto eles podiam estar sentados numa cadeira como podiam estar deitados no chão, como podiam estar sentados noutra sítio. só por aí a própria criatividade começa a desenvolver-se mais facilmente...”</p> <p>“é, eles ao verem aquilo tudo tinham mesmo de escolher e tinham de imaginar o que é que iam fazer”</p>
Diário de bordo	<p>“Foi uma sessão muito positiva e criativa”</p> <p>“Houve algumas crianças que interferiam e davam várias sugestões para alterar os locais e ações da história, algumas até bastante criativas”</p> <p>“foram elas quem se começaram a sentar espontaneamente no chão para trabalhar. Conseguiram “quebrar as regras da escola” e colocar-se como se sentiam mais à vontade”</p> <p>“Deram sugestões bastante pertinentes para os cenários”</p> <p>“Experimentámos e considerámos que o som era parecido com aquele que queríamos replicar”</p>

Tabela 5 – Evidências relativas à criatividade

Em síntese, os dados recolhidos evidenciam, de diversos modos, como os alunos vivenciaram o processo criativo, pois demonstraram: saber explicar os detalhes de uma ideia; saber propor soluções para os problemas práticos que iam surgindo, que, de acordo com o que a Professora B referiu “*eles próprios serem e arriscarem mais no tipo de materiais e diferenciação de materiais, (...), tampas, caricas eles, eles, eles colocaram caricas (...), colaram vários tipos de papéis, tampas, puseram botões, pronto todos esses materiais*”; juntaram materiais heterogéneos, de um modo novo e original,

para si; e articularam com flexibilidade o seu trabalho com o trabalho do grande grupo, como aconteceu neste momento: *“dei permissão para avançarem com a decoração do fantoche. Cada um teve total liberdade para trabalhar como quisesse. Havia crianças a trabalharem em cima das mesas, outras em cima das cadeiras e uma grande parte sentadas no chão, com os materiais de que necessitava por perto.”* (Diário de Bordo – Anexo 5)

Em suma, os alunos passaram por vários processos criativos, onde tiveram de pensar e criar o produto ou expressão final, assim como Bahia & Nogueira (2005) expõem. Durante esses processos eles inventaram, imaginaram, criaram e como refere Sousa (2017a, p.198) foram capazes “de se ultrapassar a si [mesmos] e de ir além do conhecido” fazendo descobertas e criando coisas novas.

CAPÍTULO 4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste último capítulo do relatório apresenta-se o que foi alcançado com o desenvolvimento do projeto. Para tal, ter-se-á em consideração a questão de investigação e os objetivos formulados inicialmente. Apresentam-se ainda os aspetos que se constituíram como limitações e levantam-se novas questões e propostas para a expansão deste projeto.

A partir das suas pesquisas a investigadora pôde perceber que, no meio escolar, as linguagens artísticas nem sempre são dinamizadas com a frequência com que deveriam e, a este respeito, Caldas & Vasques (2014) afirmam que

As artes, ao contrário do que infortunadamente tem acontecido, têm um relevante papel a desempenhar na formação integral dos indivíduos, contrariando a tão generalizada separação entre as artes e o resto do currículo educativo, usando-as nas nossas escolas, tantas vezes de forma explícita, como uma mera indulgência do prazer, sem o reconhecimento efetivo da sua importância formativa, e tratando-as, neste registo, de forma estreita e dispersa sem captar a importância da unidade das suas diversas expressões. (p.9)

De modo a contribuir para uma resposta a esta necessidade, o projeto, na sua fase de conceção e planeamento, começou a afunilar para esta temática e surgiu o objetivo primordial, que visa *compreender em que medida é que as linguagens artísticas experimentadas pelas crianças, no âmbito da animação da leitura, contribuíram para as suas aprendizagens e para o desenvolvimento da sua criatividade.*

Tendo em conta este objetivo geral, houve a necessidade de formular outros objetivos, os específicos, relativamente aos quais se irá explicitar o que se alcançou com o desenvolvimento do projeto.

Relativamente ao objetivo 1 – *Identificar e fazer sobressair as potencialidades educativas de uma biblioteca na sua relação com um meio escolar* – pode afirmar-se que não foi completamente atingido, uma vez que a Biblioteca Municipal de Alcobaça apenas despoletou o contacto com a escola e com os diversos intervenientes desse contexto, não tendo havido posteriormente um maior envolvimento com esta instituição.

Ainda assim, os alunos contactaram com uma biblioteca – a biblioteca escolar – que acolheu momentos do desenvolvimento do projeto e é um espaço que já estão habituados a frequentar. A natureza das rotinas da escola e os constrangimentos de tempo, espaço, materiais e transportes impediram que houvesse uma articulação plena e desejada com a Biblioteca Municipal. No entanto, esta instituição recebeu a iniciativa na sua fase inicial, concretizando assim a sua missão de ser um recurso pedagógico ao serviço da comunidade e, não deixou de se considerar que «a Biblioteca vai à escola», como é referido no título deste relatório. Foi esta instituição que possibilitou o enquadramento e presença da animadora e investigadora no contexto da escola.

O objetivo 2 – *Planificar experiências com as linguagens artísticas, a realizar numa escola, em torno de livros de literatura infantil sobre a História de Portugal* – foi alcançado, visto que todas as atividades artísticas e de animação da leitura foram planificadas em torno dos livros de uma escritora local. As obras de Vanda Furtado Marques retratam, também, e em particular, momentos da História Local.

Quanto ao objetivo 3 – *Implementar / intervir possibilitando a criação com elementos das linguagem plástica, musical e teatral, aplicados à recriação de histórias* – foi conseguido, tendo em conta que os alunos mantiveram contacto com as histórias ao longo de todas sessões; com a linguagem plástica, na construção dos fantoches e dos cenários; com a música, na criação da sonoplastia; e com o teatro, na manipulação dos fantoches e nos ensaios e representação final. Todos estas atividades foram importantes e essenciais aos alunos destas idades uma vez que como defende Sousa (2017a) “Mais importante do que «aprender», «conhecer» e «saber»; é o vivenciar, descobrir, criar e sentir” (p.63).

No que diz respeito ao objetivo 4 – *Avaliar e verificar os efeitos das experiências nas aprendizagens, tanto no plano curricular como no plano de uma educação cultural e de cidadania* – verificou-se que as experiências estavam ligadas tanto ao plano curricular como ao plano de uma educação cultural, uma vez que o grande tema que se desenvolveu era relativo a momentos e figuras da História de Portugal, dando particular atenção à História Local. Assim sendo, pode afirmar-se que a intervenção incluiu, de forma integrada, o conhecimento de matérias das áreas curriculares de Estudo do Meio, Matemática e Português e ainda das áreas relacionadas com as expressões artísticas, como a expressão plástica, a música e o teatro.

Então, tendo como referência este projeto, “Quais os contributos das experiências com as linguagens artísticas vivenciadas numa biblioteca e num espaço escolar para as aprendizagens dos alunos?”

Em jeito de resposta, pode afirmar-se que os alunos se envolveram de forma espontânea e livre nas propostas apresentadas e puderam construir várias aprendizagens relacionadas com o uso das linguagens artísticas. Sobretudo, ficaram a sentir-se mais à vontade com as expressões, principalmente a plástica e o teatro, fazendo um uso mais amplo, diverso e integrado dos seus elementos. Ao nível da linguagem plástica, os alunos contactaram com técnicas e materiais novos; ao nível do teatro, utilizaram os fantoches, dinâmica que nunca tinham experimentado; e ao nível da música, desenvolveram o uso desta linguagem criando elementos que se integravam com a plástica e com o teatro, em novas experiências. Em consequência disso, as professoras começaram a senti-los mais participativos e com menos receio de arriscar a experimentar coisas novas nestas áreas.

A grande diversidade de momentos proporcionou também que mobilizassem em várias situações conhecimentos relativos a outras áreas do currículo, como é o caso do Português, da Matemática e do Estudo do Meio. No caso do 4.º ano, as experiências vividas no projeto reforçaram as abordagens que eram desenvolvidas relativamente à História de Portugal, através das histórias que foram trabalhadas. Estas histórias foram criteriosamente escolhidas de modo a que se conhecesse a História Local que é, simultaneamente, a História de Portugal. Naturalmente, os alunos já conheciam alguns dos acontecimentos que ouviram e retrataram nas histórias dinamizadas e recriadas, através de conversas com familiares ou da passagem por locais relacionados com estes acontecimentos. O projeto veio complementar os conhecimentos que obtiveram através da *educação informal* – conceito que se explicou no Enquadramento Teórico – com aprendizagens novas relativamente a esta temática, mas de uma forma lúdica e divertida.

Houve evidências de que os alunos melhoraram os seus hábitos de leitura, pois verificou-se que durante o projeto foram requisitados vários livros da escritora Vanda Furtado Marques, não só pelos alunos das turmas envolvidas, mas também por outros que ficaram a conhecê-los. Pelos temas abordados e pela oportunidade de serem

trabalhadas competências de desenvolvimento pessoal e social, também se concretizaram propósitos da área transversal de Cidadania e Desenvolvimento.

Este projeto teve sempre a finalidade de contribuir para o desenvolvimento da criatividade. Sousa (2017a) refere que a capacidade criativa sofre um decréscimo nos primeiros quatro anos da escolaridade básica, porque nesta etapa “a criança está mais preocupada em aprender a utilização de instrumentos (...) do que em empreender tarefas criadoras (...). É por este motivo que ela inibe a sua originalidade inventiva”. (p.193). Assim sendo, considerou-se muito pertinente que o projeto «contrariasse» este facto apontado por Sousa (2017a) e proporcionasse desafios que estimulasse as capacidades criativas dos alunos. E, neste momento final, a este respeito, constatámos que foram muitas as formas em que os alunos envolvidos tiveram a oportunidade de manifestar a sua criatividade. Sem dúvida que esta ficou demonstrada tanto em aspetos do processo, como nos produtos que resultaram das diferentes experiências. Os alunos puderam produzir algo representativo da sua expressão e da sua capacidade de criar e, mostraram que conseguem agora ter mais ferramentas para serem capazes de responder a novos problemas e a novos desafios artísticos.

Poder-se-á dizer que o projeto envolveu toda a escola, sendo reconhecido o contributo da biblioteca ao acolher o projeto de animação de leitura dinamizado pela investigadora.

Considera-se importante falar ainda acerca das limitações encontradas ao longo da implementação do projeto. Inicialmente, a limitação com que a investigadora se defrontou foi o facto de os alunos não poderem deslocar-se à Biblioteca Municipal de Alcobaça, como estava pensado, devido a constangimentos de deslocação, não se tendo conseguido uma melhor articulação entre esta instituição e a escola.

Aquilo que a investigadora sentiu que talvez pudesse ter prejudicado os resultados obtidos prende-se com o facto de ter pouco tempo para dinamizar todas as atividades com os quatro grupos. Tanto ela como os alunos e respetivas professoras sentiram que se tivesse havido mais tempo até à representação final – a apresentação das histórias realizadas com recurso ao teatro de fantoches – o grupo teria uma melhor preparação. Notou-se que todas as atividades foram realizadas com uma certa rapidez, o

que não deu a possibilidade de os alunos desfrutarem mais tranquilamente das mesmas, tendo assim mais oportunidades de fruição.

De futuro, se o projeto puder voltar a ser dinamizado pela investigadora, esta escolherá envolver apenas dois grupos e planeará mais sessões, para que haja um tempo razoável para que as atividades sejam realizadas com mais calma, de modo a que sejam vivenciadas de forma prazerosa e com momentos de fruição. Como consequência, os alunos sentir-se-iam mais seguros e confiantes no trabalho que iriam apresentar na última sessão.

Como sugestão para novos projetos de intervenção e estudos do ponto de vista científico, propõe-se que a animação da leitura seja associada ao meio digital, isto é, animar um livro com recurso à linguagem plástica, ao teatro e à música em integração com a fotografia, dando como exemplo um vídeo de *stop motion*. Pensa-se que esta ideia possa ser interessante uma vez que estamos na era digital e que as crianças apreciam o contacto com as tecnologias.

CONCLUSÃO

Este relatório termina com uma reflexão acerca das experiências e aprendizagens que a investigadora adquiriu ao longo de todo o projeto.

Todas as leituras, análises e reflexão sobre obras trouxeram novos conhecimentos e ideias para a planificação e realização do projeto de intervenção e estudo de investigação. Proporcionaram à investigadora um maior profissionalismo e à vontade na realização das atividades.

Durante a planificação do projeto e a preparação das sessões, as aprendizagens, análises e mudanças de atividades ou de como as implementar foram muitas, visto que este foi um projeto de investigação-ação e estava em constante alteração. Isto fez com que a investigadora ficasse melhor preparada para projetos futuros, sobretudo no que diz respeito a alterações de última hora, como aconteceu neste.

Este projeto trouxe a oportunidade para o desenvolvimento de vários saberes profissionais. Como alguns grupos incluíam alunos «desafiadores», a investigadora teve de arranjar estratégias para os manter mais calmos e integrados, e uma delas foi manter esses alunos sempre ocupados, para, deste modo, estarem concentrados no seu trabalho, não perturbando o resto do grupo.

Relativamente à relação com as professoras e auxiliares da escola, a investigadora ficou bastante grata, porque todas se mostraram sempre disponíveis para ajudar no que fosse necessário ou mesmo em dar sugestões ou ideias sobre alguma atividade ou sobre a construção de algum material. Isso também aconteceu com a escritora Vanda Furtado Marques, que sempre se mostrou disponível para ajudar ou participar em alguma atividade. Ainda a este respeito, a relação que se criou foi tão positiva que a investigadora teve dois convites: o primeiro veio da coordenadora escolar e prendia-se com o facto desta querer que a representação final fosse vista por toda a escola; o segundo veio da parte da escritora Vanda que convidou a investigadora a fazer um projeto deste género mas com um livro que ela iria reeditar e com uma escola diferente. A investigadora disponibilizou-se prontamente a aceitar os dois convites e ambiciona experimentar um projeto semelhante com um público idoso.

Durante toda a investigação, sobretudo na altura da pesquisa, surgiu ainda algum interesse em querer descobrir mais acerca de outras temáticas que poderão ser o mote para novos projetos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abelha, M. A. (2013). *Animação e promoção da leitura: em busca de formas de cont´arte*. (Dissertação de Mestrado em Arte e Educação não editada). Universidade Aberta, Departamento de Educação e Ensino à Distância: Lisboa. Consultado a 3 de Junho de 2019. Disponível em file:///C:/Users/Utilizador/Downloads/Dissertacao_Animacao_promocao_leitura_cont_a_rte.pdf

- Aires, L. (2015). *Paradigma Qualitativo e Práticas de Investigação Educacional*. Consultado a 16 de Agosto de 2019. Disponível em: https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/2028/4/Paradigma_Qualitativo%20%281%C2%AA%20edi%C3%A7%C3%A3o_atualizada%29.pdf

- Amado de Oliveira, G. (2009). *Métodos e Técnicas – Ferramentas de Pesquisa* (Tese de Doutoramento em Artes e Design não editada). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro. Consultado a 20 de Agosto de 2019. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/15114/15114_6.PDF

- Assis, E. X., Bellé, K., & Bosco, V. D. (2013) O Ensino da História Local e sua Importância. *REDIVI - Revista de Divulgação Interdisciplinar do Núcleo das Licenciaturas*, II, 1-9. Consultado a 17 de Julho de 2019. Disponível em: <file:///C:/Users/Utilizador/Downloads/5089-20104-2-PB.pdf>

- Bahia, S., & Nogueira, S. (2005), Entre a teoria e a prática da criatividade, in Miranda, G. & Bahia, S., *Temas de Psicologia da Educação: Temas de Desenvolvimento, Aprendizagem e Ensino*. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 333-362. Consultado a 3 de Setembro de 2019. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/2721/1/entre-a-teoria-e-a-pratica.pdf>

- Balça, A. (2007). Da leitura à escrita em sala de aula: Um percurso palmilhado com a literatura infantil. In Azevedo, J., *Formar Leitores*. Lousã: Lidel – Edições Técnicas, 131-147.

- Bardin, L. (2009). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

- Barros, C. (s.d.). *Ensino de História, Memória e História Local*. Consultado a 17 de Julho de 2019. Disponível em:
http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/junho2013/historia_artigos/barros.pdf
- Bruno, A. (2014). Educação formal e informal: da trilogia aos cruzamentos, dos hibridismos a outros contributos. *Revista OnLine da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal*, 2 (2), 10-25. Consultado a 12 de Julho de de 2019. Disponível em: <file:///C:/Users/Utilizador/Downloads/68-244-1-PB.pdf>
- Caldas, A. P. & Vasques, E. (2014). *Educação Artística para um Ensino de Excelência*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Carrola, J. (2019). A Técnica Fotográfica e Imagem no Ensino e na Investigação. Consultado a 25 de Setembro de 2019. Disponível em: <https://www.utad.pt/gform/event/a-tecnica-fotografica-e-imagem-no-ensino-e-na-investigacao/>
- Caspurro, H. (s.d.). Audição e audição - O contributo epistemológico de Edwin Gordon para a história da pedagogia da escuta. Consultado a 12 de Julho de 2019. Disponível em:
https://www.apem.org.pt/page14/downloads/files/audicao_e_audiacao_apem.pdf
- Chagas, I. (2012, Setembro 27). Educação formal, não formal e informal: três conceitos vizinhos. *Cidade Évora Educadora – Habitar a cidade, construir o espaço público*, 1(7), 1. Consultado a 27 de Dezembro de 2018. Disponível em <file:///C:/Users/Utilizador/Downloads/newletter%207.pdf>
- Correia, H. (2010, Outubro). Animação em contexto de Bibliotecas Escolares. *Revista Práticas de Animação*, 4 (3), 1-9. Consultado a 6 de Junho de 2019. Disponível em <http://files.revistapraticasdeanimacao.webnode.pt/200000020-ca6f6cb673/Anima%C3%A7%C3%A3o%20em%20Contexto%20de%20Bibliotecas.pdf>
- Coutinho, C. (2006). Aspectos Metodológicos da Investigação em Tecnologia Educativa em Portugal (1985-2000). Consultado a 16 de Agosto de 2019. Disponível em:

<https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/6497/1/Clara%20Coutinho%20AFIRSE%202006.pdf>

- David, M. S-S. (2010). *Projecto de Promoção de Leitura para Jardim-de-Infância e 1º Ciclo*. Consultado a 17 de Dezembro de 2018. Disponível em: http://www.casdaleitura.org/portalfbeta/bo/documentos/proj_colegio_paz_b.pdf

- Dias, M. O. (2009). *O Vocabulário do Desenho de Investigação – A Lógica do Processo em Ciências Sociais*. Viseu: Psico & Soma – Livraria, Editora, Formação e Empresas, Lda.

- Fonseca, A. (2018). *Educação Não Formal*. Consultado a 29 de Novembro de 2018. Disponível em: <http://knoow.net/ciencsocioishuman/sociologia/educacaonaoformal/>

- Fortin, M-F., Côte, J., & Vissandjée, B. (2000). A investigação científica. In Fortin, M-F., *O Processo de investigação: da concepção à realização* (2ª ed.). Loures: Lusociencia, 15-24.

- Fróis, J.P, Marques, E., & Gonçalves, R. M. (2000). A Educação Estética e Artística ao Longo da Vida. In Fróis, J.P., *Educação Estética e Artística – Abordagens Transdisciplinares*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 201-243.

- Gohn, M. G. (2006, Jan/Mar). Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. *Ensaio: aval. Pol. Públ. Educ*, 14 (50), 27-38. Consultado a 12 de Julho de 2019. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v14n50/30405.pdf>

- Leitão, M. M., & Lopes, J. M. (2013). Animação, Património e Território: a Animação Artística ao serviço da Comunidade. *Educareducere*, Ano XV – 1 (II), 25-39. Consultado a 17 de Julho de 2019. Disponível em: https://repositorio.ipcb.pt/bitstream/10400.11/2653/1/Educare%20educere_Madalena_Leitao.pdf

- Lima, R. (2014). *Projetos de Música em Bibliotecas Parque: estudo da relação entre biblioteca, música e cultura* (Trabalho final do Curso de “Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação (CBG/FACC)” não editado).

Universidade Federal do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro. Consultado a 12 de Julho de 2019. Disponível em:

<https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/247/1/PROJETOS%20DE%20M%C3%9ASIC%20EM%20BIBLIOTECAS%20PARQUE-%20estudo%20da%20rela%C3%A7%C3%A3o%20entre%20biblioteca%2C%20m%C3%BAsica%20e%20cultura.pdf>

- Lopes, M. (2008). *Animação Sociocultural em Portugal*. Amarante: Intervenção – Associação para a Promoção e Divulgação Cultural.

- Mancelos, J. (2011). *Introdução à Escrita Criativa* (3ª Ed.). Lisboa: Edições Colibri.

- Mozzer, G., & Borges, F. (2008). A Criatividade Infantil na perspectiva de Lev Vigotski. Consultado a 3 de Setembro de 2019. Disponível em: <file:///C:/Users/Utilizador/Downloads/5269-Texto%20do%20artigo-20200-1-10-20081219.pdf>

- Neves, A. (1994), Que instrumentos utilizar na observação? (continuação), in Cardoso, C., *Pensar avaliação, melhorar a aprendizagem*. Lisboa: IIE. Consultado a 20 de Agosto de 2019. Disponível em: http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Secundario/Documentos/Avaliacao/instrumentos_observacao.pdf

- Oliveira, M. (2007). A Expressão Plástica para a compreensão da Cultura Visual. *Saber (e) Educar*, 12, 61-78. Consultado a 12 de Julho de 2019. Disponível em: http://repositorio.esepf.pt/bitstream/20.500.11796/717/3/SeE12A_ExpressaoMonica.pdf

- Oliveira, M. (2017). A educação artística no trilho de uma nova cidadania. *Revista de Estudios e Investigación en Psicología e Educación, Extr.* (4), 11-15. Consultado a 23 de Dezembro de 2018. Disponível em: <http://repositorio.esepf.pt/bitstream/20.500.11796/2551/1/2230-10002-2-PB.pdf>

- Oliveira, P., Saldanha das Neves, M., & Negrão de Freitas, R. (2014, Jul-Dez). Abordagem Metodológica de M. Schafer para o Ensino de Música na Escola. In *Colloquium Humanarum*, vol. 11, (Especial), 1228-1235. Presidente Prudente: Universidade do Oeste Paulista – UNOESTE. Consultado a 12 de Julho de 2019.

Disponível

em:

[http://www.unoeste.br/site/enepe/2014/suplementos/area/Humanarum/Artes/ABORDA GEM%20METODOLOGICA%20DE%20M.%20SCHAFER%20PARA%20O%20ENSINO%20DE%20M%C3%9ASICA%20NA%20ESCOLA.pdf](http://www.unoeste.br/site/enepe/2014/suplementos/area/Humanarum/Artes/ABORDA%20METODOLOGICA%20DE%20M.%20SCHAFER%20PARA%20O%20ENSINO%20DE%20M%C3%9ASICA%20NA%20ESCOLA.pdf)

- Pedrosa, J. (2016). *Canta-me uma História – Projeto de Criações Musico-Literárias em contexto de CATL*. (Dissertação de Mestrado em Intervenção e Animação Artísticas não editada). Instituto Politécnico de Leiria, Escola Superior de Educação e Ciências Sociais, Leiria. Consultado a 20 de Dezembro de 2018. Disponível em: https://iconline.ipleiria.pt/bitstream/10400.8/2385/1/Relat%c3%b3rio%20de%20Projeto%20de%20Interven%c3%a7%c3%a3o%20Final%20-%20Joana_Corrigido.pdf

- Pereira, J. D. L. (2012). Fantoches e Formas Animadas e Intervenção Social, Cultural e Educativa. In Pereira, J. D. L., Vieites, M. F., & Lopes, M. S., *Teatro e Intervenção Social*. Chaves: Intervenção – Associação para a Promoção e Divulgação Cultural, 129-139.

- Prole, A. (s.d.) *Como fazer um Projecto de Promoção da Leitura*. Consultado a 17 de Dezembro de 2018. Disponível em: http://www.casadaleitura.org/portalbeta/bo/documentos/manual_instrucoes_projectos_a_C.pdf

- Quadra, G. R., & D’ávila, S. (2016). Educação Não-Formal: Qual a sua importância?. *Revista Brasileira de Zociências*, 17(2), 22-27.

- Reis, C. (2012). *A importância da Educação Artística no 1º Ciclo do Ensino Básico: conceção, implementação e avaliação do Projeto Tum-Tum* (Dissertação de Mestrado em Artes e Educação não editada). Universidade Aberta: Lisboa. Consultado a 20 de Dezembro de 2018. Disponível em: https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/2739/1/DISSERTA%C3%87%C3%83O_CI%C3%A1udia_Reis.pdf

- Rodari, G. (2017). *Gramática da Fantasia*. Matosinhos: Faktoria K – Kalandraca.

- Sampaio, A. (2013). *Relatório Final de Prática de Ensino Supervisionada – Atividades de Animação de leitura no 1º ciclo, Contributo para + leitores* (Dissertação

de Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1ºCiclo do Ensino Básico não editada). Instituto Politécnico de Viana do Castelo, Viana do Castelo. Consultado a 20 de Dezembro de 2018. Disponível em: http://repositorio.ipvc.pt/bitstream/20.500.11960/1846/1/Alda_Sampaio.pdf

- Santos Sousa, P. (2014). *A Expressão Plástica na Prática Pedagógica: Olhares de Educadores e Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico* (Dissertação de Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico não editada). Universidade dos Açores: Ponta Delgada. Consultado a 12 de Julho de 2019. Disponível em: <https://repositorio.uac.pt/bitstream/10400.3/3147/1/DissertMestradoRaquelPatriciaSantosSousa2014.pdf>

- Santos, A. F. (2018). *Diários de Bordo: Relatórios de uma prática investigativa da subjetividade e do mundo objetivo*. Consultado a 20 de Dezembro de 2018. Disponível em: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1173.pdf>

- Santos, C. (2010). “*A Menina do Mar*” (de Sophia de Mello Breyner Andresen) - *Desenvolvimento de Competências Literárias e Literárias - 5º Ano*. (Dissertação de Mestrado não editada). Universidade da Beira Interior, Faculdade de Artes e Letras: Covilhã. Consultado a 3 de Junho de 2019. Disponível em <https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/1792/1/TESE%20FINAL%20CARLA%20SANTOS.pdf>

- Santos, M. F., & Serra, e. (2011). *Quero ser Escritor!* (4ª ed.). Alfragide: Oficina do Livro.

- Serrano, G. P. (1998). Metodologias de Investigação em Animação Sociocultural. in Trilla, J., *Animação Sociocultural – Teorias, Programas e Âmbitos*. Lisboa: Instituto Piaget, 111-112.

- Sousa, A. B. (2017a). *Educação pela Arte e Artes na Educação – 1ºVolume* (2ª ed.). Lisboa: Instituto Piaget.

- Sousa, A. B. (2017b). *Educação pela Arte e Artes na Educação – 2º Volume* (2ª ed.). Lisboa: Instituto Piaget.

- Sousa, A. B. (2019). *Educação pela Arte e Artes na Educação – 3ºVolume*. (2ª ed.). Lisboa: Instituto Piaget.

- Taquelim, C. (s.d.). *Animação à leitura: contributos para o desenho de uma sessão*. Consultado a 17 de Dezembro de 2018. Disponível em: http://magnetesrvk.no-ip.org/casdaleitura/portalfbeta/bo/documentos/ot_anima_leitura.pdf

- Taquelim, C. (s.d.). *Livros Andarilhos – Biblioteca Municipal de Beja*. Consultado a 17 de Dezembro de 2018. Disponível em http://magnetesrvk.no-ip.org/casdaleitura/portalfbeta/bo/documentos/lab_livros_andarilhos_a_C.pdf

- Taquelim, C. (s.d.). *Mais um ano a experimentar*. Consultado a 17 de Dezembro de 2018. Disponível em http://www.casdaleitura.org/portalfbeta/bo/documentos/ano_experimentar.pdf

- Valqueresma, A., & Coimbra, J. L. (2013). Criatividade e Educação – A educação artística como caminho do futuro?. *Educação, Sociedade e Culturas*, (40), 131-146.

- Veloso, R., & Riscado, L. (2002). Literatura Infantil, Brinquedo e Segredo. *Malasartes*, (10), 26-29.

- Vieira, V. (2001). *As palavras são como as cerejas – oficinas de escrita*. Porto: Campo das Letras.

- Vygotsky, L. S. & Fróis, J. P. (2012). *Imaginação e Criatividade na Infância. Ensaio de Psicologia*. Lisboa: Dinalivro.

Livros infantis utilizados

- Marques, V. F. (2011). *A herança de Dª Filipa e Dº João I*. Vila Nova de Gaia: 7 Dias 6 Noites – Editores Unipessoal, Lda.

- Marques, V. F. (2015). *A Padeira de Aljubarrota*. Vila Nova de Gaia: 7 Dias 6 Noites – Editores Unipessoal, Lda.

- Marques, V. F. (2017). *Pedro e Inês – Uma História de Amor*. Edição de Autor

- Marques, V. F. (2018). *D. Dinis, o rei que fez tudo quanto quis*. Edição de Autor

ANEXOS

ANEXO 1 – ENTREVISTAS / CONVERSAS INFORMAIS

Entrevista

(Coordenadora da Escola e Coordenadora da Biblioteca)

- Quais são as atividades com as expressões artísticas que os alunos gostam mais de experimentar?
 - De que maneira são implementadas no quotidiano da escola?
(na sala de aula, concretizando o currículo? / nas festas escolares? / em efemérides? / em visitas a outros contextos educativos existentes na comunidade?)
 - Os alunos já tiveram experiências em que as linguagens/ expressões artísticas se articulassem entre si (linguagem plástica e música, dança e drama,...)? Ou estão mais habituados a experiências em que cada expressão artística tem o seu «espaço»?

- Que experiências seriam novas para estes alunos?
 - Já construíram fantoches ou sombras chinesas?
 - E trabalharam as histórias fazendo jogos em torno das personagens? (como é que determinada personagem falava, andava, sorria, gritava / como se vestia, o que cantava, usava algum instrumento musical, quais os seus *hobbies*/passatempos / que outro nome ou alcunha poderia ter...)
 - Já criaram canções para contar as histórias?
 - E sons para as acompanhar?
 - E já construíram cenários?
 - E instrumentos musicais, já usaram? E objetos musicais não convencionais, já construíram ou usaram? (já construíram ou usam habitualmente instrumentos já existentes?)

- Já alguma vez recorreram a histórias da escritora Vanda Furtado Marques para abordagens a conteúdos curriculares ou para explorar em alguma atividade/festa?
 - De que forma foram apresentadas?
 - A escritora já cá veio contar alguma das suas histórias?
 - Quais são as histórias que os alunos já conhecem?
 - E quais seriam interessantes para trabalhar com eles, tendo em conta as suas idades?

- Em que medida consideram pertinente a deslocação dos alunos à Biblioteca Municipal de Alcobaça?
 - Que importância atribui a este espaço enquanto recurso de apoio ao trabalho dos professores?
 - Na sua opinião, o que podem os alunos aprender com uma visita à biblioteca?
(Benefícios que pode trazer enquanto experiência que educa para a cidadania, que permitirá aos alunos conhecer informação sobre História, que lhes permitirá vivenciar experiências de criação com as expressões artísticas)
 - Acreditam que este projeto poderá proporcionar experiências diferentes num contexto não escolar? Em que sentido?

Entrevista

(Professores das turmas envolvidas)

- Na entrevista anterior fiquei a perceber quais eram as expressões artísticas mais utilizadas, a música e dança. Quero agora perceber quais são as experiências que seriam novas para estes alunos?
 - Já construíram fantoches ou sombras chinesas?
 - E trabalharam as histórias fazendo jogos em torno das personagens? (como é que determinada personagem falava, andava, sorria, gritava / como se vestia, o que cantava, usava algum instrumento musical, quais os seus hobbies/passatempos / que outro nome ou alcunha poderia ter...)
 - Já criaram canções para contar as histórias?

- E sons para as acompanhar?
 - E já construíram cenários?
 - E instrumentos musicais, já usaram? E objetos musicais não convencionais, já construíram ou usaram? (já construíram ou usam habitualmente instrumentos já existentes?)
- Já alguma vez recorreram a histórias da escritora Vanda Furtado Marques para abordagens a conteúdos curriculares?
 - Têm material para fazer teatro de sombras? (retroprojektor e pano branco)
 - Nas atividades do projeto poderão ser utilizados materiais já existentes na escola? (tesouras, papel, colas, lapis de cor, tintas)
 - Quais são as técnicas referentes à expressão plástica que mais utilizam? E quais os materiais?

Entrevista

(Escritora Vanda Furtado Marques)

- Qual é a sua preocupação em abordar aspetos e personagens da História de Portugal nas suas histórias?
- A Vanda escreve as suas histórias com o intuito de servirem como ferramenta de trabalho nas aulas? Tem em conta o currículo escolar?
- Porque é que escreve histórias para o público infantil?
- As suas histórias são escritas para crianças de que idades?
- Pode ajudar-me a escolher as histórias a trabalhar no projeto, sendo que precisarei de 4, uma para cada ano de escolaridade do 1.º Ciclo?

ANEXO 2 – FICHA DE PLANIFICAÇÃO DAS SESSÕES

Sessão n°	Data:	Hora:
Local	Grupo de Alunos ___ .º Ano / _____ participantes	
Duração da sessão:		
Lista e duração das atividades		
Línguas Artísticas utilizadas		
Desenvolvimento/descrição		
Recursos Materiais		
Objetivos		
Técnicas e instrumentos de recolha de dados a aplicar		

Sessão 1

Sessão nº 1	Data: 31 de Janeiro de 2019	Hora: 13:30h – 15:30h
Local Biblioteca Escolar	Grupo de Alunos 1.º Ano / 21 participantes	
Duração da sessão: 2 horas		
Lista e duração das atividades <ul style="list-style-type: none">- Apresentação do projeto, da investigadora e das crianças (20 minutos)- Apresentação das histórias da Vanda Furtado Marques (5 minutos)- Animação da leitura da história “A Padeira de Aljubarrota” (15 minutos)- Jogo de identificação das personagens e contexto – “Quem é quem e onde está?” (10 minutos)- Escrita Criativa – “Consegues inventar uma nova personagem para a história?” (70 minutos)		
Línguas Artísticas utilizadas <ul style="list-style-type: none">- Animação da Leitura – escrita criativa- Teatro		
Desenvolvimento/descrição		
<p>- A sessão inicia-se com uma conversa entre a animadora e o fantoche “Maria Historieta”, que se apresentam e perguntam os nomes às crianças.</p> <p>- Continuam a conversa falando de uma escritora que escreve histórias para a infância sobre a História de Portugal e a animadora mostra alguns livros da Vanda Furtado Marques.</p> <p>- Após todos os livros mostrados a animadora falará no projeto, o que propõe fazer e qual é a história escolhida.</p> <p>- Segue-se a apresentação e leitura da história, iniciadas pela animadora e fantoche. Para a leitura animada da história irão usar-se vozes para as personagens, objetos, onomatopeias e o livro da história.</p> <p>- Em seguida é feito o jogo “Quem é quem e onde está?”. Este jogo será realizado com recurso a cartas que contêm a imagem das personagens e dos locais onde se passam as ações da história. As crianças terão de identificar as personagens e relacioná-las com os contextos em que se inserem na história.</p> <p>- A animadora e fantoche concluem a sessão com o desafio “Consegues inventar uma nova personagem para a história?” e em conjunto com as crianças irão reinventá-la com a nova personagem que escolheram, o que pode alterar toda ou parte da história. Em grupo todos vão dando ideias e assim constroem a nova história e a animadora vai fazendo o registo escrito da mesma, uma vez que o grupo ainda não tem muita experiência na escrita.</p>		
Recursos Materiais <ul style="list-style-type: none">- Fantoche “Maria Historiadora”- Histórias da Vanda Furtado Marques- História “A Padeira de Aljubarrota”- 1 Boneca de lata com uma pá, pá de padeira brilhante- Cartas das personagens- Lápis ou caneta- Caderno		
Objetivos <ul style="list-style-type: none">- Conhecer livros da autoria de Vanda Furtado Marques- Ouvir, compreender e participar na animação da história- Associar personagens a contextos da história (locais, ações...)- Criar, através do diálogo e da escrita, novos desenvolvimentos para a história, reinventando-a		
Técnicas e instrumentos de recolha de dados a aplicar <i>Observação participante</i> <ul style="list-style-type: none">- Grelha de observação- Grelha de registo / avaliação da sessão- Registo fotográfico da sessão		

Sessão nº 1	Data: 30 de Janeiro de 2019	Hora: 13:30h – 15:30h
Local Biblioteca Escolar	Grupo de Alunos 2.º Ano / 21 participantes	
Duração da sessão: 2 horas		
Lista e duração das atividades <ul style="list-style-type: none"> - Apresentação do projeto, da investigadora e das crianças (20 minutos) - Apresentação das histórias da Vanda Furtado Marques (5 minutos) - Animação da leitura da história “Pedro e Inês – uma história de amor” (15 minutos) - Jogo de identificação das personagens e contexto – “Quem é quem e onde está?” (10 minutos) - Escrita Criativa – “Consegues alterar a atitude de uma personagem da história?” (70 minutos) 		
Línguas Artísticas utilizadas <ul style="list-style-type: none"> - Animação da Leitura – escrita criativa - Teatro 		
Desenvolvimento/descrição		
<ul style="list-style-type: none"> - A sessão inicia-se com uma conversa entre a animadora e o fantoche “Maria Historieta”, que se apresentam e perguntam os nomes às crianças. - Continuam a conversa falando de uma escritora que escreve histórias para a infância sobre a História de Portugal e a animadora mostra alguns livros da Vanda Furtado Marques. - Após todos os livros mostrados a animadora falará no projeto, o que propõe fazer e qual é a história escolhida. - segue-se a apresentação e leitura da história, iniciadas pela animadora e fantoche. Para a leitura animada da história irão usar-se vozes para as personagens, objetos, gestos e sons e o livro da história. - Em seguida é feito o jogo “Quem é quem e onde está?”. Este jogo será realizado com recurso a cartas que contêm a imagem das personagens e dos locais onde se passam as ações da história. As crianças terão de identificar as personagens e relacioná-las com os contextos em que se inserem na história. - A animadora e fantoche concluem a sessão com o desafio “Consegues alterar a atitude de uma personagem da história?” e em conjunto com as crianças irão reinventa-la com uma atitude diferente de uma ou mais personagens, que pode alterar todo o resto da história. Em grupo todos vão dando ideias e assim constroem a nova história e a animadora vai fazendo o registo escrito da mesma, uma vez que o grupo ainda não tem muita experiência na escrita. 		
Recursos Materiais <ul style="list-style-type: none"> - Fantoche “Maria Historiadora” - Histórias da Vanda Furtado Marques - História “Pedro e Inês – uma história de amor” - 2 Velas elétricas, 6 tubos de missangas - Cartas das personagens - Lápis ou caneta - Caderno 		
Objetivos <ul style="list-style-type: none"> - Conhecer livros da autoria de Vanda Furtado Marques - Ouvir, compreender e participar na animação da história - Associar personagens a contextos da história (locais, ações...) - Criar, através do diálogo e da escrita, novos desenvolvimentos para a história, reinventando-a 		
Técnicas e instrumentos de recolha de dados a aplicar <i>Observação participante</i> <ul style="list-style-type: none"> - Grelha de observação - Grelha de registo / avaliação da sessão - Registo fotográfico da sessão 		

Sessão nº 1	Data: 24 de Janeiro de 2019	Hora: 14:30h – 15:30h / 16:00h – 17:00h
Local Biblioteca Escolar	Grupo de Alunos 3.º Ano / 16 participantes	
Duração da sessão: 2 horas		
Lista e duração das atividades <ul style="list-style-type: none"> - Apresentação do projeto, da investigadora e das crianças (20 minutos) - Apresentação das histórias da Vanda Furtado Marques (5 minutos) - Animação da leitura da história “A Herança de D. Filipa e Dº João I” (15 minutos) - Jogo de identificação das personagens e contexto – “Quem é quem e onde está?” (10 minutos) - Escrita Criativa – “Consegues alterar o final da história?” (70 minutos) 		
Linguagens Artísticas utilizadas <ul style="list-style-type: none"> - Animação da Leitura – escrita criativa - Teatro 		
Desenvolvimento/descrição		
<ul style="list-style-type: none"> - A sessão inicia-se com uma conversa entre a animadora e o fantoche “Maria Historieta”, que se apresentam e perguntam os nomes às crianças, relacionando-os com as figuras da História de Portugal. - Continuam a conversa falando de uma escritora que escreve histórias para a infância sobre a História de Portugal e a animadora mostra alguns livros da Vanda Furtado Marques. - Após todos os livros mostrados a animadora falará no projeto, o que propõe fazer e qual é a história escolhida. - segue-se a apresentação e leitura da história, iniciadas pela animadora e fantoche. Para a leitura animada da história irão usar-se sons, vozes para as personagens, objetos e o livro da história. - Em seguida é feito o jogo “Quem é quem e onde está?”. Este jogo será realizado com recurso a cartas que contêm a imagem das personagens e dos locais onde se passam as ações da história. As crianças terão de identificar as personagens e relacioná-las com os contextos em que se inserem na história. - A animadora e fantoche concluem a sessão com o desafio “Consegues modificar o final da história?” e em conjunto com as crianças irão reinventá-la com o novo final criado por elas. <p>Em grupo todos vão dando ideias e assim constroem a nova história e um dos elementos, de cada vez, vai fazendo o registo escrito da mesma.</p>		
Recursos Materiais <ul style="list-style-type: none"> - Fantoche “Maria Historiadora” - Histórias da Vanda Furtado Marques - História “A herança de D. Filipa e Dº João I” - 1 Livro velho, 10 tubos de missangas, 1 barco - Cartas das personagens - Lápis ou caneta - Caderno 		
Objetivos <ul style="list-style-type: none"> - Conhecer livros da autoria de Vanda Furtado Marques - Ouvir, compreender e participar na animação da história - Associar personagens a contextos da história (locais, ações...) - Criar, através do diálogo e da escrita, novos desenvolvimentos para a história, reinventando-a 		
Técnicas e instrumentos de recolha de dados a aplicar <p><i>Observação participante</i></p> <ul style="list-style-type: none"> - Grelha de observação - Grelha de registo / avaliação da sessão - Registo fotográfico da sessão 		

Sessão nº 1	Data: 23 de Janeiro de 2019	Hora: 13:00h – 14:45h
Local Biblioteca Escolar	Grupo de Alunos 4.º Ano / 19 participantes	
Duração da sessão: 1 hora e 45 minutos		
Lista e duração das atividades <ul style="list-style-type: none"> - Apresentação do projeto, da investigadora e das crianças (30 minutos) - Apresentação das histórias da Vanda Furtado Marques (7 minutos) - Animação da leitura da história “D. Dinis, o rei que fez tudo quanto quis” (18 minutos) - Jogo de identificação das personagens e contexto – “Quem é quem e onde está?” (20 minutos) - Escrita Criativa – “Consegues alterar o contexto da História?” (30 minutos) 		
Linguagens Artísticas utilizadas <ul style="list-style-type: none"> - Animação da leitura – escrita criativa - Teatro 		
Desenvolvimento/descrição		
<ul style="list-style-type: none"> - A sessão inicia-se com uma conversa entre a animadora e o fantoche “Maria Historieta”, que se apresentam e perguntam os nomes às crianças, relacionando-os com as figuras da História de Portugal. - Continuam a conversa falando de uma escritora que escreve histórias para a infância sobre a História de Portugal e a animadora mostra alguns livros da Vanda Furtado Marques. - Após todos os livros mostrados a animadora falará no projeto, o que propõe fazer e qual é a história escolhida. - segue-se a apresentação e leitura da história, iniciadas pela animadora e fantoche. Para a leitura animada da história irão usar-se expressões e gestos, sons, vozes para as personagens, um ou outro objeto e o livro da história. - Em seguida é feito o jogo “Quem é quem e onde está?”. Este jogo será realizado com recurso a cartas que contêm a imagem das personagens e dos locais onde se passam as ações da história. As crianças terão de identificar as personagens e relacioná-las com os contextos em que se inserem na história. - A animadora e fantoche concluem a sessão com o desafio “Consegues alterar o contexto da história?” e em conjunto com as crianças irão reinventá-la com o novo contexto escolhido por elas. <p>Em grupo todos vão dando ideias e assim constroem a nova história e um dos elementos vai fazendo o registo.</p>		
Recursos Materiais <ul style="list-style-type: none"> - Fantoche “Maria Historiadora” - Histórias da Vanda Furtado Marques - História “D. Dinis, o rei que fez tudo quanto quis” - 3 Velas elétricas, 2 rosas artificiais, 1 espada - Cartas das personagens - Lápis ou caneta - Caderno 		
Objetivos <ul style="list-style-type: none"> - Conhecer livros da autoria de Vanda Furtado Marques - Ouvir, compreender e participar na animação da história - Associar personagens a contextos da história (locais, ações...) - Criar, através do diálogo e da escrita, novos desenvolvimentos para a história, reinventando-a 		
Técnicas e instrumentos de recolha de dados a aplicar <p><i>Observação participante</i></p> <ul style="list-style-type: none"> - Grelha de observação - Grelha de registo / avaliação da sessão - Registo fotográfico da sessão 		

Sessão 2

Sessão nº 2	Data: 14 de Fevereiro de 2019	Hora: 13:30h – 15:30h
Local Sala ampla	Grupo de Alunos 1.º Ano / 21 participantes	
Duração da sessão: 2 horas		
Lista e duração das atividades		
<ul style="list-style-type: none"> - Leitura da história reinventada (10 minutos) - Identificação das personagens da história (3 minutos) - Distribuição das personagens pelas crianças (7 minutos) - Elaboração dos fantoches (100 minutos) 		
Línguas Artísticas utilizadas		
<ul style="list-style-type: none"> - Animação da Leitura – escrita criativa - Plástica - Teatro 		
Desenvolvimento/descrição		
<p>- A sessão inicia-se com uma conversa entre a animadora e as crianças de modo a perceber se ainda se lembram da história reinventada, na sessão anterior. Nesta conversa estão presentes alguns fantoches, a “Maria Historieta” e um fantoche de dedo e um fantoche de pau. A história é lida pela primeira e posteriormente as crianças identificarão as personagens.</p> <p>- Em seguida, a animadora explica que o próximo passo será tirarem uma carta de personagem para perceber qual será a personagem que irão caracterizar no seu fantoche. As crianças vão tirando as cartas e a animadora vai apontando os seus nomes e os nomes das personagens que lhe calharem em sorte.</p> <p>- A animadora pergunta quem quer construir um fantoche de pau e quem quer construir um fantoche de dedo. Às crianças que escolherem o fantoche de pau ela dará um pau de gelado, às restantes dará um retângulo de cartolina.</p> <p>- Depois convida-as a virem para junto da mesa, sem mexerem nos materiais dispostos, para construírem o fantoche. Começa por dizer que se tem de fazer uma cabeça para cada fantoche. Pede-lhes que escolham o material que querem para a cabeça, e desenha um círculo nesse material (cartolina ou goma EVA). Ela recorta-no. Em seguida, a animadora pede-lhes que criem os olhos, nariz e boca com materiais como missangas ou pérolas, fios de lã ou pedaços de cartolina ou EVA. Sugere que criem o cabelo com lã, cartolina ou EVA. De seguida alerta para a realização da roupa dos fantoches / personagens. (só para os fantoches de pau). Pergunta-lhes se querem fazer um vestido, ou camisola/camiseta e calças, se querem colocar capa no seu fantoche e, à medida que vai falando com as crianças, vai-lhes desenhando em cartolina (de cores que elas escolherem) as roupas, que depois cortarão e colarão à cabeça do fantoche. A animadora estimula-as a colarem mais algum detalhe à roupa, por exemplo botões, formas diversas recortadas ou alguns motivos em cartolina que criarem e recortarem. Pede-lhes ainda para fazerem os braços e pernas, se assim o entenderem. Desenha esses membros para quem quiser usá-los, assim como os sapatos. Depois do boneco recortado e colado, cola-se nos paus de gelado.</p> <p>- Para os fantoches de dedo, a animadora pede às crianças para reservarem a cara, enrolarem o pedaço de cartolina num dedo, e exemplifica, colocarem cola na extremidade da cartolina e colarem, formando assim um canudo. Depois terão de recortar uns pequenos golpes com a tesoura num dos lados do canudo, para que depois seja mais fácil fechá-lo. Colam a cara a este canudo e alguns adereços para formar a roupa. Podem fazer ainda os braços, que são colados em volta do canudo.</p> <p>- Ao longo do processo vai relembrando as crianças de que têm de caracterizar os fantoches como as personagens que lhe calharam em sorte, podendo até criar acessórios que as identifiquem.</p>		
Recursos Materiais		
<ul style="list-style-type: none"> - Fantoche “Maria Historieta”, fantoche de pau e fantoche de dedo - História “A Padeira de Aljubarrota” - História reinventada e cartas das personagens - Lápis / caneta e caderno - Colas e tesouras - Moldes - Cartolinas e Goma EVA - Aplicações (missangas, pérolas, brilhantes, formas diversas recortadas , botões, lãs, fitas de cetim) 		
Objetivos		
<ul style="list-style-type: none"> - Recordar a história reinventada na sessão anterior - Identificar as personagens da história reinventada - Conhecer a personagem que vão recriar - Criar, através da plástica, os fantoches, caracterizando-os de acordo com as personagens - Explorar a criatividade, criando composições com materiais diversos 		
Técnicas e instrumentos de recolha de dados a aplicar		
<p><i>Observação participante</i></p> <ul style="list-style-type: none"> - Grelha de observação - Grelha de registo / avaliação da sessão - Registo fotográfico da sessão 		

Sessão nº 2	Data: 13 de Fevereiro de 2019	Hora: 13:30h – 15:30h
Local Sala ampla	Grupo de Alunos 2.º Ano / 21 participantes	
Duração da sessão: 2 horas		
Lista e duração das atividades <ul style="list-style-type: none"> - Leitura da história reinventada (10 minutos) - Identificação das personagens da história (3 minutos) - Distribuição das personagens pelas crianças (7 minutos) - Elaboração dos fantoches (100 minutos) 		
Línguas Artísticas utilizadas <ul style="list-style-type: none"> - Animação da Leitura – escrita criativa - Plástica - Teatro 		
Desenvolvimento/descrição		
<p>- A sessão inicia-se com uma conversa entre a animadora e as crianças de modo a perceber se ainda se lembram da história reinventada, na sessão anterior. Nesta conversa estão presentes alguns fantoches, a “Maria Historieta” e um fantoche de cartucho. A história é lida pela primeira e posteriormente as crianças identificarão as personagens.</p> <p>- Em seguida, a animadora explica que o próximo passo será tirarem uma carta de personagem para perceber qual será a personagem que irão caracterizar no seu fantoche. As crianças vão tirando as cartas e a animadora vai apontando os seus nomes e os nomes das personagens que lhe calharem em sorte.</p> <p>- Depois convida-as a virem para junto da mesa, sem mexerem nos materiais dispostos, para construírem o fantoche. Começa por distribuir os cartuchos e pede para recortarem um retângulo do tamanho da base do cartucho, da cor do mesmo, colando-o em seguida a esta base.</p> <p>Pede-lhes que escolham o material que querem para criar a cara do fantoche, tendo em conta todos os elementos que a compõem, os olhos, o nariz, a boca e as orelhas, caso queiram, nessa base.</p> <p>Quando a cara estiver terminada será pedido que vistam o fantoche, utilizando todos os materiais disponíveis à sua volta. Refere que podem embelezar o trabalho com aplicações.</p> <p>- Ao longo do processo vai relembando de que têm de caracterizar os fantoches como as personagens que lhe calharam em sorte, podendo até criar acessórios que as identifiquem.</p>		
Recursos Materiais <ul style="list-style-type: none"> - Fantoche “Maria Historieta”, fantoche de cartucho - História “Pedro e Inês – uma história de amor” - História reinventada e cartas das personagens - Lápis / caneta e caderno - Cartuchos - Colas e tesouras - Cartolinas e Goma EVA - Aplicações (missangas, pérolas, brilhantes, formas diversas recortadas, botões, lãs, fitas de cetim) 		
Objetivos <ul style="list-style-type: none"> - Recordar a história reinventada na sessão anterior - Identificar as personagens da história reinventada - Conhecer a personagem que vão recriar - Criar, através da plástica, os fantoches, caracterizando-os de acordo com as personagens - Explorar a criatividade, criando composições com materiais diversos 		
Técnicas e instrumentos de recolha de dados a aplicar <i>Observação participante</i> <ul style="list-style-type: none"> - Grelha de observação sistemática - Diário de bordo - Registo fotográfico da sessão 		

Sessão nº 2	Data: 7 de Fevereiro de 2019	Hora: 14:30h – 15:30h / 16:00h – 17:00h
Local Sala ampla	Grupo de Alunos 3.º Ano / 16 participantes	
Duração da sessão: 2 horas		
Lista e duração das atividades <ul style="list-style-type: none"> - Leitura da história reinventada (10 minutos) - Identificação das personagens da história (3 minutos) - Distribuição das personagens pelas crianças (7 minutos) - Elaboração dos fantoches (100 minutos) 		
Linguagens Artísticas utilizadas <ul style="list-style-type: none"> - Animação da Leitura – escrita criativa - Plástica - Teatro 		
Desenvolvimento/descrição		
<p>- A sessão inicia-se com uma conversa entre a animadora e as crianças de modo a perceber se ainda se lembram da história reinventada, na sessão anterior. Nesta conversa estão presentes alguns fantoches, a “Maria Historieta” e um fantoche de rolo de papel de cozinha. A história é lida pela primeira e posteriormente as crianças identificarão as personagens.</p> <p>- Em seguida a animadora explica que o próximo passo será tirarem uma carta de personagem para perceber qual será a personagem que irão caracterizar no seu fantoche. As crianças vão tirando as cartas e a animadora vai apontando os seus nomes e os nomes das personagens que lhe calharem em sorte.</p> <p>- A animadora entrega-lhes os rolos de papel de cozinha ou higiénico e pede-lhes que escolham uma cor para forrarem o seu rolo. Distribui as cartolinas das cores escolhidas e explica como se forrará o rolo. Primeiro terão de cortar um retângulo de 21cm x 14cm, em seguida colocam cola mesmo a meio do retângulo e colam o rolo, voltando depois a colocá-la, desta vez nas extremidades deste e nas laterais do retângulo e colam tudo. Como ficam umas abas nas extremidades as crianças terão de fazer pequenos golpes até chegarem ao rolo, colocando cola e colando em seguida para dentro.</p> <p>- Após o rolo estar forrado, é-lhes pedido que, nos primeiros 4 cm do rolo, criem a cara do fantoche e também as vestes e acessórios, estimulando-as a utilizarem todos os materiais que têm à disposição, de modo a criarem composições diversas. Sempre que pedirem, a animadora vai ajudando com as colagens ou a explorar alguma ideia que tenham.</p> <p>- Ao longo do processo vai relembrando de que têm de caracterizar os fantoches como as personagens que lhe calharam em sorte, podendo até criar acessórios que as identifiquem.</p>		
Recursos Materiais <ul style="list-style-type: none"> - Fantoche “Maria Historieta”, fantoche de rolo de papel de cozinha - História “A Herança de D. Filipa e D. João I” - História reinventada e cartas das personagens - Lápis / caneta e caderno - Colas e tesouras - Moldes - Cartolinas e tecidos - Aplicações (missangas, pérolas, brilhantes, formas diversas recortadas, botões, lãs, fitas de cetim) 		
Objetivos <ul style="list-style-type: none"> - Recordar a história reinventada na sessão anterior - Identificar as personagens da história reinventada - Conhecer a personagem que vão recriar - Criar, através da plástica, os fantoches, caracterizando-os de acordo com as personagens - Explorar a criatividade, criando composições com materiais diversos 		
Técnicas e instrumentos de recolha de dados a aplicar <i>Observação participante</i> <ul style="list-style-type: none"> - Grelha de observação sistemática - Diário de bordo - Registo fotográfico da sessão 		

Sessão nº 2	Data: 6 de Fevereiro de 2019	Hora: 13:00h – 15:00h
Local Sala Ampla	Grupo de Alunos 4.º Ano / 19 participantes	
Duração da sessão: 2 horas		
Lista e duração das atividades <ul style="list-style-type: none"> - Leitura da história reinventada (10 minutos) - Identificação das personagens da história (3 minutos) - Distribuição das personagens pelas crianças (7 minutos) - Elaboração dos fantoches (90 minutos) - Conversa acerca dos espaços a caracterizar nos cenários (10 minutos) 		
Linguagens Artísticas utilizadas <ul style="list-style-type: none"> - Animação da leitura – escrita criativa - Plástica - Teatro 		
Desenvolvimento/descrição		
<p>- A sessão inicia-se com uma conversa entre a animadora e as crianças de modo a perceber se ainda se lembram da história reinventada, na sessão anterior. Nesta conversa estão presentes alguns fantoches, a “Maria Historieta” e um outro fantoche de meia, o Rodolfo. A história é lida pelas crianças que posteriormente identificarão as personagens.</p> <p>- Em seguida a animadora explica que o próximo passo será tirarem uma carta de personagem para perceber qual será a personagem que irão caracterizar no seu fantoche. As crianças vão tirando as cartas e a animadora vai apontando os seus nomes e os nomes das personagens que lhe calharem em sorte.</p> <p>- A animadora convida-as a virem para junto da mesa, sem mexerem nos materiais dispostos, para construírem o fantoche. Começa por distribuir as meias, consoante as personagens que as crianças irão caracterizar. De seguida dá às crianças um pedaço de cartolina, onde está desenhada a boca do fantoche, e pede-lhes que a recortem pelo contorno. Continua pegando numa meia e explicando que deverão cortar um pequeno triângulo da zona do calcanhar, exemplificando. Ajuda-as neste passo. Em seguida, pede-lhes que dobrem ao meio a boca que fizeram com a cartolina e que a coloquem dentro da meia, junto ao buraco aberto. Refere que terão de unir as extremidades do meio da cartolina com a parte mais larga do buraco. Terão de colocar cola de contacto nessas duas partes e deixar secar 3 minutos. Após passar o tempo colam e voltam colocar a mesma cola nas extremidades da cartolina e da meia. Esperam 3 minutos e colam.</p> <p>Em seguida, terão de escolher a cor do feltro que querem, que servirá para tapar a boca já começada, desenhar a boca, com a ajuda do molde, e recortar um pouco por fora do risco. Volta a colocar-se cola de contacto na boca da meia e no pedaço de feltro, esperam-se os 3 minutos e colam-se. Para aperfeiçoar a boca, corta-se o feltro em excesso. É pedido que experimentem os seus fantoches iniciais e que pensem em como querem que fique a cara do fantoche, se careca, com cabelo, com cabelo apanhado, muito ou pouco cabeçudo. Aos que querem o fantoche pouco cabeçudo ou aproveitar a meia para fazer o cabelo será colocado um elástico a apanhar uma parte da meia. Os restantes ficarão com ela como está. Enchem os fantoches com enchimento até à boca e a base do fantoche fica feita.</p> <p>Depois é-lhe dito para fazerem os olhos e nariz (e cabelo) utilizando vários materiais que têm à disposição, de modo a criarem composições diversas. É-lhes ainda sugerido que façam as roupas e acessórios para caracterizarem os fantoches de acordo com as suas personagens. Sempre que pedem, a animadora vai ajudando a explorar alguma ideia que tenham.</p> <p>- Ao longo do processo vai relembrando de que têm de caracterizar os fantoches como as personagens que lhe calharam em sorte, podendo até criar acessórios que as identifiquem.</p> <p>- Depois dos fantoches concluídos, pede-lhes que se voltem a sentar novamente no chão e pergunta-lhes quais são os espaços ou locais que estão presentes na história que reinventaram. Ouve as suas respostas e prossegue questionando quais serão os mais importantes para retratarmos nos cenários que iremos fazer. Aponta as ideias das crianças.</p>		
Recursos Materiais <ul style="list-style-type: none"> - Fantoche “Maria Historieta” e fantoche de meia - História “D. Dinis, o rei que fez tudo quanto quis” - História reinventada e cartas das personagens - Lápis / caneta e caderno - Colas e tesouras - Moldes - Elástico e enchimento (lã de vidro) - Meias - Feltro colorido - Cartolinas e tecidos - Aplicações (missangas, pérolas, brilhantes, formas diversas recortadas, botões, lãs, fitas de cetim) 		
Objetivos <ul style="list-style-type: none"> - Recordar a história reinventada na sessão anterior - Identificar as personagens da história reinventada - Conhecer a personagem que vão recriar - Criar, através da plástica, os fantoches, caracterizando-os de acordo com as personagens - Explorar a criatividade, criando composições com materiais diversos 		
Técnicas e instrumentos de recolha de dados a aplicar <i>Observação participante</i> <ul style="list-style-type: none"> - Grelha de observação - Grelha de registo / avaliação da sessão - Registo fotográfico da sessão 		

Sessão 3

Sessão nº 3	Data: 28 de Fevereiro de 2019	Hora: 13:30h – 15:30h
Local Sala ampla	Grupo de Alunos 1.º Ano / 21 participantes	
Duração da sessão: 2 horas		
Lista e duração das atividades - Término da elaboração dos fantoches (60 minutos) - Conversa acerca dos espaços a caracterizar nos cenários (10 minutos) - Criação dos cenários (50 minutos)		
Línguas Artísticas utilizadas - Animação da Leitura – escrita criativa - Plástica - Teatro		
Desenvolvimento/descrição		
<p>- A sessão inicia-se com uma conversa entre a animadora e as crianças de modo a perceber se ainda se lembram de quais são as personagens que lhes calharam em sorte. Em seguida pergunta-lhes quais são os espaços ou locais que estão presentes na história que reinventaram. Ouve as suas respostas e prossegue questionando quais serão os mais importantes para retratarmos nos cenários que iremos fazer. Aponta as ideias das crianças.</p> <p>- Mostra o papel de cenário com as janelas, já cortadas, e explica que vão existir 3 cenários, dois relativos à vila de Aljubarrota e ao campo da batalha e o outro pertencente à casa da padeira.</p> <p>- Pede às crianças que estão a construir os fantoches de dedo para irem pintar o cenário entregando-lhes as tintas e orientando-as quantos aos espedços que têm de pintar.</p> <p>- De seguida convida as restantes a virem para junto da mesa, sem mexerem nos materiais dispostos, para terminarem a construção do seu fantoche. Pede-lhes que terminem de criar o rosto da personagem, nomeadamente o cabelo com lã, cartolina ou EVA. Ajuda-os a colar as suas ideias. De seguida alerta para a realização da roupa dos fantoches / personagens. (só para os fantoches de pau). Pergunta-lhes se querem fazer um vestido, ou camisola/camisa e calças, se querem colocar capa no seu fantoches e à medida que vai falando com as crianças, vai-lhes desenhando em cartolina (de cores que elas escolherem) as roupas, que depois cortarão e colarão à cabeça do fantoche. A animadora estimula-as a colarem mais algum detalhe à roupa, por exemplo botões, furinhos ou alguns motivos em cartolina que criarem e recortarem. Pede-lhes ainda para fazerem os braços e pernas, se assim o entenderem. Desenha esses membros para quem quiser usá-los, assim como os sapatos. Depois do boneco recortado e colado, cola-se nos paus de gelado.</p> <p>- Quando as crianças que estão nos cenários terminarem a sua tarefa pede-lhes que lavem o seu pincel e as suas mãos e venham ter com ela para terminarem o seu fantoche. Pede-lhes que, após irem buscar a cara e o canudo os coleem um ao outro, assim como alguns adereços para formar a roupa. Podem fazer ainda os braços, que são colados em volta do canudo.</p> <p>- Ao longo do processo vai relembando de que têm de caracterizar os fantoches como as personagens que lhe calharam em sorte, podendo até criar acessórios que as identifiquem.</p>		
Recursos Materiais - História reinventada e fantoches iniciados - Lápis / caneta e caderno - Colas e tesouras - Moldes - Cartolinas e Goma EVA - Aplicações (missangas, pérolas, brilhantes, formas diversas recortadas, botões, lãs, fitas de cetim) - Papel de cenário, tintas de água e pincéis		
Objetivos - Criar, através da plástica, os fantoches, caracterizando-os de acordo com as personagens - Construir os cenários, adequando-os aos espaços da história a representar - Explorar a criatividade, criando composições com materiais diversos		
Técnicas e instrumentos de recolha de dados a aplicar <i>Observação participante</i> - Grelha de observação - Grelha de registo / avaliação da sessão - Registo fotográfico da sessão		

Sessão nº 3	Data: 27 de Fevereiro de 2019	Hora: 13:30h – 15:30h
Local Sala ampla	Grupo de Alunos 2.º Ano / 21 participantes	
Duração da sessão: 2 horas		
Lista e duração das atividades - Conversa acerca dos espaços a caracterizar nos cenários (15 minutos) - Criação dos cenários (105 minutos)		
Línguas Artísticas utilizadas - Animação da Leitura – escrita criativa - Plástica		
Desenvolvimento/descrição		
<p>- A sessão inicia-se com uma conversa entre a animadora e as crianças em que a primeira lhes pergunta quais são os espaços ou locais que estão presentes na história que reinventaram. Ouve as suas respostas e prossegue questionando quais serão os mais importantes para retratarmos nos cenários que iremos fazer. Aponta as ideias das crianças.</p> <p>- Mostra o papel de cenário com as janelas, já cortadas, e explica que vão existir 3 cenários e por isso terão de escolher 3 espaços a retratar. Volta a discutir-se e a decidir-se quais os espaços que vão criar nos cenários. Em seguida a animadora pergunta quais serão as cores utilizadas para cada cenário e começa a preparar as tintas.</p> <p>- Divide a turma em 3 grupos e orienta-os de modo a que cada um fique encarregue de um cenário. Desses grupos, divide metade para pintar o cenário e dá as tintas e pincéis. Sugere-lhes ainda a utilização de carimbos. À outra metade pede que vá para junto da mesa de modo a fazer as aplicações para serem coladas ao cenário, depois de seco.</p> <p>- Após terminarem a pintura do cenário, as crianças irão ao lavatório lavar os seus materiais e as suas mãos.</p> <p>- A animadora supervisiona e ajuda todo o grupo no que for necessário.</p>		
Recursos Materiais - História reinventada - Lápis / caneta e caderno - Colas e tesouras - Cartolinas e Goma EVA - Aplicações (missangas, pérolas, brilhantes, formas diversas recortadas, botões, lãs, fitas de cetim) - Papel de cenário, tintas de água e pincéis/ carimbos		
Objetivos - Construir os cenários, adequando-os aos espaços da história a representar - Explorar a criatividade, criando composições com materiais diversos		
Técnicas e instrumentos de recolha de dados a aplicar <i>Observação participante</i> - Grelha de observação - Grelha de registo / avaliação da sessão - Registo fotográfico da sessão		

Sessão nº 3	Data: 21 de Fevereiro de 2019	Hora: 14:30h – 15:30h / 16:00h – 17:00h
Local Sala ampla	Grupo de Alunos 3.º Ano / 16 participantes	
Duração da sessão: 2 horas		
Lista e duração das atividades <ul style="list-style-type: none"> - Término da elaboração dos fantoches (45 minutos) - Conversa acerca dos espaços a caracterizar nos cenários (15 minutos) - Criação dos cenários (60 minutos) 		
Linguagens Artísticas utilizadas <ul style="list-style-type: none"> - Animação da Leitura – escrita criativa - Plástica - Teatro 		
Desenvolvimento/descrição		
<ul style="list-style-type: none"> - A sessão inicia-se com uma conversa entre a animadora e as crianças de modo a perceber se ainda se lembram de quais são as personagens que lhes calharam em sorte. - De seguida convida-as a virem para junto da mesa, sem mexerem nos materiais dispostos, para terminarem a construção do seu fantoche relembrando-as de que têm de o caracterizar de acordo com a personagem que lhes calhou em sorte, podendo até criar acessórios que as identifiquem. Pede-lhes que terminem de lhes fazer as vestes e acessórios, estimulando-as a utilizar todos os materiais que têm à disposição, de modo a criarem composições diversas. Sempre que pedem, a animadora vai ajudando com as colagens ou a explorar alguma ideia que tenham. - Depois dos fantoches concluídos, pede-lhes que se voltem a sentar novamente no chão e pergunta-lhes quais são os espaços ou locais que estão presentes na história que reinventaram. Ouve as suas respostas e prossegue questionando quais serão os mais importantes para retratarmos nos cenários que iremos fazer. Aponta as ideias das crianças. - Mostra o papel de cenário com as janelas, já cortadas, e explica que vão existir 3 cenários e por isso terão de escolher 3 espaços a retratar. Volta a discutir-se e a decidir-se quais os espaços que vão criar nos cenários. Em seguida, a animadora pergunta quais serão as cores utilizadas para cada cenário e começa a preparar as tintas. - Divide a turma em 3 grupos e orienta-os de modo a que cada um fique encarregue de um cenário. Desses grupos, divide metade para pintar o cenário e dá as tintas e pincéis. Sugere-lhes ainda a utilização de carimbos. À outra metade pede que vá para junto da mesa de modo a fazer as aplicações para serem coladas ao cenário, depois de seco. - Após terminarem a pintura do cenário, as crianças irão ao lavatório lavar os seus materiais e as suas mãos. - A animadora supervisiona e ajuda todo o grupo no que for necessário. 		
Recursos Materiais <ul style="list-style-type: none"> - História reinventada e fantoches iniciados - Lápis / caneta e caderno - Colas e tesouras - Cartolinas, goma Eva e tecidos - Aplicações (missangas, pérolas, brilhantes, formas diversas recortadas, botões, lãs, fitas de cetim) - Papel de cenário, tintas de água e pincéis/ carimbos 		
Objetivos <ul style="list-style-type: none"> - Criar, através da plástica, os fantoches, caracterizando-os de acordo com as personagens - Construir os cenários, adequando-os aos espaços da história a representar - Explorar a criatividade, criando composições com materiais diversos 		
Técnicas e instrumentos de recolha de dados a aplicar <p><i>Observação participante</i></p> <ul style="list-style-type: none"> - Grelha de observação - Grelha de registo / avaliação da sessão - Registo fotográfico da sessão 		

Sessão nº 3	Data: 20 de Fevereiro de 2019	Hora: 13:00h – 15:00h
Local Sala Ampla	Grupo de Alunos 4.º Ano / 19 participantes	
Duração da sessão: 2 horas		
Lista e duração das atividades <ul style="list-style-type: none"> - Término da elaboração dos fantoches (60 minutos) - Conversa acerca dos espaços a caracterizar nos cenários (10 minutos) - Criação dos cenários (50 minutos) 		
Linguagens Artísticas utilizadas <ul style="list-style-type: none"> - Animação da leitura – escrita criativa - Plástica - Teatro 		
Desenvolvimento/descrição		
<p>- A sessão inicia-se com uma conversa entre a animadora e as crianças de modo a perceber se ainda se lembram de quais são as personagens que lhes calharam em sorte.</p> <p>- De seguida convida-as a virem para junto da mesa, sem mexerem nos materiais dispostos, para terminarem a construção do seu fantoche. Refere que se irá colocar cola de contacto na boca da meia e no pedaço de feltro, construído na sessão anterior, espera-se os 3 minutos e cola-se. Para aperfeiçoar a boca, corta-se o feltro em excesso. É pedido que experimentem os seus fantoches iniciais e que pensem em como querem que fique a cara do fantoches, se careca, com cabelo, com cabelo apanhado, muito ou pouco «caraçudo». Aos que querem o fantoche pouco cabeçudo ou aproveitar a meia para fazer o cabelo será colocado um elástico a apanhar uma parte da meia. Os restantes ficarão com ela como está. Enchem os fantoches com enchimento até à boca e a base do fantoche fica feita.</p> <p>Depois é-lhes dito para fazerem os olhos e nariz (e cabelo) utilizando vários materiais que têm à disposição, de modo a criarem composições diversas. É-lhes ainda sugerido que façam as roupas e acessórios para caracterizarem os fantoches de acordo com as suas personagens. Sempre que pedem a animadora vai ajudando-as a explorar alguma ideia que tenham.</p> <p>- Ao longo do processo vai lembrando-as de que têm de caracterizar os fantoches como as personagens que lhe calharam em sorte, podendo até criar acessórios que as identifiquem.</p> <p>- Depois dos fantoches concluídos, pede-lhes que se sentem no chão e pergunta-lhes quais são os espaços ou locais que estão presentes na história que reinventaram. Ouve as suas respostas e prossegue questionando quais serão os mais importantes para retratarmos nos cenários que iremos fazer. Aponta as ideias das crianças.</p> <p>- Mostra o papel de cenário com as janelas, já cortadas, e explica que vão existir 3 cenários e por isso terão de escolher 3 espaços a retratar. Volta a discutir-se e a decidir-se quais os espaços que vão criar nos cenários. Em seguida a animadora pergunta quais serão as cores utilizadas para cada cenário e começa a preparar as tintas.</p> <p>- Divide a turma em 3 grupos e orienta-os de modo a que cada um fique encarregue de um cenário. Desses grupos, divide metade para pintar o cenário e dá as tintas e pincéis. Sugere-lhes ainda a utilização de carimbos. À outra metade pede que vá para junto da mesa de modo a fazer as aplicações para serem coladas ao cenário, depois de seco.</p> <p>- Após terminarem a pintura do cenário, as crianças irão ao lavatório lavar os seus materiais e as suas mãos.</p> <p>- A animadora supervisiona e ajuda todo o grupo no que for necessário.</p>		
Recursos Materiais <ul style="list-style-type: none"> - História reinventada e fantoches iniciados - Lápis / caneta e caderno - Colas e tesouras - Cartolinas e Papel de Lustro / Goma Eva - Moldes - Elástico e enchimento (lã de vidro) - Feltro colorido e tecidos - Aplicações (missangas, pérolas, brilhantes, formas diversas recortadas, botões, lãs, fitas de cetim) - Papel de cenário, tintas de água e pincéis/ carimbos 		
Objetivos <ul style="list-style-type: none"> - Criar, através da plástica, os fantoches, caracterizando-os de acordo com as personagens - Construir os cenários, adequando-os aos espaços da história a representar - Explorar a criatividade, criando composições com materiais diversos 		
Técnicas e instrumentos de recolha de dados a aplicar <i>Observação participante</i> <ul style="list-style-type: none"> - Grelha de observação - Grelha de registo / avaliação da sessão - Registo fotográfico da sessão 		

Sessão 4

Sessão nº 4	Data: 21 de Março de 2019	Hora: 13:30h – 15:30h
Local Sala ampla	Grupo de Alunos 1.º Ano / 21 participantes	
Duração da sessão: 2 horas		
Lista e duração das atividades - Criação da sonoplastia da história (45 minutos) - Ensaio da representação da história “A Padeira de Aljubarrota” (75 minutos)		
Línguas Artísticas utilizadas - Animação da Leitura - Música - Teatro		
Desenvolvimento/descrição		
<p>- A sessão inicia-se com uma conversa entre a animadora e as crianças de modo a sensibilizá-las para o que ainda falta realizar até à representação final, que será na próxima sessão. Começa por explicar que hoje irão criar a sonoplastia da história com recurso à voz e ao corpo e em seguida ensaiar a história com todos os materiais criados ao longo do projeto.</p> <p>- Após esta conversa pergunta como podem representar o som dos galos, dos passarinhos, de chamar o tigre, do caminhar, do tigre (rugir, arranhar, arrastar, moder e comer), do cheirar, da porta a abrir, da pé a bater nos castelhanos e dos seus gritos de aflição. Após algumas experiências e conclusões elege as crianças que vão fazer cada som.</p> <p>- No fim dos sons criados entrega os guiões às crianças que têm personagens falantes para estudarem, com a sua ajuda e à narradora (professora). Seguidamente distribui os fantoches e faz-se uma rápida leitura do texto e nos diálogos as personagens é que falam.</p> <p>- Antes de pedir às crianças que se dirijam para trás do fantocheiro explica que irá colocar algumas músicas, entre mudanças de cenas e refere algumas regras importantes que devem ser respeitadas nos ensaios e representação final: 1.ª - só estar junto do fantocheiro quem está em cena, os restantes estarão atrás ou dos lados; 2.ª - haver silêncio; 3.ª - estar atento e sossegado.</p> <p>- Pede-lhes que se dirijam para trás do cenário e que estejam atentas às indicações que a animadora for dando. Coloca a música inicial e o ensaio começa. A animadora vai alertando quando é para fazer os sons ou quando é para mudar de cenário.</p> <p>- No final da história coloca uma música e explica que todas as personagens / fantoches aparecem pelas janelas e passado um bocadinho as crianças vêm para a frente do fantocheiro com os seus fantoches a dançar. Ensaiam essa parte.</p>		
Recursos Materiais - Guião da história “A Padeira de Aljubarrota” e fantoches - Computador e colunas - Lápis / caneta e caderno - Fita-cola - Fantocheiro e cenário		
Objetivos - Criar a sonoplastia da história, explorando sons com a voz e o corpo - Adequar os sons às ações da história e saber quando os devem realizar - Ensaiar a representação, utilizando corretamente os fantoches e sabendo quando devem entrar em cena e/ou falar - Identificar e mudar de cenário com o desenrolar do teatro		
Técnicas e instrumentos de recolha de dados a aplicar <i>Observação participante</i> - Grelha de observação sistemática - Diário de bordo - Registo fotográfico da sessão		

Sessão nº 4	Data: 20 de Março de 2019	Hora: 13:30h – 15:30h
Local Sala ampla	Grupo de Alunos 2.º Ano / 21 participantes	
Duração da sessão: 2 horas		
Lista e duração das atividades - Criação da sonoplastia da história (45 minutos) - Ensaio da representação da história “Pedro e Inês – Uma história de Amor” (75 minutos)		
Línguas Artísticas utilizadas - Animação da Leitura - Música - Teatro		
Desenvolvimento/descrição		
<p>- A sessão inicia-se com uma conversa entre a animadora e as crianças de modo a sensibilizá-las para o que ainda falta realizar até à representação final, que será na próxima sessão. Começa por explicar que hoje irão criar a sonoplastia da história com recurso ao corpo e a objetos reciclados e em seguida ensaiar a história com todos os materiais criados ao longo do projeto.</p> <p>- Após esta conversa pergunta como podem representar o som do bater do coração (normal e acelerado), da carruagem a andar, do rufar dos tambores, da porta a ser fechada e dos pés a caminharem pela folhagem da floresta. Após algumas experiências e conclusões elege as crianças que vão fazer cada som.</p> <p>- No fim dos sons criados entrega os guiões às crianças que têm personagens falantes para estudarem e à narradora. Seguidamente distribui os fantoches e faz-se uma rápida leitura do texto e nos diálogos as personagens é que falam.</p> <p>- Antes de pedir às crianças que se dirijam para trás do fantocheiro explica que irá colocar algumas músicas, entre mudanças de cenas e refere algumas regras importantes que devem ser respeitadas nos ensaios e representação final: 1.ª - só estar junto do fantocheiro quem está em cena, os restantes estarão atrás ou dos lados; 2.ª - haver silêncio; 3.ª - manter os objetos reciclados no chão quando não são necessários; 4.ª - estar atento e sossegado.</p> <p>- Pede-lhes que se dirijam para trás do cenário e que estejam atentas às indicações que a animadora for dando. Coloca a música inicial e o ensaio começa. A animadora vai alertando quando é para fazer os sons ou quando é para mudar de cenário.</p> <p>- No final da história coloca uma música e explica que todas as personagens / fantoches aparecem pelas janelas e passado um bocadinho as crianças vêm para a frente do fantocheiro com os seus fantoches a dançar. Ensaiam essa parte.</p>		
Recursos Materiais - Guião da história “Pedro e Inês – Uma história de Amor” e fantoches - Lápis / caneta e caderno - Computador e colunas - Objetos reciclados - Fita-cola - Fantocheiro e cenário		
Objetivos - Criar a sonoplastia da história, explorando sons com o corpo e os diversos objetos reciclados - Adequar os sons às ações da história e saber quando os devem realizar - Ensaiar a representação, utilizando corretamente os fantoches e sabendo quando devem entrar em cena e/ou falar - Identificar e mudar de cenário com o desenrolar do teatro		
Técnicas e instrumentos de recolha de dados a aplicar <i>Observação participante</i> - Grelha de observação sistemática - Diário de bordo - Registo fotográfico da sessão		

Sessão nº 4	Data: 14 de Março de 2019	Hora: 14:30h – 15:30h / 16:00h – 17:00h
Local Sala ampla	Grupo de Alunos 3.º Ano / 16 participantes	
Duração da sessão: 2 horas		
Lista e duração das atividades - Criação da sonoplastia da história (45 minutos) - Ensaio da representação da história “A Herança de D. Filipa e D. João I” (75 minutos)		
Linguagens Artísticas utilizadas - Animação da Leitura - Música - Teatro		
Desenvolvimento/descrição		
<p>- A sessão inicia-se com uma conversa entre a animadora e as crianças de modo a sensibilizá-las para o que ainda falta realizar até à representação final, que será na próxima sessão. Começa por explicar que hoje irão criar a sonoplastia da história com recurso ao corpo e a objetos reciclados e em seguida ensaiar a história com todos os materiais criados ao longo do projeto.</p> <p>- Após esta conversa pergunta como podem representar o som do folhear de um livro, de cavalgar, do barulho do povo, das rodas da charrete, de surpresa, dos ratos (caminhar e chiar), de vaziar a poção, de uma ideia e de mexer/beber/ engolir. Após algumas experiências e conclusões elege as crianças que vão fazer cada som.</p> <p>- No fim dos sons criados entrega os guiões às crianças que têm personagens falantes para estudarem e à narradora. Seguidamente distribui os fantoches e faz-se uma rápida leitura do texto e nos diálogos as personagens é que falam.</p> <p>- Antes de pedir às crianças que se dirijam para trás do fantocheiro explica que irá colocar algumas músicas, entre mudanças de cenas e refere algumas regras importantes que devem ser respeitadas nos ensaios e representação final: 1.ª - só estar junto do fantocheiro quem está em cena, os restantes estarão atrás ou dos lados; 2.ª - haver silêncio; 3.ª - manter os objetos reciclados no chão quando não são necessários; 4.ª - estar atento e sossegado.</p> <p>- Pede-lhes que se dirijam para trás do cenário e que estejam atentas às indicações que a animadora for dando. Coloca a música inicial e o ensaio começa. A animadora vai alertando quando é para fazer os sons ou quando é para mudar de cenário.</p> <p>- No final da história coloca uma música e explica que todas as personagens / fantoches aparecem pelas janelas e passado um bocadinho as crianças vêm para a frente do fantocheiro com os seus fantoches a dançar. Ensaiam essa parte.</p>		
Recursos Materiais - Guião da história “A herança de D. Filipa e D. João I” e fantoches - Lápis / caneta e caderno - Computador e colunas - Objetos reciclados - Fita-cola - Fantocheiro e cenário		
Objetivos - Criar a sonoplastia da história, explorando sons com o corpo e os diversos objetos reciclados - Adequar os sons às ações da história e saber quando os devem realizar - Ensaiar a representação, utilizando corretamente os fantoches e sabendo quando devem entrar em cena e/ou falar - Identificar e mudar de cenário com o desenrolar do teatro		
Técnicas e instrumentos de recolha de dados a aplicar <i>Observação participante</i> - Grelha de observação sistemática - Diário de bordo - Registo fotográfico da sessão		

Sessão nº 4	Data: 13 de Março de 2019	Hora: 13:00h – 15:00h
Local Sala Ampla	Grupo de Alunos 4.º Ano / 19 participantes	
Duração da sessão: 2 horas		
Lista e duração das atividades		
<ul style="list-style-type: none"> - Criação da sonoplastia da história (45 minutos) - Ensaio da representação da história “D. Dinis – o rei que fez tudo quanto quis” (75 minutos) 		
Linguagens Artísticas utilizadas		
<ul style="list-style-type: none"> - Animação da leitura - Música - Teatro 		
Desenvolvimento/descrição		
<p>- A sessão inicia-se com uma conversa entre a animadora e as crianças de modo a sensibilizá-las para o que ainda falta realizar até à representação final, que será na próxima sessão. Começa por explicar que hoje irão criar a sonoplastia da história com instrumentos musicais e em seguida ensaiar a história com todos os materiais criados ao longo do projeto. Sugere ainda uma ideia para tornar o cenário mais dinâmico, a modificação aplicações ao longo da representação, sob forma de ir mudando o contexto de cada cenário.</p> <p>- Após esta conversa explica que se farão 2 compassos quaternários com dois instrumentos cada um, e explica o que são estes compassos e como funcionam. Nesta altura elege 4 crianças para realizarem sempre os compassos. Prossegue com os restantes sons e pergunta como podem representar o som de sonhar, de cavalgar, de passos, da água do rio, das rosas a caírem e das espadas na batalha. Após algumas experiências e conclusões volta a eleger as crianças, neste caso para cada som a fazer.</p> <p>- No fim dos sons criados entrega os guiões às crianças que têm personagens falantes para estudarem e à narradora. Seguidamente, distribui os fantoches e faz-se uma rápida leitura do texto e nos diálogos as personagens é que falam.</p> <p>- Antes de pedir às crianças que se dirijam para trás do fantocheiro, explica que irá colocar algumas músicas, entre mudanças de cenas e refere algumas regras importantes que devem ser respeitadas nos ensaios e representação final: 1.ª - só estar junto do fantocheiro quem está em cena, os restantes estarão atrás ou dos lados; 2.ª - haver silêncio; 3.ª - manter os instrumentos musicais no chão quando não são necessários; 4.ª - estar atento e sossegado. Nomeia ainda duas crianças para ficarem encarregues das aplicações para os cenários.</p> <p>- Pede-lhes que se dirijam para trás do cenário e que estejam atentas às indicações que a animadora for dando. Coloca a música inicial e o ensaio começa. A animadora vai alertando quando é para fazer os sons ou os compassos ou quando é para mudar de cenário.</p> <p>- No final da história coloca uma música e explica que todas as personagens / fantoches aparecem pelas janelas e passado um bocadinho as crianças vêm para a frente do fantocheiro com os seus fantoches a dançar. Ensaiam essa parte.</p>		
Recursos Materiais		
<ul style="list-style-type: none"> - Guião da história “D. Dinis – o rei que fez tudo quanto quis” e fantoches - Lápis / caneta e caderno - Computador e colunas - Instrumentos musicais - Cola e aplicações cenários - Fita-cola - Fantocheiro e cenário 		
Objetivos		
<ul style="list-style-type: none"> - Criar a sonoplastia da história, explorando sons com os diversos instrumentos musicais - Adequar os sons às ações da história e saber quando os devem realizar - Ensaiar a representação, utilizando corretamente os fantoches e sabendo quando devem entrar em cena e/ou falar - Identificar e mudar de cenário com o desenrolar do teatro, modificando, quando necessário, as aplicações 		
Técnicas e instrumentos de recolha de dados a aplicar		
<p><i>Observação participante</i></p> <ul style="list-style-type: none"> - Grelha de observação sistemática - Diário de bordo - Registo fotográfico da sessão 		

Sessão 5

Sessão nº 5	Data: 29 de Março de 2019	Hora: 10:00h – 12:30h / 13:30h- 16h
Local Sala polivalente	Grupo de Alunos 1.º Ano - 21 participantes / 2.º ano - 21 participantes 3.º ano – 16 participantes / 4.º ano – 19 participantes	
Duração da sessão: 2:30h + 2:30 horas		
Lista e duração das atividades - Ensaio geral das representações das histórias (150 minutos - mais ou menos 30 min. por turma) - Preparação e organização das turmas e materiais (15 minutos) - Representação das histórias (105 minutos) - Conversa final (30 minutos)		
Línguas Artísticas utilizadas - Animação da Leitura - Música - Plástica - Teatro		
Desenvolvimento/descrição		
<p><u>1.ª parte – ensaio geral</u> - A sessão inicia-se com a animadora a relembrar às crianças algumas regras importantes que devem ser respeitadas no ensaio e na representação final, 1.ª só estar junto do fantocheiro quem está em cena, os restantes estarão atrás ou dos lados, 2.ª haver silêncio, 3.ª manter os instrumentos musicais / objetos reciclados no chão quando não são necessários, 4.ª estar atento e sossegado. Em seguida distribui os fantoches por elas e pede a quem tiver sons para produzir que vá buscar os instrumentos musicais / objetos reciclados e se volte a sentar. - Após estarem todas acomodadas começa o ensaio com o narrador a apresentar o nome da história, segue a música inicial e o mesmo começa a contar a história reinventada. Enquanto isso, as restantes crianças vão produzindo os sons e fazendo as suas personagens entrarem em cena. As crianças do 4.º ano terão ainda de ir trocando as aplicações aos cenários. No final da história é colocada uma música e as personagens / fantoches aparecem pelas janelas e após uns instantes as crianças vêm para a frente do fantocheiro com eles a dançar. Depois do ensaio é-lhes pedido que estejam de volta às 13.30h.</p> <p><u>2.ª parte – Representação</u> - Quando as crianças chegam a animadora pede-lhes que se sentem nas cadeiras, por turmas. Volta a relembrá-las da ordem das representações, do 1.º ao 4.º ano e das regras que terão de ser cumpridas para que tudo corra bem. Com as professoras prepara os cenários, de modo a que estas já tenham cola e estejam preparados para ser só trocá-los rapidamente. - Depois dos convidados terem chegado o 1.º ano vai para trás do fantocheiro, pega nos seus fantoches e prepara-se nos lugares combinados. A animadora apresenta o espetáculo com o auxílio do fantoche “Maria Historieta” e em seguida começa a representação da história “A Padeira de Aljubarrota”. No final vêm para a frente do fantocheiro e, todos juntos, fazem uma vénia, como ensaiado anteriormente. Após serem aplaudidos voltam para as suas cadeiras e a turma do 2.º ano dirige-se para trás do fantocheiro e prepara-se. Enquanto isso a animadora e professoras trocam os cenários. Quando tudo está calmo a animadora volta a apresentar o espetáculo com o auxílio do fantoche “Maria Historieta” e em seguida começa a representação da história “Pedro e Inês – Uma História de Amor”. Tal como na primeira turma, no final vêm para a frente do fantocheiro e, todos juntos, fazem uma vénia. Segue-se o 3.º ano com a história “A Herança de D. Filipa e D. João I” e o 4.º ano com a história “D. Dinis, o rei que fez tudo quanto quis”. Os narradores destas duas turmas é que apresentam e conduzem o espetáculo. A animadora apenas ajuda no som. Também estas turmas são parabenizadas com aplausos quando vêm para a frente e fazem a vénia. - No final existe uma conversa conjunta em que a animadora pergunta como se sentiram ao mostrar o que têm vindo a preparar e se gostaram de ver as representações das restantes turmas. A animadora dá ainda a palavra à diretora da escola, às professoras das turmas e à escritora Vanda Furtado Marques, de modo a que estas dêem o seu parecer acerca do projeto e dos resultados finais.</p>		
Recursos Materiais - Guiões das 4 histórias e fantoches, Maria Historieta - Computador, colunas e microfones, cadeiras - Fita-cola, sisal e lençóis - Fantocheiro, cenários e aplicações (pionesses) - Instrumentos musicais e objetos reciclados		
Objetivos - Ensaiar a representação, utilizando corretamente os fantoches e sabendo quando devem entrar em cena e/ou falar - Adequar os sons às ações da história e saber quando os devem realizar - Identificar e mudar de cenário com o desenrolar do teatro - Apresentar o trabalho que foi realizado ao longo do projeto, juntando a escrita criativa, a plástica, a música e o teatro		
Técnicas e instrumentos de recolha de dados a aplicar <i>Observação participante</i> - Grelha de observação sistemática - Diário de bordo - registo fotográfico da sessão		

ANEXO 3 - GRELHA DE ATIVIDADES

	1.º Ano “A Padeira de Aljubarrota”	2.º Ano “Pedro e Inês- uma história de amor”	3.º Ano “A Herança de D. Filipa e D. João I”	4.º Ano “D. Dinis – O Rei que fez tudo quanto quis”
ANIMAÇÃO DA LEITURA	<ul style="list-style-type: none"> - apresentações de várias histórias da autora - leitura animada da história - jogo de identificação das personagens e contextos - introdução de uma personagem na história 	<ul style="list-style-type: none"> - apresentações de várias histórias da autora - leitura animada da história - jogo de identificação de personagens e contextos - mudança de atitude de uma personagem da história 	<ul style="list-style-type: none"> - apresentações de várias histórias da autora - leitura animada da história - jogo de identificação de personagens e contextos - alteração do final da história 	<ul style="list-style-type: none"> - apresentações de várias histórias da autora - leitura animada da história - jogo de identificação de personagens e contextos - alteração do contexto da história
PLÁSTICA	<ul style="list-style-type: none"> - realização dos fantoches de <i>stick/</i> pau e dos fantoches de dedo - elaboração dos cenários (folhas com desenhos feitos – através de pintura em lápis de cor, recorte e colagem de diversos materiais) - execução do fantocheiro (realizado pelos 4 grupos) 	<ul style="list-style-type: none"> - realização dos fantoches de cartucho e sombras chinesas (verificar se há material na escola para o teatro de sombras) - elaboração dos cenários (folhas com desenhos feitos – através de pintura em lápis de cor, recorte e colagem de diversos materiais) - execução do fantocheiro (realizado pelos 4 grupos) 	<ul style="list-style-type: none"> - realização dos fantoches de rolo de papel de cozinha e caixas do leite - elaboração dos cenários (folhas com desenhos feitos – através de pintura com guaches, recorte e colagem de diversos materiais) - execução do fantocheiro (realizado pelos 4 grupos) 	<ul style="list-style-type: none"> - realização dos fantoches de meia - elaboração dos cenários (folhas com desenhos feitos – através de pintura com guaches, recorte e colagem de diversos materiais) - execução do fantocheiro (realizado pelos 4 grupos)
MÚSICA	<ul style="list-style-type: none"> - criação de ritmos vocais (utilização de onomatopeias) e corporais – pequena sonoplastia 	<ul style="list-style-type: none"> - criação de ritmos feitos com a voz, o corpo e com recurso a objetos reutilizados - realização da sonoplastia da história 	<ul style="list-style-type: none"> - realização de pequenas melodias, feitas com recurso a escalas pentatônicas (escala composta por 5 tons, p. ex. Dó, ré, mi, sol, lá) 	<ul style="list-style-type: none"> - criação livre, composta por melodias feitas com recurso a escalas pentatônicas e ritmos feitos com a voz e o corpo
TEATRO	<ul style="list-style-type: none"> - manipulação dos fantoches - manipulação dos cenários - integrar a música na representação 	<ul style="list-style-type: none"> - manipulação dos fantoches - manipulação dos cenários - integrar a música na representação 	<ul style="list-style-type: none"> - manipulação dos fantoches - manipulação dos cenários - integrar a música na representação 	<ul style="list-style-type: none"> - manipulação dos fantoches - manipulação dos cenários - integrar a música na representação
APRESENTAÇÃO FINAL	Representação da história reconstruída, com recurso aos fantoches, cenários e músicas / ritmos elaborados	Representação da história reconstruída, com recurso aos fantoches, cenários e músicas / ritmos elaborados	Representação da história reconstruída, com recurso aos fantoches, cenários e músicas / ritmos elaborados	Representação da história reconstruída, com recurso aos fantoches, cenários e músicas / ritmos elaborados

ANEXO 4 – GRELHAS DE OBSERVAÇÃO SISTEMÁTICA

Os alunos ...	1.º ANO				
	Sessão 1	Sessão 2	Sessão 3	Sessão 4	Sessão 5
São participativos	8	8	8	8	9
Estão Motivados / interessados	7	8	8	7	8
Revelam autonomia	7	7	7	7	8
Revelam criatividade	7	7	7	7	7
Dão ideias e sugestões	7	6	7	8	6
São Crítico / Reflexivo	6	6	6	6	5
Falam de assuntos pertinentes	6	6	7	5	7
Interagem individualmente	8	8	8	8	8
Conseguem trabalhar em equipa	7	6	7	7	9
Deixam todo o grupo participar	7	7	8	8	9
Respeitam as ideias dos outros	7	7	8	8	9
Utilizam os materiais e recursos corretamente	6	5	6	6	8
Têm dificuldade na realização de alguma atividade	6	5	5	5	4
Perturbam a sessão, interrompendo-a de forma negativa	9	9	7	8	3
Demonstram à vontade com a animação da leitura	7	---	---	8	8
Demonstram à vontade com a Plástica	---	6	8	---	---
Demonstram à vontade com a Música	---	---	---	9	9
Demonstram à vontade com o Teatro	7	7	7	8	9
Querem saber mais sobre a escritora	7	3	3	1	1
Procuram outros livros da escritora	7	3	3	1	1
Observações Avaliação feita numa escala de 1 a 10, sendo que <u>1 corresponde a Nunca Revelam</u> e <u>10 corresponde a Revelam Sempre</u> .	Muito agitados e mexidos, pouca capacidade de concentração	Muito agitados, não respeitam regras nem material. Não terminaram os fantoches	Dividindo a turma ao meio foi mais fácil trabalhar. Eles sentem necessidade que de ter atenção individualizada	Nas 1ª 2 h. não conseguimos ensaiar, as crianças estavam muito agitadas com os sons. A prof. pediu + 1 h e aí conseguimos fazer 1 ensaio sem interrupções	Ensaio – correu bem Representação – concentrados e alegres

Os alunos ...	2.º ANO				
	Sessão 1	Sessão 2	Sessão 3	Sessão 4	Sessão 5
São participativos	8	9	9	9	9
Estão Motivados / interessados	8	9	9	9	9
Revelam autonomia	7	9	9	8	9
Revelam criatividade	8	9	9	8	8
Dão ideias e sugestões	8	8	8	8	8
São Crítico / Reflexivo	7	7	7	7	8
Falam de assuntos pertinentes	7	8	7	8	9
Interagem individualmente	8	8	8	9	9
Conseguem trabalhar em equipa	8	9	9	9	9
Deixam todo o grupo participar	8	9	9	10	10
Respeitam as ideias dos outros	8	9	9	9	10
Utilizam os materiais e recursos corretamente	8	8	9	9	9
Têm dificuldade na realização de alguma atividade	4	4	3	3	2
Perturbam a sessão, interrompendo-a de forma negativa	3	2	3	3	2
Demonstram à vontade com a animação da leitura	7	---	---	8	8
Demonstram à vontade com a Plástica	---	9	9	---	---
Demonstram à vontade com a Música	---	---	---	9	9
Demonstram à vontade com o Teatro	8	8	---	8	9
Querem saber mais sobre a escritora	8	7	6	2	2
Procuram outros livros da escritora	8	7	6	2	2
Observações Avaliação feita numa escala de 1 a 10, sendo que <u>1</u> corresponde a <u>Nunca Revelam</u> e <u>10</u> corresponde a <u>Revelam Sempre</u> .	Grupo um pouco agitado, mas muito entusiasmado e criativo	Começaram e terminaram os fantoches	Realizaram o cenário completo	Criaram os sons e ensaiaram 1 vez (só leitura) + 1 ensaio geral	O ensaio correu bem. A representação também – crianças muito motivadas e felizes em poder mostrar o que tinham andado a preparar

Os alunos ...	3.º ANO					
	Sessão 1	Sessão 2	Sessão 3	Sessão 4		Sessão 5
São participativos	8	10	9	9	9	9
Estão Motivados / interessados	8	9	9	8	9	9
Revelam autonomia	8	8	8	8	8	9
Revelam criatividade	8	9	8	8	8	8
Dão ideias e sugestões	8	9	8	9	8	7
São Crítico / Reflexivo	7	8	6	6	6	6
Falam de assuntos pertinentes	7	8	7	6	7	7
Interagem individualmente	8	9	9	8	8	8
Conseguem trabalhar em equipa	7	7	9	8	8	8
Deixam todo o grupo participar	7	8	9	9	9	9
Respeitam as ideias dos outros	8	8	8	8	8	9
Utilizam os materiais e recursos corretamente	9	8	7	7	8	9
Têm dificuldade na realização de alguma atividade	5	4	3	3	3	2
Perturbam a sessão, interrompendo-a de forma negativa	7	7	8	9	7	6
Demonstram à vontade com a animação da leitura	8	---	---	8	8	9
Demonstram à vontade com a Plástica	---	8	8	---	---	---
Demonstram à vontade com a Música	---	---	---	9	9	9
Demonstram à vontade com o Teatro	8	8	8	8	8	8
Querem saber mais sobre a escritora	6	8	8	4	3	2
Procuram outros livros da escritora	8	9	8	4	3	2
Observações Avaliação feita numa escala de 1 a 10, sendo que <u>1 corresponde a Nunca Revelam</u> e <u>10 corresponde a Revelam Sempre</u> .	- 1 criança autista Crianças a requisitar histórias da Vanda	Várias crianças a requisitarem as histórias da Vanda - Fantoches não concluídos	- 1 criança autista - 1 criança a ler histórias da Vanda - terminaram fantoches e começaram cenários	- Música feita e ensaiada + 1 ensaio realizado - muito agitados e pouco preparados para a representação	Ensaio – correu bem (1 ou 2 crianças a distrair grupo) Representação – correu bem, crianças contentes com trabalho apresentado	

Os alunos ...	4.º ANO						
	Sessão 1	Sessão 2	Sessão 3		Sessão 4		Sessão 5
São participativos	7 (alguns muito calados)	9	9	9	9	9	9
Estão Motivados / interessados	8	8	8	8	9	9	9
Revelam autonomia	7	8	7	8	8	8	9
Revelam criatividade	8	8	7	7	7	8	8
Dão ideias e sugestões	8	7	7	7	8	8	8
São Crítico / Reflexivo	5	5	6	5	7	7	7
Falam de assuntos pertinentes	6	7	8	8	8	8	8
Interagem individualmente	8	9	9	10	9	10	10
Conseguem trabalhar em equipa	9	9	8	9	9	9	10
Deixam todo o grupo participar	9	9	8	9	10	10	10
Respeitam as ideias dos outros	9	9	9	9	9	9	9
Utilizam os materiais e recursos corretamente	10	10	9	9	8	8	9
Têm dificuldade na realização de alguma atividade	7	4	4	4	4	3	2
Perturbam a sessão, interrompendo-a de forma negativa	7	8	7	4	4	3	2
Demonstram à vontade com a animação da leitura	6	---	---	---	9	10	10
Demonstram à vontade com a Plástica	---	7	7	8	---	---	9
Demonstram à vontade com a Música	---	---	---	---	9	9	9
Demonstram à vontade com o Teatro	8	8	8	---	8	9	9
Querem saber mais sobre a escritora	6	4	4	5	2	1	1
Procuram outros livros da escritora	7	4	4	4	2	1	1
Observações Avaliação feita numa escala de 1 a 10, sendo que <u>1</u> corresponde a <u>Nunca Revelam</u> e <u>10</u> corresponde a <u>Revelam Sempre</u> .	Terminou às 14.50h	Não conseguimos terminar os fantoches	- Só terminaram fantoches - cont. sessão: construção dos cenários (feitos)		- sons criados - 2 ensaios realizados - Achámos melhor marcarmos + 1 h de ensaios		Ensaio – correu bem, turma bastante concentrada e motivada Representação – fantástica, crianças atentas e alegres ao apresentar o trabalho

Os alunos ...	Sessão 1				Sessão 2				Sessão 3				Sessão 4						
	1.º ano	2.º ano	3.º ano	4.º ano	1.º ano	2.º ano	3.º ano	4.º ano	1.º ano	2.º ano	3.º ano	4.º ano	1.º ano	2.º ano	3.º ano	4.º ano			
São participativos	8	8	8	7	8	9	10	9	8	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9
Estão Motivados / interessados	7	8	8	8	8	9	9	8	8	9	9	8	8	8	9	8	9	9	9
Revelam autonomia	7	7	8	7	7	9	8	8	7	9	8	7	8	8	8	8	8	8	8
Revelam criatividade	7	8	8	8	7	9	9	8	7	9	8	7	7	7	8	8	8	7	8
Dão ideias e sugestões	7	8	8	8	6	8	9	7	7	8	8	7	7	6	8	9	8	8	8
São Crítico / Reflexivo	6	7	7	5	6	7	8	5	6	7	6	6	5	5	7	6	6	7	7
Falam de assuntos pertinentes	6	7	7	6	6	8	8	7	7	7	7	8	8	7	8	6	7	8	8
Interagem individualmente	8	8	8	8	8	8	9	9	8	8	9	9	10	8	9	8	8	9	10
Conseguem trabalhar em equipa	7	8	7	9	6	9	7	9	7	9	9	8	9	9	9	8	8	9	9
Deixam todo o grupo participar	7	8	7	9	7	9	8	9	8	9	9	8	9	9	10	9	9	10	10
Respeitam as ideias dos outros	7	8	8	9	7	9	8	9	8	9	8	9	9	9	9	8	8	9	9
Utilizam os materiais e recursos corretamente	6	8	9	10	5	8	8	10	6	9	7	9	9	8	9	7	8	8	8
Têm dificuldade na realização de alguma atividade	6	4	5	5	5	4	4	4	5	3	3	4	4	4	3	3	3	4	3
Perturbam a sessão, interrompendo-a de forma negativa	9	7	7	7	9	8	7	8	7	7	8	7	4	3	7	9	7	4	3
Demonstram à vontade com a animação da leitura	7	8	8	6	---	---	---	---	---	---	---	--	---	8	8	8	8	9	10
Demonstram à vontade com a Plástica	---	---	---	---	6	9	8	7	8	9	8	7	8	---	---	--	-	--	--
Demonstram à vontade com a Música	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	--	--	9	9	9	9	9	9
Demonstram à vontade com o Teatro	7	8	8	8	7	8	8	8	7	---	8	8	--	9	8	8	8	8	9
Querem saber mais sobre a escritora	7	8	6	6	3	7	8	4	3	6	8	4	5	1	2	4	3	2	1
Procuram outros livros da escritora	7	8	8	7	3	7	9	4	3	6	8	4	4	1	2	4	3	2	1
Observações Avaliação feita numa escala de 1 a 10, sendo que <u>1 corresponde a Nunca Revelam</u> e <u>10 corresponde a Revelam Sempre</u> .	3.º ano – 1 criança autista a participar				4.º ano – não acabou fantoches 3.º ano – não acabou fantoches 2.º ano – terminou fantoches 1.º ano – não acabou fantoches				4.º ano – terminaram fantoches + cenários 3.º ano – terminaram fantoches + cenários 2.º ano – fizeram cenários e suas aplicações 1.º ano – terminaram fantoches + cenários				4.º ano – música e 2 ensaios + 1 ensaio 3.º ano – música e 1 ensaio 2.º ano – música e 1 ensaio + 1 leitura/falas 1.º ano – música e 1 ensaio (bem feito)						

ANEXO 5 – DIÁRIO DE BORDO

SESSÃO 1

Quarta-feira, 23 de janeiro de 2019

Hoje inicia-se o projeto de intervenção e investigação.

Sinto-me um pouco ansiosa. Terminei de ensaiar a animação da leitura da história “D. Dinis, o Rei que fez tudo quanto quis”.

Está tudo preparado, objetos, jogos, fantoche, livros. Agora só faltam as crianças. Revejo tudo muito bem, quais os passos a dar ao longo da sessão.

A sessão estava marcada para as 13:00h, mas por volta das 12:50h já estava a chegar à escola. Esperei pela Professora D, que, quando chegou, pediu a um aluno para me acompanhar à biblioteca.

Já na biblioteca preparei o espaço com os pufes, coloquei os materiais de que necessitava à disposição, os livros da Vanda à vista, coloquei o fantoche “Maria Historieta” e fui até à porta da biblioteca ter com os alunos, que tinham chegado naquele instante.

Sessão 1 – 4.º ano - 18 crianças

Apareci eu com o fantoche na mão e os miúdos ficaram logo curiosos com o que se iria passar. Convidei-os a entrar e indiquei-lhes qual o caminho que deveriam seguir e sentar-se.

Após todos estarem sentados nos pufes, a “Maria Historieta” falou, apresentando-se. Eu também me apresentei e o fantoche interveio perguntando os nomes às crianças. Cada uma, na sua vez, disse o seu nome (algumas disseram o nome que poderiam ter sido, iniciando na primeira). Em seguida falei da escritora Vanda e todos demonstraram que já a conheciam ou tinham ouvido falar nela. Mostrei alguns livros, sendo que um já tinha sido referido por uma aluna aquando da conversa acerca da escritora, e explicou que o «D. Dinis...» seria a história que iriam trabalhar ao longo do projeto. Falei ainda do que ia ser feito ao longo do projeto, os fantoches (ficaram entusiasmados), os cenários, a sonoplastia e a apresentação da história, que iam reinventar nesta sessão. A apresentação seria feita na última sessão, com a presença da escritora Vanda Furtado Marques. Todos ficaram contentes.

Continuou-se com a animação da leitura da história “D. Dinis, o Rei que fez tudo quanto quis”. Para esta animação foi utilizado o livro da história, as vozes das personagens, e os objetos, nomeadamente, 3 velas elétricas, 2 rosas e uma espada. Os alunos estiveram com atenção, embora no final, como a história era bastante grande, os sentisse um pouco menos atentos.

No fim, perguntei se todos tinham percebido a história e para comprovar que sim, foi feito o jogo “Quem é quem e onde está?”. As crianças adoraram esse jogo e não tiveram dificuldade alguma em identificar as personagens, à exceção de um menino com livros, que simbolizava Afonso Lopes, o rapaz que queria prosseguir estudos. Nos locais também não houve grande dificuldade em relacioná-los com as personagens. Todos quiseram participar com grande entusiasmo neste jogo. Eu fiquei a perceber que o grupo tinha percebido bem a história.

Prosseguimos para a reinvenção da história. Aqui, percebi que as crianças sentiram algumas dificuldades, pois foi necessário eu e a professora ajudá-los em algumas ocasiões. Apesar disso, houve algumas crianças que interferiam e davam várias sugestões para alterar os locais e ações da história, algumas até bastante criativas. Quando não estavam em consenso pedia-lhes para levantarem o braço num e noutra local, e o que tivesse mais votos era o escolhido para a história.

Para que não houvesse grande monotonia, decidi que as crianças que iam escrevendo a história escrevessem apenas aquilo que alterava, e não todo o texto, para pouparmos tempo. À medida que eu ia relendo a história, os contextos iam sendo alterados e escritos pelas crianças num caderno levado por mim. Ao início todos estavam entusiasmados em dar a sua opinião, mas, no final senti que apenas alguns ainda estavam concentrados na atividade, mas muitos queriam trocar com o colega que estava a escrever.

No final foi pedido que se lessem as alterações para ver se faziam sentido. Dei oportunidade de ler, às crianças que não tinham escrito, mas, mais uma vez, quase todos queriam ler.

Nesta sessão percebi que existe um aluno que é bastante interessado, dá algumas sugestões, mas que por vezes se baralha todo, uma aluna que é bastante criativa e participativa e 2 ou 3 alunos que não se interessaram muito por nada.

Ao início estavam 14 crianças, mas quando já estávamos na reinvenção da história chegaram as restantes 4, que tinham ido participar numa atividade ao exterior. No total estiveram 18 crianças. A estas últimas 4 crianças tentei contextualizá-las do que se tinha passado e do que se estava a passar.

Ao início, senti-me bastante confiante, na leitura da história senti que poderia ter feito vozes um pouco diferentes, no jogo fiquei muito contente por perceber que todos tinham entendido a história e na reinvenção da história fiquei um pouco frustrada por ver que nem todos estavam com interesse e percebi que o melhor talvez seja dividir a turma em grupos, ou para os alunos mais novos, ter já a história transcrita deixando os espaços dos locais em branco.

A sessão terminou às 14:50h.

Quinta-feira, 24 de janeiro de 2019

Sessão 1 – 3.º Ano (13 crianças)

A sessão iniciou com o fantoche “Maria Historieta” à porta da biblioteca a cumprimentar as crianças e a pedir-lhes para entrarem e irem até à zona dos pufes, sentarem-se e relaxarem.

Estavam 13 crianças, sendo que uma é autista. Eu tentei integrá-lo com recurso ao fantoche. A “Maria Historieta” falou com ele e perguntou-lhe se não lhe queria dar uma festinha. Quando já não foi necessário eu emprestei o fantoche ao menino, que esteve com ele durante um bocado. Em certas alturas mostrava-se calmo, mas noutras ficava um pouco agitado.

Apresentei-me e à minha amiga “Maria Historieta” que perguntou às crianças como se chamavam. Depois das apresentações feitas perguntei se alguém conhecia a escritora Vanda Furtado Marques, ao que elas responderam que não. Mostrei-lhes alguns livros dela e começaram a lembrar-se da escritora. Houve até quem dissesse que já tinha lido uma das histórias e outra que já tinha visto alguns dos livros dela nesta biblioteca. Expliquei que nos nossos encontros iríamos apenas trabalhar uma história “A Herança de D. Filipa e D. João I”. Falei que, através dessa história,

iríamos recriar outra que iríamos inventar. Iríamos construir fantoches, cenários e música (sonoplastia da história). Eles ficaram muito entusiasmados com os fantoches. Perguntaram se iriam ser iguais à Maria Historieta, e ficaram um pouco tristes quando lhes disse que iriam ser outros fantoches feitos com rolos de papel de cozinha e pacotes de leite.

Depois do projeto explicado, voltei à história escolhida para o 3.º Ano. Disse-lhes para estarem atentos pois precisariam de conhecer a história para participar nas próximas atividades. Seguiu-se a leitura animada da história.

Comecei por colocar uma música medieval de fundo e iniciei fazendo as vozes das personagens e utilizando objetos, nomeadamente um livro velho, um barco e 10 frascos / tubos de missangas, que simbolizaram D. João I, D. Filipa e os seus filhos, e sobre os quais as crianças acharam imensa piada, até os contaram e tudo. Estavam bastante atentos à história.

Após o conto da história seguiu-se o jogo das personagens e contextos, o qual foi jogado com bastante entusiasmo por todos os membros do grupo. Primeiro identificaram as personagens e depois relacionaram-nas com os locais da história. Nesta última parte, por vezes, dei pistas.

Depois de tudo jogado a Maria Historieta lançou o desafio de modificarem o final da história. Eles acharam uma ideia engraçada. O fantoche disse que ia dormir uma sesta enquanto eles reinventariam a história, mas que a queria ouvir depois de construída. O fantoche foi dormir e nós começámos por ver a partir de onde é que a história iria ser alterada. Combinei ler uma parte da história e quando fosse para alterar diziam. Em consenso, todos pediram para modificar a partir da altura em que aparecem os ratos com a doença da peste negra. Como só tínhamos 10 minutos até ao intervalo, falámos apenas sobre as ideias deles. Todos queriam os ratos mortos. Então um falava de uma ratoeira gigante, outro falava de um buraco cheio de queijo e houve alguém que falou de uma bruxa que tinha enfeitado os ratos. Achámos essa ideia interessante para explorarmos.

Quando viemos após o intervalo começámos a escrever as alterações. As crianças acharam por bem colocar que aconteceu algo mau ao reino, os ratos doentes andavam a vaguear pelo castelo. Veio uma bruxa que os tinha enfeitado e aos poucos fomos reinventando a história, sempre com muitas ideias, entusiasmo e criatividade por parte das crianças. Por vezes, tínhamos de parar para perceber qual seria a ideia que iria dar uma continuação mais interessante à história. Terminámos com uma bruxa boa que ajudava as pessoas quando estavam doentes ou precisavam de algum serviço dela. Uma volta grande na história fez com que D. Filipa não morresse e fosse em expedição com o marido e os filhos nos Descobrimentos.

As crianças foram rodando, para que quem quisesse escrever tivesse a oportunidade. Relemos o que foi inventado e, como tínhamos ainda 10 minutos, eles quiseram ler umas informações que apareciam, no livro, depois da história. Cada um leu uma frase.

Terminámos a sessão com a Maria Historieta a voltar à ação, dizendo-lhes que queria ir ver a nova história, mas que agora estava na hora de nos despedirmos. Pediu que eles se portassem bem e que na próxima sessão viessem com muita criatividade para fazermos os fantoches.

Houve um menino que veio ter comigo, abraçou-me e disse-me que tinha gostado da sessão.

Nesta 1.ª sessão do 3.º ano senti que as crianças estiveram sempre animadas e participaram criativamente. O fantoche resultou muito bem com este grupo.

Eu senti-me muito bem na sessão, senti-me bastante à vontade com o grupo e fiquei muito contente por ter deixado as crianças felizes e a gostarem da sessão.

Na primeira parte participaram 13 crianças e depois do lanche vieram só 11, porque o menino autista saía às 15:30h e um outro menino tinha outra atividade.

Foi uma sessão muito positiva e criativa.

Expressões ditas pelas crianças

- “Eu gostei muito deste jogo”, referindo-se ao jogo das personagens e contextos
- “Eu já li o livro da Padeira de Aljubarrota”
- “Existem livros da Vanda aqui na biblioteca”
- “Porque é que não podemos fazer fantoches de meia?”
- No final da sessão todos quiseram interagir com a “Maria Historieta”. Um menino chegou ao pé de mim, abraçou-me e disse-me “Eu gostei” com os seus olhos brilhantes.

Sábado, 26 de janeiro de 2019

Hoje os meninos do 4.º ano foram ao meu local de trabalho, a uma festa que houve, e houve vários que me perguntaram se eu era a professora das histórias. Ficaram contentes por me ver.

Quarta-feira, 30 de janeiro de 2019

Hoje de manhã terminei de preparar os materiais para a sessão e ensaiar a leitura animada da história “Pedro e Inês – uma história de amor”.

Quando cheguei à escola fui abordada por vários alunos do 3.º e 4.º anos que me cumprimentaram e me disseram que já tinham lido ou requisitado o livro que estivemos a trabalhar nas sessões. Gostei dessa notícia, pois percebi que as crianças tinham ficado curiosas e com vontade de saber mais e reler a história.

Sessão 1 – 2.º ano (20 crianças)

Na biblioteca preparei o espaço, coloquei os livros da Vanda em exposição e os objetos e restantes materiais à mão. Preparei a Maria Historieta e esperei pelas crianças do 2.º ano, que chegaram pouco depois. A professora vinha com eles, mas explicou-me que tinha acontecido algo a um menino e que tinha de ir resolver. No entanto, as crianças ficavam já comigo. Pedi a todos os meninos para se chegarem para junto da porta e apareceu o fantoche “Maria Historieta” que falou com as crianças, convidando-as a entrar e a sentarem-se nos pufes. Todos se encaminharam e sentaram como pedido, sempre tentando interagir com o fantoche. Depois de todos bem sentados apresentei-me e ao fantoche, dizendo que ele estava um pouco mal disposto e rabugento. As crianças também se apresentaram, e como havia uma Inês, a Maria Historieta disse que achava que também existia uma Inês na história que íamos ouvir hoje.

Depois disto, perguntei-lhes se sabiam porque estavam ali, ao que eles me responderam que vinham ouvir uma história e reinventá-la. Confirmei e expliquei o restante projeto, disse que hoje íamos conhecer uma história, fazer um jogo sobre ela e reinventá-la, para na próxima sessão

podermos construir fantoches de cartucho (ficaram super entusiasmados) e talvez alguns cenários, depois os sons da história e por fim misturar tudo, no ensaio. No final será apresentada a recriação da história feita com recurso aos materiais que eles construíram e desvendei que a Vanda Furtado Marques viria assistir às representações.

Continuámos a falar sobre a Vanda. Perguntei quem é que já tinha ouvido falar sobre ela. Quase todos responderam afirmativamente, e que até conheciam uma ou outra história que estava exposta. Houve algumas que disseram que tinham algumas das suas histórias. Desafiei-os então a contar resumidamente as histórias que conheciam. Foram-nas contando, por vezes em grupo, ajudando-se uns aos outros a contá-las.

A Maria Historieta continuava a ouvi-los e a interagir com eles, mas antes de eu começar a contar a história escolhida falei que ela estava muito cansada e tinha de ir dormir a sesta. Ela abriu a boca e disse que ia dormir, mas que, quando acordasse, queria ver o que tinham estado a fazer. Eu coloquei-a de costas para as crianças e ela ficou a dormir. As crianças olharam para ela e acreditaram que ela tinha mesmo adormecido.

Prossegui a sessão. Peguei no livro e perguntei se alguém conhecia a sua história. Houve 3 crianças e falarem que sim. Então eu decidi pedir-lhes para contarem do que se lembravam. Depois de eles contarem o que sabiam eu comecei a ler a história. Para fazer uma leitura animada utilizei diferentes vozes para as personagens e os sons das batidas do coração, velas elétricas, para simbolizar a chama e o amor que Pedro tinha por Inês, mas não por Constança, e os tubos de missangas, que simbolizaram os filhos de Pedro e Inês e eles próprios.

Depois da história contada foi feito o jogo “Quem é quem e de onde vem?”. As crianças não tiveram muita dificuldade em identificar as personagens, até estavam entusiasmadas. Ao relacionarem os locais com as personagens também estavam, embora tivéssemos de rever num ou dois casos a história. Foi um jogo em que todos participaram com bastante entusiasmo.

Seguiu-se a reinvenção da história. Desafiei-os a alterar a atitude de uma personagem da história. Cada um deu a sua opinião em relação às personagens que devíamos modificar. Para consolidar a escolha foi feita uma votação, em que ficou decidido que os 3 cavaleiros, Pêro, Álvaro e Diogo é que iriam alterar a sua atitude. Eles não queriam matar Inês de Castro e o grupo inventou uma conversa entre eles e o rei D. Afonso IV para persuadi-lo dessa ideia. Depois de muito insistirem e o rei refletir, decidiu não matar Inês, alterando também a sua passagem na história. D. Inês fica assim livre para viver o seu amor ao lado de D. Pedro até ao fim dos seus dias.

As crianças mostraram-se muito entusiasmadas e com muita imaginação e criatividade. Todas quiseram dar sugestões, à exceção de um menino que esteve calado e inexpressivo durante toda a sessão.

Como era eu quem estava a escrever a reinvenção da história tentaram dizer-me frases já pensadas, para que eu só as escrevesse.

No final da sessão a Maria Historieta acordou, relemos a parte da história reinventada e despedimo-nos uns dos outros.

Eu e a Maria Historieta pedimos-lhes para se portarem bem durante estas semanas e para trazerem muita criatividade para a próxima sessão, pois iríamos fazer os fantoches.

A professora pediu ao delegado de turma para me agradecer pela sessão, em nome da turma. Algumas crianças no final vieram abraçar-me.

Senti que o grupo esteve atento e participativo ao longo de toda a sessão, só na fase inicial é que estiveram um pouco irrequietos, mas logo sossegaram. A professora também estava muito entusiasmada.

Eu estive tranquila ao longo de toda a sessão, ao início tive de me impôr, mas depois tudo fluiu normalmente.

Quinta-feira, 31 de janeiro de 2019

Hoje quando cheguei à escola fui abordada pelo grupo do 3.º ano, que me acarinhou e me perguntou quando é que íamos fazer os fantoches.

Depois dirigi-me à biblioteca e preparei o espaço. Coloquei os pufes e cadeira ao redor da zona da televisão, espalhei os livros pela mesa, retirei da mochila os objetos necessários para a animação da leitura, o fantoche e o caderno e caneta. Esperei que as crianças chegassem com a Maria Historieta na mão, já pronta para iniciarmos.

Sessão 1 – 1.º ano (20 crianças)

O grupo chegou, eu cumprimentei as crianças e pedi-lhes para todas virem para junto da porta, sendo que alguns já tinham entrado para dentro da biblioteca.

Então apareceu a Maria Historieta que os convidou a entrar e a sentarem-se nos pufes e cadeiras disponíveis.

Depois de todos sentados, começaram a dizer que conheciam este ou aquele livro e me pediam para os ler.

Eu expliquei-lhe que, antes disso, queria falar um pouco com eles para me apresentar e dar-lhes a conhecer o que iríamos fazer ao longo do projeto.

Começaram as apresentações, primeiro eu, em seguida a Maria Historieta, e depois as crianças, convidadas a apresentarem-se pelo fantoche. Achavam-lhe muita piada e queriam tocar-lhe.

De seguida, revelei-lhes o que iríamos fazer ao longo do projeto, hoje ainda íamos conhecer a história e reinventá-la, para a próxima sessão vamos fazer fantoches, na seguinte o som e os cenários e depois juntamos tudo e fazemos o ensaio. Na última sessão estão todas as crianças envolvidas no projeto e vão recriar com os fantoches a história que reinventaram. Nessa sessão estará presente a autora das histórias que foram trabalhadas, a Vanda Furtado Marques. As crianças ficaram entusiasmadas com o que ouviram, contudo estavam um pouco irrequietas nos pufes, sempre a balançarem-se.

Como já tinha falado da escritora, perguntei às crianças se conheciam a Vanda. Para surpresa minha uma menina disse-me que é prima dela. Todos já tinham ouvido falar dela e conheciam-na porque a Vanda tinha ido contar este ano a história “A Coordenadora da escola e o Rei”. Perguntei-lhes ainda se conheciam as suas histórias. Houve vários a dizer que conheciam as histórias e que tinham algumas em casa. Pegando então nas histórias que tinha à disposição perguntei quem conhecia o D. Dinis e desafiei as que conheciam a revelar um pouco da história. Fiz o mesmo com “A Coordenadora da escola e o Rei”, “D. Pedro e D. Inês” e “A Herança de D.

Filipa e D. João I”. Quase todas as histórias eram conhecidas pela turma. Deixei a “Padeira de Aljubarrota” para o fim, mas, ainda assim, antes de contar a história quis saber o que já conheciam dela. Depois de os ouvir, iniciei a leitura. Comecei por colocar uma boneca de lata com uma pá, no chão, a simbolizar a padeira. À medida que ia lendo, ia mostrando as imagens da história. Tentei exagerar nas onomatopéias e quando chegámos à parte em que a padeira matou 7 castelhanos com a sua pá brilhante, eu mostrei-lhes uma, feita por mim com cartão e cartolina.

As crianças demonstravam-se atentas mas muito mexidas nos seus lugares.

Após terminar de contar a história achei por bem ler um pequeno texto em que a padeira fala às crianças. Peguei na boneca de lata e fiz uma voz muito fininha, como se fosse ela quem estava a contar o texto.

De seguida, expliquei às crianças que ia fazer um jogo com elas, um jogo que tinha cartas com duas cores, a branca simbolizava as personagens e a de cor bege simbolizava os contextos ou locais onde se passavam as ações da história. Ao contrário das outras turmas, esta teve alguma dificuldade no jogo, sobretudo em relacionar os locais com as personagens. Tive de pegar no livro várias vezes e recapitular aquela parte, ou dar várias dicas e ajudas. Comecei por mostrar as personagens. Em algumas identificaram com facilidade, mas noutras tiveram de ser ajudados. Relativamente aos locais tiveram de ser sempre ajudados.

Após isto, e passada uma hora da sessão e as crianças sentadas no chão, para não andarem sempre a balançar-se, desafiei-as a inventarem uma nova personagem para a história. Todas queriam dar o seu palpite, e por curiosidade todas falavam em animais. Os mais falados eram o cão, o gato, o pato, o leão e o tigre. Para nos decidirmos fomos a votos e o vencedor foi o tigre, portanto este animal iria integrar o conjunto de personagens da história. Posto isto, foi a vez de decidirmos onde é que íamos começar a colocar o tigre na história. Passado um bocado, e depois de várias ideias dadas pelas crianças, optámos por colocar o tigre a ser encontrado pela Padeira quando ia a caminho dos campos de batalha.

Refletimos muito sobre as ideias, tivemos outras novas, fiz-lhes diversas perguntas para os fazer pensar e continuar a história e no final saiu um tigre que foi com a Padeira para o campo de batalha para rugir e arranhar os castelhanos com as suas patas. Quando chegaram a casa da Padeira foi ele quem detetou, com o seu faro, os castelhanos, que estavam dentro do forno a comer pão. A padeira ia-lhes batendo com a sua pá e o tigre ia-lhes mordendo, quando eles estavam a sair do forno.

Depois de uma hora de conversa, algumas crianças trocadas de lugar e alguma algazarra, a história foi escrita, com as ideias das crianças, por mim. A campanha tocou e a história estava terminada.

Despedi-me das crianças, elas agradeceram esta sessão, algumas quiseram vir ter comigo e eu pedi-lhes que se portassem bem, pois, como se tinham comportado hoje, não dava para fazermos os fantoches.

Após se terem ido embora arrumei as minhas coisas, guardei as cadeiras e pufes nos respetivos lugares e despedi-me da funcionária da biblioteca.

Falei também com a Professora A, a professora da turma, que me disse que a sessão tinha sido interessante, mas que devia ter sido mais curta, pois, a partir de uma certa altura, as crianças começam a desconcentrar-se.

No final da sessão estive com a Professora Coordenadora da Escola, que me mostrou onde havia os materiais e me colocou à vontade para ir buscar o que precisasse, mesmo em dias anteriores às atividades, se fosse necessário.

Todos têm sido sempre muito disponíveis e atenciosos.

Na sessão senti o grupo bastante desconcentrado e irrequieto, apesar de intervirem, dando sugestões e sendo criativos ao reinventarem a história. Desde o início até ao fim, senti que o grupo estava sempre a interromper a sessão com atitudes desnecessárias. Queriam falar dos livros quando ainda não era o momento, por vezes havia uma ou outra criança que mandava ideias para o ar, mas a trocar com o que estava a acontecer e isso tornou-se um pouco desconfortável para quem queria aproveitar.

Em situações pontuais da sessão, senti que não estava a saber lidar com o grupo e daí haver a necessidade de haver trocas de lugares e alunos a virem para mais perto de mim ou da Professora A. Tanto eu como ela chegámos mesmo a ameaçar que eu não vinha mais fazer atividades com eles, nem sequer os fantoches, que as crianças ficaram interessadas em fazer.

Foi um grupo desafiador.

SESSÃO 2

Quarta-feira, 6 de fevereiro de 2019

Ontem à noite voltei a fazer um fantoche de meia, para lembrar todos os passos da sua execução.

Durante a semana passei as histórias reinventadas a computador e enviei-as à Professora D, do 4.º ano, e à Professora C, do 3.º ano. Pedi-lhes ainda para que as crianças trouxessem tesouras.

Hoje coloquei todos os materiais necessários, para a realização dos fantoches, em mochilas e coloquei ainda a história, a história reinventada, as cartas das personagens e contextos e os fantoches de meia (Rodolfo e Maria Historieta). Fiz a lista do que não tinha, para quando fosse comprar não me esquecesse de nada.

Fui para Alcobaça mais cedo para comprar agulhas, algumas meias e feltro. Também comprei o enchimento (lã de vidro).

Já na escola levantei as cartolinas que precisava, com a permissão da Professora Coordenadora da Escola. Pedi ainda para me abrirem a porta da sala polivalente e da sala em frente, para perceber qual delas seria a melhor para realizar a sessão. A professora deu-me essa liberdade.

A sala escolhida foi a de aulas, que não tinha quase mesa nenhuma e era ampla e ideal para o que queria. Preparei-a com 3 mesas encostadas ao meio da sala, para que as crianças pudessem ficar em redor e comecei a colocar os materiais em cima delas. Por baixo, coloquei o caixote do lixo.

Esperei que as crianças viessem, fui até ao corredor espreitar, até que chegaram. Tinham ido à biblioteca ver se eu lá estava, mas eu já tinha vindo para a sala, pois fui lá às 13:00h, hora do início da sessão, verificar se lá estavam.

Sessão 2 – 4.º ano (18 crianças)

Quando os vi, mandei-os entrar e sentarem-se no chão.

Vieram 18 crianças, sendo que duas chegaram ou pouco mais atrasadas.

Comecei por pegar nos dois fantoches e colocá-los nas mãos. As crianças comentaram logo que existia mais um fantoche, e ele aproveitou a deixa para intervir, dizendo que se chamava “Rodolfo”. Hoje o Rodolfo foi o centro das atenções, a Maria Historieta esteve um pouco mais calada. Continuei perguntando-lhes se estavam bem e se traziam criatividade para irmos fazer os fantoches. Eles, todos entusiasmados, responderam que sim.

Então o Rodolfo lembrou-se de fazer um jogo, o jogo do telefone. Disse a seguinte frase a uma menina “Hoje vão fazer fantoches iguais a mim”. Ela teve de passar a mensagem ao próximo e sempre assim até chegar à última criança que disse a mensagem que percebeu em voz alta “Hoje vamos fazer um fantoche igual à Bia”. Foi parecido, mas as crianças, que tinham percebido bem, detetaram o erro e corrigiram falando “igual a mim”.

Então eu expliquei que hoje o desafio era fazerem fantoches de acordo com as personagens da história. Para isso teríamos de revê-la, a que reinventámos. A história foi lida por todas as crianças, cada uma lia um pedacinho. Todos estavam atentos. Depois da história lida revimos as personagens. Algumas eles lembraram-se logo, outras tivemos de utilizar o recurso às cartas das personagens. Essas cartas foram também utilizadas para as crianças escolherem e ficarem a saber com que personagem ficaram. Depois de todos terem as cartas eu aponte o nome da criança e da personagem que iria desempenhar.

De seguida, pedi-lhes para me darem as cartas e juntarem-se em redor da mesa. Perguntei se tinham trazido tesouras. Como não tinham, a Professora D foi buscar enquanto eu fiquei a explicar o 1.º passo da construção do fantoche às crianças. Mostrei-lhes o molde da boca e comecei a desenhá-lo na cartolina que tinha à disposição. Entretanto, cortei a cartolina em pedaços, dei um a cada criança e disse-lhes que teriam de cortar pelo contorno aquele bocado de cartolina. A professora chegou com as tesouras e as crianças cortaram, sem dificuldade, os pedaços de cartolina que eu lhes tinha feito chegar. Em seguida, peguei numa meia e expliquei-lhes que deveriam cortar um pequeno triângulo na zona do calcanhar. Exemplifiquei e ajudei as crianças neste processo. Depois disto teriam de colocar o molde da boca por dentro da meia e junto ao buraco que fizeram. Peguei na cola de contacto e disse-lhes que esta era uma cola especial em que tínhamos de esperar 3 minutos até podermos colar uma superfície à outra. O próximo passo era colar as extremidades do molde de cartolina ao buraco que tinham feito no calcanhar da meia. Começámos por colar os meios, e só depois o espaço em volta. Em todo este processo eu ajudei o grupo, porque são necessárias 2 pessoas para fazer este passo. Pedi ainda às crianças para escolherem uma cor de feltro para a boca dos fantoches. Utilizei novamente o meu molde para desenhar a boca no feltro e pedia às crianças para cortarem um pouco por fora. A Professora D ajudou-me a desenhar os bocas com a ajuda do molde.

Como entretanto chegaram as 15:00h tivemos de identificar os fantoches para os podermos terminar na próxima sessão. Eu guardei-os num armário, montado numa pequena divisão que a sala dispõe, que é a sala de arrumações. Guardei também o enchimento.

As crianças saíram com a professora e eu fiquei a arrumar os restantes materiais e a colocar a sala como estava disposta antes de eu chegar.

Nessa sessão notei as crianças bastante empenhadas e com vontade de aprender e realizar as atividades. Acharam piada ao jogo inicial e estiveram bastante atentas a todos os passos que fizemos agora, na realização do projeto.

Eu senti-me tranquila, pois além de já conhecer o grupo estava à vontade com a realização das atividades que tinha pensado fazer.

A ideia era concluir os fantoches hoje e começar a pensar nos cenários. Atrasámo-nos um bocado, mas espero recuperar na próxima sessão.

Quinta-feira, 7 de fevereiro de 2019

Hoje fiz o fantoche de rolo de papel de cozinha em casa, para recapitular todos os passos.

Arrumei os materiais, vi se era necessário comprar alguma coisa e guardei ainda o livro, a história reinventada, os fantoches e as cartas das personagens e contextos.

Como não era preciso comprar nada, quando cheguei à escola pedi a uma funcionária para me abrir a sala e para ir comigo à sala de arrumações do corredor do 4.º ano, para ir buscar cartolinas, necessárias para todas as turmas do projeto.

Cheguei à sala e organizei-a como na sessão anterior: 3 mesas ao meio da sala sem cadeiras. Coloquei os materiais em cima das mesas e fui até à sala do 3.º ano. Cumprimentei-os e pedi-lhes para levarem tesoura e cola e indiquei-lhes que a sala era a que está ao lado da sala de Matemática.

Segui para a sala, terminei de colocar todos os materiais que precisava para a sessão à disposição e esperei pelas crianças com os dois fantoches na mão, a Maria Historieta e o fantoche de rolo de papel de cozinha.

Sessão 2 – 3.º ano (12 crianças)

Quando chegaram mandei-os entrar e pedi-lhes que se sentassem no chão, encostados à parede. Comecei por acolhê-los com a Maria Historieta, perguntei se se tinham portado bem e se sabiam o que iam fazer hoje, ao que me responderam prontamente que eram os fantoches. Estavam 12 crianças. Mostrei-lhes então o fantoche de rolo de papel de cozinha e disse-lhes que seria algo dentro deste género que iríamos construir nesta sessão.

Eles ficaram todos entusiasmados e eu prossegui perguntando se ainda se lembravam da história reinventada da história “A Herança de D. Filipa e de D. João I”, e mostrei o livro. Houve logo alguém que falou dos ratos e da bruxa e um menino, que se baralhou, e estava a falar das ideias que tinha sugerido e não no que realmente tinha sido decidido. Desafiei-os a lerem a história reinventada. Dei-lhes a história e cada um leu um bocadinho dela. Por vezes, estavam irrequietos e com pouca atenção. No fim, perguntei quais as personagens da história e cada um disse-me uma. Para retificarmos, mostrei as cartas e todos diziam os nomes das personagens sem dificuldade. Para distribuir as personagens pelas crianças baralhei as cartas e pedi a cada uma que tirasse uma carta ao calhas. Como eram poucas crianças sobram algumas cartas. Então decidi que todos os que tinham filhos tirariam outra carta e depois escolheriam qual o fantoche que queriam criar. Os nomes das personagens e das crianças foram escritos no caderno de bordo.

De seguida, pedi-lhes que se colocassem à volta da mesa e retirassem um rolo de papel higiénico ou de papel de cozinha. Depois pedi-lhes para escolherem uma cor de cartolina, que distribuí em seguida.

Tocou a campainha e as crianças foram ao intervalo. Notei que algumas ficaram à porta da sala e quando a abri entraram logo, mesmo antes de tocar.

No fim de todos estarem nos lugares, comecei então a explicar o primeiro passo do fantoche, que era forrar o rolo. Pedi-lhes para medirem 21cm x 14cm e cortarem esse retângulo. Eu e a Professora C ajudámos com as medições. Guardámos as cartolinas que não eram necessárias e ficámos apenas com os rolos e os retângulos da cartolina à nossa frente. No passo seguinte eu fiz um exemplo, para eles verem, peguei no rolo e coloquei-o ao meio do retângulo. Expliquei que os bocados acima e abaixo do rolo seriam necessários. Coloquei uma tira de cola líquida na vertical do rolo e colei ao meio, na cartolina. As crianças repetiram este passo. Coloquei cola na cartolina, nas extremidades dos lados e ao meio e revesti o rolo. As crianças repetiram. Depois de todos verificarmos que estava tudo bem colado, segui para o passo seguinte, fazer uns golpes na vertical dos pedaços de cartolina, que tinham sobrado em cima e em baixo, de modo a que chegassem até ao rolo, formando pequenas tiras. Este processo foi feito dos dois lados. Em seguida coloquei cola nesses bocados de cartolina e fui colando bocadinho a bocadinho no interior do rolo. Todos repetiram este passo. Alguns não golpearam bem até ao rolo e quando foram para colar sentiram dificuldades. Pedi-lhes para cortarem bem até chegarem ao rolo e depois colar bocado a bocado, para não enfolar.

Depois dos rolos revestidos disse-lhes que agora poderiam criar a personagem vestindo-a, colocando-lhe acessórios e dando largas à imaginação, com todos os materiais que tinham à disposição. Aconselhei-os a utilizarem tecidos ou cartolinas para fazerem as roupas dos fantoches. A partir daí começaram a criar por eles. Utilizaram maioritariamente os tecidos, por ser um material pouco utilizado na escola, e fitas de cetim, botões, missangas, furinhos... criaram e usaram a criatividade livremente e sem restrições. Houve crianças que me pediram ajuda para fazerem determinada coisa, outras chamavam-me para ir vendo o que estavam a fazer e todos estavam entretidos com o seu fantoche.

A campainha tocou às 17:00h, mas a maior parte das crianças quis ficar a continuar a realizar o fantoche. Só às 17:15h é que consegui que todas as crianças parassem os seus trabalhos. Arrumei os fantoches no armário, os materiais nas malas que trouxe e coloquei a sala em ordem. Voltei a colocar as mesas nos devidos lugares e fui-me embora. Tive de passar na sala do 3.º ano, pois uma criança tinha deixado a lancheira na sala do projeto.

Durante a sessão, ao início senti as crianças um pouco irrequietas e talvez um pouco desconcentradas, mas ao longo da sessão foram acalmando. Foi um grupo com quem se trabalhou muito bem, embora, por vezes, quando explicava alguma coisa, alguns estivessem a mexer nos materiais, não prestando atenção ao que era dito, e claro que depois faziam asneira. O grupo foi bastante criativo, a maioria das crianças foi completamente autónoma.

Eu estive sempre tranquila, embora numa ou noutra situação tivesse de chamá-los a atenção, relativamente a comportamentos menos adequados.

No geral, foi uma sessão bastante positiva, onde a criatividade foi o mote para fantoches muito originais.

Terça-feira, 12 de fevereiro de 2019

Hoje foi dia de transcrever as histórias recriadas pelas crianças do 1.º e 2.º anos e enviá-las, por email, às professoras dessas turmas. Aproveitei o email para lhes explicar em que sala iria ser a sessão e quais eram os materiais que teriam de trazer nos próximos dias.

Ao serão, preparei os cartuchos para os fantoches do 2.º ano e a sessão desta turma.

Quarta-feira, 13 de fevereiro de 2019

Hoje foi dia de projeto. Por volta das 13:10h dirigi-me à escola para que a sessão iniciasse às 13:30h. Quando cheguei, pedi a uma auxiliar para me abrir a porta da sala ao lado da sala de Matemática, a sala eleita para este projeto. Entrei, coloquei as mesas ao meio da sala e os materiais sobre estas.

Sessão 2 – 2.º ano (18 crianças)

A professora chegou com as 17 crianças e eu pedi-lhes que se sentassem no chão, encostados à parede.

Comecei por mostrar a Maria Historieta e um outro fantoche. Direcionei-me mais para ele, pois era para ele que queria que as crianças tomassem atenção. Avisei-os que hoje iam construir os fantoches das personagens da história, assim como este fantoche que não tinha nome, mas que foi apelidado por Inês, nome sugerido por uma criança. Expliquei que hoje iriam fazer fantoches através de cartuchos, mas que antes de passarmos aos fantoches teríamos de rever a história que recriámos na sessão anterior. Eu li-a, eles ficaram entusiasmados e bateram palmas. Depois pedi-lhes para que cada um dissesse um nome de uma personagem. Quase todos conseguiram identificar uma e dizer quem era ela. Para reforçarmos e percebermos se não nos tínhamos esquecido de nada, voltei a mostrar as cartas das personagens e elas identificaram-nas.

Após isso, expliquei-lhes que teríamos de escolher as personagens para cada um. Assim sendo, e para que não houvesse confusão, eu pedi-lhes que tirassem uma carta, e essa carta revelaria a sua personagem. Então, cada um, na sua ordem, tirou uma carta e viu a sua personagem. Em duas cartas que tinham 2 ou mais personagens pedi às primeiras crianças que decorassem a sua personagem e me devolvessem a carta. Depois de todos terem a carta, eu escrevi os seus nomes e o nome da personagem, à frente.

Recolhi as cartas e pedi-lhes que viessem para junto da mesa. Ordenei-lhes que não tocassem nos materiais enquanto eu não permitisse.

Comecei, juntamente com a Professora B, a distribuir os cartuchos. Faltavam alguns, por isso terminei alguns que já tinha levado meio feitos. Enquanto isso, pedi às crianças, que já tinham cartucho, que fizessem um retângulo do tamanho do fundo do cartucho, da cor que quisessem. Alguns fizeram este passo, outros não. Depois expliquei que essa parte era a cabeça da personagem, portanto era onde deviam estar os olhos, nariz e boca. Toda a restante parte seria o corpo, e nessa parte poderiam fazer a roupa ou o que quisessem. De seguida, dei permissão para avançarem com a decoração do fantoche. Cada um teve total liberdade para trabalhar como quisesse.

Havia crianças a trabalharem em cima das mesas, outras em cima das cadeiras e uma grande parte sentadas no chão, com os materiais de que necessitava por perto. Por norma, só precisavam de

mim ou da Professora B, quando precisavam de colar algo com cola líquida ou cola block. Por vezes, vinham ter comigo a perguntarem se eu gostava. Houve uma ou duas crianças que me pediram o livro para verem algumas características das suas personagens.

As crianças estiveram muito animadas ao longo da sessão, concentradas e foram criativas e imaginativas. Mostraram-se empenhadas e muito participativas, embora houvesse uma ou outra mais «reguila».

Já no final da sessão, apareceu uma menina que ainda conseguiu fazer o seu fantoche, com o meu auxílio.

Ao terminarmos, pedi às crianças que escrevessem o seu nome por dentro do fantoche e o colocassem numa cadeira que eu tinha junto às minhas coisas.

Para terminar, e sem que eu dissesse, arrumaram a mesa e colocaram os lixos no caixote. Deixaram apenas os meus materiais que eu arrumei nas minhas malas.

Agradeceram-me e houve quem me viesse abraçar e dar um beijinho dizendo que tinham gostado da sessão e que gostavam de mim. Eu fiquei muito contente com estes gestos espontâneos das crianças.

Senti-me confiante ao longo da sessão, até porque senti que tanto as crianças como a professora da turma se mostravam motivadas e interessadas.

A meio da sessão, apareceram duas professoras que estão a coordenar a biblioteca escolar. Acharam fantástica a forma como estava disposta a sala e o modo como as crianças estavam a trabalhar.

De referir que foram elas quem se começaram a sentar espontaneamente no chão para trabalhar. Conseguiram “quebrar as regras da escola” e colocar-se como se sentiam mais à vontade.

Quinta-feira, 14 de Fevereiro de 2019

Hoje de manhã preparei a sessão e os materiais desta. Fiz um exemplo de fantoche de dedo e outro exemplo de fantoche com pau de gelado.

Já na escola pedi a uma auxiliar que me viesse abrir a sala do projeto e preparei-a. Tal como nos outros dias, coloquei as 3 mesas juntas, ao meio da sala, e os materiais necessários em cima delas. Retirei o livro, a história reinventada, o caderno, as cartas e os fantoches para fora e aguardei que chegassem.

Sessão 2 – 1.º ano (17 crianças)

Assim que chegaram pedi-lhes que se sentassem no chão, junto à parede sossegados. Comecei por perguntar-lhes se estava tudo bem e mostrei-lhes os fantoches novos. Expliquei-lhes que hoje iríamos construir os fantoches que serão as personagens da nossa história. E, por falar em história, alguém me saberia dizer o que é que inventámos à história verdadeira, na última sessão. Todos falaram que era de um tigre que tinha ajudado os portugueses a vencerem a batalha. E para nos lembrarmos exatamente como tinha ficado a história, eu li-a. Pedi silêncio e atenção e comecei. Estiveram atentos. No final quiseram bater palmas, pois gostaram do que tinham ouvido.

De seguida, eu perguntei-lhes se se lembravam das personagens. Cada um disse o nome de uma. Alguns não se lembravam de nenhuma. Para as revermos todas, até aquelas mais esquecidas, mostrei as cartas, e, em coro, foram dizendo os nomes das personagens. Houve alguns nomes em que eu tive de ajudar, como o de D. Nuno Álvares Pereira, as crianças sabiam dizer quem era, mas não o nome. Houve ainda necessidade de explicar às crianças a diferença entre personagens, objetos e locais da história, porque elas já estavam a baralhar tudo quando perguntei pelo nome das personagens.

Após a identificação destas, eu expliquei que agora iríamos distribuir as personagens por eles. Todos diziam que queriam ser esta ou aquela personagem, mas eu expliquei que íamos fazer um jogo com as cartas, em que eles tinham de tirar uma, e a personagem que estivesse nessa carta seria a sua. Todos foram retirando as cartas e eu fui apontando o seu nome à frente das personagens, que entretanto já tinha escrito. Houve cartas que tiveram de ser colocadas novamente no baralho por terem mais do que uma personagem.

Depois de todas já saberem qual era a personagem que iam fazer, falei sobre as regras que tinham de cumprir para irem trabalhar na mesa. Pedi-lhes para que, quando fossem para junto da mesa, não mexessem em nenhum material sem que eu ou a Professora A indicássemos.

De seguida, perguntei-lhes quem queria fazer um fantoche com pau de gelado ou um fantoche de dedo. Dei aos que escolheram o primeiro, um pau de gelado e aos que escolheram o segundo, um retângulo de cartolina.

Pedi-lhe que fossem com calma para junto da mesa e relembrei-lhes a regra: não mexer em nada sem autorização.

Comecei por explicar que todos teríamos de começar por fazer uma cabeça. Pedi-lhes para escolherem o material para a cabeça. Quase todos escolheram a Goma EVA da cor da pele. Com a ajuda de uma tampa de plástico, desenhei os círculos e dei esse desenho às crianças para recortarem pelo risco, como lhes foi pedido. Algumas cortaram um pouco por dentro. Pedi-lhes depois para escolherem uns olhos, que poderiam ser feitos com missangas ou pérolas/brilhantes. Com a minha ajuda e da Professora A colámos os olhos, a boca e o nariz. Em todos os elementos eu sugeria 2 ou 3 materiais. Enquanto a professora os ajudava a colar esses elementos, debrucei-me um pouco sobre as crianças dos fantoches de dedo. Começámos por fazer o canudo, tendo em conta a grossura dos dedos das crianças. Primeiro enrolámos o retângulo de cartolina nos dedos, depois colocámos cola na extremidade e colámos, formando um canudo. De seguida fizemos uns pequenos cortes na vertical. Colocámos cola e fechámos. Eles fizeram também a cara da personagem.

Começaram por pensar como iam fazer a roupa dos fantoches, mas tocou entretanto e não adiantámos mais nada.

O que notámos, tanto eu como a professora é que as crianças não têm paciência para esperar e, enquanto estamos a ajudar os outros, começam a fazer disparates. Nesta sessão não cumpriram a regra que lhes foi pedida, mexendo nos materiais sem autorização e até estragando alguns, sobretudo Goma EVA e cartolina, cortando-as aos pedacinhos. Foram avisados para não fazerem uma e outra vez e continuaram até a professora os colocar de castigo. Tivemos de chamá-los a atenção por diversas razões.

No início da sessão, aquando da revisão da história estavam a portar-se bem e concentrados. Agitaram-se um pouco quando foi a distribuição das personagens, mas quando lhes falei das regras estavam atentos.

Ao iniciarem os fantoches, quando dei as primeiras indicações estavam concentrados, mas com o decorrer da construção destes começaram a desconcentrar-se e perturbar a sessão e o trabalho de quem queria trabalhar.

Houve uma menina que esteve sempre «do contra»: não queria ser a personagem que lhe tinha calhado, afinal já não queria fazer o fantoche que tinha escolhido, mas sim o outro. E também ela ajudava na destabilização da turma. Quando me concentrava nela, acalmava, e tentava criar alguma coisa.

No final da sessão, a professora disse que eles não mereciam voltar as estas sessões, pois não se sabiam comportar, e que ia pensar se tornavam a vir, ou quem tornava a vir.

Estivemos a falar e ela confidenciou-me que esta é uma turma muito difícil, as crianças são muito imaturas e não têm uma atitude adequada.

Esta foi mais uma sessão onde não consegui fazer tudo o que queria, muito por causa da dependência e comportamento das crianças.

Apesar do mau comportamento delas, tentei concentrar-me no que estava a fazer e em quem estava a ajudar e adiantar o mais possível com quem queria trabalhar.

Fiquei em falar com a Professora A antes da próxima sessão, de modo a percebermos como vamos fazer e quem vem nessa sessão.

SESSÃO 3

Quarta-feira, 20 de fevereiro de 2019

Hoje de manhã revi aquilo que queria fazer hoje e preparei o material que era necessário.

Fui um pouco mais cedo para a escola, pois precisava de pedir alguns materiais para a sessão, tintas, papel de cenário e colas.

Quando cheguei à sala ela estava aberta, portanto entrei e verifiquei se estava alguém. Como não estava ninguém, dispus a sala como das vezes anteriores: as mesas ao meio e o material espalhado sobre elas. Depois disto, fui pedir o material à secretaria. Como demoraram um bocado para me atender, devido a problemas que estavam a acontecer na escola, quando cheguei com os materiais, as crianças e a professora já estavam à minha espera no corredor.

Sessão 3 – 4.º ano (18 crianças)

Pedi que entrassem e que se sentassem. Dei-lhes as boas-vindas, perguntei se estava tudo bem e se faltava alguém. Nesse momento chegou uma menina. No total, estavam 18 crianças.

Perguntei-lhes se ainda se lembravam da história e personagens e responderam afirmativamente. Em seguida, fiz um sumário das sessões, expliquei que já tinham passado duas sessões e que faltava apenas esta e outra para prepararmos tudo e ensaiarmos. Hoje teríamos de terminar os fantoches e depois passaríamos para os cenários. Para isso revimos os locais da história onde se passavam as ações com o auxílio das cartas.

De seguida, pedi-lhes para irem para junto da mesa, trazerem o seu fantoche e terminarem-no. Perguntei quem é que ainda não tinha a boca de feltro e quem não tivesse teria de escolher uma cor onde eu desenhava o molde da boca para elas recortarem. Indiquei a todos que colocassem cola ao redor dessa parte recortada de feltro, e da boca feita na meia, e que esperassem 3 minutos, por estarmos a utilizar cola de contacto. Depois, podiam colar e unir uma à outra parte formando a boca final. Aconselhei-os a recortar os excessos de feltro com cuidado para não cortarem também a meia.

Depois chegou a altura de pensarem como queriam a cabeça e cabelo, para percebermos como iríamos colocar o enchimento. Algumas crianças tiveram de colocar elásticos nas meias para que a cara não ficasse tão grande. Fomos enchendo com lã de vidro a cabeça dos fantoches. Em seguida as crianças colaram ou coseram os olhos e nariz. Houve quem fizesse barba ou bigode e quem colasse cabelo. Houve ainda crianças que fizeram penteados ou colocaram laçarotes na zona do cabelo. Em seguida utilizaram tecidos, fitas, feltros e algumas aplicações para fazerem a roupa. Nesta parte algumas crianças pediram-me ajuda, para colar ou coser os tecidos ou para dar uma opinião relativa a ideias que tinham. Também nesta parte, houve quem não quisesse colocar mais nada, mas eu referi-lhes que os fantoches são as personagens da história e que tinham de ser caracterizados.

No meio de cola, agulhas e linhas, lá terminámos os fantoches. Alguns foram feitos com mais e outros com menos criatividade e ajuda.

Algumas crianças, depois de construírem o seu fantoche, foram experimentá-lo e divertiram-se a manipulá-lo. Estabeleceram ligação com ele.

No geral, a sessão correu bem, os fantoches foram terminados, mas já não houve tempo para iniciar os cenários.

As crianças estavam motivadas e alegres ao fazerem e criarem o seu fantoche. Gostaram particularmente da altura em que enchemos as cabeças dos fantoches. Algumas foram completamente autónomas, mas outras estavam um pouco dependentes de mim ou da Professora D. Senti que algumas sentiam necessidade de pedir opinião perguntando se ficava bem assim ou não. Eu respondia-lhes que sim, pois elas é que sabiam, elas é que estavam a criar, com a condição de estar a caracterizar a personagem da história que lhe calhou.

Houve pelo menos um caso em que a criança decidiu criar uma personagem da história feminina, onde era masculina. Eu chamei-a a atenção para essa situação e depois de perceber que não tinha caracterizado bem a personagem pediu-me ajuda e à Professora D. Mudámos o cabelo e colámos mais alguns acessórios na roupa.

No final alguns alunos ajudaram a arrumar o material.

Apesar de haver crianças despreocupadas com a caracterização da personagem, a sessão foi positiva.

Eu senti-me bem e ajudei quem pedia a minha colaboração.

Combinei com a Professora D encontrarmo-nos na próxima quarta-feira das 16:00h às 17:00h para as crianças fazerem os cenários.

No fim de se irem embora, arrumei os materiais nas malas, varri o chão da sala (que tinha ficado cheio de pedaços de materiais) e coloquei as mesas junto à parede.

Perguntei ao funcionário da secretaria se poderia deixar o material pedido na sala, uma vez que amanhã iria voltar a utilizá-lo e ele respondeu afirmativamente. Então guardei-o, assim como aos fantoches num armário que existe dentro da sala de arrumações da sala, e terminou mais um dia com as crianças.

Quinta-feira, 21 de fevereiro de 2019

De manhã estive a preparar a sessão de hoje.

Comecei por pensar como iria preparar os cenários, pois a ideia que tinha tido inicialmente não iria resultar. Vi algumas ideias na internet e cheguei à conclusão de que iria criá-lo com as crianças num papel de cenário que seria fixado ao fantocheiro.

Fiz um esboço do fantocheiro, que seria o género de um biombo com 3 partes, cada uma com uma janela. Pensei nas medidas, desenhei as janelas num cartão e recortei-as, para que servissem de molde.

Antes de ir para a escola passei numa papelaria para ir comprar o papel de cenário com a medida de 2m x 3m.

Já na escola, preparei a sala. Desta vez coloquei uma mesa encostada à parede da janela e coloquei as outras 3 juntas do outro lado da sala ao meio.

Dispus os fantoches pelas mesas e o material ao meio para que as crianças pudessem terminar de criar os seus fantoches.

Sessão 3 – 3.º ano (15 + 1 crianças)

Chegaram e foram diretamente para junto das mesas. A coordenadora da escola vinha com eles, porque a Professora C não estava naquela hora. Eles vinham bastante agitados e a professora coordenadora deu ordens de, caso algum menino estivesse a perturbar a sessão, ir levá-lo à sala ao lado, onde ela estava numa atividade. Trouxe-me a Professora E para me ajudar.

Após a professora coordenadora ter saído, eu pedi-lhes para procurarem o seu fantoche e continuaram a sua caracterização, tendo em conta as personagens que lhe tinham calhado em sorte.

Como houve 3 crianças que não tinham vindo na semana passada e não tinham fantoche eu pedi-lhes que me ajudassem a trazer as tintas e pincéis para cima da mesa, junto da janela. Desenrolámos o papel de cenário, e, como tinha de fazer umas medições, pedi-lhes para se sentarem um pouco até eu lhes dar mais tarefas.

Os outros alunos continuavam com os seus fantoches, guiados pela professora que veio ajudar. De vez em quando iam-me mostrando como estava a ficar ou o que já tinham adiantado.

Continuei nas medições e pedi ajuda quando tive de recortar os excessos de papel de cenário, que pedi para colocarem dentro de um saco que tinha por lá perto. Depois disto, achei o meio do papel de cenário e, a partir daí, medi 60cm para cada lado em cima e em baixo. Com a ajuda das crianças, dobrámos pelos riscos que fiz de um lado do outro, criando assim 3 divisórias no papel.

Chegou uma auxiliar com uma criança autista. Foi a primeira vez que esta criança veio. A auxiliar perguntou-me o que é que estávamos a fazer, pois não sabia que os alunos estavam numa sala de

plástica. Eu expliquei-lhe que estou a fazer um projeto como estas crianças e que envolvia a parte plástica. Ela perguntou-me então o que poderia fazer com a menina e eu disse-lhe que poderia criar um desenho ou personagem numa folha de papel. Dei-lhe a dita folha e no final saiu um trabalho muito bonito, feito com diversos tipos de materiais disponíveis, como botões, lã, fitas de cetim, recortes e tinta. Claro que as amigas quiseram estar perto dela a ajudá-la.

Eu continuei a preparar o papel de cenário e fiz mais umas medições para perceber onde colocava as janelas. Desenhei as janelas com a ajuda dos moldes e comecei a cortar as ditas janelas desenhadas.

As crianças iam terminando os fantoches e iam-me mostrando. Eu, por vezes, perguntava-lhes qual era a sua personagem, para perceber se tinham feito uma boa caracterização. Esta turma conseguiu perceber que os fantoches eram as personagens.

Tocou para o intervalo e eu indiquei que fossem lanchar e brincar.

Enquanto estavam no intervalo, aproveitei para arrumar os materiais que estavam em cima da mesa, deixando apenas as colas e tesouras. Arrumei também os fantoches.

Estive ainda à conversa com a Professora E. Expliquei-lhe o projeto e o que queria fazer com o cenário, que a ideia seria arranjar um suporte de cartão para fixar os cenários. Ela deu-me alguns conselhos e dicas quanto à execução desse esqueleto do fantocheiro. Aconselhou-me a colocar, entre as divisões, tecido para que elas posteriormente não bambeassem.

Chegaram as 16:00h e voltou a tocar. As crianças voltaram e eu pedi-lhes para se encostarem à parede do quadro. A Professora C nesta parte já esteve presente.

Falei-lhes que agora íamos construir os cenários, seriam 3, um para cada janela. Expliquei que nos cenários estão representados os espaços onde ocorrem as ações da história. Revimos a história, eu li-a para ser mais rápido, pedi silêncio e iniciei. Quando via que alguém estava na conversa parava até estar tudo com atenção.

Depois da história revista perguntei quais seriam os espaços que poderíamos representar no nosso cenário. Foram várias as crianças a levantarem a mão para responderem. Dei-lhes oportunidade de sugerirem os espaços que tinham em mente. Depois dos vários espaços falados, optámos, por unanimidade, representar uma parte de noite, outra parte com o castelo e outra com o mar e um barco.

Pedi a 4 crianças para irem pintar a parte da noite. Preparei duas taças com tinta azul escura e preta e misturei, para ficar um azul bem escuro. Dei-lhe as taças com os pincéis e pedi-lhes para terem cuidado para não pintarem as roupas e o chão.

Chamei outras 4 crianças que pintaram de amarelo-torrado ou castanho claro a parte do meio, que seria o castelo e as últimas 4 que pintaram o céu, o barco, que eu entretanto desenhei, e o mar. Como sobraram 3 crianças eu fui alternando com elas. Tive de preparar mais azul-escuro para terminarem essa parte. À medida que iam terminando a pintura, eu pedia-lhes para irem lavar as mãos. Antes do toque soar, estava tudo pintado e a maior parte das crianças preparadas para irem embora. Pedi-lhes para levarem as suas colas e tesouras e casacos, caso tivessem.

Depois de as crianças saírem acabei algumas tintas, dando uns retoques, sobretudo nas partes, onde os dois cenários se cruzavam. Lavei as taças e pincéis, coloquei-os e às tintas num saco e fui à secretaria entregá-los, agradecendo.

Depois vim à sala colocar as mesas onde estavam no início e colocar os fantoches no armário. Dei um jeitinho ao chão e avisei uma auxiliar que tinha deixado um cenário no chão a secar, e pedi-lhe que amanhã o arrumassem dentro da salinha de arrumação, para poderem lavar o chão, que ficou um pouco pintado.

No geral, a sessão foi positiva. As crianças, apesar de agitadas, conseguiram concluir os fantoches e pintar a base do cenário. Gostaram especialmente desta última parte, pois estavam a trabalhar com um material com que, usualmente, não contactam, e percebia-se que estavam contentes a pintar o cenário, mesmo estando todos envolvidos. Um dos 3 meninos que ficaram à espera, quando eu estava a preparar a tinta para o último grupo, perguntou-me quando é que podia ir pintar. Eu prometi-lhe que quando as tintas estivessem todas distribuídas, eu o trocava com uma criança do primeiro grupo e assim fiz. Ficou todo entusiasmado a pintar.

Quando parámos para reler a história, eles mostraram-se interessados e empenhados e deram sugestões bastante pertinentes para os cenários.

Relativamente aos fantoches, respeitaram as características das personagens que iriam representar.

Eu, ao início, fiquei um pouco assustada quando a professora coordenadora me disse que a Professora C não estava, mas depois descansei ao ver a outra professora. Percebi que as crianças vinham agitadas e tentei impor-me desde o início. Deixei as crianças a terminarem os fantoches de propósito, para que elas fizessem por elas e não andassem sempre a pedir ajuda. A professora substituta ainda ajudou algumas crianças.

Confesso que fiquei um bocado irritada quando as 3 crianças que estavam sentadas, a ajudar-me quando fosse necessário, começaram a ter um comportamento menos adequado, obrigando-me a levar uma até à Professora Coordenadora da Escola.

Quando vi a pequena autista também fiquei um pouco baralhada, pois não sabia que ela também pertencia à turma. Apesar disso, não tive qualquer problema em incluí-la, entregando uma folha à auxiliar que a acompanhava e pedindo-lhe que fizesse um desenho ou personagem com os materiais que quisesse e que tivesse ao seu dispor.

Na parte final, do cenário, senti-me completamente tranquila, soube organizar as crianças para que tudo corresse bem.

Quarta-feira, 27 de fevereiro de 2019

Hoje durante a manhã preparei os cenários, cortando as janelas no papel de cenário. Preparei ainda os materiais e reli as histórias reinventadas do 1.º, 2.º e 4.º anos e sublinhei os locais mais evidentes das mesmas. Registei quais os locais e elementos (objetos ou recursos de natureza) das histórias e pensei em possíveis cores a utilizar.

Quando cheguei à escola, depois de pedir a uma funcionária que me abrisse a porta da sala, que “adotei” para a realização do projeto, fui à secretaria pedir novamente as tintas e pincéis. Preparei a sala, colocando três mesas juntas de um lado da sala com diversos materiais, como cartolinas, gomas Eva, aplicações, tesouras e colas, e do outro lado coloquei outra mesa onde pus as tintas, pincéis, pratos e taças, esponjas e carimbos.

Sessão 3 – 2.º Ano – 20 crianças

Quando as crianças chegaram, pedi-lhes que se sentassem no chão encostadas à parede do quadro. Cumprimentei-as e recordei-lhes que hoje iríamos construir o cenário. Mas para que soubéssemos o que iríamos retratar nele, tínhamos de recordar a história. Depois de ler a história reinventada pelas crianças perguntei-lhes quais eram os cenários mais importantes. Eles falaram do castelo e jardins reais, da floresta e do reino de Portugal e de Castela. Expliquei-lhes que o papel de cenário seria dividido em 3 partes, tendo em conta as janelas que têm, portanto teriam de escolher apenas 3 locais. Os locais escolhidos para retratar no cenário foram o jardim real, o castelo e a floresta.

Depois disto, dividi a turma em 3 grupos, e destes grupos coloquei 4 a pintar e os restantes 2 ou 3 a criarem elementos para serem colados ao cenário. Preparei as tintas consoante as cores que tínhamos decidido para os cenários e dei instruções aos grupos para que pintassem sempre de cima para baixo ou de um lado para outro.

O grupo do jardim pintou o papel de cenário de verde e as crianças que estavam a fazer os elementos fizeram árvores, flores e um caminho.

O grupo do castelo pintou a parte do meio com um tom amarelo-torrado, e as crianças que estavam na mesa fizeram as ameias, que foram depois coladas na parte superior do papel de cenário.

O grupo da floresta pintou a sua parte de um verde seco escuro e os restantes colegas fizeram árvores para serem coladas nessa parte do cenário.

Todos estes elementos, feitos pelas crianças que estavam junto à mesa, foram desenhados, recortados e enfeitados, com aplicações, por elas. No final da sessão foram colocados ao lado do cenário e colados onde as crianças achavam que ficavam bem.

O primeiro grupo, do jardim, queria fazer umas pedras ao lado do caminho. Então eu sugeri-lhes que colassem o caminho e depois, com tinta cinza pintassem as pedras. Assim fizeram.

Esta sessão foi bastante positiva pois o grupo esteve, desde o início, muito empenhado e entusiasmado no trabalho proposto, contribuindo com sugestões para a realização dos cenários, e não teve dificuldade em concretizar as tarefas. Esteve sempre alegre e motivado e conseguiu estar sempre bem organizado, pois as tarefas foram bem distribuídas desde o início. Quando as crianças da pintura terminavam a sua parte iam lavando os pincéis e taças. Houve mesmo um menino que quis ficar com a função de lavar essas taças, depois de ter pintado aquilo que lhe cabia.

Eu estive sempre muito tranquila com a turma, apoiei os dois grupos e tentei que estivessem sempre bem organizados para que conseguíssemos terminar o trabalho que era proposto. A sessão foi bem sucedida, e até a professora estava muito entusiasmada, elogiando a minha organização e preparação das sessões.

Entre um grupo e outro preparei os materiais para a sessão seguinte, a sessão de 1 hora do 4.º ano, combinada com a Professora D na sessão anterior.

No tempo do intervalo coloquei os materiais em falta na mesa, guardei na sala de arrumos o cenário do 2.º ano e coloquei o papel de cenário para o 4.º ano, no chão, colado com fita cola de papel crepe. Reorganizei as tintas, lavei os recipientes, taças e alguns pincéis utilizados pelo primeiro grupo e coloquei tudo na mesa preparada para esse fim.

Sessão 3 – 4.º Ano (término) – 17 crianças

Quando as crianças chegaram eu pedi-lhes que se sentassem no chão, recostados na parede junto ao quadro. Falei-lhes que hoje iríamos realizar o cenário, mas que para isso teríamos de analisar a história e verificar quais seriam os locais mais importantes a serem retratados. Depois de uma rápida leitura da história reinventada, feita por mim, as crianças deram as suas opiniões quanto aos locais que deveríamos recriar, falaram do jardim dos Estudos Gerais, dos caminhos por onde D. Dinis e D. Isabel andavam para ajudar os mais pobres, do Mosteiro de Alcobaça e do Convento de Cós e dos rios de Alcobaça.

Depois de falarmos e percebermos quais seriam os locais mais relevantes na história, decidimos retratar 3 locais no papel de cenário, o jardim dos Estudos Gerais, um dos rios de Alcobaça e o convento de Cós. Pedi a 5 crianças que fossem trabalhar nos elementos a aplicar no cenário depois de pintado e seco. Algumas ficaram encarregues de fazer os peixes e as flores para as margens do rio, outras desenharam e recortaram o Mosteiro de Alcobaça e houve quem se aventurasse a recortar uma fachada dos Estudos Gerais.

As restantes 12 crianças foram divididas pelos 3 cenários. Escolhemos as cores a utilizar, eu tracei o rio e preparei as tintas nas taças. Dei instruções às crianças dos locais onde deveriam estar para, de forma organizada, irem pintando o papel de cenário que tinham à sua frente. Avisei ainda para arregaçarem as mangas das camisolas e tomarem cuidado com as roupas, para não se sujarem. À medida que se iam posicionando eu ia dando as taças com a tinta e pincéis. Pedia-lhes que pintassem só num sentido, ou para cima e para baixo, ou para um lado e para o outro e que tentassem, ao máximo, não pintar o chão.

Enquanto todos estavam a trabalhar ia dando apoio às crianças que estavam a fazer os elementos para o cenário e verificando se era necessário preparar mais tintas.

Depois de todo o cenário pintado, pedi às crianças que fossem ao lavatório da sala de arrumação e lavassem as suas mãos e os pincéis com os quais tiveram a pintar.

Às restantes crianças, ajudei no que foi preciso, dei-lhes ideias e sugestões e ensinei-lhes algumas técnicas para que tornassem os seus recortes e aplicações mais originais.

Durante a sessão senti que o grupo esteve interessado e empenhado em concretizar as atividades propostas. O grupo da pintura, depois das instruções iniciais, esteve completamente autónomo, enquanto que o grupo das aplicações, precisou de alguma ajuda, pelo menos 2 crianças que eu considero as mais dependentes da turma. Houve um menino que, como tem algum jeito para o desenho, tentou desenhar o Mosteiro de Alcobaça.

Como nem todos os elementos foram terminados as crianças levaram-nos para terminar em sala de aula.

Eu tentei desde o início organizar o grupo e passar-lhe as ideias principais do trabalho, para que numa hora conseguíssemos adiantar o máximo possível, e a verdade é que todo o cenário ficou pintado e as aplicações quase concluídas. Verificámos que sobre pressão horária conseguimos realizar tudo o que queríamos e isso foi bastante positivo.

Com a turma organizada e a trabalhar, consegui dar apoio a todos sem grandes pressões, o que me proporcionou tranquilidade e confiança no apoio prestado a todos.

Houve várias crianças que disseram: “Gosto de muito das atividades que fazes comigo” e “Gosto destas atividades”.

Quinta-feira, 28 de fevereiro de 2019

De manhã, e tendo em conta o grupo que ia ter e o tempo que teríamos para fazer tudo aquilo que estava previsto, decidi fazer uns moldes para a roupa dos fantoches. Desenhei-os em algumas cartolinas de várias cores, para que as crianças tivessem apenas de recortar e colar.

Ainda pensei no cenário e nas cores que se iriam usar, para que pudesse ter tudo preparado, de modo a que quando as crianças chegassem começassem logo a trabalhar.

Quando cheguei à escola, por volta das 13:00h, pedi a uma das funcionárias que me viesse abrir a sala e comecei a prepará-la. Na mesa encostada à parede das janelas, coloquei as tintas, as taças, pratos, pincéis e restantes materiais, como por exemplo um copo de água.

De seguida, fui buscar o único papel de cenário, que não estava pintado, à sala de arrumações e estendi-o sobre o chão, junto a essa mesa, colando-o com fita-cola de papel crepe.

Do lado esquerdo da sala juntei 3 mesas e sobre elas coloquei os materiais necessários para terminar os fantoches, como tesouras, colas, cartolinas, lãs, aplicações e fitas de cetim. Coloquei à disposição as caras que as crianças tinham feito na sessão anterior, os paus de gelado e os canudos, feitos para os fantoches de dedo.

Como ainda havia tempo, desenhei no papel de cenário um caminho e o forno da Padeira, bem como a sua mesa. Preparei ainda a tinta amarelada para o caminho, a tinta verde para o campo de batalha e a tinta bege para a casa da Padeira e a aldeia de Aljubarrota e coloquei-os nos sítios indicados para se fazer a pintura.

Sessão 3 – 1.º ano (20 crianças)

As crianças chegaram e eu pedi-lhes que se sentassem no chão ao pé da parede do quadro. Cumprimentei-as e expliquei-lhes o que iríamos fazer nesta sessão: iríamos pintar o cenário e terminar os fantoches. Perguntei quem eram as crianças que estavam a fazer o fantoche de dedo, estas colocaram o dedo no ar e eu disse-lhes que seriam elas quem iriam pintar o cenário. Ficaram todas contentes. As restantes crianças iam, com a Professora A, terminar os seus fantoches. Expliquei-lhes que, como já tinham a cara feita, teriam apenas de fazer a roupa e capa, caso as suas personagens a usassem. Se quisessem podiam colocar algum acessório na personagem.

Dei indicação para que as crianças dos fantoches de pau fossem para junto da mesa, escolhessem a sua cara e se sentassem nas cadeiras. Mostrei à Professora A as cartolinas com as roupas desenhadas e os moldes, caso fosse necessário desenhar mais roupas. Depois pedi às restantes crianças que fossem comigo para junto do cenário. Dei instruções para o posicionamento de cada uma, e de que cor e como deviam pintar.

Deixei-as a pintar e fui preparar mais uma taça de cor bege, outra de preto e outra de castanho. À medida que iam terminando as tintas eu ia preparando mais. Nas alturas em que este pequeno grupo não precisava da minha ajuda, ia ajudando os meninos que estavam a terminar os fantoches. Ajudei-os a fazer chapéus, capacetes e espadas, e a colar os cabelos que eles tinham inventado. Ajudei ainda uma menina a terminar a sua personagem, que era um tigre. Com a minha ajuda fez as orelhas e as patas e colocou umas missangas compridas, a fazer de garras.

Entretanto, as crianças que tinham o cenário a seu cargo terminaram a pintura nos locais iniciais e eu indiquei-lhes outros locais para pintar e as cores que tinham de utilizar. Não tardou muito até terem todo o cenário pintado. Depois de cumprirem a sua tarefa pedi-lhes que colocassem as taças na mesa das tintas e fossem lavar as suas mãos e o seu pincel ao lava-loiça da sala de arrumações.

À medida que as crianças iam terminando os seus fantoches, iam-nos colocando numa mesa que estava junto à porta de entrada.

Depois de a maior parte da turma ter terminado o fantoche, começou-se a formar alguma confusão e, então, a Professora A e eu, decidimos que o melhor seria ela ir com todas aquelas que tinham terminado para a sua sala de aula e eu ficaria a ajudar as crianças que ainda não tinham terminado. Ficou combinado que, à medida que as crianças fossem terminando, eu indicava-lhes que fossem para a sua sala. E assim foi. Eu expliquei à turma que quem já tinha terminado o fantoche iria com a Professora A para a sua sala e os que ainda não tinham terminado, incluindo os meninos do fantoche de dedo ficavam com a Guida a terminar. A Professora A organizou o grupo que estava despachado e partiu. Eu ajudei, em primeiro lugar, as crianças dos fantoches de pau, que iam colocando os seus fantoches e saindo, à medida que se iam despachando e, por último concentrei-me nas crianças dos fantoches de dedo. Houve algumas que tiveram de voltar a fazer a cara, pois algumas crianças que não tinham vindo na sessão anterior. Em seguida íamos fazendo os braços e colocando algum acessório, pois o próprio canudo era a roupa. Alguns ataram um cordão ao canudo, outros colocaram missangas ou furinhos de cartolina ou EVA, de forma a fazerem botões e houve ainda quem quisesse fazer espadas e cornetas para caracterizar os seus fantoches/ personagens. As caras foram colocadas na parte superior do canudo e os fantoches ficaram feitos. Pedi às crianças que se dirigissem à sala e fui com a última para me certificar com a professora que tinham regressado todas e entregar-lhe uma cola que tinha ficado esquecida. Falámos um pouco relativamente à sessão e percebemos que, com esta estratégia, correu melhor que as sessões anteriores. A estratégia era manter as crianças sempre ocupadas, para que não se distraíssem e perturbassem o restante grupo.

Nesta sessão senti o grupo mais calmo e empenhado. As crianças que pintaram o cenário estavam bastante radiantes e entusiasmadas e houve uma que até disse “Gosto muito das atividades que fazes connosco”. O restante grupo estava preocupado em criar o fantoche à imagem da personagem que lhe tinha calhado. Este, por ser um grupo de 1.º ano, necessitou de ajuda e algumas ideias para a concretização dos fantoches, mas as aplicações foram escolhidas por eles e os acessórios, que servem de caracterização das personagens, foi ideia deles.

Esta foi a sessão mais produtiva e positiva que consegui ter com este grupo. Por esse motivo, estive mais tranquila, mais disposta e disponível para brincar com eles e ajudá-los nas suas dificuldades.

Terça-feira, 12 de março de 2019

Hoje durante a manhã e o serão estive a construir a estrutura do fantocheiro.

Comecei por arranjar cartões de grandes dimensões (pedidos a uma colega que trabalha num armazém de uma fábrica de cerâmica) e medi-los, para escolher quais seriam mais adequados para os cenários das pontas e qual seria melhor para o cenário do meio. Depois de escolhidos fiz as medições aos mais pequenos cortando dois retângulos de 165cm x85cm. De seguida, continuei com as medidas para abrir uma janela a 85cm do chão e com um espaçamento de 17,5cm de cada lado. Com essas medidas feitas, nos dois cenários iguais, desenhei as janelas, com a ajuda do

molde (já utilizado para as desenhar no papel de cenário) e recortei um pouco por fora do risco, para não correr o risco de se ver o cartão quando colarmos o cenário pintado. Para o cenário do meio medi e cortei um retângulo de 165cm x 120cm. De seguida medi 90cm a partir do chão, de um lado e do outro e voltei a medir 17,5cm de espaçamento de cada lado. Coloquei a janela retangular (molde) e desenhei-a, tendo em conta as medições feitas anteriormente. Tal como nos outros cenários, cortei um pouco por fora do risco.

Depois disto, tentei colocá-los em pé. Apoiados ficavam, mas notei-os um pouco bambos e, por isso, decidi fazer 6 tiras para colocar na horizontal, uma de cada lado dos cenários e outras 3 para colocar na parte de cima. Foram coladas com cola quente. Também coloquei quadrados de cartão por baixo das janelas, quase até chegarem ao chão, para que os 3 cenários ficassem mais resistentes. Voltei a colocá-los de pé e, aí sim, estavam em pé e sem problemas de bambear.

Para os unir, e recorrendo à sugestão de uma professora, utilizei faixas de tecido grosso. Cortei-as de modo a que chegassem para o comprimento do cenário, estendi as três peças no chão, deixando cerca de 5cm entre cada uma delas e coloquei as faixas nos sítios a colar. Peguei na pistola de cola quente e comecei a colar. Primeiro uni, de um lado e do outro, um cenário pequeno ao cenário maior, que seria o central, e depois passei para o outro pequeno, que foi unido ao outro lado do cenário. Para que estas uniões ficassem bem feitas, optei por colocar ainda mais um pouco de tecido em cada topo das uniões, passando da frente para trás e sobrepondo ao tecido já existente.

Para terminar, coloquei a estrutura em pé e ficou estável, mexi nas uniões, que foram construídas sob a inspiração de um biombo, e coloquei-as mais para dentro ou mais para fora, consoante queria.

Fiquei na dúvida se deveria fazer uns pés, mas nos ensaios já vou ter essa perceção, sobre o que fazer.

No fim de fazer a estrutura, ainda fui reler a história, dividi-la pelos cenários e ver os locais onde seria colocado o som instrumental ou vocal/corporal.

SESSÃO 4

Quarta-feira, 13 de março de 2019

De manhã preparei a sessão.

Enviei um email à professora coordenadora da escola a pedir-lhe os instrumentos musicais e a fazer-lhe algumas questões relativas ao dia da apresentação.

De seguida, fui ao Youtube explorar as músicas trovadorescas, medievais e algumas sobre D. Dinis, sugeridas pela professora orientadora Ana Carreira. Fiz o *download* das que achei interessantes.

Peguei no documento da história reinventada e dividi-a pelos diversos cenários, colocando a cor do texto diferente para cada um. Nessa altura tive uma ideia: utilizar um cenário interativo em que, à medida que vamos mudando de cenário, vamos adicionando ou retirando aplicações, construídas nas sessões, consoante o desenrolar das ações e locais da história. Sempre que mudava o cenário escrevia as aplicações que estavam, as que eram para retirar e as que eram para aplicar.

Com esta dinâmica será necessário haver uma criança de cada lado do cenário para fazer este trabalho.

Depois de tratar dos cenários, concentrei-me nas falas. Existem 4 personagens falantes e para cada uma delas escolhi uma cor de sublinhador. Sublinhei todas as falas com as cores correspondentes.

Passei de seguida para a música. À medida que ia lendo a história, ia colocando músicas que considere importante estarem naquelas ocasiões. Das que tinha escolhido anteriormente, aproveitei apenas 4, duas trovadorescas, uma medieval e a última, relativa à vida de D. Dinis, que fechará o espetáculo. No guião foram escritas, nos locais em que aparecem, as músicas. Para finalizar, abri comentários nos locais onde seriam feitos os sons e os 2 compassos quaternários, para que tudo estivesse bem explicado no guião e para que não houvesse esquecimentos.

Após isto, guardei este guião numa *pen*, desliguei o portátil e arrumei-o na mala, assim como as colunas e caderno. A *pen* foi para a bolsa. Fui buscar os restantes materiais necessários para a sessão, coloquei-os num saco e fui pôr tudo ao carro. A estrutura do fantocheiro também foi colocada dentro do carro, mas com a porta da bagageira entreaberta, para conseguir ser transportada.

Quando cheguei à escola dirigi-me à secretaria e pedi que imprimissem 6 exemplares do guião. Perguntei se a professora coordenadora estava ou tinha deixado os instrumentos musicais para eu levantar. Como me disseram que não, eu pedi que quando ela chegasse a avisassem de que eu precisaria dos instrumentos musicais para esta sessão e que alguém nos fizesse chegar.

Dirigi-me à sala, com todos os materiais, e comecei por colocar a estrutura ao centro da sala. Fui buscar o cenário do 4.º ano, liguei o computador e colunas e coloquei os fantoches e guiões em cima de uma mesa. No quadro escrevi COMPASSO QUATERNÁRIO e fiz duas tabelas com quatro colunas e quatro linhas. Às colunas numerei-as de 1 a 4. De seguida, comecei a colar o cenário à estrutura, mas as crianças chegaram e ajudaram-me.

Sessão 4 – 4.º ano (18 crianças)

Pedi às crianças para se sentarem em frente da estrutura e comecei por referir que hoje seria a última sessão antes da representação da história e teríamos de construir a sonoplastia (música) e ensaiar a história. Pedi às crianças que iam representar as personagens D. Dinis, D. Isabel, o mestre e o rei D. Afonso III para levantarem o dedo. Dei a essas crianças um guião e outro à Professora D. Depois, escolhemos um narrador. A professora da turma sugeriu a (nome da aluna), uma menina que lê muito bem, para ser a narradora e eu pedi-lhe que viesse para junto de mim, de modo a partilharmos o guião.

Antes de começarmos a fazer uma primeira leitura falei com eles sobre os cenários. Todos já sabiam que havia 3, mas a novidade é que dariam para mais do que 3 locais sendo interativos, ou seja, fixando e removendo aplicações ao longo da história. Eles acharam a ideia muito boa e todos concordaram.

Em seguida, decidi exercitar com eles os sons feitos com os elementos do corpo. Ensaíamos o som do cavalgar e da água a correr nos rios. Os outros sons não podíamos ensaiar porque ainda não tinham chegado os instrumentos musicais.

A seguir, pedi-lhes que fossem buscar o seu fantoche e o mantivessem colocado na mão, para que na altura do ensaio o pudessem manipular quando a sua personagem aparecesse na história.

Só depois é que começámos a leitura da história com as músicas escolhidas de manhã, e faladas às crianças, as falas e os sons possíveis de serem feitos naquele momento. Ao longo de todo este primeiro ensaio fomos fazendo pausas para debatermos e ensaiarmos alguns sons ou modos de falar (personagens) e eu ia dando mais ideias e sugestões.

Quando surgia alguma música trovadoresca ou medieval mais animada, as crianças manipulavam os fantoches a dançar, sobretudo na altura em que, na história, se falam das festas. Eu dava-lhes algumas instruções, para que, em vez de apenas estarem a dançar sozinhos, interagissem com as outras personagens. Peguei em dois fantoches e dei o exemplo, colocando-os a dançar juntos um ao outro. Eles acharam imensa piada e foram tentando reproduzir quando era para dançarem.

Ainda nesta primeira experiência de ensaio, inicialmente só leitura e sons, decidi colocar já algumas crianças, sobretudo as que têm as personagens mais participativas, a representarem e manipularem os seus fantoches por trás do cenário, para que comesçassem a ter perceção do espaço, cenários, e modo como devem estar para que só se vejam os fantoches entre as janelas.

Às 14:15h veio uma auxiliar avisar que às 14:30h a Professora Coordenadora da Escola vinha falar comigo e, como estávamos a terminar o primeiro ensaio / leitura, decidi que iríamos colar as flores e verduras junto às margens do rio e os peixes dentro deste.

Entretanto veio a Professora Coordenadora da Escola, falámos sobre os assuntos mencionados no email e eu pedi se não seria possível utilizar já os instrumentos musicais. Ela pediu então a duas meninas que fossem buscar as caixas que os continham enquanto ficou a conversar comigo sobre assuntos relativos ao dia da representação.

Já depois da conversa e dos peixes, flores e verduras colados, voltámos aos sons para a representação da história. Para além de voltarmos a ensaiar os sons feitos com a voz e corpo, as crianças começaram a manter contacto com os instrumentos musicais, que iriam representar novos sons. Para a altura em que D. Dinis tinha voltado a sonhar uma criança agita levemente uma meia pandeireta. Quando ocorre o milagre das rosas, em que as rosas caem do regaço de D. Isabel, ouvesse o som de um tamborim ao de leve. Para simbolizar as espadas na batalha entre pai e filho é utilizado o triângulo e neste toca-se aos zig-zags, para que sejam sons mais fortes e mais fracos e não se sinta a monotonia do mesmo som com diferenças de tempo e intensidade.

Para finalizar, no que toca à música, falei que iríamos ainda criar dois compassos quaternários ao longo da história. Expliquei que os compassos quaternários são representados por uma grelha que tem 4 colunas e várias linhas, que no nosso caso seriam 4. Essas colunas simbolizam os 4 tempos do compasso, portanto tocam-se 4 tempos, segue-se para a linha de baixo, com mais 4 tempo e assim por diante. Falei ainda que nestas colunas podem estar diversos instrumentos musicais, mas que, para não complicar, uma vez que já não tínhamos muito tempo, iríamos utilizar dois instrumentos para cada compasso. No primeiro os instrumentos eleitos foram a pandeireta e as claves e no segundo o xilofone e as maracas. Para cada instrumento inventámos um ritmo e seria sempre esse ritmo a utilizar. Fiz então, no quadro, o desenho dos instrumentos na primeira tabela, já desenhada anteriormente. Ficou: pandeireta 4 vezes; claves 4 vezes; pandeireta, claves, pandeireta, claves; pandeireta 2 vezes, claves 2 vezes. As duas crianças que iriam tocar este compasso tocaram-no 3 vezes para que ficasse ensaiado. Dirigi-me em seguida às outras duas crianças, que já estavam com o xilofone e as maracas ao lado. Experimentámos os ritmos e desenhei o compasso, com os dois instrumentos, xilofone 4 vezes; maracas 4 vezes; xilofone, maracas, xilofone, maracas; maracas 2 vezes, xilofone 2 vezes. Estas crianças tiveram de ensaiar 5 vezes pois, inicialmente estavam com dificuldades no tempo. Eu sugeri contarem até 4 e depois voltarem a tocar, e a partir daí começou a correr melhor. À medida que estes dois grupos iam tocando eu ia acompanhando com os dedos no quadro.

Depois dos compassos e restantes sons estudados voltámos a fazer um ensaio, desta vez com todas as crianças por trás do fantocheiro e com os instrumentos ao lado de quem os iria tocar. Coloquei a música de início e a (nome da aluna) começou a ler a história. À medida que falava nas personagens, os fantoches iam aparecendo e sempre que chegávamos a um som este era feito. Por vezes eu ou a professora tínhamos de chamar a atenção para o som, pois estavam a esquecer-se. Eu ia colocando as músicas e ajudando a direcionar as personagens nos cenários certos, mas para o final já existiam crianças com essa questão memorizada. No final, quando aparece a música de D. Dinis todas os fantoches voltaram aos cenários a dançar e passado um bocado as crianças vêm para a frente com os seus fantoches a dançar. Neste ensaio já falámos em que alturas se aplicam ou retiram dos adereços dos cenários.

A sessão estendeu-se até às 15:40h, portanto, durou cerca de 2 horas e 30 minutos. Apesar de excedermos um pouco o tempo, a sessão foi bastante positiva, pois as crianças demonstravam-se interessadas e motivadas em aprender e querer fazer melhor. Todas queriam fazer sons ou ajudar quando era necessário. Ficaram muito entusiasmadas e atentas aos compassos quaternários, mesmo quem não podia representá-los, por estar a atuar naquele momento ou estar com outras tarefas. Apesar de haver, por vezes, um burburinho e distrações, a sessão correu bem, pois além das atividades estipuladas serem concretizadas senti que uma grande parte das crianças estava focada no trabalho e feliz com os resultados que estava a obter.

Ainda assim, a professora da turma pediu-me se não poderíamos fazer outro ensaio antes do dia, para que todos ficassem mais aptos para o que iriam fazer. Combinámos para a próxima quarta-feira, dia 20 de Março, das 16:00h às 17:00h. Falámos também de, no dia do espetáculo de manhã, fazermos um último ensaio, já no local da representação.

Após esta conversa a professora e crianças despediram-se e foram-se embora e eu fiquei a arrumar o material e a ensaiar melhor a aplicação do papel de cenário no esqueleto do fantocheiro, pois o primeiro por vezes começava a descolar-se. Decidi que iria fazer uns pés para o fantocheiro, pois, apesar deste se manter em pé, mexia-se um bocado quando as crianças tocavam nele.

Nesta sessão eu senti-me, ao início um pouco nervosa, pois teria de explicar muitas coisas às crianças e estava com receio que elas não retivessem tudo, mas correu bem. Ao longo da sessão fui acalmando e esta fluiu com a normalidade habitual. Ia organizando o trabalho, explicando as várias tarefas ou desafios, ensinando algumas questões relativas à música e manipulação dos fantoches e as crianças iam acompanhando tudo sem grandes dificuldades. À medida que ia decorrendo o ensaio eu ia escrevendo indicações no guião, relativas a novas decisões tomadas ou a coisas novas sugeridas pelo grupo. Por volta das 15:00h falei com a professora, pois estava na altura de terminar a sessão, mas esta disse-me para continuar até ao intervalo e assim fiz. Ao longo da sessão fui ficando contente pois ia percebendo que uma grande parte das crianças já se ia orientando pelos cenários e sabia em que parte tinha de entrar ou sair de cena. Na música também me surpreenderam pois não tiveram praticamente nenhuma dificuldade em inventar sons e construir os compassos quaternários. No final, fiquei feliz por perceber que a professora estava tão interessada quanto eu em que tudo corresse bem, disponibilizando-se a oferecer mais 1 hora para voltarmos a ensaiar. Falou ainda que se eu não me importasse, prepararíamos a representação para os pais da turma, no final do projeto terminar, e eu disponibilizei-me para o fazer marcando já um dia para o efeito. Com estas atitudes a Professora D está a demonstrar que este é um projeto interessante e que está a proporcionar algo de bom às crianças.

À noite comecei a preparar o guião para a história reinventada do 3.º ano. Dividi-a pelos cenários, sublinhei as falas das personagens, com uma cor para cada personagem, e fiz comentários com os

sons que seriam representados em cada parte da história. Nos locais onde queria colocar músicas escrevi “Música...”

Quinta-feira, 14 de março de 2019

De manhã comecei por selecionar as quatro músicas que queria colocar na história, sendo 3 medievais e a última relacionada com os Descobrimientos, preparei os objetos reciclados, que iriam produzir música, coloquei os nomes das músicas e dos objetos no guião e preparei alguns materiais e fantoches para o auxílio na realização do ensaio.

Quando cheguei à escola pedi que me abrissem a porta da sala, e perguntei se me poderiam imprimir os guiões. Uma auxiliar disse-me que o funcionário da secretaria só chegava às 14:30h e, portanto, fui para a sala preparar o cenário, ligar o computador e colunas e colocar os fantoches e objetos reciclados em cima de uma mesa. Quando estava para ir imprimir os guiões apareceu a Professora coordenadora da biblioteca da escola, que me abordou e mostrou uma história que criou para mostrar ao neto, em que as personagens eram os elementos da família, incluindo os animais de estimação. Explicou-me que, como ele está a viver longe, liga o *skype* e inventa histórias com aquelas personagens que fez com as fotografias decoradas com diversos materiais de texturas diversas. É uma boa interligação pois o neto também inventa momentos das histórias e pede para haver mais personagens. Foi uma ideia bastante engraçada e criativa que partilhou comigo. Depois disto, fui à secretaria pedir para me imprimirem os guiões.

Sessão 4 – 3.º ano (13 crianças)

Quando estava a dirigir-me para lá, chegaram as crianças com a Professora E e uma das professoras da biblioteca, pois a Professora C não estava. Pedi-lhes para entrarem e se sentarem junto à parede do quadro. Quando entraram, ficaram maravilhados com o fantocheiro montado. Coloquei as músicas a utilizar na representação para as crianças ouvirem enquanto eu ia buscar os guiões impressos.

Assim que cheguei à sala notei uma grande confusão, crianças em pé, muito barulho e disparates e as professoras a repreenderem as crianças. O (nome de aluno) estava a ser muito mal-educado para uma professora e eu pedi, com uma certa autoridade, para que todos se sentassem e se acalmassem. Depois dirigi-me ao menino e falei com ele calmamente explicando-lhe o que iríamos fazer na sessão e perguntei-lhe se queria participar. Ele respondeu afirmativamente. Pedi-lhe então para se sentar sossegado.

Voltei a dirigir-me ao grupo, e expliquei-lhes que hoje seria a última sessão antes da representação e que teríamos de construir a sonoplastia da história, ou seja, os sons que iríamos inventar e ensaiar a história e os movimentos dos fantoches.

Desafiei-os a começarmos pelos sons. Elucidei-os que os sons seriam feitos com a voz, o corpo e com alguns materiais reciclados ou de uso diário e mostrei alguns objetos que tinha trazido e os sons que podiam produzir. As crianças, apesar de agitadas, estavam fascinadas e todas queriam experimentar a inventar sons. Peguei num guião e começámos a experimentar o som para cada ocasião, ensaiando-o várias vezes. Houve sons, como o cavalgar ou o povo a fazer barulho que foram feitos com recurso ao corpo. Outros como o barulho das rodas da carruagem, o chiar dos ratos ou o barulho da bruxa a mexer no chá foram produzidos através dos objetos reciclados. Só após um som estar ensaiado é que seguíamos para outro. Houve sons que foram feitos em grande grupo e outros que foram feitos individualmente ou em grupos pequenos. No total, foram ensaiados 12 sons diferentes, dois para cavalgar, um feito com a boca, para a primeira ocasião, e

outro feito com o corpo, batendo com as mãos nas pernas, ou com as pontas ou os calcanhares dos pés no chão. De seguida experimentaram o som de folhear um livro, fazendo movimentos numa revista; inventaram o barulho do povo, gritando por D. João; experimentaram produzir o som das rodas da carruagem a rodar com recurso a duas latas de atum a movimentarem-se circularmente uma na outra; no momento em que se fala dos filhos foi inventado um som para produzir entre cada um, com recurso a uma lata de bolachas redonda e um pau de clave com uma das partes enrolada com espuma espessa. Fizeram ainda o som de surpresa com a voz; o som dos ratos, batendo com os dedos e mãos no chão e friccionando a espuma contra um objeto de metal, que produziu o som de chiar; o som da bruxa a vaziar a poção pelo castelo, produzido com as folhas de bolhas de ar a serem mexidas e, de vez em quando, amassadas provocando o rebentamento de algumas bolhas; o som de uma ideia, criado com um pau de comida chinesa a bater numa lata de metal; e, por fim, o som da bruxa a mexer o chá com a poção, feito com um pau de comida chinesa a mexer dentro de uma lata de metal e, em seguida, o som de engolir utilizando a boca para o produzir.

Enquanto os sons estavam a ser produzidos houve 3 crianças que tiveram um comportamento inadequado, comprometendo não só a sua segurança e dos colegas, como gozando com eles e não permitindo que a sessão tivesse o seu rumo habitual. Após várias chamadas de atenção e avisos por parte de todo o corpo docente decidi levar uma delas à professora coordenadora da escola, contando-lhe o que se estava a passar. Juntamente comigo e outra professora, que chegou entretanto, decidimos ir buscar a outra criança que estava a interferir com esta, que pelos vistos tinha ficado a gozar e a rir-se na sala. Já sem estas duas crianças e com a outra mais calma, prossegui com a sessão.

Depois dos sons criados, decidimos quem seria o narrador e revimos as personagens de cada criança. Como o narrador seria um menino, cuja sua personagem tinha falas, houve outro que não se importou de ter duas personagens, ficando com essa e ensaiando a fala dela. Houve ainda a troca de personagens entre duas crianças. Dei os guiões às crianças que tinham falas e estas estudaram-nas. Em seguida, pedi a cada um que dissesse a sua fala. Dava dicas para projetarem a voz e a colocarem mais fina ou mais grossa, consoante a personagem que estavam a representar. Sugeri-lhes que as lessem pelo menos 10 vezes para as decorarem. Enquanto isto, o narrador estava a ler o texto.

Tocou para o intervalo e eu pedi-lhes para irem lanchar e virem logo para continuarmos o ensaio.

Passados 3 minutos já tinha algumas crianças. Chegou o narrador, que pegou no guião e eu falei com ele de modo de esclarecê-lo quanto ao que devia de ler e em que altura. Ensaiei com ele algum texto em junção com as músicas selecionadas por mim.

Pouco tempo depois já tinham chegado todas as crianças, à exceção de uma que tinha ido para o intervalo, e que foi chamada por outra, e das duas crianças que continuavam com a professora coordenadora da escola.

Quando estavam todos, avancei com a explicação de como iria ser o ensaio, eu iria colocar músicas, o (nome de aluno) ia ler a história, e ficava ao meu lado, e todas as outras crianças iam para trás do cenário com os seus fantoches e estavam atentas à história, para que quando ouvissem falar do nome da sua personagem, esta aparecesse. Expliquei-lhe que teriam de estar sentadas e baixas, para não aparecerem nas janelas do cenário, apenas os fantoches apareceriam. Falei ainda dos cenários: inicialmente começa-se no cenário 1, que corresponde ao momento em que os magos falam com D. Pedro; de seguida, passa-se para o cenário 2 onde se desenrola toda a história; e, no fim, mudam para o cenário 3 quando se fala dos Descobrimientos. Avisei que neste

último cenário todos apareciam, à exceção dos que tinham falecido ou tinham aparecido logo na cena 1.

Distribuí os fantoches às crianças e coloquei os objetos necessários atrás do fantocheiro para que elas pudessem fazer os sons.

Nesta altura apareceram os dois miúdos que tinham estado com a Professora coordenadora da escola. Perguntei-lhes se estavam mais calmos e se queriam ensaiar sem fazerem disparates. Eles entraram e eu entreguei-lhes os seus fantoches. Dei a um deles o guião com a sua fala para decorar e quis ouvi-lo a lê-la. Dei-lhe sugestões para projetar a voz. Voltou a ler várias vezes.

De seguida, pedi às crianças que fossem para trás do fantocheiro e avisei-as para que não se encostassem pois ele poderia cair. Coloquei a música e o narrador começou a ler a história, as personagens iam aparecendo e dizendo as suas falas. Por vezes, tinha de dar indicações para fazerem os sons, pois elas esqueciam-se ou não estavam com atenção.

A meio interrompi o ensaio e fui atrás do fantocheiro. Pedi a quem não estava a atuar que se chegasse para trás e só voltasse para junto do fantocheiro quando a sua personagem voltasse a aparecer. Assim, não havia crianças a impedir o espaço e o teatro corria melhor. Relembrei-os para estarem atentos aos sons e delineei quais eram as crianças que estavam encarregues de fazer cada som. O ensaio continuou, ia sendo lido o texto, colocadas músicas, feitos os sons e ditas as falas, que já estavam praticamente decoradas. Pedi-lhes que quando aparecesse a música de festa para os seus fantoches, dançarem uns com os outros e quando fosse para trocar de cenário aparecessem no barco, primeiro a família real e só depois os astrólogos, os conselheiros, a bruxa e o povo.

Após a história estar lida foi colocado o som da música mais alto, as crianças distribuíram-se pelas várias janelas com os seus fantoches, que fizeram uma vénia e depois apareceram de trás do fantocheiro, colocaram-se ao lado umas das outras e aqui foram elas que fizeram a sua vénia.

No fim, pedi-lhes que fizessem uma fila em frente à porta e quando estavam sossegados mandei-os saírem com calma.

Terminámos o ensaio às 17:15h, já depois de ter tocado para a saída, mas como as crianças estavam inquietas e distraídas, tivemos mesmo de prolongar um pouco para, pelo menos, ensaiarem tudo uma vez.

Como fui relatando, o grupo esteve sempre muito inquieto e por vezes distraído, provocando atrasos desnecessários. Apesar do mau comportamento deles conseguiram perceber a mudança de cenários e quase todas as personagens apareciam quando era falado nelas. Senti-os bastante interessados em querer participar, sobretudo nas atividades de música, pois todos queriam experimentar os objetos e inventar sons. No ensaio estavam um pouco desorganizados por trás do fantocheiro, daí eu ter de parar o ensaio, dar-lhe algumas indicações e voltar a ensaiar. Por todas estas razões a sessão teve de ser prolongada, e sem muito tempo de intervalo. Durou cerca de 2 horas e 30 minutos.

Eu inicialmente estava tranquila, bem disposta e calma, de modo a tentar que a turma também ficasse calma. Comecei a ficar um pouco irritada quando vi que algumas crianças estavam a querer destabilizar a turma e a sessão, mesmo chamando-as várias vezes a atenção. Tomei a decisão de ir entregar uma à professora coordenadora da escola para que os outros percebessem que não estávamos ali a brincar e que tinham de se comportar bem, para que conseguíssemos ensaiar e criar o som da história. Depois deste incidente, continuei com a sessão e notei que as crianças acalmaram e colaboraram mais positivamente. Tomei a decisão de não haver intervalo,

pois precisaríamos do tempo máximo que conseguíssemos para fazer o ensaio. Na segunda parte da sessão estava tranquila, embora um pouco ansiosa pois via o tempo a passar e ainda faltavam algumas coisas para definir e ensaiar. Apesar de ter sido uma sessão muito desafiadora para mim, conseguimos fazer tudo o que estava planeado, embora eu saiba que as crianças não ficaram preparadas para a representação.

Vou falar com a Professora C, de modo a perceber se ela se disponibiliza a dar-me 1 hora para fazermos outro ensaio.

Nesta sessão houve uma criança que disse “Prometo ser um bom narrador”.

Terça-feira, 21 de março de 2019

Ao serão preparei os guiões para as turmas do 1.º e 2.º ano e verifiquei quais eram os materiais necessários à realização dos sons e representação.

Ainda escolhi as músicas (banda sonora) para as duas representações.

Quarta-feira, 20 de março de 2019

Hoje de manhã preparei os materiais necessários para as sessões. Inicialmente coloquei os objetos reciclados necessários para fazer os sons com a turma do 2.º ano.

De seguida construí dois fantoches que ficaram por fazer, uma personagem do povo e um veado. Utilizei os mesmos materiais que as crianças do 2.º ano utilizaram ao fazerem os seus fantoches: cartolina, aplicações, tesoura e cola.

Ainda durante a manhã preparei algumas aplicações para os cenários do 4.º ano, de modo a que eles ensaiassem como e em que momento as iriam colocar.

Já na escola, pedi que me imprimissem os guiões do 1.º e 2.º anos e que me abrissem a porta da sala onde, habitualmente, realizo as sessões.

Guardei na mala os guiões do 1.º Ano e deixei os do 2.º em cima da secretária. Ainda ai, coloquei o computador, ligando-o, assim como as colunas. Fui buscar o fantocheiro e apliquei neste o cenário do 2.º ano, com recurso à fita-cola larga. De seguida, trouxe os fantoches do 2.º ano para cima da secretária e espalhei no chão, junto a esta, vários objetos reciclados que serviriam para fazer a sonoplastia da encenação.

Sessão 4 – 2.º Ano (20 crianças)

As crianças e a Professora B chegaram e eu pedi-lhes que se sentassem junto à parede do quadro. Expliquei-lhe que hoje seria o último dia antes da representação da história que reinventaram e que tínhamos de criar os sons e ensaiar a história com as personagens, cenários e sons que construímos.

A professora da turma interveio dizendo-me que tinha trazido algumas aplicações feitas pelas crianças para serem coladas nos cenários, como tinha sido combinado na sessão anterior. Antes de iniciar com a criação sonora colámos as aplicações nos vários espaços do cenário.

Só depois é que iniciámos com os sons. Eu falei-lhes quais eram os sons que tínhamos de fazer e, em conjunto, decidimos como os iríamos criar, tendo em conta que se podiam utilizar os objetos reciclados à disposição, a voz e o corpo. Para criar o som do bater do coração utilizámos uma caixa de cartão e um pau de madeira (parecido com uma clave). Com as crianças, treinámos os ritmos do bater do coração, quando a personagem estava calma fazíamos o ritmo do nosso coração, quando se apresentava nervosa/ ansiosa aumentávamos o ritmo. Nesta fase, ficou escolhida uma menina para fazer este som.

Seguimos para o som da carruagem a andar e as crianças decidiram que este som poderia ser feito com duas garrafas de plástico vazias a reboarem pelo chão, uma a seguir à outra. Experimentámos e considerámos que o som era parecido com aquele que queríamos replicar. Também aqui foi eleito um menino para ficar encarregue deste som.

Prosseguimos com o som dos filhos de D. Pedro e D. Inês de Castro. Pensámos criar um riso para cada filho. Então cada um treinou o riso que queria fazer quando o seu fantoche entrasse em cena. Cada um treinou o riso diferente (ahahahah, eheheheheheh, hihihhi, uhuhuh). Como 2 crianças não se lembravam do nome da sua personagem, insistimos um pouco neste ensaio, de modo a que elas memorizassem quando seriam elas a entrar em cena e fazerem o riso.

O som do rufar dos tambores foi experimentado por várias crianças, mas ficou entregue a uma menina que, na altura da encenação, já estava livre da sua personagem. Para criarmos esse som utilizámos uma caixa de plástico e um pau de comida chinesa. A menina ia tocando da mesma forma que tocava no tambor e ao finalizar diminuía a intensidade do som.

Para recriarmos o som de uma porta a ser fechada fizemos algumas experiências e chegámos até a abrir e fechar a porta da sala diversas vezes para percebermos como iríamos fazer aquele som. As crianças tiveram a ideia de utilizar o corpo para este som e, enquanto uma batia com as mãos nas pernas, outra batia uma palma (bater uma mão contra a outra). Para que o som ficasse perfeito treinámos diversas vezes para que os dois sons ficassem bem sincronizados.

Por fim, criámos o som dos passos das personagens a andarem pela folhagem da floresta. Para isso, utilizámos 2 materiais: folhas de papel pardo e folhas de bolha plástica. Espalhámos os rolos de papel pardo, um pouco enrugado, no chão e colámos em algumas zonas as folhas de bolha plástica. De seguida, pedi a 2 crianças que viessem andar por cima destes materiais de modo a percebermos se o som que queríamos resultava com esta experiência. Ficámos rendidos ao som e, tal como nos sons anteriores, ficaram escolhidas duas crianças para criarem este som nos ensaios e representação final.

Após todos os sons estarem criados, expliquei que, ao longo da história, além dos sons, irão aparecer algumas músicas que darão mais alguma dinâmica e vivacidade à história.

Antes de iniciarmos o ensaio perguntei à Professora B se havia alguma criança que estivesse à vontade para ler e fazer de narrador. Ela indicou-me algumas, incluindo uma criança nova que tinha entrado para a turma nesta semana e não tinha fantoche. Eu pedi a este menino que lesse um bocadinho da história, para perceber se poderia ser a pessoa indicada, e em conjunto com a professora decidi que ele tinha um bom perfil para ser narrador. Entreguei-lhe um guião e pedi-lhe se fosse lendo baixinho a história, enquanto eu ia estudar as falas com as outras personagens.

Expliquei às crianças que nesta história existem duas personagens a falar, o D. Afonso IV e o Cavaleiro Diogo, representados por uma menina e um menino, respetivamente. Entreguei um guião a cada um deles e pedi-lhes que lessem as partes que estavam marcadas a cor, que seriam as suas falas. Primeiro estudei com a menina as suas 2 falas e pedi-lhe, assim como a professora da turma, que fizesse uma voz grossa. A professora confidenciou-me que ela estava a aprender a escrever pelo método das 28 palavras, mas que não tinha dificuldade em memorizar as falas. Então treinámos várias vezes as falas e ela já estava a conseguir decorar algumas partes. A primeira fala decorou sem dificuldade, pois era uma fala pequena. Segui para o menino, que já tinha lido as suas falas. Pedi-lhe que as voltasse a ler em voz alta, mas com uma voz de súplica, que a Professora B exemplificou. Treinámos com ele várias vezes as suas 2 falas e depois ensaiámos a conversa entre as duas personagens. Pedi-lhes que fossem treinando e decorando em casa. Ainda lhes pedi que fossem atrás do fantocheiro para ensaiarem as suas falas com as personagens. Recomendei que falassem alto para que nós ouvíssemos.

Depois dos sons, falas e narrador preparados, pedi às crianças que fossem, com calma, buscar o seu fantoche. Ao narrador pedi que se sentasse ao pé de mim, junto à secretária, de modo a poder dar-lhe as indicações de quando avançava ou parava.

Nesta altura expliquei às crianças que, no nosso cenário, existiam 3 espaços, o jardim, o castelo e a floresta. Esta última só seria usada quando D. Pedro fosse caçar e quando fossem colocar o veado bebé. Os outros dois espaços seriam utilizados durante toda a representação.

Pedi às crianças que fossem para trás do fantocheiro e que se sentassem bem atrás, para poderem dar espaço a quem está em cena de se movimentar. Indiquei-lhes que, quando saíssem de cena, voltassem para trás e se sentassem e que queria silêncio. Pedi a quem tinha sons para criar que fosse buscar os objetos necessários e se sentasse, pousando os objetos no chão.

Quando estava tudo bem instalado, começou o ensaio. Coloquei a música inicial e de seguida o narrador começou a contar a história. À medida que o ensaio ia acontecendo eu ia dando sugestões de como as personagens deviam estar em cena, indicando as mudanças de espaço e percebendo se as crianças estavam a fazer os sons na altura indicada, ajudando-as se se tivessem esquecido.

O grupo estava calmo, atento e o ensaio fluiu naturalmente, com algumas paragens para indicações e aperfeiçoamentos.

As crianças das falas treinaram a projeção de voz, pois, como estão escondidas, a sua voz fica abafada pelo fantocheiro. As crianças que representam os filhos de D. Pedro e D. Inês ensaiaram várias vezes os seus risos, algumas estavam com alguma vergonha e os risos eram baixinhos. Treinámos para que estes fossem altos e genuínos.

O narrador também ia recebendo algumas indicações minhas à medida que o ensaio ia prosseguindo. Por vezes tinha de voltar atrás para que pudéssemos repetir uma parte que, eu considerava, não estar bem ensaiada.

No fim da história estar ensaiada, ensaiámos como as crianças iam aparecer por trás do fantocheiro e a transição que teriam para a frente deste, sempre acompanhadas por música. Treinámos ainda a vénia.

O ensaio terminou na altura em que tocou para o intervalo. Falei com a professora em relação à possibilidade de marcarmos ensaio para o dia 29 de manhã, já no local do espetáculo e esta confirmou, combinando-o para as 10:00h. Falou-me que iria treinando as falas com as crianças e pedindo ao narrador para ir lendo a história.

No final despediram-se agradecendo a sessão e saíram.

Esta turma, mais uma vez, esteve bastante concentrada e motivada para as atividades propostas. Sempre que lhes era pedido, davam sugestões e participavam positivamente. Adoraram a parte da música, pois via-se que estavam entusiasmadas a criar os sons e a experimentar algumas ideias que iam surgindo.

Eu senti-me, ao longo de toda a sessão, calma e satisfeita, pois ia percebendo que as crianças estavam a conseguir desempenhar todas as tarefas sem dificuldades e a divertir-se com elas.

Durante o intervalo arrumei os fantoches e cenário da turma do 2.º ano, os objetos reciclados e trouxe para cima de uma mesa os fantoches de meia do 4.º ano e o cenário que coleí ao fantocheiro. No computador, abri as músicas da representação do 4.º ano e coloquei os guiões em cima da secretária.

De seguida, fui à procura da Professora Coordenadora da Escola, para que ela me emprestasse os instrumentos musicais. Como não a encontrei no seu gabinete, perguntei por ela a uma funcionária que me avisou que ela não estava. Eu disse-lhe que precisava dos instrumentos musicais e ela ligou-lhe para obter a autorização para me emprestar os ditos instrumentos. Depois do telefonema, fomos à sala da coordenadora buscar os instrumentos musicais necessários. Agradei e dirigi-me para a sala.

Continuação da sessão 4 – 4.º ano (17 crianças)

As crianças e professora estavam a chegar e entrámos todos.

Pedi-lhes que se sentassem no chão, só para lhes dar algumas indicações e mostrar algumas aplicações que iríamos colocar no cenário ao longo da representação. Nesta conversa foram escolhidos 2 alunos para ficarem encarregues de aplicar, retirar e trocar as aplicações que tínhamos feito para dar mais dinâmica ao cenário e à história em si. Cada aluno ficou com as aplicações que tinha de colocar, sendo que as primeiras seriam colocadas antes da representação iniciar.

De seguida, pedi-lhes que fossem buscar os seus fantoches e que, quem ia fazer sons, fosse buscar o instrumento musical que lhe tinha sido destinado. À narradora pedi que ficasse perto de mim e ao restante grupo indiquei para irem para trás do fantocheiro. Relembrei-lhes as regras: silêncio, concentração e muita atenção para que os fantoches, as aplicações de cenário e os sons entrem na altura indicada. Além disso, voltei a recordar que se deveriam sentar todos bem atrás, ou de lado, e só se chegassem à frente quando entrassem em cena, voltando para o lugar quando terminassem. Os instrumentos musicais deveriam estar pousados no chão para não perturbarem a representação. Os dois meninos que tinham a tarefa de trocar as aplicações ficariam em cantos opostos para ficarem o mais perto possível do cenário que iam modificando.

Depois de todos instalados e da narradora perto de mim, iniciou-se o ensaio. Coloquei a primeira música e quando baixei o som a menina começou a ler a história. As primeiras personagens apareceram no cenário, combinado já na outra sessão. Pouco tempo depois surgiu um som de sonhar, feito com uma meia pandeireta, e de seguida as falas. Notava-se que algumas crianças já sabiam de cor uma ou outra fala, mas que deveriam ser ainda melhor estudadas para que a conversa parecesse o mais real possível. Nesta fase procurei ajudar as crianças a falarem mais assertivamente, ou mais carinhosamente, ou de forma espantada fazendo coincidir as expressões do fantoche àquilo que estavam a falar.

O ensaio continuou e as crianças continuavam concentradas, sabendo onde deveriam entrar em cena e quando deveriam fazer os sons. A mudança dos cenários estava muito bem decorada, o que me deixou bastante tranquila e satisfeita. Tive de ajudar mais na questão das aplicações dos cenários, uma vez que na sessão anterior as aplicações ainda não tinham sido feitas e este era o primeiro ensaio em que os dois meninos estavam a desempenhar esta tarefa.

Os compassos quaternários foram feitos nas alturas corretas e de forma exemplar. O primeiro grupo fê-lo sem qualquer ajuda. Ao segundo grupo tive de voltar a falar dos tempos, pois uma das crianças estava a acelerar. Dei-lhe algumas dicas para que as duas estivessem em sintonia. Voltaram a tocar o compasso quaternário e correu melhor.

Ao longo do ensaio fui sempre dando dicas de como todos poderiam melhorar a sua prestação e «limando» alguns pormenores com as crianças.

Pedi às crianças falantes que tentassem decorar as suas falas, de modo a não levarem o guião para a representação final, pois só as iria desconcentrar e fazer desconcentrarem-se do fantoche, que, a qualquer momento, se deixaria de ver ou ficaria sem expressão.

No final da representação treinámos a transição dos fantoches e das crianças para a frente do fantocheiro acompanhadas pela música “D. Dinis, o rei que fez tudo o que quis”. Pedi-lhes que cantassem, pelo menos, o refrão, que dançassem com os seus fantoches e que em conjunto fizessemos a vénia no final da música.

Quando terminámos o ensaio, falei com a professora e pedi-lhe se poderíamos marcar o ensaio geral, já no espaço polivalente, para o dia 29. Ela disse-me que nesse dia as crianças iam ter teste, mas que poderia ser no dia anterior de manhã. Marcámos o último ensaio geral para dia 28 às 11:00h.

Depois disto, as crianças e a professora despediram-se e foram embora. Levaram os guiões para estudarem as falas.

Eu fiquei a arrumar o cenário e aproveitei para aplicar já o cenário do 1.º ano, visto que amanhã teremos ensaio da peça. Arrumei o fantocheiro já preparado, assim como os fantoches, o computador e colunas, o caderno, estojo e guiões, e os instrumentos musicais, que fui entregar à secretaria.

Após a sala limpa e arrumada, fui embora.

Esta sessão correu muito bem. Senti que as crianças estavam empenhadas em fazer o melhor que podiam para que o ensaio fosse bem aproveitado, ficando assim bem preparadas para apresentar a representação da história, que tinham reinventado, no dia 29. Fiquei admirada por ver que as crianças tinham conseguido decorar as mudanças de cenário, pois esse processo era feito várias vezes ao longo da representação e requeria alguma atenção.

Com este ensaio fiquei confiante de que esta turma já estava preparada para apresentar, apenas temos ainda de limar a questão das aplicações nos cenários.

Quinta-feira, 21 de março de 2019

Hoje de manhã preparei os materiais que faltavam. Fiz 3 fantoches de pau de gelado e um fantoche de dedo, visto que faltavam fazer-se algumas personagens, sobretudo o povo, os soldados e

castelhanos e fiz ainda algumas aplicações para colocar ao cenário (casas, flores e arbustos, os utensílios de padaria e uns pães).

Retifiquei as músicas que tinha escolhido para esta história e revi o guião. Depois, guardei todos os materiais necessários dentro da mala, assim como o computador.

Por volta das 13:15h, quando cheguei à escola, pedi a uma funcionária que me abrisse a porta da sala e agradecei.

Já na sala liguei o computador e as colunas, fui buscar o fantocheiro para o meio da sala, os fantoches, coloquei os guiões em cima da secretária e preparei a música no computador. Quando estava a começar a colar as aplicações aos cenários, chegou a turma.

Sessão 4 – 1.º Ano - 2h+1h (20 crianças)

Pedi-lhes que se sentassem no chão junto à parede do quadro e expliquei-lhes o que estava a fazer. Para que eles me ajudassem, perguntei-lhes quem queria ir colar as casas na vila de Aljubarrota. Várias foram as crianças a quererem ir buscar uma casa, colocar cola e aplicá-la ao cenário, com a minha ajuda.

Após as casas estarem aplicadas, expliquei-lhes que hoje era a última sessão antes de apresentarmos o que andamos a fazer às outras turmas e à escritora Vanda Furtado Marques. Iríamos criar os sons para a história e depois ensaiar a história com os fantoches, os cenários e os sons. Pareceram entusiasmados.

Começámos pelos sons. Falei-lhes que iríamos inventar sons feitos com a nossa voz e corpo, e só esses instrumentos é que serviriam para criar os sons. Peguei no guião e ensaiei com eles as onomatopeias da história. À medida que as íamos ensaiando eu dizia em que parte da história é que elas se encaixavam. De seguida, inventámos o som da padeira a chamar o tigre, que foi feito com a boca, assim como o rugir do tigre ou o som que este faz ao comer. Com os pés criámos o som de caminhar e dos passos feitos pela padeira e do tigre. Ainda foi feito o som de cheirar, com o nariz; do abrir a porta, com a voz; e a conjugação de três sons: o da pá a bater nos castelhanos (feito com 7 palmas), o do tigre a rugir (feito com a voz, como tínhamos experimentado anteriormente) e os gritos de aflição dos castelhanos (feito com a voz, gemidos e ditongos como AÍ e AU). Esta junção dos três sons precisou de ser ensaiada muitas vezes. Primeiro, porque as crianças precisavam de saber quantas vezes tinham de fazer aquele som e por quanto tempo e depois porque tinham de ficar bem sincronizadas para que os sons encaixassem na perfeição. Houve até a necessidade de mudar de crianças para perceber se funcionavam melhor.

Depois de os sons estarem criados e de as crianças saberem onde é que era a altura da história em que teriam de ser realizados, fui treinar as falas com as crianças que tinham ficado com personagens falantes, eram 3. Em conjunto com a professora, decidimos que seria ela a narradora da história e que iríamos tentar que as crianças decorassem as falas para serem elas a falar, sendo que até me falou que durante a semana iria estar 5 ou 10 minutos com essas crianças para treinarem as tais falas. Comecei por treinar com a menina que ia fazer de padeira de Aljubarrota. Ela é uma criança um pouco envergonhada e por isso estava a falar muito baixinho e com alguma dificuldade em decorar. Dissemos várias vezes as frases e eu pedi-lhe que falasse mais alto, até fomos para trás do fantocheiro com o fantoche para treinar a projeção de voz e as falas. Senti nesta criança algumas dificuldades com as falas. Segui para as outras duas personagens, dois soldados, em que cada um tinha uma fala. Eram falas curtas e estes meninos não tiveram dificuldade em falar e em decorar a fala deles. Apenas lhes tive de dar instruções como deveriam falar, bem alto e com voz muito segura e imperial. Também eles foram experimentar as suas falas

atrás do fantocheiro com as suas personagens. A menina voltou a ensaiar, mas via-se que estava bastante atrapalhada.

Em seguida, expliquei que iríamos agora fazer o ensaio, já tínhamos a história, as personagens, os cenários e os sons inventados, agora iríamos juntar tudo e representar a história reinventada por eles – “A Padeira de Aljubarrota”. Dei-lhes a conhecer que no início, pelo meio e no final, existiriam 3 músicas que eu iria colocar.

Antes de irem para trás do fantocheiro falei-lhes das regras para este ensaio, estar em silêncio e quietos, estar com atenção e sentarem-se de lado ou bem atrás, para que à frente só estivessem as crianças que entram em cena.

Ainda lhes falei do cenário, havia duas janelas que representavam a vila de Aljubarrota e o campo de batalha e uma terceira que era a casa da Padeira. Pedi-lhes que fossem buscar os fantoches e ordenei-as de modo a que ficassem do lado em que iriam aparecer no fantocheiro, para não haver muita confusão.

O ensaio iniciou e eu coloquei a música inicial, quando a baixei a professora A começou a contar a história e apareceu a Padeira em cena. O ensaio continuou mas as crianças estavam muito distraídas, não entravam em cena quando eram elas, nem se lembravam de fazer os sons. Por trás do fantocheiro via-se uma enorme confusão de crianças a falarem umas com as outras e já se tinham misturado todas, não estando na ordem que eu lhes tinha recomendado. Parámos o ensaio e eu falei que se continuassem assim não conseguiríamos terminar o ensaio e não ficariam preparados para apresentar a história no dia 29. A professora também os repreendeu e tentámos voltar ao ensaio. Voltámos atrás e ensaiámos tudo de novo, mas a meio do ensaio voltaram ao mesmo, sendo que até uma criança tinha aleijado outra. Nós parámos imediatamente o ensaio, a professora A retirou-se com a criança que tinha aleijado o colega para o acalmar e eu fiquei com a restante turma, que entretanto já tinha os fantoches sem olhos ou sem boca. Estava muito triste com eles e fiz questão de lhes mostrar isso. Disse-lhes que não estavam a respeitar o meu trabalho e que, assim sendo, não queria que eles apresentassem o que tinham preparado até agora. A professora A voltou com a criança e deu-lhes um raspanete e disse o mesmo que eu: não estavam a respeitar o trabalho. Se não queriam aproveitar iam para a sala e não apresentavam nada do que tinham feito até agora e que não sabiam aproveitar estas atividades tão engraçadas que a Guida estava a preparar para elas. Pedi-me muitas desculpas e disse que se ia embora com eles, pois não mereciam continuar ali, iam para a sala fazer fichas e estar sossegados. E que não aparecia com eles no dia 29. Aí, intervim e pedi-lhe para que fossem, pelo menos, mostrar os fantoches e cenários que tinham feito, e no dia explicaríamos, em frente deles, o porquê de não apresentarem nada. Ela concordou com o que disse, mas afirmou que depois voltaria com eles para a sala, pois não mereciam ficar a ver os trabalhos dos outros.

As crianças estavam muito caladas e quietas, sem saber o que fazer, pois tinham percebido que tinham feito asneira. Notava-se que queriam ir representar a peça de teatro com os seus fantoches, mas depois desta repreensão não sabiam se ainda seria possível. A professora disse-lhes para se levantarem e se colocarem em fila em frente à porta e avisou-os que não iriam ao intervalo. Depois veio ter comigo, pediu-me mais uma vez desculpas e perguntou-me se achava que valia a pena voltarmos a fazer mais um ensaio. Eu falei-lhe que sim, podia ser que as crianças agora tivessem percebido que isto não era nenhuma brincadeira. Perguntou-me se eu podia ficar até às 17:00h para fazermos ensaio depois do intervalo. Eu respondi-lhe afirmativamente e ela agradeceu. De seguida, foi para junto das crianças e despediu-se, como se não voltasse mais.

Em vez de arrumar as coisas fui terminar de colar algumas aplicações que faltavam no cenário.

Passado algum tempo a professora voltou com a turma e via-se que eles vinham bem mais calmos e envergonhados. Pedi-lhes para se sentarem no chão junto à parede do quadro enquanto fazia uma cara muito séria e zangada. Eles pediram desculpa pelo que tinha acontecido e perguntaram se poderiam voltar a fazer o ensaio. Eu falei-lhes que sim, mas com uma única condição, que todas as regras que eu tinha referido anteriormente fossem respeitadas e que os fantoches que tinham feito não ficassem ainda mais estragados. Se não respeitassem isso parava-se o ensaio e não apresentariam nada no dia 29.

Em seguida, ordenei-lhes que fossem buscar o seu fantoche e que se sentassem onde eu os tinha posicionado no ensaio anterior. Voltei a repetir que não queria barulho ou crianças a movimentarem-se e a perturbarem o grupo e pedi, mais uma vez, atenção para poderem entrar e fazer os sons na altura correta.

Começou o ensaio, coloquei a música inicial e a professora começou a ler. Sentou-se num ponto estratégico da sala, de modo a ver o grupo e o que estava a acontecer à frente do fantocheiro. Quando era preciso fazer algum som as crianças faziam-no, sendo que por vezes tínhamos de os lembrar. As personagens também iam aparecendo quando se falava nelas e as personagens falantes diziam as suas falas com a nossa ajuda. Os soldados já quase sabiam de cor as suas falas, a padeira é que estava um pouco «enferrojada». Quanto à mudança de cenários, por vezes, tinha de avisar, mas nada de preocupante.

Eu estava incrédula com a postura das crianças, não se ouvia um barulho, nem parecia o grupo que tinha estado cá há uma hora atrás. Estavam muito concentrados e participativos.

Quando a história terminou eu coloquei a música da Padeira de Aljubarrota e pedi-lhes que viessem todos para junto do fantocheiro mostrando os seus fantoches a dançarem e quando terminasse o refrão viessem para a frente deste com as suas personagens, continuando a dançar até terminar a música e depois faríamos a vénia em conjunto. Treinámos esta parte duas vezes.

As crianças estavam alegres com esta música e contentes por terem terminado o ensaio.

Pedi-lhes que guardassem os fantoches dentro de uma caixa que eu tinha lá para esse efeito e parabeneizei-os por se terem conseguido comportar bem e realizarem o ensaio de forma positiva.

Durante o ensaio verifiquei, assim como a professora, que as crianças tinham dificuldade em ficar com o fantoche durante algum tempo em cena, pois têm os braços pequenos e começam a baixá-los. Decidi que ia colocar uns paus de espetada sobre o pau de gelado, para que as crianças segurassem nos primeiros.

A professora agradeceu-me por ter aceitado ficar mais uma hora e combinámos o horário do ensaio geral para dia 29. Ficou decidido que a turma do 1.º ano iria ensaiar às 11:00h. Aconselhou-me a colar paus de espetada nos fantoches de pau de gelado, pois as crianças tinham dificuldade em chegar às janelas do fantocheiro, ao que eu concordei plenamente.

No final, despediram-se de mim e foram embora.

Eu guardei o fantocheiro e o cenário, arumei os fantoches na minha mala, assim como o computador e as colunas, o caderno, a bolsa e o guião e depois de confirmar que tinha ficado tudo arrumado, fui-me embora.

Hoje senti-me completamente esgotada com o comportamento das crianças no primeiro ensaio. Já sabia que a turma era desafiadora, mas estavam muito agitados para se conseguirem trabalhar com eles. Achei que o melhor seria assustá-los mesmo para que assim mudassem de atitude, caso

quisessem continuar com o projeto. Apesar do primeiro ensaio ter corrido muito mal, a parte inicial da sessão, relacionada com os sons correu maravilhosamente bem. As crianças estavam atentas, participativas e queriam ensaiar os sons, experimentando várias formas de os fazer.

Na última hora fiquei completamente admirada com a mudança repentina das crianças, foi sinal que elas interiorizaram que eu tinha ficado muito triste e desiludida com elas e que queriam agarrar bem esta oportunidade que lhes tinha sido dada.

2.º feira, 25 de março de 2019

Hoje durante a manhã preparei algumas aplicações que considereei serem importantes para o teatro do 4.º ano, “D. Dinis – o rei que fez tudo quanto quis”.

Revi todos os guiões para perceber se faltava realizar mais alguma coisa, mas estava tudo orientado.

Ainda preparei mais alguns pés para o fantocheiro, dado que os que coloquei anteriormente não eram o suficiente para que o fantocheiro se mantivesse de pé quando lhe era tocado.

Terça-feira, 26 de março de 2019

Quando cheguei à escola dirigi-me à sala onde, por norma, costumo realizar as sessões, mas estava ocupada por outra professora. Pedi licença e perguntei se iriam ficar por muito tempo ao que me responderam que sim. Então perguntei se era possível ir buscar alguns elementos meus à sala de arrumações, para poder trocar de sala. A professora respondeu afirmativamente e eu fui ao encontro de uma auxiliar de modo a perceber se podia utilizar a sala polivalente. Ela foi verificar e depois de saber que sim veio abrir-me a porta da sala. Eu agradeci-lhe e fui à outra sala buscar o fantocheiro, o cenário do 3.º ano, os fantoches e os objetos reciclados.

Já na sala, preparei tudo: liguei o computador e as colunas, deitei o fantocheiro e coloquei-lhe mais alguns pés, coleí o cenário neste e dispus os fantoches e objetos reciclados necessários a esta representação sobre uma mesa.

Como já passava um pouco da hora combinada, dirigi-me à sala do 3.º ano para falar com a professora da turma e ela pediu-me que ficasse para depois do intervalo, às 11:00h. Eu informei-a de que o ensaio seria na sala polivalente.

Antes de voltar para a sala polivalente estive na biblioteca à conversa com a professora A. Falámos de como é que eu estava a pensar montar o espaço e fomos até lá para percebermos como podíamos concretizar as nossas ideias. Combinámos de trazer lençóis e um cordel para fazermos as cortinas. Ela mostrou-me algumas cortinas que tinha, mas eram muito pequenas e muito transparentes para o efeito que queríamos.

Continuação da sessão 4 – 3.º ano (14 crianças)

Às 11:00h a turma chegou à sala indicada. Enquanto entravam eu pedi-lhes que se sentassem dos lados do fantocheiro. Expliquei que na sexta-feira existiriam umas cortinas que não os deixavam serem vistos pelos espectadores. De seguida, voltei a frisar as regras para que o ensaio corresse bem: fazer silêncio, estar com atenção e deixar estar os objetos reciclados no chão, só os utilizando

quando for necessário. Entreguei-lhes os fantoches e os objetos reciclados e chamei o narrador para junto de mim. Este já se encontrava com o guião na mão. Pedi a quem entrava em cena, logo no início, que se aproximasse do fantocheiro e que depois de sair de cena voltasse para o seu lugar.

Fui para a frente do computador e coloquei a música inicial. Após baixar o volume, o narrador começou a ler a história e as crianças faziam entrar os seus fantoches em cena. Houve uma criança que não quis participar e como estava a perturbar o grupo eu pedi-lhe para vir para o meu lado e me ajudar com as músicas. Ela ficou toda contente. O ensaio prosseguiu e eu ou a professora C íamos dando indicações, e relembrando os sons ou mudança de cenário quando se esqueciam. Tivemos ainda de chamar uma ou duas crianças que não estavam com muita atenção e o seu fantoche não aparecia. Houve partes onde senti que elas ainda não estavam muito seguras, e então, ensaiámos mais do que uma vez.

Ao longo do ensaio além da criança referida acima, houve outra que, após terminar a sua representação, começou a agitar-se perturbando a turma. Pedi-lhe que viesse para junto do narrador, assim como outra menina que já tinha terminado a sua cena.

Depois da história terminar ensaiámos a parte em que os fantoches aparecem atrás do fantocheiro e a transição das crianças para a frente dele a dançarem com os seus fantoches, assim como a vénia final.

Durante esta sessão a maior parte das crianças mostrou-se atenta e bastante participativa, realizando as suas tarefas e dando algumas sugestões. Houve também quem se comportasse menos bem após terminar as suas tarefas, daí terem de ficar afastados do grande grupo.

Senti que as crianças estavam empenhadas em representar bem a sua história embora algumas tivessem dificuldades em chegar com o fantoche às janelas, sobretudo quem tinha feito o fantoche com rolo de papel higiénico, por isso decidi levar os fantoches a casa para aplicar um paus de gelado em cada um.

Achei que as crianças ficavam muito alegres quando eu colocava as músicas medievais, havendo até quem fizesse ritmos com as mãos no chão ou na mesa.

Nesse dia senti-me alegre pelo facto das crianças se terem comportado melhor que na vez anterior, tendo o ensaio sido mais produtivo. Ainda assim, senti que algumas crianças ainda estavam um pouco inseguras em relação às suas entradas em cena, pois tiveram de ser chamadas. Espero que tenha sido por estarem pouco atentas.

Quarta-feira, 27 de março de 2019

Hoje de manhã estive a melhorar os fantoches do 1.º e do 3.º ano. Visto que algumas crianças tiveram dificuldades em chegar às janelas do fantocheiro eu, aconselhada pelas professoras, decidi colar paus de espetada nos fantoches do 1.º ano e paus de gelado nos fantoches do 3.º ano. Deste modo os fantoches já tinham um pouco mais de altura e as crianças não sentiriam tanta dificuldade em manobrá-los.

Ao final do dia preparei alguns lençóis brancos e alfinetes de damas num saco para poder montar a cortina amanhã.

SESSÃO 5

Quinta-feira, 28 de março de 2019

Hoje de manhã fui para a escola por volta das 9:30h para poder começar a levar todos os materiais para a sala polivalente. Quando cheguei à escola pedi a uma auxiliar que me abrisse as duas salas: a que tinha utilizado ao longo do projeto e a polivalente. Em seguida, tal como tinha planeado, carreguei todos os cenários, fantoches e objetos reciclados para o polivalente. Arrumei os fantoches do 1.º, 2.º e 3.º anos no armário e guardei num canto os cenários dos mesmo anos. No fantocheiro apliquei o cenário do 4.º ano e deixei em cima da mesa os fantoches e aplicações para o cenário. Liguei ainda o computador e colunas. Depois fui pedir os instrumentos musicais à Professora Coordenadora da Escola.

Após ter tudo preparado para o ensaio final do 4.º ano fui até à biblioteca para ver se a Professora A me tinha trazido os lençóis que tinha falado. Ela estava lá e mostrou-me o que tinha trazido. Fomos até à sala polivalente, juntamente com a professora E. As três vimos os lençóis que existiam e qual seria a melhor maneira de os colocar. Eu expliquei que queria que o fantocheiro ficasse ao meio para que as crianças pudessem estar dos dois lados, por isso tínhamos de colocar lençóis dos dois lados, deixando uma abertura para o fantocheiro. A Professora E saiu para ir à procura de cordel, mas quando voltou avisou que não havia. Entretanto em conversa com ambas, falei-lhes que o fantocheiro não estava muito seguro e que tinha receio que ele caísse durante o espetáculo. Saí para ir buscar um novelo de sisal e as professoras ficaram na sala a ver se tinham alguma ideia para que o fantocheiro não voltasse a cair.

Quando cheguei, a Professora E estava com dois paus (do género de um cavalete) juntos ao fantocheiro. Depois de unir os paus de madeira ao fantocheiro, este já estava mais seguro. Ainda assim, a professora sugeriu que eu trouxesse dois sacos de areia para colocar por cima dos paus, de modo a fazer peso.

Como ainda dava tempo antes do ensaio, começámos a enfiar o cordel de sisal nos lençóis que a professora A tinha trazido. Depois, a Professora E foi buscar linha e agulha para alinhar dois que eu tinha trazido e não tinham forma de enfiar o sisal.

Enquanto eu estava a enfiar um lençol meu no sisal e a professora a alinhar os outros, apareceram as crianças e professora do 4.º ano. Ficaram um pouco expectantes com aquilo que viam.

Início da sessão 5 – 4.º ano (19 crianças)

Pedi-lhes que fossem buscar os seus fantoches e instrumentos musicais e que se sentassem dos dois lados do fantocheiro, tentando organizar-se do lado mais próximo do cenário onde iriam aparecer. À narradora recomendei que fosse para junto de mim. Dei instruções às duas crianças que iriam dinamizar o cenário, entregando, a cada uma, as aplicações que teriam de modificar. Pedi ainda a todas as crianças que tivessem personagens falantes para deixarem o papel de lado e tentarem dizer as falas como se lembravam. Alguns informaram-me que já sabiam as falas que cor, mas outros ainda estavam um pouco dependentes do guião.

Coloquei a música inicial e a narradora começou a ler a história. As personagens iam aparecendo atrás do fantocheiro e os sons eram reproduzidos na altura certa. As mudanças de cenário estavam decoradas. O único problema que detetei foi o facto de algumas crianças se esquecerem, por vezes, do fantoche enquanto estavam a dizer as suas falas e ele fugia de cena. Expliquei que era muito importante que decorassem as falas para que isso não acontecesse no dia seguinte.

No final treinámos, mais uma vez, a parte da transição das personagens e crianças para a frente do fantocheiro a dançarem ao som da música “O rei D. Dinis” e a vénia quando a música terminasse.

Senti que as crianças estavam preparadas para a apresentação da sua história. Não houve grandes falhas neste ensaio, apenas a situação dos fantoches saírem de cena quando não se estava com atenção aos mesmos.

Eu senti uma enorme felicidade e tranquilidade por perceber que as crianças estavam seguras daquilo que vão representar amanhã.

Após o ensaio, voltámos ao cortinado. A Professora E já tinha alinhavado um lençol e estava no outro. Enfiei o que estava preparado no sisal e depois fui chamar o funcionário administrativo para vir ajudar a pendurar a cortina de lençóis. Passado pouco tempo, ele chegou com um escadote e prendeu o sisal de um lado da sala, do outro não, pois ainda faltava colocar um lençol. Agradei-lhe e pedi-lhe para voltar quando todos os lençóis estivessem enfiados no sisal.

Entretanto, arrumei o meu computador e colunas na mala, assim como os fantoches e instrumentos musicais no armário e destaquei o cenário do 4.º ano do fantocheiro, arrumando-o.

Como já estava em cima da hora despedi-me da professora e saí.

À noite, preparei os sacos de areia e os restantes materiais que ainda tinha em casa para levar.

Sexta-feira, 29 de março de 2019

Hoje quando cheguei à escola, por volta das 9:00h, dirigi-me à sala polivalente e vi que a cortina não tinha sido ainda presa do lado que faltava. Mas como tinha coisas mais importantes para fazer naquele momento, comecei por aplicar o cenário do 2.º ano no fantocheiro. Fui buscar os sacos de areia e coloquei-os por cima dos paus de madeira que tinham sido colados ao fantocheiro, para que este não caísse. Em seguida, coloquei em mesas diversas todos os materiais precisos para as representações das quatro turmas. Liguei ainda o computador e colunas e só depois é que fui pedir ao rapaz da administração para me ir prender a cortina. Como ele estava a terminar uma tarefa, combinou comigo que iria lá no intervalo, depois de eu terminar o ensaio geral com a turma do 2.º ano.

As professoras chegaram e viram que eu já tinha tudo em ordem. Informei-as que já tinha ido pedir ao funcionário que viesse prender a cortina e que ele vinha no intervalo, depois de eu estar com as crianças do 2.º ano.

Como estava a chegar às 10:00h as professoras saíram e a **turma do 2.º ano** entrou, preparada para o seu último ensaio.

Sessão 5 – todas as turmas

Pedi-lhes que fossem buscar o seu fantoche e o objeto reciclado que iriam utilizar para fazer os sons e que se sentassem dos dois lados do fantocheiro. Organizei as crianças de forma a que ficassem do lado do cenário que iam utilizar, para ser mais fácil a sua deslocação e eu poder controlar melhor o grupo. Ao narrador, pedi que se sentasse ao pé de mim.

Após estarmos todos preparados e calmos, eu relembrei as regras básicas do estar com atenção e em silêncio e de voltarem para o seu lugar mal terminassem a sua intervenção na dramatização.

Coloquei a música inicial e depois de a baixar o narrador começou a contar a história. As crianças iam fazendo aparecer os seus fantoches, dando-lhes vida, e criavam os sons combinados à medida que a dramatização ia avançando. Todos estavam atentos e concentrados. Na altura da história em que é falado dos filhos de D. Pedro e D. Inês, algumas crianças que os representavam estavam um bocado tímidas e, quando apareciam as suas personagens e tinham de fazer um riso, este era baixo e pouco autêntico. Via-se que estavam um pouco nervosos com a situação. Treinámos essa parte algumas vezes para que elas se sentissem mais confiantes.

Outra dificuldade que senti é que as crianças, por vezes, deixavam o seu fantoche desaparecer de cena, deixando o braço descair. Pedi-lhes que estivessem com atenção a esse pormenor, pois se não estivessem a olhar para o fantoche poderia acontecer esta situação e o público deixava de o ver.

Quando coloquei a música final ensaiámos a parte dos fantoches aparecerem todos por trás do fantocheiro e depois a transição destes juntamente com as crianças para a frente do mesmo a dançarem e, no final, a fazerem a vénia.

Depois dei-lhes permissão para irem embora, para o intervalo. A Professora B ficou comigo e perguntou se era precisa ajuda. Via-se que estava um pouco ansiosa, mais do que eu.

No geral, o ensaio correu bem, senti as crianças confiantes e animadas. Eu também fiquei tranquila, embora tivesse ficado um pouco preocupada com o facto de os fantoches desaparecerem de cena. Espero que não aconteça à tarde. Participaram todas as crianças do 2.º ano, num total de 21 crianças.

Após a saída das crianças, voltei a chamar o rapaz da administração para me vir pendurar a parte da cortina que faltava. As professoras da biblioteca e a professora coordenadora da escola chegaram e ajudaram-nos com essa tarefa. Disseram que o fantocheiro estava bem mais seguro assim, mas ainda assim a professora E deu a ideia de o atarmos com sisal que subiria ao teto, para não haver a probabilidade dele cair.

Enquanto estávamos entretidas com essa tarefa a Professora Coordenadora da Escola e a Professora B estiveram a espalhar as cadeiras pela sala.

Depois de tudo organizado, eu mudei o cenário do 2.º pelo do 1.º ano e preparei as músicas no computador, pois estavam quase a chegar as 11 horas e as crianças do 1.º ano estavam quase a chegar para o seu último ensaio.

A turma do 1.º ano chegou e a professora avisou-me que faltava a criança que representava a personagem da Padeira de Aljubarrota, mas que vinha de tarde, para a representação. Imediatamente perguntei a outra criança se não se importava de fazer ela de Padeira, e ela respondeu afirmativamente, com muita alegria.

Tal como nas outras turmas, pedi-lhes para irem buscar os seus fantoches e se sentarem dos dois lados do fantocheiro. Organizei-as de modo a que estivessem o mais próximo do cenário onde iam aparecer. Relembrei-lhes as regras. Era muito importante estarem com atenção e em silêncio para saberem quando tinham de entrar em cena ou quando tinham de produzir os sons e

onomatopeias. E avisei que, agora os fantoches já estavam um pouco maiores, com o pau de espetada, por isso queria que eles se vissem atrás do fantocheiro.

Depois de estar tudo calmo e em silêncio, coloquei a música inicial e a professora começou a ler a história. As crianças mostravam os seus fantoches e davam-lhes alguma vida quando havia ações a realizar. Ao longo da dramatização foram criando os sons com a voz e corpo. Às vezes, eu ou a professora tínhamos de lembrá-los. A mudança de cenário também era indicada pela professora quando eles estavam baralhados. Quem tinha falas esteve excelente e até a criança que fez de Padeira de Aljubarrota esteve otimamente bem, melhor até que a criança «dona» da personagem.

Treinámos a parte final com a música da Padeira de Aljubarrota em que todas as personagens apareciam por trás do fantocheiro a dançar e depois eram trazidas para a frente pelas crianças que as criaram. No final da música, e em conjunto, fizeram uma vénia.

Após o ensaio terminar, falei com a criança que fez de Padeira e dei-lhe os parabéns, pois tinha-se portado muito bem, embora não soubesse as falas. Falei ainda com a professora e pensámos em trocar as personagens desta criança com a criança que estava a faltar, visto que esta estava bastante desinibida e à vontade com esta personagem e falámos em ser ela a dizer as falas da Padeira de Aljubarrota, pois nenhuma das crianças se sentia à vontade para as falar.

O grupo esteve bem, apesar de ainda lhe termos chamado a atenção para algumas coisas que se estavam a esquecer de fazer. O meu receio era que as crianças se comessem a agitar e a desconcentrar-se, mas não, em termos de comportamento estiveram muito bem.

Eu já estava à espera que este grupo tivesse algumas dificuldades, pois só tínhamos ensaiado, como deve ser, uma vez. E dado que é o grupo de crianças mais pequenas, sempre estive à espera de lhes ter de dar mais algum apoio nesta reta final.

O grupo saiu, no total estiveram 20 crianças, e já tinha a turma do 3.º ano à espera para realizar o seu ensaio final.

Chamei-os para irem buscar os seus fantoches e objetos reciclados que necessitavam, enquanto eu ia trocando os cenários.

No total estavam 15 crianças. Pedi-lhes que se sentassem dos dois lados do fantocheiro, como lhes tinha recomendado no ensaio anterior. Chamei o narrador para o meu lado e relembrei as regras. Não queria barulho nem ninguém a mexer nos objetos reciclados quando não era preciso e pedia atenção máxima.

Coloquei a música inicial e o narrador começou a ler a história. As personagens iam aparecendo por trás do fantocheiro e as crianças iam fazendo os sons como tinha sido ensaiado anteriormente. As alterações de cenários também foram surgindo com normalidade. Não precisei de os chamar a atenção para as tarefas que tinham de desempenhar na dramatização da história, mas tive de pedir silêncio e calma, pois sentia que algumas crianças já estavam a ficar agitadas.

O ensaio continuou e terminou sem problemas. Tal como com as outras turmas, ensaiámos a transição das crianças e suas personagens para a frente do fantocheiro e a vénia final.

Senti que o grupo estava preparado para apresentar a sua história.

Após todo o ensaio, pedi-lhes que fossem almoçar e que estivessem na sala às 13:30h. Eles foram embora e eu fiquei a ultimar alguns detalhes que faltavam na sala e a organizar todos os materiais das turmas novamente.

Também eu fui almoçar e buscar uma coluna que tinha pedido emprestada a uma amiga minha.

Voltei para a sala e liguei a coluna e os microfones. Verifiquei se estava tudo a funcionar e fui tirar o cenário do 3.º ano e preparar o do 1.º para ser aplicado ao fantocheiro.

As professoras chegaram e ajudaram-me a preparar todos os cenários, colocando fita-cola neles e esticando-os, alguns dentro da sala e outros no alpendre anexo à sala. Uma das professoras ajudou-me a aplicar o cenário do 1.º ano no fantocheiro.

As crianças começaram a sentar-se e os convidados estavam a chegar.

Esperámos um pouco até todos estarem presentes e então pedi à professora e crianças do 1.º ano que se fossem preparar para trás do fantocheiro.

Dei as boas vindas aos convidados e pedi silêncio. Expliquei que estamos na reta final do projeto e que hoje iriam assistir a 4 fabulosas dramatizações protagonizadas pelas crianças das 4 turmas envolvidas nele. Estas 4 turmas reinventaram as histórias da Vanda Furtado Marques, construíram os fantoches e cenários e criaram a sonoplastia das histórias.

Dirigi-me para dentro das cortinas e peguei no fantoche Maria Historieta. Ela deu as boas tardes às crianças e restante público e apresentou a primeira história. Informou que as crianças do 1.º ano iam dramatizar a história “A Padeira de Aljubarrota”.

Seguiu-se a dramatização das crianças do 1.º ano. Coloquei a música inicial e a professora A começou a ler a história. As crianças iam mostrando os seus fantoches ao público e dando-lhes vida através das ações que eles faziam. Iam também proferindo as onomatopeias e produzindo os sons com a voz e corpo, com as minhas indicações. Houve necessidade de chamar uma criança à atenção, porque não estava a fazer aparecer o seu fantoche na altura indicada e de ajudá-los quando era para mudarem de cenário.

Depois da história apresentada viemos para a frente do fantocheiro e dançámos com os fantoches ao som da música da Padeira de Aljubarrota. Fomos bastante aplaudidos e as crianças regressaram ao seu lugar com os fantoches na mão.

Senti que este grupo estava um pouco ansioso e por vezes irrequieto na dramatização, pois, para chamar alguém, falavam alto e via-se que por vezes estavam a conversar, sobretudo quando os seus fantoches estavam em cena.

Chamei o grupo do 2.º ano para se vir preparar enquanto se trocava de cenários. À medida que os cenários já não eram precisos eram colocados no alpendre, para não estorvarem dentro da sala.

Voltei para dentro da cortina, calcei a Maria Historieta e pu-la em cena. Ela perguntou se tinham gostado da história do 1.º ano e todos disseram que sim. Em seguida, informou que a história seguinte era dramatizada pela turma do 2.º ano e tinha como nome “Pedro e Inês – Uma História de Amor”. Pedi silêncio e atenção e saiu de cena. Tirei o fantoche da mão e coloquei a música a ouvir-se. Depois de a baixar, o narrador iniciou a história e as personagens começaram a aparecer por trás do fantocheiro. A professora B esteve perto das crianças com o microfone e teve de as mandar calar uma ou duas vezes. O teatro correu bem, pois as crianças não se esqueceram de criar os sons e mudar de cenário quando era necessário.

No final, voltei a colocar uma música medieval e as crianças vieram para a frente do fantocheiro com os seus fantoches na mão a dançarem. Quando a música terminou fizemos todos a vénia e fomos aplaudidos pelo nosso trabalho.

Depois, pedi que se sentassem e que as crianças do 3.º ano fossem para trás do fantocheiro preparar-se. Com a ajuda de uma professora retirei o cenário do 2.º ano e outras professoras aplicaram o do 3.º ano. De seguida, fui para trás da cortina verificar se já todos estavam preparados.

O narrador já estava com a Maria Historieta na mão, pronto a apresentar a história do 3.º ano. Dei-lhe ordem para iniciar enquanto eu me sentava em frente ao computador.

Após ele ter feito a apresentação da história “A Herança de D.Filipa e D. João I” eu pus a reproduzir a música inicial. Ele começou a ler a história e as personagens foram aparecendo e realizando as suas ações. Os sons também eram ouvidos e a mudança de cenário foi cumprida.

Notei que o grupo estava um bocado agitado e que a maior parte das crianças não levantaram muito o fantoche, ficando, em alguns casos, sem se ver. Claro que isto não foi bom para a dramatização da história. Apesar de tudo isto, a dramatização até correu bem e as crianças saíram satisfeitas com o seu trabalho.

Quando a história estava a terminar coloquei a música “A Conquista do Paraíso” e os fantoches apareceram todos atrás do fantocheiro, vindo em seguida para a frente com os seus «donos», que fizeram uma vénia e foram aplaudidos.

Pedi-lhes que se fossem sentar e que as crianças do 4.º ano se viessem preparar. Enquanto se preparavam eu e uma professora voltámos a tirar um cenário e outras professoras colocaram o último cenário, o do 4.º ano.

Fui novamente para trás das cortinas e observei que as crianças já estavam preparadas para iniciar a última dramatização. Instalei-me junto ao computador e pedi à narradora que apresentasse a história “D. Dinis, o rei que fez tudo quanto quis”. A seguir coloquei a música inicial e ela começou a contar a história reinventada. As crianças faziam aparecer os fantoches por trás do fantocheiro dando-lhes vida e falas. Notei que os fantoches nem sempre estavam em cena, porque bastava as crianças estarem menos atentas a eles para baixarem os braços e desaparecerem. Apesar disso, utilizaram corretamente os instrumentos musicais quando era necessário e fizeram as mudanças de cenário sem problemas. O único problema foi uma das crianças que ia dinamizar o cenário ter-se baralhado toda e ter trocado e esquecido de tirar algumas aplicações. Mas, no geral, a dramatização correu bem e isso sentiu-se pelos aplausos recebidos no final.

Após a história terminar, coloquei a música de D. Dinis e os fantoches voltaram a aparecer todos por trás do fantocheiro. Passado um bocadinho as crianças vieram para a frente com os seus fantoches na mão a cantarem a música. Quando a música terminou, fizeram a vénia e vieram os aplausos dos espectadores.

As crianças sentaram-se e foi a minha vez de falar. Não tinha nada planeado, falei com o coração e por vezes as emoções atraíam-me. Comecei por falar como começou esta aventura pelo mundo das histórias da escritora Vanda Furtado Marques e expliquei todo o processo do projeto, como foi a apresentação das histórias e sua reinvenção, passando pelo momento da construção dos fantoches e cenários até à exploração e criação dos sons e dos ensaios. Exprimi o quanto este projeto foi importante para mim, tanto profissional como pessoalmente e o quanto gostei de trabalhar com todas estas crianças.

Achei que nesta altura fazia sentido dar a palavra a todas as professoras que estiveram envolvidas no projeto. Elas falaram do que acharam dele e de mim enquanto profissional. Dei a palavra ainda à professora coordenadora da escola, que só disse bem do projeto e fez-me um convite/pedido em frente a todos, se eu estava interessada em voltar a fazer estas dramatizações com as turmas, na festa final de ano. Eu fiquei muito alegre e satisfeita e respondi logo que sim.

Por fim, dei a palavra a uma pessoa que esteve indiretamente ligada a este projeto, a escritora Vanda Furtado Marques, que fez questão de estar presente neste dia. Perguntei-lhe o que é que tinha achado das reinvenções que as crianças criaram nas suas histórias. Ela respondeu que adorou todas as dramatizações e que achou uma ótima ideia, até porque ela própria reinventa a história de Portugal nas histórias dela, tornando-a mais fácil de compreender. Também ela tinha um convite para me fazer, e este eu não estava mesmo nada à espera. A escritora convidou-me a fazer este projeto com uma escola no concelho de Porto de Mós, tendo por base um livro que ela vai reeditar. Fiquei muito grata e comovida com este convite e aceitei sem hesitações.

Estes dois convites fizeram-me perceber que o projeto além de fazer sentido para mim, fez também para as outras pessoas e que é possível pegar na sua base e aplicá-lo noutras contextos.

Para finalizar, agradei a todos quantos estiveram envolvidos neste projeto, sobretudo a disponibilidade das professoras e da escola para recebê-lo de braços abertos sem nenhuma restrição. Para mim, isso teve muito valor, o facto de sempre se mostrarem disponíveis para ele.

Também nesta altura fui surpreendida pelas professoras e crianças que tinham um ramo de flores para me oferecer e umas palavras de carinho para me falar. Nesta altura é que o meu coração ficou bem apertadinho. Agradei a todos o carinho, amizade e disponibilidade que tiveram comigo.

Após isto despedi-me das crianças e disse-lhes que quando quisessem podiam ir embora para o intervalo. Algumas vieram abraçar-me e dizer-me que gostaram muito de mim e do meu projeto.

Depois fiz questão de tirar uma fotografia com as professoras e a escritora para recordação futura.

Comecei a arrumar a sala e objetos e fui ajudada pelas professoras que enrolaram os cenários e arrumaram as cadeiras. Uma delas ajudou-me a desprender as cortinas para assim podermos tirar os lençóis e deixar tudo arrumado.

As professoras arrumaram os cenários e fantocheiro numa arrecadação da escola.

Eu arrumei todas as minhas coisas e fui colocando os sacos e malas junto à porta da sala. Após estar tudo arrumado e organizado despedi-me das professoras que ainda estavam comigo, agradecendo-lhe todo o apoio e disponibilidade prestada.

Carreguei todo o material para o carro com uma enorme felicidade e sensação de dever cumprido.

Apesar do dia de hoje ser bastante stressante e comprido eu sentia-me tranquila e animada com tudo o que me rodeava. Em alguns momentos pontuais sentia-me nervosa e um pouco ansiosa, mas como sabia que tinha as professoras a ajudar-me, acabava por me sentir mais segura e calma, por vezes até mais calma que as próprias professoras.

Resumidamente este dia deu muito trabalho, mas também uma enorme satisfação por ter corrido tão bem.

ANEXO 6 – ENTREVISTAS AOS INTERVENIENTES DO PROJETO

Transcrição das entrevistas realizadas às professoras das turmas envolvidas

Professora A – 1.º ano

Investigadora – Bom dia professora. Estamos aqui para fazer uma pequena entrevista acerca do projeto onde a sua turma esteve envolvida. Em primeiro lugar, o que é que achou deste projeto?

Professora A – Bom dia. Sim, eu achei que este projeto foi muito interessante. Foi um projeto que acabou por cativar e dar uma certa dinâmica à turma, que eles desconheciam, são meninos de 1.º ano, há muitas coisas que ainda estão muito... precisam de ser muito trabalhadas e isto foi um bom ponto de começo para outras atividades que venham a surgir mais tarde, no percurso escolar deles.

I. – Exato. Qual era o comportamento das crianças antes de iniciarmos as sessões, portanto o 1.º ano era das 13.30h às 15.30h não era?

P. A – Sim.

I. – O que é que sentia durante a manhã, ou até mesmo no percurso até chegar à sala?

P. A – É assim, a minha turma é uma turma muito ativa, com alguma dificuldade de cumprimento de regras. Precisamos de estar constantemente a lembrar o que é que eles têm de cumprir. Durante a manhã é uma turma que até se consegue trabalhar tranquilamente em contexto sala de aula, se não houver assim muitos aspetos que venham de fora que os venham destabilizar, é uma turma que até tem um ritmo de trabalho bastante bom. A seguir ao almoço, como eles já vêm depois da brincadeira, do almoço levam mais tempo a acalmar e a entrar no ritmo de trabalho. Pronto, possivelmente se calhar também foi isso que achou que, como as nossas sessões eram sempre a seguir ao almoço eles vinham bastante agitados e com mais dificuldades em cumprir regras. Para além depois, como era um projeto que apelava à criatividade, a que eles fossem expansivos, tudo isso levou a que eles percebessem “ah, se calhar estamos aqui para brincar e não estamos aqui para levar isto muito a sério”.

I. – Exatamente. Como é uma turma de 1.º ano...

P. A – ...Tiveram a dificuldade em fazer a diferenciação entre o que é trabalhar e o que era o projeto e o que é a brincadeira.

I. - Exatamente. Depois das sessões, como é que eles se mostravam?

P. A – No final de sairmos?

I. - Sim, vinham entusiasmados? Falavam do que tinham feito ou não?

P. A – Sim. Sim.

I. - Terminava o projeto e eles não falavam disso?

P. A – Não, não, de vez em quando vinha sempre. Dentro da sala de aula, de vez em quando, falava-se do projeto. Eles lembravam-se. “Olha, hoje vamos fazer os fantoches” ou assim, eles de vez em quando falavam do assunto.

I. - Claro. Durante o projeto considera que as crianças se tornaram mais sensíveis às diferentes expressões artísticas desenvolvidas?

P. A – Ah, com certeza, sim.

I. - Em que aspeto?

P. A – Em que aspeto?... É assim: para já é uma turma em que o grande grupo não gosta nada de expressões. Quer dizer, tenho aqui um grupo que, quando se apela à dança fica no canto, não gosta, tem de ser muito puxado para essa atividade. Quando se apela ao canto também. Tenho um bocadinho de tudo. Qual era a pergunta?

I. – Se as crianças se tornaram mais sensíveis às diferentes expressões e em que aspeto.

P. A – Sim, pronto, eu acho que ainda é um percurso que ainda está muito no início.

I. - Exato.

P. A – Eles gostaram, efetivamente, eles gostaram, foi um projeto muito importante. Como eu estava a dizer, para o início, para eles perceberem algumas expressões, mas eles ainda estão muito no início portanto...

I. - Por isso ainda é um trabalho a desenvolver...

P. A – A desenvolver ao longo do percurso escolar deles.

I. – Exatamente. Depois do projeto terminar notou que as crianças se tornaram mais criativas?

P. A – Sim, tenho aqui alguns elementos que sim. Estão mais disponíveis e mais criativos, mas tenho outros que não, mantiveram-se assim um bocadinho resistentes à criatividade e a deixarem-se levar pelas expressões.

I. - Os que nota que estão mais criativos, estão mais criativos em que sentido?

P. A – Olha, eu acho que mudaram a sua atitude perante, a nível de, por exemplo, quando nós pedimos para recontar histórias, quando se pede até para dramatizar pequeninas situações dentro da sala de aula. Muitos estão mais participativos e querem participar e mesmo a nível do desenho também noto que alguns já são mais cuidadosos a completar desenhos.

I. - Pois, até porque tiveram a parte da plástica também muito desenvolvida no projeto.

P. A – Pois.

I. - E a parte do recontar a história, da dramatização talvez os tenha despertado para esse sentido.

P. A – Sim, ajudou, ajudou bastante.

I. - Na sua opinião o que é que as crianças aprenderam com este projeto, que a professora não costumava fazer em aula ou que se notasse que elas não sabiam?

P. A – É assim, eu acho que eles aprenderam um bocadinho de tudo, porque eu como professora titular de turma, além das competências das expressões, nós temos de chegar ao final do ano e cumprir com o currículo, que é enorme para estas crianças. Enorme e muito puxado, puxa muito por eles, muito trabalhoso. E, no fundo, este projeto foi também para mim e para a turma, foi uma escapatória um bocadinho, foi bom para podermos desenvolver outra parte da criatividade deles e assim, que às vezes, no fundo, acaba por ficar um bocadinho, como é que eu hei-de dizer, acaba por ficar um bocadinho menos trabalhada dentro da sala de aula porque ao fim e ao cabo, nós temos certas coisas que temos de terminar até ao final do ano, nós temos os conteúdos que temos de trabalhar até ao final do ano e

se calhar por culpa nossa, só vimos isso, às vezes, (as expressões) ao fundo do túnel, não é? Depois temos de dar a cara por aquilo que as crianças aprenderam, se trabalharam os conteúdos, o que é que ficou por fazer...

I. - Claro, exato.

P. A – E, e, acho que estes pequenos projetos são muito bons.

I. - E como o currículo é tão alargado não se tem tempo para poder trabalhar as expressões com as crianças porque as disciplinas mais importantes, o Português, a Matemática, o Estudo do Meio prevalecem sobre...

P. A – Nós devíamos ter tempo para trabalhar esta parte das expressões, a dança, a música, com muito mais tempo, e eu sinto, eu acho que também havia de haver um pouco mais apoio, assim como a Guida esteve na sala comigo e me apoiou, havia de haver uma coadjuvação, sempre um professor que ajudasse nessa parte, para que nós nos conseguíssemos...

I. - Nessa parte, até para libertar um bocadinho o professor ou pelo menos ajudar...

P. A – Exatamente.

I. - Porque uma turma de 15 ou 20 crianças é complicado só uma pessoa estar...

P. A – Com um currículo enormíssimo para pôr em prática...

I. – Claro.

P. A - O tempo acaba por ser curtinho e nós acabamos, às vezes, por desleixar um pouco as expressões, por isso é que é muito bom este tipo de projetos.

I. – Quais foram as atividades que considerou mais interessantes para trabalhar com a sua turma?

P. A – As atividades? ...Olha eu gostei muito da parte do recontar da história e deles terem que integrar na história uma personagem nova.

I. - Exato

P. A - Por acaso fiquei bastante, acho que o nosso tigre até foi assim um elemento, engraçado da história.

I. – Exato, eles foram bastante criativos...

P. A – Criativos, acabou por dar assim uma certa originalidade à história. E também depois, gostei da confecção dos fantoches embora, pronto, todo o comportamento da turma foi assim um bocadinho complicado, mas depois também gostei muito na parte final da atividade. A parte do teatro, da apresentação acho que foi também muito gira e valeu a pena.

I. - A professora retirou alguma dica ou ideia de atividades que pode desenvolver com a turma no âmbito da animação da leitura?

P. A - Da leitura, ah, sim, sim. Acho que é sempre bom esta situação de os deixar levar, de apelar à criatividade deles e de os deixar integrar nas histórias novas personagens acho que é sempre fantástico.

I. – Sim, principalmente com crianças pequeninas.

P. A – Ou até mudar em vez de integrar, mudar o papel das personagens, não é? Porque nós contamos uma história, mas depois “Então e se estas personagens em vez de fazer desta forma tem feito de outra?”

I. - Isso aconteceu com a turma do 2.º ano, mudámos a atitude de uma personagem.

P. A - Pronto, acho que isso também é muito importante.

I. – Exato.

P. A – Para se poder trabalhar e construir o lado criativo e crítico das crianças.

I. - Já colocou alguma destas atividades que considerou mais interessantes em prática, cá em aula depois do projeto terminar?

P. A – (abana a cabeça, negativamente)

I. – Não. Mas, está a pensar dinamizar para o ano?

P. A - Para o ano talvez, este ano isto já está assim um bocadinho à beira do final, na reta final com muita coisa ainda por fazer.

I. – Exato.

P. A – Além de que nós depois também temos outras atividades que nos são propostas pelo exterior.

I. – Exato.

P. A - A semana que vem tenho uma atividade para dinamizar com o JI, vamos fazer leitura com o JI, numa das salas e tudo isso acaba por nos ocupar algum tempo, não é?

I. – Claro. Para terminar, de que forma é que este projeto de animação da leitura contribuiu para que as crianças se tornassem mais leitoras e mais criativas?

P. A – Olhe, a minha turma já era uma turma que gostava muito de ir à biblioteca requisitar livros.

I. - Sim, em reparei porque estive a fazer a relação das requisições e percebi que eram das turmas...

P. A - Agora estão um bocadinho menos ativos nessa parte

I. – Exato.

P. A – Acho que também cansaço e o calor, agora querem é ir para a rua brincar. Agora estou um bocadinho a desleixar essa parte. Mas, a parte leitora por acaso é uma turminha que gosta de pegar num livro. Até tenho ali em cima da secretária um livro que uma aluna minha anda a trazer há 3 dias para eu ler, e eu já prometi de ler e em princípio será hoje ao final do dia. Eles gostam muito, eles gostam muito de...

I. - E entretanto começam eles a ler pequenos livrinhos, pequenas historinhas.

P. A - Já tenho, já tenho um grupo razoável que já lê praticamente tudo sem a minha ajuda. Tenho outros que não, mas o grande grupo já trabalha muito autonomamente.

I. – Mais criativas, no sentido em que a professora já falou, que alguns já se notam mais autónomos para desenvolver determinadas atividades, nomeadamente no campo da plástica, do teatro e dramatização.

P. A – Sim, sim.

I. – Pronto, não sei se quer dizer mais alguma coisa, da minha parte está tudo...

P. A - Está tudo dito. Gostei muito, pode voltar para o ano. Se eu cá estiver terei muito gosto em trabalhar consigo!

I. - Muito obrigada, professora.

P. A – Obrigada eu.

Professora B – 2.º ano

Investigadora – Bom dia. Estamos aqui para realizar uma entrevista sobre o projeto onde a professora esteve envolvida com a sua turma. Primeiramente, o que é que achou deste projeto?

Professora B – eu achei o projeto muito bem concebido. Foi extraordinário, foi... a turma aderiu muitíssimo bem e veio também mexer um bocadinho comigo e alertar-me para que às vezes coisas que nós temos medo de fazer, que fazem parte do currículo mas que nós, às vezes, não saímos muito da nossa área de conforto, que é o caso de pôr os meninos todos a fazer pinturas, recortes, colagens, cada um no seu local, portanto veio também permitir-me perceber, compreender que isto é possível, desde que seja organizado, desde que seja pensado, darmos esta criatividade, esta possibilidade das crianças se movimentarem, se entreeajudarem, de criarem e de fazerem, porque nós muitas vezes também estamos limitados pelo currículo e acabamos por limitar também as crianças, portanto acho que este projeto, que inicialmente eu tinha um bocadinho de receio, foi fantástico. Adorei estar no projeto, acho que foi uma mais-valia para mim, enquanto docente, e principalmente para a turma.

I. – Pegando na ideia que falou, que as crianças podiam estar à vontade e ter os materiais, numa sala de aula, dita normal, não é possível fazer-se isso porque está limitada às secretárias e na sala onde nós estávamos a trabalhar tínhamos apenas 2 ou 3 secretárias com o material. Eles podiam estar por todo o espaço a fazerem as suas...

P. B – Sim, no dia a dia é possível fazer-se isso, mas tem que se fazer na sala de aula. O professor, ou com a ajuda de alguns alunos, portanto, ter de organizar esse espaço na véspera, ou antes da aula, desse tipo de aulas e realmente recolher ou encostar as mesas ou formar grupos. Ou eles trabalham em grupo com as mesas juntas ou encostam-se as mesas e portanto isso acaba por limitar um bocadinho... às vezes o nosso... porque o ritmo deles também não é o mesmo, e para que isso se faça todos têm de parar aquele tipo de trabalho que estão a fazer e começar do zero o outro trabalho, portanto o ideal seria, embora nós tenhamos uma sala de expressões, mas é muito, muito pequena, não dá. Por acaso, até temos uma sala de aula contígua à sala de aulas com um lavatório, com isso, mas é um espaço reduzido.

I. – Sim, que está muito bem equipado.

P. B – É assim, se calhar às vezes também tem a ver com a falta de tempo, o currículo é tão extenso que nós muitas vezes não incidimos muito sobre estas expressões, desta forma e limitamos, acabamos realmente por limitar os alunos. Mas também é uma limitação nossa, não só pessoal e profissional, mas também de tempo. Estamos sempre numa corrida contra o tempo e para este tipo de atividades tem de haver tempo, tem de haver calma, tem de haver a disponibilidade de tudo, de espaço, de meios,

de materiais e também um hábito que se cria nas crianças de respeitar o espaço dos outros pronto, com uma grande orientação.

I. – Qual era o comportamento das crianças antes de iniciarmos as sessões? Sentia-as diferentes naquele dia em que ia haver a sessão ou...?

P. B – Sentia-os entusiasmados e percebeu isso, quando agora chegou à sala e eles foram ter consigo como se, pronto, foi também uma professora, foi alguém que trouxe algo de diferente para a turma e daí eles estarem sempre ansiosos, mesmo na semana em que não havia o projeto, eles naquele dia perguntavam “Hoje não é o dia de irmos para o projeto? Hoje não é o dia de irmos para aquela sala? Não, filhos, é só para a próxima semana” portanto a ansiedade foi sempre uma ansiedade positiva, portanto uma ansiedade de excitação, de alegria, de vontade. Pronto, principalmente quando eles eram colocados a trabalhar, havia sempre aquela parte em que eles estavam mais atentos e que alguns que são, tenho alguns que são problemáticos a nível de atenção/concentração, eu penso que também foi muito importante nesse aspeto porque eles tiveram de estar muito atentos em todas as partes das sessões. Portanto, isso também ajudou ao seu autocontrolo, ao respeito pelo outro, ao respeito pela pessoa que estava, uma pessoa vinda de fora, também é sempre uma novidade, uma mais-valia.

I. – Claro.

P. B – E eu penso que a postura deles foi sempre de excitação e ao mesmo tempo satisfação por ir fazer, o que é que se segue, o que é que vem agora, não é? Surpresa, algumas coisas eles já sabiam que iam acontecer mas estavam sempre ansiosos pela parte seguinte e acharam até que deveria continuar, tanto que teve à pouco um exemplo disso. Para o ano querem outra vez, que venha fazer o projeto por isso é lógico que a postura deles foi sempre de alegria, de satisfação, de vontade de participar e pronto também aprenderam coisas, além das técnicas aprenderam a ser autónomos, a criar, a «desenrascarem-se», pronto, porque eles eram, e ainda são um bocadinho dependentes, talvez por eu ser um bocadinho controladora, ser um bocadinho mamã, muitas vezes, eles estão sempre centrados na opinião da professora e a professora faz, e a professora... e não se «desenrascam», e ali tiveram de se «desenrascar» mesmo. Depois desenvolveu também o espírito de equipa, o espírito de entajuda, portanto desenvolveu muitas competências nos alunos. Realmente este tipo de trabalho desenvolve muitas competências a nível social, a nível de autonomia, a nível de partilha, de respeito pelo outro, muitos valores importantes para além da parte plástica, da parte do português, da organização de ideias, etc. Portanto, tudo isso da criatividade e da imaginação.

I. – Exato. E depois das sessões, como é que os sentia? Portanto, a sua turma estava das 13.30h às 15.30h, iam ao intervalo e depois quando chegavam à sala davam algum *feedback*, como é que os sentia?

P. B – Ah, sentia-os com uma grande satisfação e já com ideias para o que iriam fazer a seguir e hipóteses, portanto continuavam naquele registo. Depois era um bocado difícil captar para outro tipo de atividades porque, não pela negativa, mas pela vontade de querer continuar. Eles achavam sempre pouco e não ficavam sequer aborrecidos por, muitas vezes, ter-lhes sido roubado um bocadinho do intervalo, muito pelo contrário, eles ficavam sempre, eles queriam era acabar, e arrumar e organizar, e portanto quando eles chegavam continuavam a falar sobre aquilo que tinham feito, e penso que deram também um bom *feedback* aos pais, em casa, e à família.

I. – Por parte da família, algum pai lhe falou alguma coisa que as crianças tenha dito, ou não?

P. B – Não especificamente, porque eu também não os reúno para isso.

I. – Pois, exato.

P. B – É assim eu também não dei muito...

I. – Mas é natural que tenham falado.

P. B – Sim, sim, sim falaram e eles gostaram.

I. – Durante o projeto considera que as crianças se tornaram mais sensíveis às diferentes expressões artísticas desenvolvidas?

P. B – Sim, eu acho que sim, eu acho que eles ficaram com mais ferramentas para depois se... tanto que nas provas de aferição o tempo era muito limitado para fazer e também tinha a ver com a criatividade, eles tinham de criar, tinham muitas instruções, não é, que não foram tão passo-a-passo porque não foram lidas, foram pouco lidas, a maior parte deles tinham de ler e penso que isso veio ajudar um pouco, um pouco ou muito, veio ajudar a que eles depois também conseguissem já, quando vem uma tarefa deste género ou para fazer eles já começam a ser mais criativos, a perceber que não é tudo real, a poderem criar, a poderem inventar outras coisas.

I. – Sim. Não se cingirem por aquilo que pede, mas irem um bocadinho mais além...

P. B – Mas, irem mais além, já.

I. – Exato, ok. E depois do projeto terminar, em que medida é que as crianças se mostraram mais criativas?

P. B – Ah...

I. – Eles fizeram as provas de aferição já depois do projeto ter terminado?

P. B – Exatamente. Pronto e tenho fotos. Na expressão dramática houve alguns que conseguiram, mas nas provas lá está, as coisas eram muito limitativas e extremamente difíceis, pronto. Houve alguns miúdos, por exemplo estou a pensar no aluno autista, que com um grupo teve de criar uma situação de dramatização na prova que era difícil. Portanto, eles tinham de passar por um ponto, tinham que se baixar, passar por uma gruta e tinham de enfrentar uns tubarões e depois iam caçar o monstro e houve... E tinham de falar e fazer gestos ao mesmo tempo, pronto essas situações. É engraçado que esse menino, que raramente participava ou participava muito pouco, dos 3, porque aquilo é por ordem alfabética, e os outros eram muito caladinhos, mas ele foi o único que falou, portanto os outros faziam gestos, ele também fazia, nós alertámos para que tinham de falar e ele foi o único que falou portanto, há aqui, naqueles miúdos mais tímidos e mais introvertidos, eu acho que houve um bocadinho, não posso dizer que também...

I. –... Houve uma grande evolução...

P. B – Pronto, mas houve uma evolução em termos de maior à vontade de estar perante os outros, por fazer coisas, por inventar e não se rir, e não ficar ali, pronto, quando têm de fazer coisas às vezes um bocadinho... quando se lhes pede, quando eu lhes peço “Olha, faz isto” e às vezes são coisas que é do imaginário ou que são coisas completamente, pronto que não estão, que não são coerentes, não é? Também temos de trabalhar com coisas do dia a dia, agora faz de cozinheiro ou faz de qualquer coisa ou o monstro não sei quantos ou o peixe que tinha não sei quantas caras e eles terem de criar. Está um bocadinho mais fácil, ainda há muito a trabalhar porque isso é um trabalho que eu tenho de ter e que se calhar não tive. Pronto, há um conjunto de circunstâncias, a própria turma é muito heterogénea, o que é bom e é mau não é? Porque é bom porque eles também se entaajudam, criam um espírito de entaajuda, mas por outro lado também, haver alunos com muitas dificuldades, depois também não há aquele puxar, aquela competitividade por, mas acho que veio dar ali uma, tanto na minha forma de talvez trabalhar daqui para a frente dar-lhes mais liberdade, deixá-los mais sujar, desarrumar, criar, porque às vezes eu tenho a mania de ser muito certinha e tem de estar tudo organizadinho, e não tem, pronto.

I. – A professora via no final das sessões que aquela mesa estava um caos, mas era assim que eles se conseguiam organizar e criar, e eu deixava...

P. B – Pronto, exato, mas isso para mim faz-me impressão porque eu tenho um síndrome de andar sempre a apanhar as coisas (risos). Pronto, e se reparar, se eu for à sala de um colega eu dou por mim a apanhar coisas do chão, se vir coisas no chão, que é horrível, porque a pessoa depois põe-se a olhar para mim, pronto. Eu agora já tento, já evito mais (risos). Mas tem a ver comigo, com a minha forma de ser e de trabalhar.

I. – Claro.

P. B – E isso influencia se calhar, umas coisas positivas e outras coisas negativamente nos nossos alunos não é?

I. – Claro, claro, claro. O que é que as crianças aprenderam com este projeto? Pelo *feedback* que eu tinha da professora já faziam muitas dramatizações...

P. B – Em termos de dramatização sim, em termos de plástica talvez eu seja um bocadinho mais limitativa. Tenho mais medo de avançar muito com as tintas. Não trabalho muito com tintas, com colas muito complicadas, com materiais muito complicados para eles, pronto. E nesse aspeto eu acho que foi extremamente positivo e eles agora já se habituaram a pegar. Pegam no material e colam, de vez em quando despejam a cola mas pronto, a cola tudo. Alguns já se habituaram a dosear, a perceber que tem que se meter ali naquele sítio e depois é que se põe o material e não no material dependendo, portanto a diferenciar os materiais. Mas recorda-me novamente a pergunta, penso que já respondi mas...

I. – O que é que as crianças aprenderam com estes projeto?

P. B – Aprenderam a recriar no fundo histórias, que as histórias podem ter outros finais e isso eu também já fazia um bocadinho. Mas, pronto, que podemos alterar as personagens, aprenderam também a nível da plástica, eu acho que foi, a plástica e também no drama porque alguns estavam muito retidos. Notava-se naquelas gargalhadas que não eram naturais.

I. – Exato.

P. B – Eu acho que eles agora começaram a perceber que a dramatização ou dramatizar uma cena é uma coisa normal, que faz parte e que ninguém se vai rir, ou eles não têm de ter vergonha. Se não sair muito bem têm de treinar até sair. E também que quando não conseguem de uma forma que não é preciso ser textual, que podem também improvisar, dar também um bocadinho de liberdade à improvisação que foi o que aconteceu muitas vezes. Eles não se lembravam e inventavam. Eu já me perdi, eu tenho este feitio de me perder...

I. – Então já falámos em termos da dramatização, da plástica que eles começaram a saber utilizar melhor os vários tipos de cola...

P. B – ...E de materiais e também eles próprios serem e arriscarem mais no tipo de materiais e diferenciação de materiais, portanto o tecido continua a ser um bocadinho mais complexo, não é? Mas, tampas, caricas, eles colocaram caricas numa caixa de cartão agora quando foram as provas, colaram vários tipos de papéis, tampas, puseram botões, pronto todos esses materiais. Eu acho que sim, que se eles não tivessem, se calhar, tido esta experiência se calhar eu própria não conseguiria dar-lhe esta liberdade, pronto. Eles faziam muito o desenho, fazem o recorte, umas colagens mas às vezes é tudo muito estruturado por mim, ou seja, acaba por não haver esta liberdade de expressão. Pronto, acabo eu por limitar, porque pronto, lá está, queremos coisinhas muito bem feitinhas e não é esse o objetivo. O objetivo é que eles façam, experimentem, e que saia o trabalho deles.

I. – Então para si também foi uma surpresa eles terem...

P. B – Foi foi, porque para mim era caótico. Para mim quando eu pensei nas primeiras sessões e quando eu comecei a ver, eles vão pintar, outros vão recortar, outros vão não sei o quê, vão mexer em tintas, para mim iam borrar aquilo tudo e entornar a tinta toda. Portanto para mim aquilo ia ser um caos, e não foi, quer dizer, foi, mas um caos controlado, que era isso que se pretendia. Pronto e eu penso que nesse aspeto eles agora já fazem até porque fazem a ALE 2. Eles andaram a fazer com balões e arroz bolas para fazer malabarismo. Claro que quando eu chagava à sala era só arroz por todo o lado

I. – Claro.

P. B – Depois eles varriam, mas o que é certo é que eles já conseguiam, e um barulho infernal, que para mim me faz uma impressão, mas o que é certo é que resultou, já fizeram as bolas e agora só falta começarem a treinar os malabarismos. Pronto, em 3 ou 4 aulas. Não me tinha lembrado dessa parte e por acaso acho que aquelas aulas que por vezes são muito barulhentas e muito confusas, e para mim me fazem muita confusão, para mim enquanto professora já mais velha, na realidade para eles são uma alegria e são uma forma de extravasar e de criar, que é isso que nós pretendemos e que, às vezes, não conseguimos.

I. – Não conseguem no vosso tempo, na vossa carga horária. Quais foram as atividades que considerou mais interessantes para trabalhar com a sua turma?

P. B – Atividades do projeto?

I. – Sim.

P. B – Eu achei todas, desde a recriação da história, à parte da plástica e da dramatização e eles conseguem fazer e encaixar tudo...

I. – E da sonoplastia, o que achou da sonoplastia? Ainda não falámos dessa questão.

P. B – Ah sim, achei extraordinário, porque é uma coisa que eu também faço com eles, mas faço com eles mais voz e mais batimentos, tanto que quando nós lemos um texto ou uma história para eles intervirem, fazerem a intervenção e para fazerem, fazemos só o som da chuva, mas normalmente utilizo mais a parte corporal, voz, batidas, mãos a bater, pés e não objetos, portanto, para mim foi extraordinário, achei espetacular e acho que eles gostaram imenso também. E o tentar encontrar o som apropriado também foi muito importante. Portanto, dá-lhes essa perceção para a audição, que foi muito importante para a prova, que era muito difícil, a prova de expressão musical. Acho que foi das mais difíceis, até para mim era difícil.

I. – Eles conseguiram?

P. B – Alguns conseguiram, mas poucos. Até para mim, porque havia uma música de fundo e havia uma frase rítmica, pronto, e era muito difícil a frase rítmica, e com uma música de fundo eles não sabiam se estavam a ouvir. Eu não sei se eu fosse fazer enquanto aluna, se conseguiria e as minhas colegas partilham da mesma opinião.

I. – A professora retirou alguma dica ou ideia de atividades que pode desenvolver com a sua turma no âmbito da animação da leitura?

P. B – Há sim, lá está, a parte dos fantoches, a parte da animação em si, das personagens, com fantoches, ou qualquer tipo de fantoches, ou eles próprios, não é, a dramatização. A recriação da história para mim foi muito importante para mim, se calhar nós fazíamos um final diferente, não se calhar mudar atitudes de personagens que no fundo, neste caso, alterou completamente a história.

Pronto, isso aí para mim foi extraordinário. Depois eu acho que foi tudo, toda a envolvimento, eu acho que estava tudo muito bem estruturado, estava muito bem pensado, porque realmente, e os próprios sons, eu agora posso pegar, quando estivermos a contar uma história ou até a ler um texto. Nós podemos ir recriar aquele texto e podem, eles próprios pensar «Então que som é que podemos fazer aqui? O que é que podemos utilizar para fazer este som? Então e agora?» então lemos o texto, já percebemos, agora vamos voltar a reler o texto ou reler a história, a interpretá-lo de outra forma. Pronto, as várias vertentes do texto. Portanto, para mim foi espetacular porque foi recordar, não é que eu não soubesse que se podia fazer assim também, mas muitas vezes nós caímos numa rotina e isto veio aqui voltar a reavivar aquilo que eu já cheguei a fazer em tempos, e que tinha mais tempo para fazer, e era mais nova, e que eu gosto de fazer, que é uma coisa que eu gosto, e que temos de continuar, e eles próprios pedem. Pronto, é isso.

I. – Já colocou algumas atividades idênticas às do projeto em prática, aqui em sala de aula, já depois deste terminar?

P. B – Em sala de aula, as expressões. Em termos de recriar uma obra não. Eu neste momento tenho o “Elefante...”, porque isto são obras obrigatórias e isto é das tais coisas, há obras e obras, e há obras que não dá, isto não é fácil também. Mas se calhar era uma ideia, nós poderíamos fazer. Vou ser muito sincera, não apliquei muito porque isto tem sido uma avalanche de atividades e uma avalanche de matéria para dar e provas e não sei o quê, pronto. E muitas vezes os textos, mesmo os textos em diálogo, eles lêem e fazem isso, e vêm aqui e representam, temos mimado situações também, mas este tipo, o teu modelo do projeto que tu tentaste, nós ainda não fizemos.

I. – Por último, de que forma é que este projeto de animação da leitura contribuiu para que as crianças se tornassem mais leitoras e mais criativas?

P. B – De que forma? Eu por acaso tenho notado que eles a partir de uma determinada altura têm ido requisitar, pronto, há sempre o grupo que não vai tanto, mas há um grupo maior a ir requisitar livros semanalmente, e até a ler, quando acaba uma atividade, a vir dar *feedback* a mim e aos colegas daquilo que leram, daquilo que requisitaram. E, portanto, eu penso que eles ficaram com uma ideia de que um livro e de que ler pode ser uma coisa divertida, e nós podemos dar várias interpretações àquele livro. Depende, o livro é algo que nós lemos e que depois, cada um interpreta da sua forma, cada um vê o filme a passar, daquele livro à sua maneira. Eu realmente, coloca-me essa questão e é pertinente. Se calhar não me tinha apercebido, mas realmente eles ultimamente têm feito maior requisição de livros e obras já com um nível de dificuldade maior, aliás nós a última obra que demos foi “A menina gotinha de água” do Papiniano Carlos e eles queriam ir todos requisitar, e essa história não dá porque como está para nós, professores, requisitarmos para as salas de aula, porque são as obras obrigatórias, não estão ao alcance deles. Só posteriormente, e eles têm aderido bem, pelo menos em termos de requisição e de leitura, e realmente eu noto, na leitura deles uma maior competência, no grande grupo, nos 14. Os outros, tirando a (nome da aluna) que já está a decifrar, não quer dizer que leia e compreenda, tenho aqui 3 casos que ainda estão muito muito complexos, mas que que...

I. – Os outros já estão mais à vontade com a leitura...

P. B – Já, já, já, já. Já estão e têm interesse e começam a perceber que quanto mais eles lêem mais importante é, e não importa o que seja, importa é ler, pronto. Agora não tinha pensado nisso.

Professora C – 3.º ano

Investigadora – Bom dia professora. Estou aqui hoje para lhe fazer uma entrevista em relação ao projeto “A biblioteca vai à escola – a implementação das linguagens plástica, musical e teatral em atividade de animação da leitura”. Tendo em conta que foi professoras de uma das turmas envolvidas no projeto, o que é que achou do projeto em si?

Professora C – Olha, eu gostei imenso do projeto. Pronto, porque acho que foi sobretudo uma mais valia para eles, porque efetivamente nós depois em termos, embora tenhamos essa disciplina das expressões, muitas das vezes acabamos por não a desenvolver de uma forma mais, como dizer, mais semanalmente, mais nesse sentido. Não há um trabalho ali contínuo, pronto. E nesse sentido achei que foi muito válido, porque, de facto, acabou por abranger as diversas áreas onde eles puderam realmente a partir de um tema desenvolver a parte da plástica e da dramatização, e da...

I – ...Sonoplastia

P. C – Exatamente, pronto. E nesse aspeto considero que foi uma mais valia para eles.

I – Exato. Qual era o comportamento das crianças antes de iniciarmos as sessões? O que é que achava...

P. C – É assim: em termos de comportamento, é aquilo que eu tinha dito inicialmente. A turma é uma turma que não é minha do princípio, não é, foi uma turma sempre muito difícil, é uma turma com características especiais, não é, com alunos com algumas ... com problemas específicos e outros que apresentam problema da falta de assiduidade e de tudo isso, pronto. Em termos de comportamento não é uma turma muito fácil, pronto, são sempre... não sei se é nesse sentido que tu queres, é uma turma um bocadinho agitada, embora neste momento já estejam melhores, nesta fase já estão melhores, mas de facto nessa altura, talvez até porque como era no período da tarde eles também já estivessem um bocadinho mais agitados, que já é próprio, a seguir ao almoço estarem sempre um bocadinho mais agitados.

I – Então no dia das sessões não notava diferença neles?

P. C – Sim, existe uma diferença, lá está, até porque as aulas acabavam por não terem o seu lugar específico, era uma sala diferente da deles, o espaço era amplo, onde eles podiam circular. Pronto, obviamente que há uma diferença. Em termos sala de aula é diferente, porque eles cada um tem o seu lugar e não se podem levantar. Ali havia alguma liberdade nesse sentido e que nós também víamos que eles aproveitavam e esticavam ao máximo essa liberdade, não é, depois tendo a necessidade às vezes, de ter de os pôr ali sentadinhos no chão, como se fez a alguns.

I – Para ficarem a refletir um bocadinho.

P. C – Exatamente.

– Depois da sessão, no seu caso terminava às 17:00h, não deu muito bem para ver como é que eles iam depois para...

P. C – Como é que eles se sentiam? Sim, não isso de facto não era possível, até porque muitas vezes até já se terminou depois das 17:00h, não é. Depois havia essa necessidade de eles terem de sair porque os pais estavam à espera, embora eles verbalizassem sempre no dia a seguir que tinham gostado, pronto e que tinham gostado da atividade, pronto. Isso para eles...

I – Durante o projeto considera que as crianças se tornaram mais sensíveis às diferentes expressões artísticas desenvolvidas?

P. C – Se calhar, mais sensíveis eu não sei se eles ficaram mais sensíveis, porque eu acho que no fundo eles até estão sensibilizados para isso, não é. Se calhar eles ficaram foi agradados de realmente poder ...

I – ...Utilizá-las...

P. C – Exatamente, talvez eu ache um bocadinho mais nesse sentido, porque eu acho que isso é sempre algo que eles querem, até porque nós temos isso contemplado no horário e às vezes, há de facto, e era aquilo que te disse inicialmente, há semanas que se calhar não conseguimos fazer, não é, nós ainda agora andamos a dramatizar a Bela Adormecida e eles dizem “Professora, é hoje?”. Quer dizer, às vezes não consigo, por isso, eles sensibilizados estão, só que ali realmente como era um trabalho que tinha de ser feito, tinha aquele tempo, estava já...

I. – Planeado...

P. C – Exatamente, por isso eu acho que eles ficavam muito felizes de poder fazer pronto, porque sensibilizados, eu acho que eles já estão. É, eu acho que um bocadinho nesse sentido, sim.

I. – Ok. Depois do projeto terminar, em que medida é que as crianças se mostraram mais criativas? Notou alguma diferença?

P. C – É assim: talvez um bocadinho mais autónomos, pronto, talvez assim um bocadinho mais autónomos, mas talvez só na parte da expressão plástica, talvez na parte da expressão plástica eu note assim uma melhoria. Por exemplo, nós estamos ainda na parte de fazer a dramatização e eu acho-os com alguma dificuldade na mesma, pronto.

I. – Exato

P. C – Ainda não é algo que...

I. – Sim, até porque a plástica foi a grande expressão do trabalho...

P. C – Exato, pronto.

I. – Nós tivemos 2 ou 3 sessões com plástica.

P. C – Exatamente.

I. – A parte da dramatização da história acabou por ser só ali na altura dos ensaios e não houve assim muito essa...

P. C – Muito mais, exatamente. Não se conseguiu desenvolver muito mais, sim, eu acho que sim. Na plástica eu noto um bocadinho mais à vontade, mais sugestões da parte deles, enquanto que nas restantes ainda não sinto isso, pronto.

I. – O que é que as crianças aprenderam com este projeto?

P. C – Olha, eu acho que pelo menos ouviram a história, acho que ficaram pelo menos a saber alguma coisa da história, ficaram sensibilizados para isso, aliás já vários foram requisitar o livro à biblioteca, pronto, para ler, para ler com mais atenção e penso que é sobretudo isso. Ficaram com alguma noção da história, da história em si. Da História de Portugal, porque de facto, em termos de 3.º ano não se fala, tanto assim, pronto. É mais ao nível do 4.º ano e penso que ficaram um bocadinho mais sensibilizados se calhar para a parte da História de Portugal.

I. – E talvez para o ano estejam mais despertos para receber a parte da História de Portugal.

P. C – De certeza, eu acho que sim. Nesse aspeto acho que para eles foi importante, pronto.

I. – Quais foram as atividades que considerou mais interessantes para trabalhar com a sua turma? Visto que a professora conhece melhor a turma do que eu, quais foram aquelas atividades que achou mais interessantes?

P. C – Eu acho que aquelas em que eles estiveram mais entusiasmados, foi na parte da construção dos fantoches, pronto, sim eu acho que sim.

I. – Sim, porque a sessão terminava às 17:00h e eles continuavam até às 17:15h ou mais ...

P. C – E continuariam sem a menor dúvida ...

I. – Quase que tive de expulsá-los porque eles queriam continuar.

P. C – Exatamente, exatamente. (risos) Podia-se continuar, aliás nós agora estamos a terminar uma obra também e até falámos nisso, que dava para aproveitar os fantoches e também fazermos ali mais qualquer coisa com os fantoches, porque eles de facto gostaram dessa parte, da construção dos fantoches.

I. – Exato. A professora retirou alguma dica ou ideia de atividades que pode desenvolver com a turma no âmbito da animação da leitura?

P. C – Olha, sim. Dicas, pronto, achei... gostei muito da parte da construção dos fantoches, quer dizer, voltamos aqui um bocadinho a essa situação. Pronto, de facto, eu acho que eles ficam muito entusiasmados e, de facto, aquilo apela à parte da criatividade deles, embora o grande problema seja sempre a questão do tempo. Porque de facto quando é um projeto, quando é algo que vem de fora, já está tudo planeado, acaba por planificar não é, e acabamos por fazê-lo. Muitas das vezes aquilo requer algum tempo, mas, muitas vezes nós pensamos “aquilo vai levar imenso tempo, eu não vou conseguir fazer aquilo numa aula ou em duas” e então acabamos por fugir um bocadinho a esse tipo de atividades, e ali o que eu vi foi efetivamente até acaba por se conseguir fazer, quer dizer, acabamos por conseguir fazer, pronto. E acho que, talvez associar alguma dessas atividades, a parte do cenário, a parte de fantoches, isso os motive mais para trabalhar obras, um bocadinho nesse sentido. É mais apelativo.

I. – Sim, então, dentro das atividades que fiz e que a professora achou interessantes, não colocou ainda nenhuma em prática com a turma?

P. C – Tirando a parte da dramatização, mas.. Pronto, não fiz assim nada, nem pintura de cenários, não é, a parte da construção dos fantoches também não. Ah...

I. – A reinvenção de histórias?

P. C – A reinvenção de histórias, isso às vezes são pequenas coisas que nós fazemos no dia a dia.

I. – Já é uma coisa habitual.

P. C – Exatamente, é como a parte da dramatização, mais tarde ou mais cedo também é algo sempre que se faz. Podemos fazê-la sem cenários, podemos... Pronto, o que sucede às vezes é que vamos dramatizar mas não há tanto essa preocupação da construção de um cenário, acaba por se fazer... ali é mais realmente, memorizarem alguma informação, algum texto, dizerem-no, pronto é um bocadinho mais nesse sentido. Há pequenas coisas que, realmente, nós já fazemos no nosso dia a dia. Agora o que eu gostava mesmo de fazer era a parte dos fantoches (risos).

I. – Para o ano vai tirar um tempinho para isso (risos). De que forma é que este projeto de animação da leitura contribuiu para que as crianças se tornassem mais leitoras e mais criativas?

P. C – Olha, mais leitoras, pronto, se calhar no sentido de que realmente eles possam ter tido o interesse em reler a história, nesse sentido.

I. – E outras histórias?

P. C – Outras histórias, é assim, lá está, mas como aqui nós já temos a biblioteca, eles já por hábito também têm, aqueles que têm esses hábitos de leitura, já têm essa prática de ir requisitar os livros e de os lerem, vêm mostrar o que já leram, pronto. Nós também habitualmente, eles têm de fazer uma atividade que é o ir requisitar, ler o livro e contá-lo à turma, pronto, para fazerem essa apresentação oral. Pronto, também já temos um bocadinho desses hábitos. A questão é que há, de facto, crianças que têm esses hábitos e aqueles que não têm. Se calhar talvez naqueles que não têm esse hábitos, talvez o projeto acabou por não modificar muito, pronto, mas isso são crianças que já não estão... temos de olhar à própria criança em si, que já são crianças que não estão muito motivadas para a escola, que realmente não fazem trabalhos, que não estudam, pronto. Porque a turma é assim com essas características muito especiais, é uma turma difícil, nesse sentido, percebe? Pronto. E se calhar aqueles que realmente continuam a ter esse interesse pela leitura, se calhar até já teriam também algum. Já teriam esses hábitos, mas veio reforçar um bocadinho, veio reforçar a importância de lerem e requisitarem, e de... pronto.

I. – Pronto, da minha parte é tudo, não sei se a professora quer falar de mais alguma questão que considere importante.

P. C – Não, apenas dizer que realmente gostei do projeto, gostei que eles tivessem participado, ainda bem que fomos selecionados (risos) para eles poderem participar, porque, lá está, aqui que eu já tinha dito inicialmente, foi uma mais valia para eles. E eles dizem isso muitas vezes, até já nem sei quem é que me disse no outro dia, “ai professora vi a Guida não sei onde” pronto.

I. – Sim, foi a L. no meio local de trabalho.

P. C – Alguém te tinha visto “ai vi a Guida” pronto, e lá falaram eles da Guida e do projeto, e pronto eles gostaram imenso.

I. – Acabou por marcá-los um bocadinho...

P. C – Claro, claro. Tudo o que seja diferente é obvio que eles gostam, pronto. E eles até, embora sejam uma crianças difíceis em termos de aprendizagem, em termos de comportamento, mas eles acabam por ser recetivos.

I. – Eu achei um grupo motivado em fazer as atividades.

P. C – É, é, é e é um grupo recetivo, e é um grupo simpático, pronto eu acho-os simpáticos. Eles depois não têm, de facto, os limites, nós depois ali temos de andar ainda, num 3.º ano, ainda temos de estar ali a explicar muitas vezes que não podem...

I. – ... Fazer determina coisa...

P. C – Pronto, é só mais nesse sentido, de resto acho que o grupo acaba por ser simpático (risos).

Professora D – 4.º ano

Investigadora – Boa tarde professora.

Professora D – Boa tarde.

I. – Hoje vim falar consigo sobre o projeto que a envolveu a si e à sua turma diretamente. O que achou deste projeto?

P. D – Portanto, o projeto foi ... a palavra interessante não resume completamente, mas no entanto foi bastante, mas mesmo muito interessante porque abordou várias vertentes da parte artística e ... (risos) ... sinceramente nem sempre temos o tempo necessário para, na nossa atividade letiva, as desenvolvermos tão pormenorizadamente. Portanto foi um projeto completo, motivou bastante as crianças, elas participaram na medida das suas potencialidades e pronto, foi um projeto mesmo completo.

I. – Exato. Qual era o comportamento das crianças antes de iniciarmos as sessões? Notava diferença relativamente aos outros dias?

P. D – Sim, pois, eles não se esqueciam nunca da... (risos)... nunca do projeto nem do calendário que tinha sido estipulado, portanto eles estavam à espera, à espera mesmo com uma certa ansiedade e vontade, muita vontade, sinceramente (risos).

I. – E depois do projeto, quando vinham para a sala, no fim da sessão, o que é que achava neles?

P. D – Portanto, normalmente não quer dizer que realmente não se refletisse depois aqui no comportamento deles. Eles vinham... pronto, comportamentalmente vinham calmos e muitas vezes davam dicas para, durante a semana, o que é que poderíamos avançar, por exemplo “professora já temos flores suficientes? Poderemos fazer mais?”, isto depois na parte da decoração, para a continuidade do projeto, portanto...

I. – Neste caso, dos cenários...

P. D – Dos cenários, exatamente. Portanto, não se esqueciam daquilo que tínhamos ainda a fazer. Na parte em que eles tinham, a maioria tinha de decorar os textos, quando acabavam as tarefas do dia a dia, pediam-me se podiam ir burcar as folhinhas para ir estudar as falas, estudar o texto, portanto isso demonstra que realmente estavam com bastante interesse.

I. – Com bastante interesse e motivados...

P. D – E motivados para.

I. – Exato. Durante o projeto considera que as crianças se tornaram mais sensíveis às diferentes expressões artísticas desenvolvidas?

P. D – É assim: eu noto, e eu tenho um bocadinho de dificuldade com este grupo, em desenvolver determinadas vertentes da expressão artística, principalmente na parte de pintura, noto que eles, no dia a dia, não têm aquela, não sei se é paciência, não sei se direi “paciência” de, pronto, eles aderem, tentam fazer o melhor que, mas a maioria não se dedica a 100%.

I. – Claro...

P. D – Porque eu depois faço-lhes ver que ainda falta isto, falta aquele pormenor, e eles dizem “Oh professora mas é mesmo preciso?”, isto na parte de pintura, porque na outra vertente, dramática e tudo mais noto que eles têm mais aptência até para isso, já essa parte. Ora, a pergunta era exatamente?

I. – Se eles se tornaram mais sensíveis às expressões artísticas.

P. D – Mais sensíveis, pronto eles adoram expressões artísticas, já antes adoravam e posteriormente esse gosto está patente e está latente. No entanto, a parte da pintura é que noto que eles são assim um bocadinho mais de deixar andar e não se dedicam tanto. Agora se o projeto contribuiu para que essa faceta ficasse atenuada, não lhe sei dar resposta exata (risos).

I. – Sim, até porque um projeto terminou há pouco tempo e ainda não conseguiu perceber...

P. D – Sim, sim, sim, pois este grupo é muito. Gostam muito da parte dramática, teatral, eles conseguem também inventar situações para depois representarem...

I. – Sim, via-se que era um grupo bastante ativo nessa parte...

P. D – Sim, essa parte está assim bastante trabalhada, a parte de pintura talvez seja um problema meu ... (risos)...Noto que ainda precisam de mais qualquer coisinha. O projeto veio também contribuir.

I. – Exatamente. Depois do projeto terminar, em que medida é que as crianças se mostraram mais criativas?

P. D – Por enquanto, por enquanto quer dizer... mais criativas ainda. Ou seja, o projeto contribuiu e melhorou.

I. – Melhorou a criatividade das crianças?

P. D – Sim, melhorou a criatividade, sim, sim, sim. Agora os frutos também se veem a longo prazo e espero, e estou convencida, que vamos realmente notar essa diferença, notar melhoria.

I. – Ótimo, mas durante o projeto já notou alguma diferença.

P. D – Ah, sim, muita diferença.

I. – Eles já estão mais aptos para desenvolver determinadas tarefas

P. D – Sim, mais aptos, sim, sim, sim...

I. – Ok. O que é que as crianças aprenderam com este projeto? Que a professora ainda não tinha falado ou não tinha desenvolvido?

P. D – Ah, por exemplo a parte dos fantoches, essa parte eu ainda não tinha trabalhado com eles, embora no 1.º ano tivéssemos feito uma atividade assim ligeira com a representação de uma personagem com um fantoche, só. Agora assim uma história com todas as personagens serem representadas por fantoches ainda não tinha feito, portanto essa parte foi muito motivadora, a parte dos fantoches. Pintar cenários também não tínhamos feito.

I. – É uma questão que provavelmente quase todas as professoras falam ...

P. D – Notam como uma lacuna que...

I. – Porque é assim, se olharmos para a sala de aula, está disposta de uma maneira que não conseguimos fazer esta atividade...

P. D – Sim, fazer esta atividade, claro, daí aquela sala ser propícia, mas ainda não tínhamos pintado, fazemos pintura, mas não em cenário, isso não tínhamos feito também.

I. – E com tintas de água? costuma trabalhar?

P. D – Sim, isso costumamos fazer, pequenos trabalhos com tintas, pequenos trabalhos...

I. – Claro, claro (risos). Quais foram as atividades que considerou mais interessantes para trabalhar com a sua turma?

P. D – Portanto relativamente ao projeto?

I. – Sim.

P. D – As atividades que considere mais interessantes. Pronto, eu continuo a referir realmente a representação, a representação.

I. – Foi a mais interessante?

P. D – Foi, foi, foi, foi, foi...

I. – Porque eles realmente têm essa parte, essa vertente mais desenvolvida.

P. D – Claro, sim, sim sim,

I. – A professora retirou alguma dica ou ideia das atividades que pode desenvolver com a turma no âmbito da animação da leitura?

P. D – sim, sim, exatamente, o projeto veio-me mostrar que afinal é bastante fácil, pegarmos num livrinho ...(risos)... ainda que não seja modificar os locais da cena, podemos modificar outra coisa qualquer.

I. – Com cada turma modificámos uma coisa diferente...

P. D – Sim, exatamente, mas realmente veio, veio, veio mostrar que é fácil ...(risos) ... que é fácil pronto, temos aquela ocupação de tempo mas temos que dispor.

I. – Já colocou alguma dessas atividades, que considerou mais interessantes em prática?

P. D – Não, por acaso não, por acaso ainda não. Estou a pensar, neste grupo já não me dá tempo, mas noutro grupo até tenho já um livro em mente e de pôr em prática

I. – Também uma coisa do género?

P. D – Sim, sim, uma coisinha do género, sim.

I. – De que forma é que este projeto de animação da leitura contribuiu para que as crianças se tornassem mais leitoras e mais criativas?

P. D – mais leitoras de certeza, embora este grupo também já seja um grupo onde tenha muitos alunos que são leitores, posso dizer mesmo leitores. Trazem o livro de casa, guardam o livrinho dentro da mochila, terminam as tarefas e pegam no seu livrinho ou vão para o cantinho da leitura onde eles se podem sentar e ler o livrinho, portanto acho que essa vertente já estava, mas reforçou. Mais criativas também, porque é assim, só trabalhando, não é, se consegue que eles avancem, neste caso se tornem mais criativos.

I. – Sim, e eu penso que esta turma foi uma turma que esteve sempre ativa, muito participativa, motivada e onde eu achei que eles estavam super à vontade com a parte da dramatização.

P. D – Da dramatização, exato, por vezes via-se que eles tinham algum entravezinho na colagem, de...

I. – Mais nessa parte...

P. D – Sim, mais nessa parte da plástica e se tivéssemos tido mais tempo também ...

I. – Sim, sim, este projeto foi feito a correr.

P. D – Foi a correr, exato, se tivessem mais tempo eles também estavam mais calmos a fazer as colagens e tudo mais, portanto, eles viam que tinham de acelerar não é, e acelerando às vezes, eles gostam da perfeição e acelerando nem sempre a perfeição se conseguia.

I. – Claro, ainda para mais com as colas que utilizámos, que não estão habituados a usar no dia a dia

P. D – Exatamente, os materiais às vezes também, embora houvesse bastantes materiais à disposição, mas por vezes eles não conseguiam obter o efeito que imaginavam, não é.

I. – Logo na altura...

P. D – Sim, logo na altura.

I. – exatamente, da minha parte é tudo, não sei se a professora tem mais alguma coisa a dizer?

P. D – eu agradeço realmente a oportunidade que me deu de participar num projetinho destes que foi uma alegria para as crianças, os pais também souberam do projetinho, as crianças levavam sempre as informações não é e aquilo que eles gostam falam em casa.

I. - E teve algum *feedback* dos pais?

P. D - Tive, tive, tive.

I. - Por curiosidade, o que é que eles diziam?

P. D - Diziam que também gostavam de ter visto.

I. – Claro.

P. D - De ter assistido, e não sei se se lembra de uma das figuras principais, que era a (nome da aluna), que ela adoeceu e depois veio ainda com febre para poder representar e para não deixar o grupo.

I. – Sim, porque ela da parte da manhã não esteve.

P. D – Não, nunca esteve de manhã.

I. - E veio só à tarde para poder representar.

P. D - Sim, veio à tarde com medicação para poder representar, exato, a mãe telefonou-me e falou-me “esteja descansada que ela vai estar, embora esteja cheia de febre e a vomitar”, portanto daí vê-se também o interesse por parte dos pais e encarregados de educação.

I. - Exato.

P. D - Aconteceu com essa, mas se tivesse acontecido com outro eu estou convencida que a reação era a mesma. Faziam tudo para que não falhasse, para que o aluno estivesse.

I. - Ok. Muito obrigada professora.

P. D - Obrigada eu também pela oportunidade.

Transcrição da entrevista realizada à coordenadora da escola

Investigadora – Bom dia, professora.

Coordenadora da Escola – Bom dia.

I. – Hoje vim fazer-lhe uma entrevista, e dado que é a coordenadora da escola, eu considerei interessante e importante falar consigo acerca do projeto que desenvolvi e que a escola abraçou com tanto carinho e disponibilidade. Tendo em conta o que conheceu do projeto “A Biblioteca vai à escola - A implementação das linguagens plástica, musical e teatral em atividades de animação da leitura”, qual é a sua opinião sobre o mesmo?

C. E. – Eu acho que foi muito importante, até porque cada vez mais se deve juntar a parte da música, da expressão plástica e dramática às histórias e àquilo que eles ouvem porque é uma forma mais aliciante de eles terem gosto pelo Português, pela Língua Portuguesa. As histórias acho que é uma via muito boa e atraente.

I. – Quando abordava as crianças no intervalo estas falavam-lhe do que é que tínhamos feito nas sessões? O que é que diziam?

C. E. – Sim, sim. Elas falavam muitas vezes das histórias que andavam a ouvir e que depois andavam a dramatizar. E também gostavam muito da expressão plástica, dos materiais que faziam para depois fazerem a apresentação e o teatrinho. Muito, muito envolvidos e muito contentes e felizes.

I. – Que expectativas é que eles revelavam em relação à participação neste projeto?

C. E. – Eu acho que as expectativas eram sempre boas e muito positivas porque eles sabiam que estavam a construir. É como se estivessem a construir a história e como eram eles que construía os instrumentos, é como se encarnassem logo também as personagens. Portanto, viviam muito mais a história.

I. – Claro.

C. E. – E aprendiam muito mais tudo, porque sendo temas históricos, da nossa História, era uma forma lúdica de eles aprenderem coisas que às vezes não é muito fácil serem ensinadas e aprendidas por eles.

I. – De certa forma, os do 4.º ano já deram, mas os do 1.º, 2.º e 3.º ainda não e ficaram um pouco mais sensibilizados já para esta questão da História de Portugal. De que forma é que este projeto de animação da leitura contribuiu para que as crianças se tornassem mais leitoras?

C. E. – Mais leitoras, pronto, era o que eu estava a dizer. Se eles construía os objetos para depois fazerem a dramatização, encarnavam as personagens, tinham de conhecer e saber o que é que tinham de dizer e o que tinham de fazer, portanto, estudavam o texto ao mesmo tempo. Portanto, isso era uma forma indireta que os levava a ter que ler.

I. – Exato.

C. E. – ...E sem se aperceber estavam a ler, para estudarem e para saberem, porque eles tomavam consciência de que para saberem e interpretarem bem o papel deles, tinham de saber o que haviam de dizer, então tinham de ler a história e estar por dentro dela. Pronto, acho que era isso.

I. – E até, se calhar, não sei se tem esse feedback ou não, mas acabavam por, além daquela história, irem buscar outras histórias.

C. E. – Buscar outras, sim que estivessem relacionadas, porque a História, eu sempre achei que a História (de Portugal) se for dada como uma história é mais facilmente percebida.

I. – Mesmo depois nos anos futuros em que eles tenham mesmo que dar a História.

C. E. – Sim, e depois como há tanta relação entre várias coisas ... as pessoas ... É uma bola de neve, quanto mais cresce, mais necessidade a gente tem e mais continua a crescer, pronto. Acho que sim, que os entusiasmou muito, muito.

I. – Acha que também pode ter contribuído para o desenvolvimento da criatividade?

C. E. – Sim, porque eles quando eles estavam...Portanto, a partir da história ao terem de fabricar os objetos, não é, ...E todos os adereços para depois fazerem a dramatização, puxa pela imaginação de cada um. Mesmo com orientação eles estão sempre a dar algumas dicas, portanto, a pensar para eles e para os outros que também trabalham com eles ...

I. – Sim, porque havia turmas que se entreajudavam muito...

C. E. – Muito, muito...

I. – E, dado que eu tinha sempre muitos materiais e diversos materiais para eles poderem criar à vontade e não lhes dava restrição nenhuma, portanto eles podiam estar sentados numa cadeira como podiam estar deitados no chão, como podiam estar sentados noutra sítio...

C. E. – Pois, pois, pois, sim, sim...

I. – Portanto, eu acho que só por aí a própria criatividade começa a desenvolver-se mais facilmente...

C. E. – É, eles ao verem aquilo tudo, tinham mesmo de escolher e tinham de imaginar o que é que iam fazer, não é?

I. – Exatamente. No dia da apresentação final considerou que fez sentido envolver estas turmas?

C. E. – Ai eu acho que sim, estas e mesmo outros que estivessem a ver, porque eu logo naquele dia achei que foi uma coisa tão boa e tão rica que devia ser visto por todos (risos).

I. – Exato.

C. E. – Por isso, é que eu disse que achava que todos os anos deviam assistir, porque envolveu-os muito e sendo eles... Eles estão habituados a ir ver um teatro, não a ser eles os atores, e então ao estarem no papel de ator, eu acho que foi muito bom e fez sentido. Pronto, fez muito sentido ser feita a representação final e também havia turmas que viram e... Se for possível pois, um dia, serem os outros também a ver da escola eu acho que sim, é muito bom.

I. – Claro, sim. Até porque eles foram atores mas foram espectadores porque eles viam o que os outros faziam, o que as outras turmas estavam a fazer.

C. E. – Sim, exato, acho que sim.

I. – Que sentimentos e emoções revelavam os alunos no dia da apresentação final? Antes de irem para o palco, digamos assim, e quando saíam de trás do fantocheiro.

C. E. – Eu acho que antes estavam, se calhar, assim um bocadinho ansiosos e nervosos por não saberem o que é que ia acontecer e porque queriam dar o seu melhor e estavam receosos que alguma coisa falhasse. Depois acho que saíram todos muito orgulhosos do que fizeram. Sentiam-se assim com uma

autoestima, acho que sim. Foi muito bom, foi muito bom mesmo. E eu acho que cada vez mais se deve apostar nesta parte, até porque agora os meninos, não sei se faz sentido dizer isto, mas ainda ontem estivemos a falar em reunião, quando se fazem as provas de aferição no 2.º ano, e se faz a parte das expressões, sem falar na educação física que é à parte, mas tudo o que é dramática e musical... e plástica, eles têm desenvolvido muito, muito, muito, muito essa parte muito, portanto se estão a desenvolver é porque acham importante.

I. – Claro.

C. E. – E os professores que estão a monitorizar esse trabalho, além dos titulares de turma, também estão outros professores para depois avaliarem o trabalho final, consideram que é muito importante isto que se está a fazer, porque antes fazia-se só Português, Matemática e Estudo do Meio. Agora está a fazer-se também das expressões, é porque é muito importante, é realmente importante.

I. – Por acaso, a professora B, em entrevista, também falou das expressões e notou que as crianças tiveram mais facilidade em desenvolver os trabalhos que eram pedidos.

C. E. - ... Que eram pedidos por já terem passado pela experiência.

I. – Exatamente, exatamente. Da minha parte está tudo, não sei se a professora tem alguma coisa mais para dizer.

C. E. – Quero só agradecer muito, ter estado cá a desenvolver este projeto. Se houver a possibilidade de virem outras pessoas nós estamos sempre de braços abertos para acolher, porque tudo o que é bom para os nossos meninos é bom para nós.

I. – É verdade.

C. E. – As nossas crianças, porque eu acho que eles têm muita sorte em haver esta abertura da escola a isto tudo porque antigamente isto não acontecia. Portanto, nós agora temos, acho que temos de aproveitar tudo o que vem.

I. – Pois.

C. E. – Obrigada e boa sorte.

I. – Obrigada eu, professora. Obrigada.

Transcrição da entrevista realizada à Professora Bibliotecária

Investigadora – Bom dia professora, eu escolhi-a para fazer a entrevista, uma vez que achei interessante falar com uma professora da biblioteca, uma vez que uma das sessões foi dinamizada na biblioteca e a professora foi uma das professoras que esteve a acompanhar estas sessões. Tendo em conta o que conheceu do projeto “A biblioteca vai à escola - A implementação das linguagens plástica, musical e teatral em atividades de animação da leitura”, qual é a sua opinião sobre o mesmo?

Professora Bibliotecária – Bom, bom dia. Em primeiro lugar, acho que este projeto é muito importante porque as crianças têm a oportunidade de ouvir a história contada por uma pessoa, por um adulto, e

depois vão trabalhá-la nas outras vertentes, que é a plástica, a musical e teatral. E isto é fundamental para a compreensão da obra. Não só ficar por ali por ouvir contar esta história e as crianças depois entusiasma-se mais pelo trabalho e... e há, e depois há partes da história que eles nunca mais esquecerão, levarão sempre para a vida algo daquilo que ouviram, porque foi de uma forma diferen

I. – Exato, eles trabalharam a própria história, inventaram um bocadinho da história porque houve também a escrita criativa na continuação da história.

P. b. – Exato, e dar uma continuação, foi isso que aconteceu também, dar uma continuação à obra que ouviram.

I. – Exato

P. b. – Que é muito importante

I. – Claro. Quando abordava as crianças no intervalo, não sei se algumas vez o fez, elas falavam-lhe do que tínhamos feito nas sessões, o que é que diziam?

P. b. – Olhe, eu vivenciei isso porque as crianças pediam muito para requisitar o livro que estavam a ler, entusiasma-se muito com isso e, por acaso, elas diziam porquê, “ah, porque estamos a trabalhar”, até os próprios colegas gostavam de levar o livro, colegas de outras turmas.

I. – Ok, então não foram só aquelas 4 turmas, começou por abranger também outras turmas que ficaram sensibilizadas com o projeto.

P. b. – Sim, eles conversavam no recreio sobre o que é que estavam a fazer, os outros, os colegas que estavam a trabalhar a obra e os outros (crianças de outras turmas) entusiasma-se e queriam ler a história deles.

I. – Ótimo, que expectativas revelavam em relação à participação neste projeto? O que é que falava com eles?

P. b. – Eu daquilo, falar tanto não, mas daquilo que observei quando fui à sala da expressão plástica eu vi nos olhos das crianças um brilho enorme, um brilho que era, estou a fazer uma coisa que gosto e estou a construir algo que vou mostrar aos colegas e que também me está a ensinar de outra maneira, sem ser a ler ou a escrever. E eu acho que isto é fundamental nas crianças, para compreender uma obra, eles perceberem que não é só a ler e a escrever, há outra vertente também.

I. – Há outras formas de explorar as histórias além da leitura...

P. b. – Exato, e isso era o que eu presenciei, os olhos deles e pronto, o contacto que tive com eles nessa sala foi isto que me ficou aqui gravado. É tão bom.

I. – Notava-se que eles estavam felizes e motivados com o projeto?

P. b. – Notava-se perfeitamente, sim, muito (motivados).

I. – Ok. De que forma é que este projeto da animação da leitura contribuiu para que as crianças se tornassem mais leitoras?

P. b. – Ah, eu penso que o importante é vivenciar estas situações para eles passarem a mensagem aos outros. Poderá não ser uma coisa já já, assim, mas se continuarmos com este tipo de trabalho, pronto, feito pelos professores que trabalharam aqui ou por outras pessoas, vai ter sucesso. Eu acho que é um projeto que eu acho que tem sucesso para a leitura e a compreensão das obras.

I. – Exato, acha que também pode ter contribuído para o desenvolvimento da criatividade das crianças?

P. b. – Muito, muito... porque eles não só pensaram o cenário, os fantoches,...

I. – Que tinham de ser caracterizados pela personagem da história, portanto não era um fantoche qualquer...

P. b. - ... Não era um fantoche qualquer, se era um rei tinha de ter ali um certo rigor, as características do rei, sim, eu acho que eles se envolveram e foram percebendo que as personagens tinham de ter, pronto o traje ou outras características diferentes, consoante aquilo que ouviram.

I. – Exato. Que sentimentos e emoções revelavam os alunos no dia da representação final? A professora esteve lá...

P. b. – Estive, estive...

I. – O que é que achou?... O que é que ficou marcado, para si em relação aos comportamentos das crianças, aos sentimentos que elas demonstravam e às emoções que elas tiveram ao longo da sessão final?

P. b. – Ah, olhe, é assim: eles estavam expectantes para ver os colegas e aqueles que, os próprios que iam apresentar, notava-se que eles queriam fazer tudo muito perfeito. Eles tiveram super sossegados, calmos, porque queriam que a sua apresentação fosse boa ou muito boa, para os colegas ouvirem, e aqueles que, portanto os que estavam a ouvir e a ver os colegas também estiveram muito atentos, porque aquilo estava-lhes a transmitir algo.

I. – Exato...

P. b. – Eles estavam a ouvir a história de uma outra forma ... com fantoches, e isso prende muito a atenção das crianças.

I. – E eu penso que, tal como eles iam apresentar e queriam silêncio, e queriam que as pessoas estivessem atentas, também interiorizaram isso

P. b. – Interiorizaram muito bem.

I. – Na parte em que eles saem de cena, portanto, vêm para a frente do fantocheiro qual foi a sua.. o que é que lhe marcou, como é que as crianças vinham? Porque eu não tive muito bem essa perceção, eu estava lá atrás com eles, vinha com eles para a frente mas não olhei para cada um deles. O que é que a marcou quando eles vinham...

P. b. – Felicidade no rosto deles, que tinha corrido bem, e ver os colegas a aplaudirem. Estavam felizes, era, os olhos deles tinham aquele, tinham aquela alegria de que tinham feito algo diferente e que tinha corrido bem.

I. – A professora notou que as crianças destas turmas, destas e de outras, pelo que me contou, começaram a requisitar mais livros?

P. b. – Sim.

I. – ...Ou continuou mais ou menos pela mesma média de requisições?

P. b. – É assim: houve ali na altura mais destas obras, destas obras da Vanda, sim houve um entusiasmo grande na altura para descobrir e ler. Em relação às requisições dos livros em si, mais ou menos anda ali, é claro, que alguns levam mais, são mais leitores do que outros. Há turmas também que procuram

mais a biblioteca para ler cá ou levar. Tem muito a ver, eu acho que tem muito a ver com os professores, e com a própria criança, e com aquilo que em casa também lhes incutem, no gosto por ler...

I. – Sim, mas especificamente estas 4 turmas, notou que elas vinham mais ou não notou grande diferença? Eu sei que os meninos do 3.º ano vinham com muita frequência porque eles quase todas as semanas me diziam que iam à biblioteca ver o livro da Vanda, mas as outras turmas não tenho essa informação.

P. b. – É assim: do 1.º ano, os alunos do 1.º C são desde sempre os que mais vêm, os da Professora A. Sempre foram os que mais vieram do 1.º ano à biblioteca e continuam a vir, continuam a requisitar livros, a ler, são a turma. Do 2.º ano é a Professora B, também são os que vêm mais.

I. – Ótimo, e notou diferença desde o início até agora?

P. b. – Não, porque é assim: são aqueles que vêm mais e já costumavam vir. São aqueles que realmente, se nota que nutrem ali um gosto pela leitura. O 3.º ano, esta turma talvez tenha começado a vir mais. Estes não vinham tanto. Começaram a vir mais. E o 4.º ano

I. – ...Que é a turma da Professora D...

P. b. – ...C, não vêm muito, vêm assim mais às vezes aos computadores fazer trabalhos e requisição não, naquela altura notei até que queriam muito ler o livro da Vanda.

I. – Exato, mas pelo que a professora Helena me disse não têm nenhum exemplar do D. Dinis cá na biblioteca.

P. b. – Se calhar não...

I. – Se calhar, provavelmente levavam ou liam outras histórias da escritora. Notou que os livros da Vanda foram requisitados com mais frequência?

P. b. – Sim, sim. Notei que nesse período eles entusiasmaram-se mais, não só pela obra deles que estavam a estudar, mas também por outros livros dessa autora.

I. – Ótimo, seria possível saber o número de requisições realizadas?

P. b. – Sim, fazemos o levantamento, é possível, é.

I. – É. Ok, então no fim da entrevista fazemos....

P. b. – Depois faço o levantamento.

I. – As crianças começaram a vir com mais frequência à biblioteca escolar?

P. b. – É assim: há sempre aqueles grupinhos que vêm mais, que procuram mais a biblioteca. E depois também depende de nós, temos aqui a biblioteca organizada por anos, à segunda-feira é o 1.º ano, à terça é o 2.º, à quarta é o 3.º e à quinta é o 4.º, pronto, e depois na 6ª feira demos o bonus de serem todos, de todos os anos. Depende também do estado do tempo, quando está um tempo de chuva procuram mais a biblioteca. E normalmente gostam muito dos computadores, é a realidade. Os rapazes e as raparigas também. Procuram muito isso...

I. – Apegam-se mais ao digital do que propriamente a um livro, principalmente os mais velhitos.

P. b. – Sim, exatamente.

I. – Muito obrigada professora. Vamos então ver agora esta questão da requisição.

P. b. – Sim, está bem.

ANEXO 7 – REQUISIÇÃO DE LIVROS

Ano	Livros requisitados				Livros da escritora requisitados			
	Durante o ano	Antes do projeto	Durante o projeto	Depois do projeto	Durante o ano	Antes do projeto	Durante o projeto	Depois do projeto
1.º ano	81	54	24	3	0	0	0	0
2.º ano	165	77	55	33	18	5	7	6
3.º ano	93	62	29	2	13	1	11	1
4.º ano	27	19	7	1	3	2	1	0

1.º ano

- Nenhum livro da escritora requisitado, mas muitas obras requisitadas, sobretudo histórias infantis e dicionários por imagens.

2.º ano

Os livros da escritora foram requisitados antes, durante e após o período do projeto. A última requisição foi feita a 21 de Maio.

Lista de histórias da escritora requisitadas (desde o início do projeto)

- *Pedro e Inês – uma história de amor* – 9 vezes, sendo que 2 crianças a requisitaram mais que 1 vez
- *O Rei e a Coordenadora da escola* – 1 vez
- *A Padeira de Aljubarrota* – 1 vez
- *A Herança de D. Filipa e D. João I* – 1 vez

3.º ano

Os livros da escritora foram requisitados antes, durante e após o período do projeto, notando-se que houve uma maioria de requisições durante a implementação do mesmo.

Lista de histórias da escritora requisitadas (desde o início do projeto)

- *O Rei e a Coordenadora da escola* – 4 vezes
- *A Herança de D. Filipa e D. João I* – 6 vezes
- *D. Nuno, o Santo Cavaleiro* – 2 vezes

4.º ano

Os livros da escritora foram requisitados antes e durante o período do projeto. De salientar que a biblioteca não tem o exemplar do livro que esta turma trabalhou. Esta foi a turma que menos livros requisitou ao longo de todo o ano.

Lista de histórias da escritora requisitadas (durante todo o ano)

- *Pedro e Inês – uma história de amor* – 3 vezes,